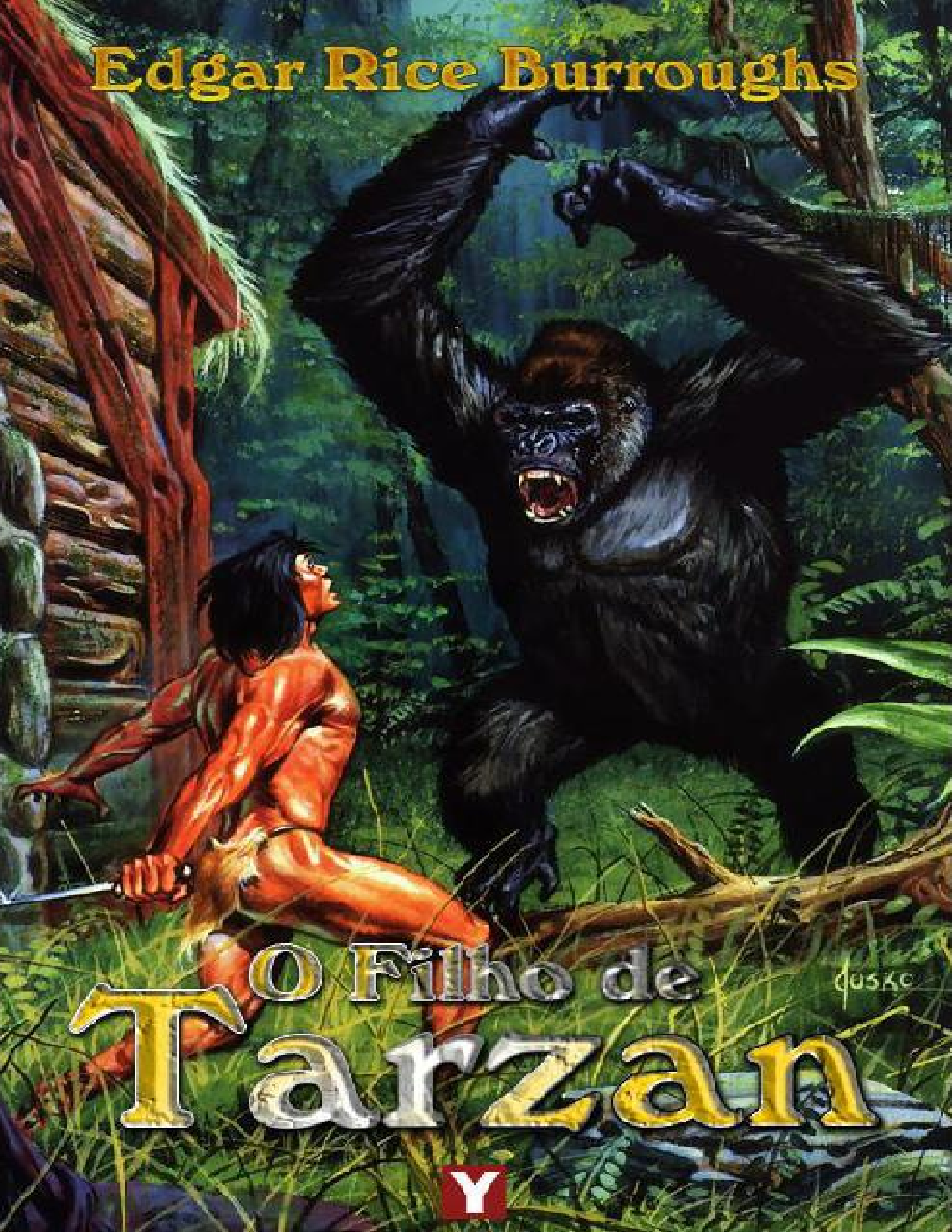


Edgar Rice Burroughs



O Filho de
Tarzan





Edgar Rice Burroughs

O Filho de Tarzan

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tradução de

GODOFREDO RANGEL

“CODIL” COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS

SÃO PAULO

Do original norte-americano: THE SON OF TARZAN

1959

CAPÍTULO I

O COMPRIDO escaler do “Marjorie W.” derivara no largo rio Ugambi ao sabor do refluxo da maré e da correnteza. Seus tripulantes, agora ociosos, folgavam com aquele descanso após o árduo esforço de remarem acima. Três milhas abaixo estava ancorado o próprio “Marjorie W.”, pronto para zarpar logo que lhes houvessem subido a bordo e içado o escaler para as serviolas. Naquele momento a atenção dos marinheiros alheava-se de seus devaneios e tagarelices, comentando-se, na margem norte do rio. Naquele lugar, gritando para eles em esganiçado falsete e a agitar os braços esqueléticos, viam uma estranha figura de homem.

— Que será? — exclamou um dos tripulantes do escaler.

— Um homem branco! — murmurou o contramestre. E acrescentou, em seguida: — Aos remos, rapaziada! Vamos ver o que quer.

Ao chegarem junto à margem viram uma criatura macilenta tendo brancos os poucos cabelos emaranhados e empastados de terra. Unicamente uma tanga lhe recobria a nudez do corpo magro e corcovado. Corriam-lhe lágrimas pelai» faces encovadas e picadas de sinais de bexigas. Àquele homem falava-lhes embaralhadamente em língua estrangeira.

— Fala o inglês? — experimentou o contramestre.

Ele o sabia e nesta língua, entrecortadamente e com súbitas paradas, como se desde muitos anos não se exprimisse na mesma, suplicou que o levassem daquela terrível região. Uma vez a bordo do “Marjorie W” o desconhecido narrou a seus salvadores uma comovente história de privações, trabalhos e torturas que abrangia um período de dez anos. Não lhes contara, porém, porque se achava na África, deixando-os conjecturar que esquecera os incidentes de sua vida anterior devido às tributações que lhe arrasaram, a um tempo, o físico e a moral. Nem mesmo lhes revelou seu verdadeiro nome. Conheciam-no apenas como Michael Sabrov. E não havia a mínima semelhança entre aquela ruína humana e o galhardo, embora desonesto, Alexis Paulvitch dos velhos tempos.

Fazia já dez anos que o russo escapara do destino de seu amigo, o satânico Rokoff e não só uma, senão muita: ? vezes, durante esses dez anos, Paulvitch maldissera o destino injusto, que aquinhoava Nicolas Rokoff com a morte, insensibilizando-o para o sofrimento, ao passo que lhe dera, a ele, Paulvitch, os horrores de uma existência infinitamente pior que a morte, a qual teimosamente se recusava a tomá-lo também consigo.

Paulvitch se entranhara na floresta na ocasião em que vira irromper, no convés do

“Kincaid”, as feras de Tarzan com seu selvagem dono; aterrado com a idéia de que este o perseguisse e capturasse, fugiu adentrando-se nas selvas, para cair, todavia, nas mãos de uma das tribos de ferozes canibais que haviam sentido os efeitos do gênio perverso e brutalidade cruel de Rokoff. Algum estranho capricho do chefe da tribo salvara-o da morte, mergulhando-o, porém, numa vida de miséria e de tortura. Durante dez anos fora, naquela aldeia, o alvo das pancadas e pedradas das mulheres e das crianças, ao passo que os guerreiros, por seu lado, o feriam, açoitavam e desfiguravam; fora ainda vítima de febre intermitente das espécies mais malignas, mesmo assim não morrera. A varíola cravara-lhe as hediondas garras, deixando-o indescritivelmente marcado com seus sinais. Com isto, e também com os vestígios das “atenções” da tribo, se mudara tanto o semblante de Alexis Paulvitch, que sua própria mãe não reconheceria naquela deplorável máscara um só dos traços que lhe eram familiares. Algumas poucas mechas revoltas de cabelos de um branco amarelado substituíram os bastos cabelos pretos que lhe recobriam a cabeça. Suas pernas eram encolhidas e cambaias e caminhava todo curvo, em passos arrastados e trôpegos. Não tinha mais dentes — seu amos selvagens os haviam quebrado. Mesmo seu espírito não passava de um risível arremedo do que fora dantes. Acolhido a bordo do “Marjorie W.” aí lhe deram alimentação e cuidados médicos. O russo recuperou um pouco as forças, mas seu aspecto nunca mais melhorou — era a ruína humana que havia encontrado e assim continuaria até a morte reclamá-lo. Posto que ainda na casa dos trinta, Alexis Paulvitch poderia facilmente passar por um octogenário. A Natureza, em seus fins inescrutáveis, impusera ao cúmplice uma pena maior do que a sofrida pelo principal culpado.

No espírito de Paulvitch não perduraram idéias de vingança — e sim o sombrio ódio ao homem a quem ele e Rokoff haviam baldadamente tentado eliminar. Odiava também a memória de Rokoff, pois fora quem o lançara naquela horrível situação; odiava a polícia das numerosas cidades donde fora forçado a fugir; odiava a lei, a ordem, odiava tudo, enfim. Cada momento a vida sobressaltada daquele homem era cheia de um mórbido sentimento de ódio — havia-se tornado mentalmente o que já aparentava em seu aspecto físico, isto é, a personificação da avassaladora paixão do ódio. Pouca cousa, ou nada tinha que fazer com os homens que o salvaram. Achava-se muito fraco para poder trabalhar e era muito taciturno para ser boa companhia, por isso prontamente se afastaram dele, deixando-o entregue a suas cogitações.

O “Marjorie W” fora contratado por um sindicato de ricos industriais e equipado com um laboratório e uma turma de cientistas para buscar algum produto natural que os industriais que o fretaram haviam antes importado por preço exorbitante da América do Sul. Qual fosse esse produto, ninguém o sabia a bordo do “Marjorie W.” à exceção dos cientistas e a nós não interessa conhecê-lo, sendo bastante que saibamos que aquela circunstância levou também o navio a certa ilha ao longo da

costa da África, depois de receberem a bordo Alexis Paulvitch.

O navio ficou ancorado junto à ilha por espaço de algumas semanas. A monotonia da vida a bordo era enfadonha para a tripulação; com frequência desembarcava na costa e, por fim, Paulvitch pedia-lhes que o deixassem acompanhá-los — pois também já estava cansado da mesmice exasperadora daquela expectativa ociosa.

A ilha era recoberta de densa floresta que descia quase até a praia. Os cientistas se haviam internado muito na mesma, prosseguindo em suas pesquisas, pois naturais do continente os levaram a crer que naquele largo poderiam encontrar em quantidade comercial o precioso produto procurado. Os marujos pescavam, caçavam e faziam excursões. Paulvitch passeava tropegamente pela praia ou se quedava à sombra das grandes árvores da floresta vizinha.

Certo dia enquanto os marinheiros se achavam reunidos a pequena distância dele examinando o corpo de uma pantera abatida por um dos homens que foram caçar na mata, Paulvitch dormia embaixo de uma árvore. Despertou-o a leve pancada de uma mão em seu ombro. Ele sentou-se, assustado, e no mesmo instante viu agachado a seu lado um enorme macaco que o observava com atenção. O russo entrou-se de grande medo. Relanceando o olhar para o lado dos marinheiros, viu-os à distância de duzentos metros, mais ou menos, daquele lugar. Novamente o antropóide lhe bateu no ombro taramaleando qualquer coisa em tom de lástima. Paulvitch não viu ameaça pintada no olhar inquisidor e nem na atitude do animal. Lentamente ele se pôs de pé. O macaco, a seu lado, imitou-o.

Todo acurvado, o russo arrastou cautamente os passos em direção aos companheiros. O macaco se foi com ele, segurando-lhe um braço. Havia já chegado, sem ser vistos, quase ao lugar do pequeno grupo e a esse tempo Paulvitch se achava convicto de que o animal não tinha intenções agressivas. Estava, evidentemente, acostumado à companhia de seres humanos. Então ocorreu ao russo a idéia de que o macaco representava um valor considerável; por isso, antes de se reunir aos marinheiros, resolvera ser o único a aproveitar-se dessa feliz circunstância.

Quando os marujos olharam para o lado deles e viram aproximar-se a extravagante parelha, encheram-se de assombro e precipitaram-se em sua direção. O macaco não se mostrou atemorizado; em vez disso, segurou cada qual dos marinheiros pelo ombro, examinando-lhes longa e ansiosamente os rostos, de um em um. Depois de assim fazer, voltou para o lado de Paulvitch, a exprimir, com a cara e com a atitude, um grande desapontamento.

Os homens ficaram contentes com o encontro do macaco. Rodearam-no, observando-o e fazendo muitas perguntas a Paulvitch. O russo respondeu-lhes que o macaco era dele — não dava outra informação além desta — limitando-se a repisar:

“É meu!” “É meu!” Fatigados com essa atitude do russo, um dos homens tentou fazer uma brincadeira. Pondo-se atrás do antropóide, deu-lhe uma alfinetada nas costas. O macaco voltou-se instantaneamente para o lado do imprudente, e no breve instante em que fez esse movimento, o pacato e benévolo animal metamorfoseou-se em um demônio enfurecido. O ar chocarreiro do marujo mudou-se em expressão de terror. Tentou-se esquivar aos longos braços que o buscava, mas não o conseguindo, desembainhou a comprida faca que trazia. Com uma ligeira torsão de seu punho, o macaco arrancou-lhe a arma da mão, atirando-a para um lado e, em seguida, cravou no ombro dele as presas amarelas.

Armados de paus e facas os outros marinheiros precipitaram-se a praguejar contra o antropóide, enquanto Paulvitch se agitava ao redor do grupo, a bradar súplicas e ameaças. Ante as armas erguidas dos marujos ele viu rápido dissipar-se as suas visões de riquezas.

O macaco, todavia, provou não ser fácil vítima, malgrado o número superior e aparentemente irresistível dos atacantes. Retirando-se de sobre o provocador do incidente, libertou-se sacudindo o dorso gigantesco, de dois marinheiros que procuravam trepar-lhe nas costas e com violentos tapas derrubou um após outros os mais agressivos, a saltar, de um para outro lado, com a agilidade de um sagüi.

A luta fora testemunhada pelo capitão e pelo contra-mestre que, vindos de bordo, acabavam de desembarcar na praia; e Paulvitch viu-os correr de revólver em punho para aquele lado, acompanhados de perto pelos dois remadores de escaler que os trouxera do navio. O macaco estava de pé a olhar o resultado das próprias proezas, sem que Paulvitch pudesse saber se esperava novo ataque ou se escolhia o inimigo que iria liquidar primeiro. Teve, porém, certeza de que, no momento em que *os* dois superiores chegassem a menor distância, dariam cabo do símio, se ele, Paulvitch não fizesse alguma coisa, e depressa, para evitar tal desastre. O macaco não fez menção de atacar o russo; mesmo assim, este não estava seguro do que sucederia se interviesse para serenar a fera, agora cegamente enfurecida e tendo ainda mais a excitá-la o cheiro de sangue que lhe avermelhava o focinho. Por um instante hesitou, mas em seguida desdobrou-se outra vez ante sua visão mental o quadro da afluência do público quando ele exibisse o grande antropóide, sonho que se tornaria em realidade apenas Paulvitch o desembarcasse em segurança nalguma grande metrópole como Londres.

O capitão gritava-lhe nesse momento que se postasse de lado para ele atirar à fera; em vez de obedecer, Paulvitch, a passos trôpegos, colocou-se ao lado da mesma e, embora todo trêmulo, dominou o medo e segurou o braço do macaco.

— Venha! — ordenou.

E puxou-o para fazê-lo sair do meio dos marinheiros, muitos dos quais já estavam

sentados, com os olhos arregalados de medo ou engatinhavam para longe do vencedor.

O macaco condescendeu em deixar-se lentamente afastar para um lado, não dando o menor indício de pretender atacar o russo. O capitão parou a poucos passos de distância.

— Ponha-se para um lado, Sabrov! — ordenou. — Onero dar jeito de esse bruto não morder mais outro marinheiro.

— Não foi ele o culpado, capitão — implorou Paulvitch. — Não o atire por favor. Esses homens o irritaram, ferindo-o primeiro. Veja como é dócil... e é meu... é meu... é meu! Não o deixarei matar! — concluiu, enquanto o cérebro semi-embotado prefigurava-lhe de novo os prazeres que com o dinheiro compraria em Londres, dinheiro que não esperava possuir sem algum evento extraordinário, como a aquisição do macaco.

O capitão abaixou o cano de sua arma.

— Então os homens provocaram-no? — repetiu. — Como foi? — e voltou-se para os marinheiros que a esse tempo já se haviam levantado sem maior dano do que a queda, à exceção do causador do incidente, cujo ombro ferido necessitava de uma semana de tratamento.

— Foi Simpson, disse um deles. — Espetou um alfinete nas costas do macaco, que em desforra o mordeu; quanto a nós, não o poderemos também acusar, pois no mesmo instante precipitamo-nos todos contra ele.

O capitão olhou para Simpson que enfiado, confessou a verdade dessas palavras, e em seguida, avizinhou-se do macaco, para avaliar pessoalmente sua mansidão; mas observaram que em todo esse tempo empunhava o revólver, tendo-o apontado para a fera. Mesmo assim, falava brandamente com esta, que se agachara ao lado do russo, e olhava atenta ora um, ora outro marinheiro. Achando-se o capitão mais perto dele, o macaco levantou-se e foi gingando em sua direção. Via-se-lhe, na cara, a mesma expressão perscrutadora com que olhara todos os homens da equipagem com quem primeiro se encontrara. Ao chegar junto ao comandante, pousou uma das mãos no ombro dele esquadrinhou-lhe longo tempo os traços do rosto; em seguida mostrou-se outra vez desapontado e expediu um suspiro quase humano, enquanto ia escrutar da mesma singular maneira os rostos do contramestre e dos dois remadores desembarcados com aqueles. Após cada exame suspirava e passava adiante. Regressou, por fim, para o lado de Paulvitch, onde se acorou novamente; desde então revelou pouco ou nenhum interesse por quaisquer outros marujos, havendo, ao que parecia, olvidado a recente luta com eles.

Quando voltaram para bordo do “Marjorie W.”, Paulvitch foi com o macaco, que

parecia desejar ansiosamente acompanhá-lo. O capitão não pôs obstáculos a seu embarque e, desta forma, o grande antropóide viu-se tácitamente admitido entre a tripulação do navio. A bordo, ele examinou, ainda, com insistência as novas fisionomias dos homens da equipagem, ao que se sucedia a mesma decepção que já tivera em suas investigações anteriores. Os superiores e os cientistas discutiam com freqüência a respeito do símio, mas sem poderem explicar satisfatoriamente o motivo do estranho cerimonial com que este acolhia cada cara nova. Se o tivessem encontrado no continente ou em qualquer outro lugar que não fosse a ilha desconhecida em que vivia, concluiriam que quase fora, dantes, o animal da predileção de algum homem; era hipótese insustentável, devido ao afastamento daquela ilha desabitada.

Figurava-se que estava continuamente a procurar alguém; e, durante muitos dias, na viagem de retorno, descobriram-no amiúde a revistar vários lugares do navio; mas depois de ver as fisionomias de todo?, de ter dado busca em todos os recantos, caiu em completa indiferença pelo que se lhe passava em torno. O próprio russo despertava-lhe passageiro interesse nas ocasiões em que lhe levava alimento. Outras vezes o macaco parecia tolerá-lo apenas. Jamais lhe manifestara afeição, nem a qualquer outra pessoa do “Marjorie W.” mas em outra qualquer emergência não deu mais indícios de impulsos selvagens como os que assinalaram seu furor ao ser atacado pelos marinheiros no dia em que o descobriram.

A maior parte do tempo ele passava a escrutar o horizonte, à frente do navio, como se tivesse suficiente raciocínio para saber que a embarcação se destinava a algum porto onde existiam outros seres humanos a ser submetidos à sua inspeção investigadora.

Ajax — fora este o nome que lhe deram — era considerado o macaco mais notável e inteligente até então conhecido pelas pessoas que se achavam a bordo do “Marjorie W.”. Não era, porém, só pela inteligência que se distinguiu; tinha estatura e corpulência respeitáveis para um antropóide. Era evidente ser já velho, mas não se notava que idade lhe prejudicasse, por pouco que fosse, a robustez física e a inteligência.

E deste modo chegou por fim o “Marjorie W.” à Inglaterra, onde os superiores do navio e os cientistas, apiedados da ruína humana que haviam salvo das florestas da África, deram a Paulvitch algum dinheiro, desejando-lhe, e a seu Ajax, muitas felicidades.

No Convés e durante a viagem para Londres, Ajax dera trabalho a seu dono. O antropóide examinava, um por um, os semblantes dos milhares de pessoas que caíam sob suas vistas, o que apavorava muitos desses “pacientes”; mas, afinal, não descobrindo ao que parecia, quem buscava, o grande macaco mergulhou em mórbida

indiferença, apenas manifestando passageiro interesse pela fisionomia de uma ou outra pessoa.

Em Londres, Paulvitch foi ter diretamente com um célebre adestrador de animais. Ajax causou-lhe muita impressão, o que deu como resultado aquiescer em ensiná-lo, para ficar com a maior parte dos lucros da exibição do mesmo, e em se encarregar, nesse período de expectativa, de manutenção do macaco e de seti dono.

E dessa forma chegou Ajax a Londres, onde se forjou novo elo da cadeia de estranhos sucessos que grande influência iam ter na vida de numerosas pessoas.

CAPÍTULO II

O SR. HAROLD MOORE era homem de temperamento atrabiliário e dedicado aos livros. Tomava muito a sério a vida e seu próprio trabalho, que era nos últimos tempos encarregar-se da educação de um adolescente, filho de um fidalgo inglês. Ele notava que seu discípulo não fazia os progressos que os pais tinham o direito de esperar, e era o que expunha conscienciosamente à mãe do menino.

— Não que lhe falte inteligência — dizia; — se o caso fosse esse, eu teria esperança de conseguir bom êxito, pois faria esforços para vencer-lhe a obscuridade; é de inteligência excepcional; compreende depressa as cousas e nunca o encontro em falta, quanto ao preparo das lições. O caso, porém, é que evidentemente não toma interesse pelas matérias que estuda. Cada lição, para o rapaz, é uma tarefa de que procura livrar-se o mais depressa possível e estou certo de que não pensa mais nos estudos enquanto não chega, outra vez, a hora de preparar a lição. Apenas se entusiasma com proezas físicas e tudo o que se refere a animais selvagens e à vida e aos costumes de povos não civilizados; agradam-lhe, especialmente, histórias de animais. Fica às vezes sentado horas a fio, absorto pela leitura de obra de algum explorador da África e já o encontrei duas vezes sentado à noite na cama a ler o livro de Carl Hagenbeck sobre homens e animais selvagens.

A mãe do rapaz bateu o pé, com impaciência, no tapete.

— E o senhor, naturalmente, procura dissuadi-lo dessas predileções? — aventurou-se a dizer.

O Sr. Moore gaguejou atrapalhadamente, enquanto se lhe avermelhavam as faces encovadas: Eu... eu... tentava tomar-lhe esse livro, mas... hum! seu filho, apesar de tão novo, tem fortes músculos.

— Não o deixava tomar? inquiriu a mãe.

— Não, minha senhora — confessou o preceptor. — Aliás, recusava de bom humor; mas insistia em dizer que ele era um gorila e eu um chimpanzé a querer roubar-lhe o alimento. E em dado momento pulou sobre mim dando os mais feios urros que tenho ouvido em toda a minha existência, ergueu-me sobre sua cabeça, atirou-me na cama e, depois de uma mímica expressiva, significando que me ia esganar, pôs-se de pé sobre meu corpo e emitiu um terrível berro, que me explicou ser o grito de vitória de um grande macaco. Em seguida carregou-me até a porta, arremessou-me no vestíbulo e se trancou no quarto.

Nenhum dos dois falou por espaço de alguns minutos. Foi a mãe que afinal quebrou o silêncio.

— É necessário, Sr. Moore, que faça o possível para Jack perder essa inclinação, pois ele... — mas não continuou a falar. Um grito “Upa!” na direção da janela fizeram levantar-se incontinenti. Aquela sala ficava no segundo andar e em frente àquela janela havia uma grande árvore da qual um dos galhos se estirava até a poucos palmos de distância do peitoril. Sobre esse galho descobriram então a pessoa que servira de assunto à sua recente conversação. Era um adolescente alto e robusto, a equilibrar-se facilmente no ramo inclinado. Ele deu um grito de júbilo ao notar o terror expresso no semblante dos dois que constituíam sua platéia.

A mãe e o professor correram para a janela mas, antes de terem tempo de atravessar a metade da sala, o rapaz pulara ágilmente no peitoril, donde saltou ao chão do cômodo em que estavam aqueles.

— O selvagem de Bornéu acaba de chegar à cidade

— contou ele, dançando uma espécie de dança de guerra em torno de sua mãe horrorizada e de seu preceptor. Terminou enlaçando o pescoço daquela e beijando-lhe as duas faces.

— Mamãe! — exclamou — estão a exhibir num teatro um macaco admirável e ensinado. Willie Grinsby foi vê-lo ontem à noite. Ele diz que para o macaco fazer tudo só falta falar. Anda de bicicleta, come com faca e garfo, conta até dez e faz outras cousas espantosas. Posso ir vê-lo também? Deixe-me ir, mamãezinha! Deixe!

Dando palmadas amorosas nas faces do menino a mãe abanou negativamente a cabeça.

— Não, Jack — respondeu; — você sabe que não acho boas essas exhibições.

— Não vejo porque, mamãe! — redargüiu o filho; — todos *os* meus amigos vão lá e também vão ao jardim Zoológico e a senhora nem mesmo isso consente! Poderão pensar que sou uma menina ou... ou um medroso. Oh, papai! — exclamou ao ver a porta abrir-se, dando entrada a um homem alto de olhos pardos — posso ir?

— Ir onde, meu filho? — perguntou o recém-chegado.

— Quer ir ao teatro ver um macaco ensinado — disse a mãe olhando significativamente para o marido.

— Ajax? — interrogou o pai.

O adolescente confirmou com um aceno.

— Não vejo razão para reprovar esse desejo, meu filho

— disse o pai — pois eu próprio não desgostaria de ir vê-lo. Dizem ser admirável e, para um antropóide, de tamanho fora do comum. Podemos ir, Jane, que diz? — E voltou-se para a esposa; mas esta sacudiu com energia a cabeça, desaprovando a idéia; e voltando-se para o Sr. Moore, perguntou-lhe se não era já hora de se

dirigirem ele e Jack para a sala de estudos, por causa das lições da manhã. Apenas os dois se retiraram ela. voltou-se para o marido:

— John — disse — devemos esforçar-nos para destruir em Jack esse pendor por tudo o que se refere à vida selvagem, pendor que receio tenha ele herdado de você. Conhece, por experiência própria, quão poderoso é, às vezes, a atração exercida por essa vida primitiva. Bem sabe que muitas vezes foi preciso você resistir fortemente ao anseio quase alucinante de mergulhar outra vez no seio das grandes matas onde viveu tantos anos e ao mesmo tempo conhece como ninguém que terrível seria o destino de Jack se essa vida selvática o seduzisse ou se lhe fosse facilitado vivê-la.

— Ponho em dúvida que haja ele herdado essa propensão — respondeu o esposo — pois não posso conceber que ela seja transmissível de pai a filho. E às vezes, Jane, chego a pensar que seus receios quanto ao futuro dele fazem você ir muito longe em suas restrições. O gosto de nosso filho pelos animais — seu desejo, por exemplo de ver um macaco ensinado — é muito natural em um rapaz sadio e normal de sua idade. Só porque deseje ver Ajax não há razão de acreditar-se que queira casar-se com uma macaca e, mesmo, Jane, que isso se desse, “você” não teria o direito de exclamar: “Que vergonha!”

E John Clayton, Lorde Greystoke, cingiu a esposa com um braço, rindo-se galhofeiramente a fitar-lhe o rosto, erguido para o seu, antes de curvar a cabeça e beijá-la. Em seguida, em tom mais sério, prosseguiu:



Um sorriso de satisfação iluminou as feições do adolescente, que passou a mão no braço peludo do macaco.

Você jamais revelou a Jack coisa alguma sobre minha vida passada e nem me permitiu que o fizesse e acho que nisto fez mal. Se lhe narrasse as perícias da vida de Tarzan dos Macacos, poderia sem dúvida, tirar muito o prestígio romântico da vida selvagem com o qual se apresenta naturalmente aos espíritos das pessoas que não a conheceram. Poderiam ser-lhe útil minhas experiências, pois se algum dia, a atração das selvas predominasse nele, não teria para guiá-lo senão seus próprios impulsos e sei quão poderosos são estes, às vezes, quando orientados para má direção.

Mas Lady Greystoke limitou-se a menear a cabeça, como já havia feito, antes, por cem vezes, quando, se debatia esse assunto em seu lar.

— Não, John, jamais darei meu consentimento para se embutirem na cabeça de

Jack sugestões sobre a vida selvagem de que o desejamos preservar.

Até o anoitecer não se tocou mais nesse assunto, mas a essa hora foi abordado pelo próprio Jack. Ele estava sentado, a ler, em uma grande poltrona mas em dado momento olhou para o pai e dirigiu-lhe a palavra.

— Não posso ir ver Ajax? — perguntou, ferindo logo o ponto essencial.

— Sua mãe não acha conveniente — respondeu o pai.

— E o senhor?

— Minha opinião não vem ao caso — replicou evasivamente Lorde Greystoke. — Basta que sua mãe se oponha.

— Pois irei vê-lo, avisou o adolescente, depois de silenciar alguns instantes, refletindo. — Willie Grinsby, nem os meus outros companheiros, não são melhores do que eu. Se para eles não faz mal, para mim não o fará também. Eu poderia ir sem lhe falar, mas não desejando assim fazer resolvi preveni-lo de que hoje vou ver Ajax.

Nada havia de desrespeitoso ou de acintoso no tom de voz ou nos modos do filho. Era apenas a calma enunciação de uma cousa assente. O pai mal pôde reprimir um sorriso e deixar de manifestar a admiração que sentia pelos modos varonis do adolescente.

— Admiro a ingênua simplicidade de suas palavras Jack — volveu ele — mas permita que eu assumo o mesmo tom para avisá-lo de que, se for ver Ajax sem minha licença, eu o castigarei. Nunca lhe apliquei castigos corporais, mas previno-o de que o farei agora, se desobedecer à sua mãe.

— Sim — respondeu o filho; e, acrescentou: — Eu lhe contarei, meu pai, quando tiver ido ao teatro.

O quarto do Sr. Moore era contíguo ao de seu discípulo e o preceptor tinha o costume de toda noite, à hora de Jack deitar-se, dar uma vista d'olhos na alcova dele, antes de recolher-se à sua própria. Naquele dia teve especial cuidado em não se esquecer desse hábito, devido a uma conferência que acabava de ter com os pais de Jack, os quais lhe recomendaram com instância fazer o possível para evitar que o adolescente fosse ao teatro onde se exhibia Ajax. Por essa razão ao abrir, pelas nove e meia, a porta do quarto dele, ficou muito alarmado, não só por ver o futuro Lorde Greystoke já vestido para sair, como também porque já ia escapar-se pela janela.

O Sr. Moore adiantou-se rápido para evitar; mas era desnecessário esse dispêndio de energia, porquanto o rapaz o ouviu entrar no quarto e, compreendendo estar o seu plano descoberto voltou para trás como se desistisse da planejada aventura.

— Onde ia o senhor? — perguntou indignado o Sr. Moore.

— Ia ver Ajax — respondeu calmamente o rapaz.

— Surpreendeu-me muito isso! — exclamou o Sr. Moore; mas um momento depois ficou infinitamente mais surpreso, pois aproximando-se dele o discípulo agarrou-o pela cintura, ergueu-o nos braços e atirou-o para baixo da cama, comprimindo-lhe a boca contra um travesseiro.

— Caladinho aí! — advertiu o vencedor — senão eu o afogarei.

O Sr. Moore debateu-se em vão. Tivesse ou não tivesse Tarzan dos Macacos transmitido ao filho as suas tendências, o certo é que ao menos lhe herdara um físico quase tão prodigioso como o que possuía na mesma idade. O preceptor era um brinco nas mãos do rapaz. Ajoelhando-se sobre ele, Jack rasgou tiras de um lençol e amarrou-lhe as mãos atrás das costas; em seguida virou-o de costas e introduziu-lhe na boca pedaços de pano, prendendo-os aí com uma tira amarrada atrás da cabeça de sua vítima. Durante todo esse tempo falava-lhe baixo, em tom de quem conversa:

— Sou Waja, o chefe dos wajis — explicou — e o senhor é Mohammed Dubn, o sheik árabe que queria matar meus vassalos e roubar meu marfim. — Destramente dobrou-lhe as pernas para trás amarrando-lhe os tornozelos nos punhos. Ah, ah, ah! maroto! afinal tenho-o aqui nas minhas garras! vou sair, mas já volto, ouviu?

E o filho de Tarzan atravessou o quarto, passou pela janela aberta e, descendo agarrado ao cano de uma calha, viu-se em liberdade no solo.

O Sr. Moore contorcia-se e esnolinhava no leito, certo de morrer sufocado se não o acudissem de pronto. Aguilhoado por grande terror conseguiu rolar da cama ao chão.

A dor e o abalo da queda o fizeram readquirir um tanto a consciência de seu dever. Antes desse momento sentia-se incapaz de pensar com lucidez, devido o medo inibidor que o saltara, mas agora procurava calmamente um meio de se sair de seus apuros, finalmente lembrou-se de que a sala onde ficaram os donos da casa no momento em que se retirara, era situada bem debaixo do assoalho daquele quarto. Reconhecia haver-se já escoado algum tempo desde que subira a escada e que lorde e lady Greystoke podiam não estar mais na sala. Pareceram-lhe uma eternidade os momentos em que se debatera na cama para libertar-se. Mas o melhor a fazer era tentar atrair a atenção dos que se achassem no andar inferior e, por isso, depois de muitos malogros, conseguiu ficar em posição que lhe permitia bater no chão com as pontas dos sapatos. Pôs-se a fazer assim, com breves intervalos entre os batidos, até que, após um tempo que lhe pareceu muito longo, sentiu-se compensado ouvindo passos subir as escadas e depois pancadas na porta do quarto. O Sr. Moore bateu ainda com mais força — era o único meio com que podia responder. Depois de breve pausa, repetiram-se as pancadas na porta. O Sr. Moore bateu de novo, febrilmente, com o bico do calçado. Por que se demoravam tanto a abrir a porta? A custo rolou para o lado donde esperava o socorro. Se pudesse ficar com as costas

rente à porta, teria jeito de bater embaixo desta e certamente o ouviriam então melhor. Repetiram-se um pouco mais forte os batidos e uma pessoa por fim chamou:

- Sr. Jack!

Era um dos criados da casa. O Sr. Moore reconheceu-lhe a voz. Quase arrebentou as veias congestionadas em seu esforço para tentar gritar: “Entre!” através da sufocada mordaca. Após, alguns instantes o criado bateu de novo com força e a chamar Jack. Não obtendo resposta, torceu a maçaneta. Nesse instante uma súbita lembrança aterrou o Sr. Moore — ele próprio havia trancado a porta, quando entrara.

Ouviu o servidor esforçar-se várias vezes para abri-la, e em seguida os passos do mesmo, a afastar-se. A esse momento o Sr. Moore perdeu os sentidos.

Nesse entretanto Jack deliciava-se com os prazeres proibidos do teatro. Chegara a esse templo do riso no momento exato em que começava o número de Ajax e, tendo comprado cadeira em uma frisa, estava então apoiado ansioso na grade, a devorar com os olhos maravilhados cada um dos movimentos do grande símio. O adestrador não tardou a observar o belo e interessado rosto do rapaz e como uma das melhores sortes de Ajax consistia em penetrar em uma ou mais frisas durante o espetáculo, a procurar um parente desaparecido havia muito tempo, consoante a explicação do adestrador, este compreendeu que despertaria interesse fazê-lo entrar na frisa do belo adolescente que, sem dúvida se aterrorizaria vendo avizinhar-se aquele animal peludo e de grande força.

Chegada, por isso, a ocasião de voltar o macaco à cena, para satisfazer a um “encore”, o adestrador fez sua atenção voltar-se para o rapaz que por acaso era o único ocupante da frisa em que se achava. De um salto o enorme antropóide precipitou-se pelo palco para perto de Jack; mas se o domador contara com uma explosão de risos motivada pelo medo, enganou-se totalmente. Um sorriso de satisfação iluminou as feições do adolescente, que passou a mão no braço peludo do macaco. Segurando Jack pelos dois ombros, ele cravou demorado e sôfrego olhar em seu semblante, enquanto que aquele lhe dava pancadinhas na cabeça e lhe falava em voz baixa.

Nunca se demorara Ajax a examinar tanto tempo alguma pessoa, como o fez nessa ocasião. Parecia perturbado e não pouco agitado e guinchava surdamente, como a falar com o rapaz, a quem depois acariciou como nunca o adestrador ainda o vira fazer, antes daquela ocasião. Em seguida o macaco, pulando a grade entrou na frisa e agachou-se ao lado de Jack. Os espectadores acharam graça e, mais ainda quando o adestrador, terminado como estava o ato de Ajax, procurava persuadi-lo a sair da frisa, o símio não se movia. Irritado com a demora, o diretor dizia ao adestrador que se apressasse; mas quando este último entrou na frisa para tirar o relutante Ajax, este enfrentou-o de dentes à mostra e a roncar ameaçadoramente.

A platéia delirava. Todos aplaudiam o macaco. Ovacionaram também Jack, mas apuparam o adestrador e o diretor que por infelicidade se apresentara inadvertidamente em público e procurava ajudar o adestrador.

Finalmente, em ato de desespero e compreendendo que essa rebeldia do rendoso animal o poderia fazer recuar para futuras exhibições se não o dominasse incontinenti, o adestrador foi às pressas ao seu camarim buscar um reforçado chicote. Retornou com este à frisa; mas, quando ameaçava Ajax, viu em frente dois inimigos enfurecidos, em vez de um, pois o rapaz se erguera e, agarrando uma cadeira, postou-se ao lado do macaco para defender o seu recente amigo. Já não se viam sorrisos em seu belo rosto. Seus olhos parados assumiram expressão que fez o adestrador deter-se; e a seu lado se aprumara o gigantesco antropóide, rosmando ameaçador e pronto para o ataque.

Se não fosse a oportuna intervenção de alguém, não se pode calcular o que sucederia; no mínimo o adestrador tomaria uma feroz dentada, ou talvez duas, o que claramente indicavam as atitudes de seus dois antagonistas.

Achava-se pálido o homem que irrompeu pela biblioteca de Greystoke a informá-lo de que achara fechada a porta do quarto de Jack; e de que, por mais que batesse e chamasse, não obtivera outra resposta, além de estranhas pancadas e de um rumor semelhante ao de um corpo a rolar no assoalho.

John Clayton subiu a quatro e quatro os degraus da escada que levava ao andar superior. Sua esposa e o criado acompanharam-no a correr. Ele chamou alto o filho; uma vez não obtendo resposta projetou contra a reforçada porta o pesado corpo, cujo embate era reforçado pelo vigor não diminuído de seus músculos atléticos. Com um estrépito de ferragens e de madeira estilhaçada o obstáculo cedeu, caindo com fragor no interior do quarto, sobre o corpo do sr Moore, que jazia inanimado junto à porta. Tarzan precipitou-se pela abertura e daí a um instante meia dúzia de lâmpadas inundaram de luz aquele cômodo.

Decorreram alguns momentos antes de descobrirem o preceptor, tão bem oculto ficara sobre a porta; mas afinal tiraram-no daquele lugar e livraram-no da mordaça e dos amarilhos; e uma abundante aplicação de água fria contribuiu a fazê-lo recuperar os sentidos.

“Onde está Jack?” — foi a primeira pergunta de John; e, a segunda: “Quem fez isso?” porque lembrou-se de Rokoff e receou segundo rapto do filho.

Lentamente o Sr. Moore conseguiu ficar de pé. Circunvolveu o olhar pelo quarto. Aos poucos voltava-lhe a consciência da realidade. Acudiram-lhe, enfim, ao espírito os pormenores da sua recente provação.

— Peço-lhe minha demissão, Sr. Clayton, e espero ser atendido imediatamente —

foram suas primeiras palavras. — Pois seu filho não precisa de preceptor e, sim, de um domador de feras!

— Onde está ele? — perguntou, aflita lady Greystoke.

— Foi ver Ajax.

Tarzan teve dificuldade em reprimir um sorriso; e depois de certificar-se de que maior fora o susto do que o dano sofrido pelo Sr. Moore, ordenou que preparassem seu carro fechado e partiu em direitura a certo teatro muito conhecido.

CAPÍTULO III

QUANDO o domador, de chicote erguido, se mantinha hesitante à porta da frisa donde o enfrentavam o adolescente e o macaco, um homem alto e espadado empurrou-o para um lado e entrou primeiro naquela.

Ao ver o recém-chegado, Jack sentiu o sangue afluir-lhe levemente ao rosto.

— Meu pai! — exclamou.

Dando com a vista no lorde, o macaco pulou para o lado dele, a guinchar com grande excitação. Com os olhos dilatados pelo espanto lorde Greystoke parou, como petrificado.

— Akut! — exclamou.

O rapaz olhava assombrado do macaco para o pai e do pai para o macaco. O adestrador boquiabriu-se de espanto ouvindo o que se seguia, pois dos lábios do inglês saíram os sons guturais da linguagem dos macacos, aos quais respondia o enorme antropóide, que se agarrara a ele.

Detrás de um bastidor um velho hediondamente corcunda e desfigurado espreitava a cena que se passava na frisa; e seu rosto marcado de sinais de bexigas trejeitava assumindo expressões variadas que assinalavam toda a escala de emoções desde o prazer até o terror.

— Há muito tempo que o procuro, Tarzan — disse Akut. — Agora que o encontrei vou para sua floresta, para vivermos juntos.

Tarzan bateu de leve na cabeça do animal. Sua imaginação, naquele instante, transportava-o para longe, para as remotas florestas da África selvagem, onde, havia muitos anos, aquela imensa fera, de aparência quase humana, lutara fielmente ao seu lado. Reviu o preto Mugambi a brandir sua mortífera clava e, junto com ele, de presas à mostra e bigodes eriçados, a terrível Sheeta; e, além do selvagem e da pantera, os horríveis macacos de Akut. O homem suspirou. Ressurgiram vivamente em sua memória a floresta e tudo o mais que ele julgava morto. Oh, se pudesse reviver essa vida um mês ao menos, sentir de novo o roçar das ramas na pele nua, aspirar o cheiro do bolor das folhas mortas — incenso e mirra deliciosos para os nascidos nas selvas — ouvir os sutis passos das grandes feras em seu encalço, caçar e ser caçado, matar! Era um quadro sedutor. Mas em seguida viu outro — um meigo rosto feminino jovem e belo; amigos; o lar; o filho. Ele ergueu seus ombros gigantes:

— Isso não é possível, Akut — respondeu; mas se quiser voltar para a África, procurarei satisfazer o seu desejo. Você não poderia ser feliz aqui — e lá eu não poderia ser feliz.

O domador deu um passo avante. O macaco arreganhou a dentuça com um regougo.

— Vá com ele Akut — disse Tarzan dos Macacos. — Amanhã eu irei ver você.

O animal dirigiu-se a contragosto, para o lado do domador. Este, a uma pergunta de John Clayton, indicou onde o poderia encontrar. Tarzan voltou-se para o filho.

— Venha! — disse. E ambos saíram do teatro. Nenhum dos dois disse palavra, por espaço de alguns minutos, depois de entrarem na limusine. Foi o adolescente quem quebrou o silêncio.

— Ajax o conhecia — disse — e os dois conversaram na linguagem dos macacos. Quando o senhor o conheceu e como aprendeu sua língua?

Então, resumidamente e pela primeira vez, Tarzan dos Macacos narrou ao filho sua vida nos antigos tempos — o nascimento na floresta, a morte dos pais e corno Kala, a grande macaca, o amamentara e criara desde a infância até tornar-se homem. Falou-lhe também sobre os perigos e horrores das grandes matas, sobre as feras que, de dia e de noite procuravam apanhar seus moradores, sobre os períodos de seca e chuvas calamitosas e a fome, o frio, os sóis escaldantes, a nudez, medo e os sofrimentos...

Contou-lhe todas estas cousas horríveis para os civilizados, na esperança de que seu conhecimento enxotasse do espírito do filho qualquer desejo inato de viver nas selvas. E no entanto era tudo isso que para Tarzan, constituía o encanto daquela vida primitiva, da intensa vida selvagem que ele amava. Mas assim falando olvidava uma coisa — o essencial — isto é, que o rapaz que o ouvia sôfrego era filho de Tarzan.

Depois que fizeram Jack deitar-se — sem a prometida punição — John Clayton contou à esposa os acontecimentos naquela noite e também que havia, enfim, revelado ao filho sua vida anterior no seio das florestas. A mãe, que desde muito previra que algum dia seu filho teria conhecimento de que o pai vivera errante nas selvas, nu, como um animal feroz, limitou-se a abanar desconsoladamente a cabeça, esperando, malgrado a própria convicção, que não se tivesse transmitido ao filho a forte atração ainda persistente no íntimo do pai.

Tarzan foi no dia seguinte visitar Akut e, embora o filho lhe suplicasse que o deixasse acompanhá-lo, não lhe fez a vontade. Nessa ocasião Tarzan viu o velho, de rosto bexigoso, dono do macaco, em quem não reconheceu o perverso Paulvitch dos antigos “tempos. Tarzan, devido às súplicas de Akut, manifestou o desejo de comprar o símio; mas Paulvitch não quis fazer proposta alguma, limitando-se a dizer que ia refletir sobre o caso.

Quando Tarzan voltou, Jack mostrou grande ansiedade pelos pormenores de sua visita e, terminada a exposição, sugeriu que o pai devia comprar o macaco e levá-lo

para casa. Esta idéia horrorizou lady Greystoke. O rapaz insistia. Tarzan explicou ser seu desejo comprar Akut e recambiá-lo para sua floresta natal. Com isto concordou a mãe de Jack. Este pediu permissão para ir ver o símio, mas outra vez lhe negaram em tom incisivo, porém, ouvira o domador dar o endereço a seu pai e dois dias depois conseguiu oportunidade de iludir o novo preceptor que fora substituir o terrificado Sr. Moore — e após passar por muitas ruas de um arrabalde de Londres onde nunca estivera achou o imundo alojamento do homem de cara bexigosa. Foi este próprio quem abriu a porta; e, como o adolescente lhe manifestou o desejo de ver Ajax, mandou-o entrar no pequeno compartimento onde moravam ele e o grande macaco.

Nos antigos tempos Paulvitch era homem de exigente bom gosto, mas dez anos de horrível existência entre os canibais da África fizeram-no perder os últimos vestígios de seus hábitos de asseio e bom gosto. Tinha a roupa amarrotada e suja. As mãos não estavam lavadas e trazia despenteadas as poucas mechas de cabelo. Reinava desordem em seu quarto imundo. Ao entrar, Jack viu o símio agachado em cima das cobertas fétidas da cama desarranjada. A vista do rapaz o macaco pulou no chão e foi num andar balanceado ao seu encontro. Não havendo reconhecido Jack e receando que o antropóide o quisesse agredir, o russo interpôs-se aos dois, ordenando ao macaco que voltasse para a cama.

— Ele não me molestará — exclamou Jack. — Somos amigos, e dantes já ele era amigo de meu pai. Conheceram-se rias matas da África. Meu pai é lorde Greystoke. Ele não sabe que vim aqui. Minha mãe proibiu-me que viesse, mas eu queria ver Ajax, por isso pagar-lhe-ei se me deixar vir sempre.

Ao saber da identidade do rapaz, Paulvitch, cheio de maligna alegria, semicerrou as pálpebras. Desde que, detrás dos bastidores avistara Tarzan no teatro, despertara em sua mente espessa o desejo de vingar-se. É uma característica dos fracos e dos delinquentes atribuírem aos outros os infortúnios resultantes de sua própria insensatez e, por isso, enquanto lento e lento surgiam em sua memória as recordações, Alexis Paulvitch lançava a culpa de todas as suas desgraças à conta do homem que ele e Rokoff se encarniçaram em infelicitar e matar, o que não conseguiram pelo sucessivo malogro de todos os seus planos contra ele.

A princípio não viu meios de, sem riscos para si, vingar-se de Tarzan no filho do mesmo Tarzan, mas compreendeu existirem grandes possibilidades de os descobrir e, por essa causa, resolveu manter-se em contacto com o rapaz, esperando que, com o tempo, conseguiria ter nas mãos o seu destino. Disse a Jack tudo o que conhecia sobre o passado de seu pai no seio da floresta; e ao saber que o fizeram ignorar essas cousas tantos anos, que lhe proibiram ir aos jardins zoológicos, e que fora preciso amordaçar seu preceptor para poder ir ver Ajax no teatro, compreendeu no

mesmo instante a natureza do grande temor dos pais de Jack — temor de que viesse a ansiar pela vida nas selvas, como sucedera com seu pai.

E com esse intuito Paulvitch incitou o adolescente a ir sempre ver Ajax e não perdia ensejo de satisfazer o gosto do mesmo pelas narrativas da vida selvagem com que Paulvitch se familiarizara tanto. Deixava-o muito tempo a sós com Akut e não tardou a espantar-se por ver que o rapaz se fazia compreender pelo grande símio, havendo aprendido muitas palavras da linguagem rudimentar dos antropóides.

Durante esse período Tarzan foi muitas vezes à casa de Paulvitch. Parecia ansioso por comprar Ajax e por fim disse ao russo, com franqueza, que essa intenção era ditada pelo desejo de restituir a fera à liberdade em sua floresta nativa, e também porque sua esposa receava um tanto que o filho viesse a saber onde estava o macaco e que por sua afeição a este tomasse gosto pela vida selvagem, gosto que, conforme Tarzan explicou a Paulvitch, muito influíra na vida dele próprio.

Mal pôde o russo reprimir um sorriso ao ouvir estas palavras de lorde Greystoke, pois, havia menos de meia hora, o futuro lorde Greystoke ali estivera sentado na cama desarranjada, a conversar com o grande símio com toda a facilidade de um verdadeiro macaco.

Foi no curso dessa conversa que ocorreu a Paulvitch um plano e, tendo em vista a execução do mesmo, concordou em aceitar uma quantia fabulosa em paga do macaco; combinaram que, após receber a mesma, remeteria o animal para um navio que daí a dois dias zarparia de Dover para a África. Duplo fora o motivo que o levava a aceitar a proposta de Clayton. O primeiro, de natureza pecuniária, pois o macaco já não lhe constituía fonte de renda desde o dia em que descobrira Tarzan. Figurava-se que o antropóide tolerara que o trouxessem de sua selva natal e que o exibissem ante milhares de espectadores, com o único intuito de procurar seu amigo e chefe, e que, havendo-o encontrado, julgara desnecessário continuar em contacto com as multidões humanas. Fosse como fosse, o fato era não existirem meios de conseguir se mostrasse no palco; uma só vez o domador pretendeu forçá-lo a exhibir-se, mas os resultados foram tais, que o infeliz homem se considerou de muita sorte por ter escapado com vida. O que o salvou foi a presença casual de Jack, a quem deram licença de ir ver o animal no compartimento reservado para ele no teatro, e que interveio de pronto, ao ver que a fera pretendia agredir seriamente aquele.

Além das considerações pecuniárias, lavrava no coração do russo um grande desejo de vingança, que aumentara com suas constantes meditações sobre os malogros e misérias de sua existência, de que, ao seu ver era Tarzan o causador; e a própria recusa de Ajax, de continuar a ser-lhe fonte de renda, ele a atribuía unicamente a Tarzan, havendo chegado a persuadir-se de que o homem-macaco aconselhara ao grande antropóide que recusasse deixar-se exhibir no palco.

O pendor naturalmente maligno de Paulvitch era agravado pela fraqueza física e pelo embotamento de suas faculdades mentais, originadas das torturas e privações sofridas. Sua primitiva perversidade fria, calculista apurada-mente sagaz, degenerara, com eficiência mental, num desejo irreflexivo de vingança. Todavia, o plano que concebera era suficientemente hábil para ao menos sugerir alguma dúvida sobre o fato de que tivesse mentalmente decaído. Esse plano, primitivo assegurava-lhe a indenização prometida ao lorde Greystoke pela repatriação do macaco e, em seguida, o vingar-se do benfeitor deste, na pessoa do filho idolatrado.

Esta parte do plano era simples e brutal — sem os requintes e tortura que distinguiam as vinganças do antigo Paulvitch, quando tinha por companheiro o modelo dos perversos que era Nicholas Rokoff — mas garantia pelo menos a impunidade a Paulvitch, investindo de toda a responsabilidade o macaco, que por sua vez seria punido pela recusa a continuar a servir de meio de vida para o russo.

Tudo se tornou fácil para este. Como se a sorte o dispusesse, o filho de Tarzan escutou o pai expor à esposa os passos que estava a dar para fazer Akut voltar com segurança à sua floresta natal. Tendo ouvido isto, Jack pediu que deixassem o macaco ir um dia à sua casa para brincar com ele. Tarzan nada teria a objetar contra este desejo, mas bastou essa idéia para horrorizar lady Greystoke. Jack instou com a mãe, mas tudo inutilmente; ela mostrou-se inflexível. Finalmente pareceu que o rapaz concordava com a resolução da mesma, de mandarem p macaco para a África e ele para o colégio, por estarem a findar suas férias.

Jack não procurou ir naquele dia ao quarto de Paulvitch; passou-o ocupado com outras cousas. Tinha sempre a seu dispor muito dinheiro, pelo que, sendo necessário, não lhe custaria reunir algumas centenas de libras. Parte do dinheiro disponível, empregou-o na compra de estranhos objetos que conseguiu contrabandear para seu quarto, sem que vissem, quando voltou ao fim do dia.

Na manhã imediata, depois de dar tempo ao pai para fechar o negócio com Paulvitch, ele apressou-se a ir à residência do russo. Não conhecendo o verdadeiro caráter dele, Jack não se atreveu a revelar-lhe os seus projetos, não só receoso de que o velho lhe recusasse o auxílio, como também de que contasse tudo a seu pai. Por esta causa, cifrou-se a pedir licença ao russo para levar Ajax até Dover. Explicou-lhe que deste modo lhe pouparia uma fatigante viagem e ganharia, ele Paulvitch, mais algum dinheiro, pois Jack pretendia pagar-lhe bem.

— Não há perigo de darem pela minha ida — prosseguiu — porque estarão convictos de que fui para o colégio no trem da tarde. Em vez disso, virei para aqui depois que me deixarem no vagão. Em seguida irei com Ajax até Dover, o que me fará chegar ao colégio com um dia único de atraso. Nada mais razoável do que isto, não haverá dano para ninguém e terei deste modo mais um dia para estar com Ajax

antes de nos separarmos para sempre.

Este plano ajustava-se perfeitamente com o que o russo tinha em mente. Se ele conhecesse melhor a intenção do adolescente, abandonaria, sem dúvida, totalmente, seu próprio plano de vingança e auxiliaria de bom grado aquele na realização do seu, que viria a calhar melhor para Paulvitch.

Naquela tarde lorde e lady Greystoke despediram-se do filho, deixando-o instalado em segurança num compartimento do vagão de primeira classe que dentro de poucas horas o conduziria ao colégio. Todavia, nem bem os pais se afastaram, ele pegou de novo as malas, desceu do vagão e tomou um cabriolé próximo da estação, mandando que o levassem à moradia de Paulvitch. Já escurecia quando chegou ao seu destino. Encontrou o russo à sua espera, a medir o assoalho do quarto em um vaivém agitado. O símio estava amarrado na cama com uma forte corda. Era a primeira vez que Tack via o macaco amarrado. Ele fitou interrogativamente Paulvitch. Esse explicou confusamente que supunha ter o macaco adivinhado que o iam mandar embora e por isso o prendera, receando que procurasse fugir.

Paulvitch tinha na mão outro pedaço de corda, em cuja ponta havia uma laçada. Ele continuava agitado em suas idas e vindas. Suas feições marcadas de varíola careteavam medonhamente enquanto mudamente parecia falar consigo próprio. O rapaz sentira certo mal-estar, pois ainda não o vira assim. Por fim Paulvitch parou no outro extremo do quarto, bem longe do antropóide.

— Venha cá — disse ele a Jack. — Quero mostrar-lhe o meio de subjugar o macaco se durante a viagem ele quiser insubordinar-se.

— O rapaz riu-se.

— É inútil — respondeu. — Ajax fará tudo o que eu mandar.

O velho bateu com raiva o pé no assoalho.

— Venha cá! — repetiu. — Se não vier não o deixarei levar o macaco a Dover. Não quero que haja probabilidade de ele fugir.

Ainda a sorrir, o rapaz atravessou o quarto e postou-se em frente o russo.

— Vire-se de costas para mim — recomendou o último — para eu mostrar-lhe como o poderá amarrar depressa.

Jack no mesmo instante obedeceu, pondo as mãos ambas para trás. Ato contínuo o velho apertou a laçada em um dos pulsos do rapaz, deu algumas voltas com a corda no outro pulso e rematou com um forte nó.

Desde que viu as mãos de Jack amarradas, mudou-se a atitude do velho. Com uma praga fez-lhe o corpo dar meia volta e, calçando-lhe os pés, o derrubou no assoalho, acavalando-se no mesmo instante no seu peito. O macaco rugiu junto à

cama a que o ataram, forcejando ao mesmo tempo para soltar-se. Jack não gritou — era esse um traço herdado de seu pai selvagem, a quem os longos anos de vida nas grandes matas, onde o criara Kala, a grande macaca, ensinaram que ninguém açode em socorro de vencidos.

Os dedos de Paulvitch procuravam apertar a garganta do adolescente. Era horrível o esgar do rosto que se acareava com o de Jack.

— Seu pai causou a minha perda — murmurou — e agora vai pagar o que me fez. Ele pensará que foi o macaco que o matou e eu o confirmarei, dizendo que o deixei só alguns minutos e que enquanto isso você entrou aqui escondido e o macaco o matou. Depois que eu estrangular você atirarei seu corpo à cama e, quando eu trouxer seu pai, este verá o macaco inclinado sobre ele.

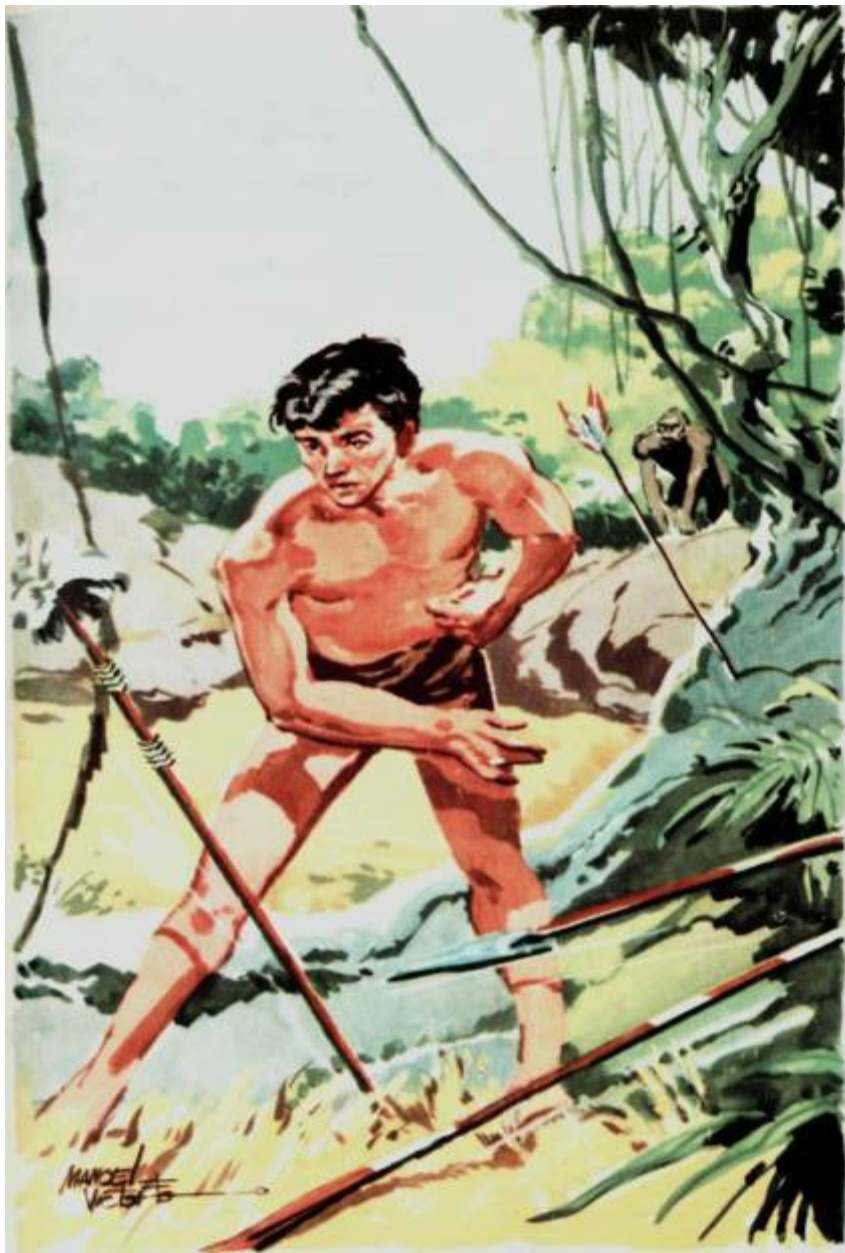
E, encurvado sobre Jack, a satânica criatura apertou-lhe o pescoço com as mãos.

Atrás dele soavam os urros do animal enraivecido, urros que ressoavam mais fortes pela reflexão nas paredes do quarto. Jack empalideceu, mas não *se* viram em *seu* rosto outros sinais de terror ou de medo. Ele era filho de Tarzan. Os dedos do russo fecharam-se com mais força em sua garra de macaco, preso pelo meio do corpo, não podia acudir-lhe. Voltando-se ele enrolou a corda nas mãos, como faria um homem e pôs forças para arrebenhá-la. Seus grandes músculos intumesceram-se sob a pele felpuda. Houve um estalar de madeira — a corda resistira, mas ele arrancara o pé da cama.

A essa bulha Paulvitch ergueu o olhar. Seu rosto empalideceu de terror — o macaco estava solto.

Com um pulo a fera caiu sobre ele. O russo deu um grito. O animal arrancou-o de cima do corpo de Jack. Longas unhas cravaram-se-lhe nas carnes. Junto a seu pescoço resfolegou uma boca de longas presas amarelas... Ele debateu-se selvagememente... e quando aquelas presas fecharam, a alma de Alexis Paulvitch passou para o poder dos demônios que a esperavam.

Auxiliado por Akut, o rapaz levantou-se cambaleante. Durante duas horas o macaco esforçou-se, guiado por ele, para desatar os nós que lhe prendiam as mãos. Afinal descobriu-lhes o segredo. Jack ficou livre. Este cortou o pedaço da corda ainda pendente do corpo do macaco. Em seguida abriu uma das malas, donde tirou peças de vestuário. Arquitetara um bom plano. Jack não consultara o animal, mas este obedeceu-lhe a todas as recomendações. E saíram juntos da casa, sem que algum casual observador pudesse perceber que um daqueles dois seres era um macaco.



...um chuveiro de lanças. Nenhuma ofendeu Jack; todas passaram em torno dele.

CAPÍTULO IV

POR ESPAÇO de alguns dias foi objeto de comentários dos jornais a morte de Michael Sabrov, o velho russo sem amigos, por seu macaco ensinado. Lorde Greystoke leu essa notícia e, tomando precauções para não associarem seu nome a esse caso, manteve-se bem informado quanto às pesquisas policiais para a descoberta do paradeiro do grande antropóide.

Bem como sucedia com o grande público, seu interesse principal sobre o caso convergia sobre a razão do desaparecimento misterioso do animal. Ou, pelo menos era este seu interesse até que soube, poucos dias depois da tragédia, que seu filho Jack não chegara ao colégio para o qual o enviaram, embora o tivessem visto instalado no vagão em que deveria seguir viagem. Mesmo assim o pai não associou o desaparecimento do filho com o mistério que envolvia o paradeiro do macaco. Somente um mês mais tarde cuidadosas investigações revelaram o fato de que o rapaz saíra do vagão antes que o trem partisse da estação; encontraram o cocheiro do cabriolé, que declarou tê-lo levado à residência do velho russo; e só então Tarzan dos Macacos compreendeu que Akut se relacionava de qualquer modo com o sumiço de seu filho.

Desde o instante em que o cocheiro fez parar o veículo para seu passageiro descer em frente à moradia do russo, não houve mais indícios dele. Ninguém desde esse momento vira mais o macaco e nem Jack — pelo menos ninguém que ainda vivesse. Ao ver a fotografia do adolescente, o proprietário da casa reconheceu um assíduo freqüentador do quarto do velho. Além disso, nada mais sabia. E em uma infecta rua de Londres, os investigadores, desapontados, não acharam mais pista que pudessem seguir.

No dia seguinte ao da morte de Alexis Paulvitch, um rapaz novo, acompanhado de sua avó inválida, embarcou em Dover num navio. A idosa senhora trazia um espesso véu sobre o semblante e tão fraca se achava pelos muitos anos e moléstias que foi preciso conduzi-la para bordo em uma cadeira de rodas.

O rapaz não consentiu que outra pessoa, a não ser ele próprio, empurrasse a cadeira da velha avó, e fora ele também que a auxiliara a descer da mesma e, recolher-se ao seu camarote — e, até os dois desembarcarem na África, foi essa a última vez que as pessoas do navio tiveram ocasião de ver a velha. O rapaz insistia em servir-lhe pessoalmente as refeições no camarote porque, segundo explicou sua avó se achava com uma indisposição nervosa que tornava a presença de estranhos muito desagradável para ela.

Fora do camarote — a bordo ninguém sabia o que ele fazia no interior do mesmo

— o rapaz parecia-se exatamente a qualquer outro robusto e normal adolescente inglês. Travou relações com os outros passageiros, tornou-se querido dos comandantes e amigo de alguns marinheiros. Era generoso e espontâneo; e seu todo altivo e firmeza de caráter incutiam em seus novos amigos não só admiração, como maior afeição por ele.

Entre os passageiros havia um americano chamado Condon, famoso contrabandista e larápio muito procurado pela polícia de meia dúzia das maiores cidades dos Estados Unidos. Pouca atenção ele deu a Jack até o momento em que o viu exhibir casualmente um maço de notas. Desde então Condon procurou relações com o pequeno inglês. Soube, com satisfação, que este viajava só com a sua avó entrevada e que tinha por destino um pequeno ponto da costa ocidental da África, pouco além do equador, que seu nome era Billings e que a ninguém conheciam no pequeno povoado em que iam ficar. A respeito do fim que aí os levava, Condon notou a reserva do rapaz e por isso não insistia sobre o assunto — pois já sabia o que o interessava.

Várias vezes Condon convidou Jack para jogar cartas com ele, mas o inglêsinho não mostrava interesse pelo jogo e os olhares reprovadores de vários passageiros fizeram o americano procurar outros meios de transferir o maço de notas daquele, para seu próprio bolso.

Chegou finalmente o dia em que o vapor fundeou próximo de um promontório revestido de matas, onde umas vinte ou mais casas, cobertas de folhas de zinco, a macular a bela paisagem, proclamava o fato de que a civilização já havia posto o pé ali. Esparramadas pelos arredores viam-se as palhoças dos naturais, pinturas em sua selvageria primitiva harmonizando-se com o fundo de matas tropicais e pondo em relevo à hediondez das construções provisórias dos homens brancos.

Debruçado sobre a amurada, Jack contemplava ao longe o povoado — criação dos homens — sovertida no seio da grande selva — criação de Deus. Um breve frêmito de prazer antecipado percorreu-lhe o corpo; mas, em seguida, por um impulso espontâneo da alma, viu em sua frente os olhos amorosos da mãe, a fitá-lo, e o rosto enérgico do pai, o qual exprimia, mesmo assim um amor não menor do que o manifestado pelos olhos maternos. Ele sentiu sua resolução fraquejar. Perto, um dos auxiliares do comando gritava ordens para uma flotilha de canoas nativas que se aproximavam a receber as poucas cargas despachadas para aquela pequena localidade.

— Quando tocará aqui o primeiro navio para a Inglaterra? — perguntou Jack.

— O “Emmanuel” deve demorar-se pouco — respondeu o interrogado. — Pensei que já o encontrássemos aqui. — E continuou a bradar ordens à negra turba que já renteava o costado do navio.

Foi bem trabalhoso o ato de transferir do navio para uma canoa a avó do inglesinho. Este insistia em ficar sempre ao seu lado: e quando afinal a viu bem instalada no fundo da canoa que os ia transportar para a praia, seu neto pulou como um gato para perto dela.

Tão interessado estava Jack pelo conforto da avó, que não viu sair do próprio bolso o pequenino maço de notas, enquanto, junto ao costado do vapor, ajudava a arriar a maça onde se achava a velha, e nem acabar completamente de sair, no instante de seu pulo, caindo na água.

Mal partiu para a praia a embarcação que levava Jack e a velha, Condon, do outro lado do navio, chamou a canoa; e, combinado o preço com o remador, nela embarcou com sua bagagem. Chegando à praia, conservou-se longe do feio sobrado que exibia a tabuleta “Hotel” para atrair os viajantes incautos a seu grande conforto. Já era noite fechada quando ele resolveu entrar e pedir pouso.

Em um quarto nas traseiras do andar superior o rapaz, não sem grande dificuldade, explicava a sua avó, que resolvera voltar para a Inglaterra pelo primeiro vapor. Esforçava-se para fazê-la compreender que, se a velha dama o quisesse, poderia ficar na África, e que, quanto a ele, a consciência lhe exigia que voltasse para o lado do pai e da mãe, a quem sem dúvida seu desaparecimento enchia de grande aflição, pois os mesmos ignoravam o plano que ele e a velha senhora fizeram, de correr aventuras nas selvas africanas.

Com essa resolução o inglesinho sentia-se aliviado dos remorsos que o atormentaram no decurso de muitas noites insones. Quando fechou os olhos e dormiu, sonhou que estavam todos reunidos em casa. Mas enquanto assim sonhava, a fatalidade cruel e inexorável seguia furtivamente em sua direção pelo corredor escuro do sobrado em que se hospedara — a fatalidade na figura do larápio americano chamado Condon.

Pé ante pé se aproximou da porta do quarto de Jack. Manteve-se aí curvado à escuta, até certificar-se, pelo calmo rosar de seus ocupantes, que ambos já dormiam. Cautelosamente ele introduziu uma delgada gazua no buraco da fechadura. Com dedos hábeis, já acostumados a renovar silenciosamente trancas e outras espécies de fechos que defendessem os haveres de outras pessoas, Condon deu simultaneamente volta à chave e à maçaneta. E empurrando de leve a porta, abriu-a para dentro, devagar. O ladrão penetrou no quarto, cerrando em seguida a porta. A lua fora passageiramente encoberta por densas nuvens. No interior do quarto havia a escuridão de um túmulo. Condon dirigiu-se as apalpadelas para o lado da cama. No outro extremo do cômodo qualquer coisa moveu-se mais sutil e silenciosamente que o ladrão mostrando-se a este respeito, mais hábil que ele. Condon nada ouviu. Sua atenção concentrava-se na cama, onde supunha que estivessem o inglesinho e sua

avó inválida.

O americano procurava unicamente o maço de notas. Se pudesse apoderar-se dele sem que o percebessem, tanto melhor; mas se encontrasse resistência, achava-se preparado também para essa hipótese. As roupas do adolescente estavam sobre uma cadeira, ao lado da cama. Os dedos do americano apalpam-na prontamente... Nos bolsos não encontrou o maço de notas novas. Sem dúvida achavam-se ocultas embaixo de algum travesseiro. Ele aproximou-se mais da cama. Já tinha a mão sob um deles quando a espessa lua deslizou para um lado e o quarto foi inundado de luz. No mesmo instante Jack abriu as pálpebras, cravando o olhar nos olhos de Condon. Nesse momento o ladrão reparou que o rapaz estava só, no leito. Então levou as mãos crispadas em direção ao pescoço do mesmo. Enquanto Jack se sentava para reagir, Condon ouviu atrás de si um regougo surdo; e sentiu no mesmo instante o rapaz agarrar-lhe os pulsos, compreendendo então que sobre a alva pele daqueles delicados dedos havia músculos de aço.

Ele sentiu no pescoço outras mãos rudes e peludas que o agarraram por trás. Voltou, aterrado, o rosto e seus cabelos eriçavam-se ante a figura que viu, pois empolgando-o pelas costas achava-se um enorme macaco. Já estava rente ao seu pescoço a dentuça arreganhada do antropóide. O rapaz retinha-lhe os pulsos, como em fortes algemas. Nenhum dos dois soltou qualquer exclamação. Mas a avó, onde se achava? Num rápido relance Condon revistou todo o quarto e seus olhos esbugalharam-se de horror ao compreender a verdade que esse relance revelou. Fora entregar-se nas mãos de criaturas misteriosas? Desesperadamente buscou libertar-se do rapaz, para poder, em seguida, voltar-se contra aquela horrível criatura que estava atrás dele. Desprendendo uma das mãos desferiu forte soco na cara do adolescente. Este seu ato pareceu converter em mil demônios aquele peludo ser que lhe aferrara o pescoço. Condon ouviu um surdo e feroz ronco, que foi a última coisa que lhe impressionou aos ouvidos neste mundo. Foi então atirado de costas ao assoalho. Caiu um pesado corpo sobre ele, poderosos dentes fecharam-se em sua jugular e a consciência torvelinhou, ao mergulhar nas trevas da eternidade. Daí a um instante o macaco saiu de cima de seu corpo inanimado, mas Condon não o sentiu — estava morto.

Jack horrorizado, pulou da cama ao chão, indo inclinar-se sobre o corpo do larápio. Compreendia que Akut o matara em sua defesa, como o fizera com Michael Sabrov; mas ali na África selvagem, longe de casa e dos amigos, que iriam fazer com ele e com seu fiel macaco? O rapaz sabia que o homicídio era punido com a pena de morte. Também sabia que os auxiliares do crime sofriam pena igual à dos principais culpados. Quem haveria ali que o defendesse? Tudo seria contra ele. Eram pouco mais que semi-bárbaros os moradores daquele povoado e, segundo todas as

probabilidades, na manhã imediata os agarrariam e enforcariam na árvore mais próxima — lera já que se faziam tais cousas na América e pior seria a sorte que os esperava na África, do que se estivessem no Oeste da terra natal de sua mãe. Sim, na manhã seguinte ambos seriam enforcados!

Mas não havia salvação? Ele refletiu alguns instantes e, em seguida, com uma interjeição de alívio, bateu palmas de contentamento e voltou-se para sua roupa que estava sobre a cadeira. O dinheiro fazia tudo! O dinheiro o salvaria e também salvaria Akut! Procurou o maço de notas no bolso em que costumava guardá-lo. Não o encontrou ali. A princípio devagar e, por fim, febrilmente revistou os demais bolsos da sua roupa. Em seguida pôs-se de gatinhas a fim de procurar no chão. Acendendo a lamparina removeu a cama do lugar e polegada por polegada deu busca em todo o assoalho. Junto ao cadáver de Condon ele hesitou, mas afinal animou-se a tocá-lo. Rodando-o no chão procurou o dinheiro embaixo dele. Também não estava ali. Calculou que Condon entrara no quarto para roubá-lo, mas não acreditava que o mesmo tivesse tido tempo de encontrar o maço de notas. Entretanto, não havendo achado este em parte alguma, deveria estar nalgum dos bolsos do morto. Jack examinou as roupas do americano — inutilmente. Outra vez procurou no quarto e, de novo na roupa de Condon: mas o dinheiro continuou inadiável.

Ficou semilouco de desespero. Que fazer, agora? Pela manhã descobririam o morto e os matariam. Pois apesar de sua boa estatura e grande força herdada de Tarzan, ele não passava de um menino — um apavorado menino saudosos de seu lar, a raciocinar deficientemente, devido à pouca experiência de seus anos tenros. E principalmente uma coisa se lhe patenteava em luz viva — tinham matado um homem e achavam-se entre desconhecidos semi-selvagens, sequiosos do sangue da primeira vítima que lhes caísse nas unhas. Naturalmente aprendera isto nos livros de aventura de um pêni.

Ambos precisavam de dinheiro!

Aproximou-se outra vez do cadáver. Desta vez, resoluto. De cócoras, em um canto, o macaco observava seu companheiro. Jack começou a tirar, peça por peça, as roupas do americano e, também, peça por peça, examinando-as todas. Mesmo no calçado deu meticolosa busca e havendo, enfim, acabado de tirar e revistar tudo, deixou-se cair sentado no leito com os olhos dilatados que nada viam então — a não ser o sinistro quadro do futuro, com duas formas pendentes do galho de uma árvore, a pernear silenciosas.

Quanto tempo assim permaneceu sentado, ele não o saberia dizer; afinal despertou-o do letargo um rumor que se fez ouvir no andar térreo. Pondo-se prestes de pé, apagou a lamparina e, atravessando o quarto de mansinho foi fechar a porta.

Em seguida voltou para junto do macaco com uma resolução já tomada.

Na noite da véspera ele estava decidido a regressar para casa na primeira oportunidade, para pedir aos pais perdão daquela insensata aventura. Agora compreendia não mais poder tornar para perto deles. Tinha as mãos tintas com o sangue de um homem... Em suas aflitas reflexões já não atribuía mais ao macaco a morte de Condon. No paroxismo do pavor, punha toda a culpa em si mesmo. Se tivesse dinheiro, poderia comprar a justiça; mas achava-se sem um pêni! E, sem dinheiro, que poderia esperar de estranhos, naquele lugar?

Mas que fora feito do dinheiro? Procurou lembrar-se da última vez em que vira. Mesmo assim não lhe podiam explicar o desaparecimento, pois ignorava completamente a circunstância de que o pequeno maço do mesmo caíra no mar, quando, descia do navio, saltara na canoa que os conduzia para terra.

Nesse momento ele voltou-se para Akut. — Venha! disse, na linguagem dos grandes macacos. Esquecendo-se de que estava apenas vestido com um leve pijama, dirigiu-se para a janela aberta. Pondo a cabeça para fora, apurou o ouvido. Poucos palmos abaixo da janela via-se a copa de uma árvore isolada. Jack pulou ágilmente para a mesma e desceu por seu tronco até o solo. Seguindo-o de perto, o grande símio desceu também. A mata ficava perto. Jack encaminhou-se para a mesma, sempre acompanhado por Akut. Ninguém os viu e daí a instante internaram-se na selva; e desde então Jack Clayton, futuro lorde Greystoke, desapareceu das vistas humanas, não se tendo mais notícias suas.

Ia já bem alto o sol naquele dia quando um aborígene, criado do hotel, bateu à porta do quarto onde se alojaram a Sra. Billings e seu neto. Não obtendo resposta, ia introduzir uma chave na fechadura, mas reparou então haver nela outra chave, do lado de dentro. Foi referir este fato a Herr Skopf, seu patrão, que incontinenti subiu ao andar superior, onde martelou violentamente na porta. Como ninguém ainda respondesse, inclinou-se para espiar pelo buraco da fechadura, mas nesse instante, por ser de grande estatura, perdeu o equilíbrio, o que o fez apoiar uma das mãos no assoalho. Então sentiu sob os dedos uma umidade viscosa. Aproximando a mão dos olhos, viu com um sobressalto, na meia-luz do corredor, escuras manchas de sangue. Pondo-se rapidamente de pé, deu um encontrão na porta. Herr Skopf era homem entroncado e com seu peso a frágil porta cedeu, precipitando-se ele então no interior do quarto.

À sua frente viu um quadro que fora o maior mistério que conhecera em dias de sua vida. No chão, a seus pés, jazia o cadáver de um desconhecido. Tinha o pescoço quebrado e o jugular seccionado como pelos dentes de uma fera. O corpo estava totalmente nu, achando-se as roupas espalhadas ao redor do morto. A velha dama e o rapazinho haviam desaparecido. A janela estava aberta. Eles deviam ter saído por

ela, pois encontraram a porta trancada pelo lado interno.

Como, porém, o adolescente teria podido fazer a avó descer pela janela de um sobrado até o chão? Era um absurdo. Herr Skopf observou de novo aquele pequeno quarto. Notou que a cama estava bem arredada da parede. Por quê? Olhou pela terceira vez ou quarta vez para baixo da janela, mas sua razão fez-lhe ver que a velha não poderia descer sem alguém que a carregasse, pois na véspera precisara ser carregada até ali.

Ulteriores pesquisas aumentaram ainda mais o mistério. Todas as roupas daqueles dois hóspedes achavam-se ainda no quarto. Deviam ter saído nus ou com trajes de dormir. Herr Skopf abanou a cabeça; depois coçou-a, sentiu-se desorientado. Nunca ouvira falar em Sherlock Holmes, do contrário chamaria, sem perder tempo, o célebre investigador, pois ali estava um verdadeiro mistério: no dia antecedente, uma velha entrevada fora carregada desde o navio até o seu quarto, no andar superior do hotel, um garboso adolescente,

seu neto, alojou-se no mesmo com ela. Haviam-lhes levado o jantar no quarto, — e desde esse momento não mais os viram. As nove horas da manhã seguinte, só havia naquele quarto o cadáver de um desconhecido. Nesse entremeses, nenhum navio largara do porto, não havia estrada de ferro senão dali a centenas de quilômetros, nem outro povoado que pudessem atingir senão após um penoso jornada de vários dias de “marcha, escoltados por bem equipado “safari”. Haviam-se simplesmente evaporado, pois os naturais que ele mandou para inspecionar o chão embaixo da janela aberta voltaram a comunicar-lhe que não se viam ali pegadas. Que espécie de gente eram, para pular daquela altura na relva tenra sem deixar vestígios? Herr Skopf sentia arrepios. Sim, era um grande mistério. .. Havia algo sobrenatural em tudo aquilo... Desagradava-lhe pensar a respeito e ficou receoso da aproximação da noite.

Foi um grande mistério para Herr Skopf... e, certo, é-o ainda até hoje.

CAPÍTULO V

O CAPITÃO ARMANDO JACOT, da Legião Estrangeira, achava-se sentado sobre uma manta dos arreios estendidos no chão ao pé do tronco de uma palmeira anã. Seus largos ombros e sua cabeça de cabelos à escovinha se recostavam, deliciados, no áspero estípite da mesma. Suas pernas estendidas ultrapassavam a estreita manta, com o que as esporas se enterravam no solo arenoso daquele pequeno oásis. O capitão estava gozando algumas horas de folga, após um longo dia de fatigante viagem pelo onduloso areai do deserto.

Negligentemente baforava as fumaças de um cigarro, a observar seu ordenança, que preparava o jantar. O capitão Armand Jacot achava-se muito satisfeito consigo mesmo e com o mundo em geral. Vinha de uma pequena distância, à direita, a algazarra de seus veteranos de pele curtida ao sol; livres por algum tempo das aborrecidas peias da disciplina, estiravam os músculos cansados, riam, chalaceavam e fumavam, enquanto também esperavam o jantar, depois de onze horas de jejum. Entre eles estavam sentados com as pernas cruzadas cinco árabes de trajes alvos e longos, seguramente amarrados e sob rigorosa vigilância.

Era a vista destes que enchia o capitão Armand Jacot do indizível deleite do dever cabalmente cumprido. Durante um longo mês de sóis escaldantes ele e seu pequeno contingente haviam percorrido os vastos plainos do deserto infinito, atrás de um bando de salteadores acusados de inúmeros furtos de camelos, cavalos, bem como de assassinios em quantidade suficiente para levar várias vezes à guilhotina todos os indesejáveis componentes dessa malta.

Havia uma semana que conseguira dar com eles. Na batalha que se seguia perdera dois de seus soldados, mas em compensação quase exterminaram o bando. Fugiram-lhe, talvez, meia dúzia deles, mas aos demais, à exceção dos cinco prisioneiros, seus legionários haviam feito expiar os crimes com as balas niqueladas de suas armas. E o melhor de tudo era que o chefe da malta, Achmet ben Houdin, figurava entre os prisioneiros.

Depois de haver pensado nestes, a imaginação do capitão Jacot permitiu-se o desafogo de transpor as restantes milhas de areai que o separavam da sede de sua pequena guarnição, onde no dia seguinte encontraria a esperá-lo, ansiosas, a esposa e a filhinha pequenina. Seu olhar enterneceu-se, como sempre, a essa lembrança. Via mentalmente a beleza da mãe a refletir-se nos traços infantis de sua pequenina Jeanne e já antegozava o momento da cheirada, ao fim do dia, quando, ao desmontar de sua cansada alimária, visse aqueles semblantes radiantes de prazer. E chegava a sentir nas faces o contato de dois rostos — verdadeiro contato de veludo com áspero

couro curtido.

Seu devaneio foi interrompido pelo brado de alarma duma sentinela. O capitão Jacot alçou o olhar. O sol ainda não se havia posto; mas as sombras das poucas árvores agrupadas em torno do poço e as de seus homens e cavalos, projetaram-se até longe, para o lado do oriente, através das areias então douradas do deserto. A sentinela apontava aquela direção e os companheiros, semicerrados os olhos, procuravam enxergar a distância. O Capitão Jacot pôs-se de pé. Ele não se contentava de ver as cousas com os olhos alheios; queria sempre vê-las com os seus próprios também. Habitualmente divisava-as muito antes de qualquer outra pessoa, o que lhe valera o cognome de Falcão. O que então lhe ia, exatamente onde findavam aquelas sombras compridas, era uma dúzia de vultos a subir e a descer as dunas de areia. Desapareciam por momentos, para reaparecer em seguida, mas sempre a aumentar de tamanho. Jacot reconheceu-os imediatamente. Eram cavaleiros do deserto. Já um sargento vinha correndo em direção do capitão. Todos no acampamento tinham as vistas cravadas ao longe. Jacot deu ordens rápidas àquele inferior, o qual, fazendo continência, girou sobre os tacões e voltou para o meio dos soldados. Chamando uma dúzia destes arriaram os cavalos, montaram e partiram ao encontro dos recém-vindos. Os restantes ficaram de prontidão para o que desse e viesse. Não era absolutamente inverossímil que os cavaleiros que assim galopavam rumo ao acampamento fossem amigos dos prisioneiros e pretendessem libertá-los por meio de um subitâneo ataque. Jacot, todavia, punha-o em dúvida, pois era evidente que os cavaleiros não procuravam ocultar sua chegada. Estavam a galopar para ali deixando-se ver claramente por todos. Poderia, também, ser isso uma cilada, mas ninguém que conhecesse o Falcão seria tão ingênuo que esperasse poder iludi-lo assim.

O sargento e seus comandados encontraram-se com os árabes a duzentos metros do acampamento. Jacot viu confabular com um homem alto, envolto em alvo e longo albornoz — evidentemente o chefe dos recém-chegados. Em seguida o sargento e o referido árabe seguiram juntos para o acampamento. Jacot aguardava-os. Os dois colheram as rédeas e desmontaram em frente a ele.

— O Sheik Amor ben Khatur — disse o sargento, à guisa de apresentação.

O capitão Jacot observou o recém-vindo. Ele conhecia quase todos os chefes árabes de algumas centenas de milhas. Não havia ainda visto aquele. Era alto, tismado de sol e mal-encarado, parecendo ter sessenta anos ou mais. Seus olhos eram apertados e maus. O capitão Jacot não teve boa impressão.

— Que quer? — perguntou, incitando-o a falar. - O árabe feriu diretamente o assunto essencial.

— Achmet ben Houdin é filho de minha irmã — disse. _ Se mo quiser entregar,

não deixarei que ele desobedeça mais às leis francesas.

Jacot abanou negativamente a cabeça.

— Não é possível — respondeu. — Preciso levá-lo comigo. Ele será julgado, com todas as garantias, por um tribunal francês. Se fôr inocente, sairá absolvido.

— E se não o fôr? — inquiriu o árabe.

— Acusam-no de muitos homicídios. Se ao menos um ficar provado, será condenado à morte.

A mão esquerda do árabe achava-se escondida em seu albornoz. Èle retirou-a, no mesmo instante, mostrando ao capitão uma grande bolsa de couro de cabra, recheada e pesada, de moedas. Abriu a mesma, despejando um punhado de seu conteúdo na palma da mão direita — eram, todas elas, boas moedas de ouro francês. Do tamanho da bolsa e volume do conteúdo, o capitão inferiu que devia contar uma pequena fortuna. O Sheik Amor ben Khatour deixou cair de novo, uma a uma as moedas, no interior da bolsa. Em seguida amarrou a boca desta. Durante todo esse tempo conservou-se em silêncio. Jacot fixava-o penetrantemente. Eles estavam sós. Depois de apresentar o Sheik, o sargento afastara-se para pequena distância dali — e estava de costas voltadas para os dois. Após haver fechado a bolsa, o chefe árabe a apresentou ao capitão Jacot.

— Achmet ben Houdin, o filho de minha irmã, “poderia fugir esta noite” — disse-lhe. Que acha?

O rosto do capitão Jacot avermelhou-se até à raiz dos seus cabelos a escovinha. Em seguida empalideceu, e deu meio passo em direção ao chefe árabe. Tinha as mãos crispadas. Súbito, porém, tomou melhor resolução.

— Sargento!! — chamou.

Seu subalterno apressou-se a atendê-lo. Em frente dele uniu os tacões e fez continência.

— Leve este cão negro para junto dos companheiros dele — ordenou. — Faça-os partir incontinenti. Atuem contra quem quer que se aproxime do acampamento esta noite.

O Sheik Amor ben Khatour empertigou-se todo. Semi-cerrou mais os olhos. Ergueu a bolsa - cheia de ouro ao nível dos olhos do oficial francês.

— O senhor pagará mais do que isto pela vida de Achmet ben Houdin, filho de minha irmã — disse. — E outro tanto pelo nome que me chamou. E sofrerá, além de tudo, cem vezes mais do que eu.

Isto sucedera cerca de três anos antes de começarem os sucessos desta narrativa. O julgamento de Achmet ben Houdin e de seus cúmplices foi uma espécie de

registros. Segundo merecia, aquele foi condenado à morte, à qual se resignou com o fatalismo de um árabe.

Daí a um mês a pequenina Jeanne Jacot, de sete anos, filha do capitão Armand Jacot, desapareceu misteriosamente. A fortuna de seus pais e todos os poderosos recursos da grande república a que servia não conseguiram arrancar o segredo de seu paradeiro ao inescrutável deserto em que ela e seu raptor haviam desaparecido.

Era tão avultada a recompensa oferecida, que muitos amantes de aventuras abalançaram-se à espreita de tentar descobri-la. Não era caso próprio a ser desvendado pelos detetives dos centros civilizados; porém, mesmo assim, vários deles saíram a procurar a criança — e as ossadas de alguns dos mesmos ainda hoje branquejam, ao tórrido sol africano, nos silentes areais do Saara.

Depois de seguir três anos falsas pistas, dois suecos, Carl Jenssen e Sven Malbihn, renunciaram enfim às pesquisas, a grande distância do sul do Saara, para voltarem a atenção ao negócio mais lucrativo de tomar à força marfim aos naturais. Em extensa região já eram conhecidos pela sua implacável crueldade e cupidez. Os aborígenes temiam-nos e odiavam-nos. Os governos europeus cujas possessões percorriam, desde muito tempo os procuravam; mas afastando-se lentamente do norte, eles, para evitarem a captura, aprenderam nas terras de ninguém do sul do Saara meios, apenas por eles conhecidos, de esquivarem-se facilmente às forças legais que lhes davam caça. Suas investidas eram inopinadas e rápidas. Apanhavam o marfim e acolhiam-se às vastidões do norte, sem deixar vestígios da passagem, antes que os guardas do território que saqueavam se apercebessem de sua presença. Não só roubavam o marfim dos naturais, como em constantes caçadas matavam elefantes para tirá-los. Seus salarizados eram um cento, ou mais, de árabes foragidos e escravos negros — uma horda de ferozes assassinos. Lembremo-nos de ambos — de Carl Jenssen e de Sven Malbihn, gigantes suecos de barbas loiras — pois teremos de encontrá-los mais tarde, no seguimento desta narração.

No âmago das selvas, oculto a certa distância da margem de um pequeno afluente inexplorado de um grande rio que deságua no Atlântico e, não longe do equador, há um pequeno “Jouar” protegido por forte estacada. Vinte choças de palha de palmeira abrigam seus habitantes de cor preta, ao passo que meia dúzia de cabanas de couro de cabra era destinada a uns vinte árabes que acumulavam as mercadorias que compravam ou tomavam à força, as quais seus navios do deserto levavam duas vezes por ano para o norte, para o mercado de Tombuktu.

Brincando em frente a uma das cabanas dos árabes estava uma menina de dez anos. Tinha os cabelos pretos e com sua pele queimada de sol e gracioso corpinho era a fiel imagem de uma filha do deserto. Seus dedinhos estavam muito atarefados a fabricar um saíote de capim para uma boneca que uma escrava bondosa fabricara

para ela havia uns dois ou três anos. A cabeça tki boneca era toscamente feita de marfim, e, o corpo, um pedaço de pele de rato recheado de palha. Serviam de braços e pernas pedaços de paus furados numa ponta e cosidos, por esses furos, à pele de rato do corpo. A boneca era horivelmente feia e disforme, mas Myriam achava-a a coisa mais linda e adorável do mundo, o que não se deve estranhar tendo-se em vista a circunstância de ser o único ser a quem podia dedicar sua confiança e seu amor.

Todas as pessoas com quem Myriam vivia em contato eram, quase sem exceção, indiferentes ou cruéis para ela. Havia, por exemplo, Mabunu, a megera velha e negra que cuidava dela — criatura desdentada, imunda e de gênio irascível, que não perdia ensejo de xingar a menina, ou infligir-lhe menores torturas, com fortes beliscadas; e por duas vezes chagara já sua carne tenra com brasas.

Além dela havia o Sheik, seu pai. Temia-o mais ainda do que a Mabunu. Ralhava freqüentemente com ela por causa de nada e habilmente rematava as reprimendas batendo-lhe cruelmente, até pôr-lhe o corpinho marcado de manchas pretas e azuis.

Mas, vendo-se só, era feliz; brincava com sua Zika, enfeitando-lhe os cabelos com flores silvestres ou fazia-lhe vestidos de capim. Estava sempre atarefada e a cantar quando a deixavam só. Nenhum tormento parecia bastante para aniquilar a felicidade inata e a meiguice de seu coraçãozinho afetuoso. Somente perto do Sheik que ficava quieta e calada. Ela temia-o e seu medo às vezes se tornava num indizível terror. Temia igualmente a sombria floresta — a floresta cruel que rodeava a pequena aldeia e donde vinham, de dia, guinchos de macacos e pios de aves e, à noite, os rugidos, regougos e mios das feras. Sim, a mata apavorava-a; muito mais, todavia, receava o Sheik, o que muita vez fazia sua cabecinha pueril desejar fugir para a terrível floresta, para sempre, a fim de não mais sentir o constante terror que seu pai lhe incutia.

Naquele dia, enquanto se achava sentada em frente à cabana do Sheik, fazendo uma sainha de capim para sua Zika, apareceu súbito o velho árabe, que se pôs a caminhar em sua direção. No mesmo instante esmaeceu no rosto da menina a expressão de contentamento. Encolheu-se, para um lado, para dar passagem ao velho pai de pele curtida de sol; mas não o fez com rapidez suficiente. Com um pontapé, o árabe a fez cair de bruços. No lugar onde caiu quedou-se muda e imóvel, sem chorar, mas toda trêmula. Após um palavrão que lhe era dirigido, o velho entrou na cabana. A megera negra aplaudiu-o com gostosa gargalhada, a exhibir um canino amarelo, que era seu único dente restante.

Quando teve certeza de haver-se ele distanciando, a menina engatinhou para o lado onde caía a sombra da cabana e ali ficou silenciosa, estreitamente abraçada a sua Zika, com o corpinho, longe em longe, sacudido por longos soluços. Não se atrevia a

chorar, para evitar novas violências do Sheik. Não era unicamente física a dor de seu coraçãozinho; infinitamente maior era a de se ver privada do afeto pelo qual ansiava sua alma de criança.

A pequenina Myriam não se lembrava quase de ter vivido em outra parte, que não naquela aldeia, com o Sheik e a Mabunu tão cruéis. Aparentemente, e como a distância, havia em sua memória a reminiscência de uma mãe carinhosa; mas Myriam não estava certa de que fosse algum sonho criado pelo seu desejo de carícias que nunca lhe faziam e que ela prodigalizava à sua estremecida Zika. Nunca houve criança tão mimada quanto sua boneca. Longe de imitar o procedimento do pai e da megera negra, sua mãezinha era toda tolerância e amor. Mil vezes por dia beijava Zika. Figurava em seus brinquedos, às vezes, que Zika fazia travessuras; mesmo assim, jamais sua mãezinha a castigava; ao contrário, acarinhava-a com loucura. Todo seu procedimento era unicamente inspirado por sua comovedora sede de afeição.

Naqueles momentos, enquanto tinha Zika aconchegada contra o peito, diminuíram-lhe gradualmente os soluços. Afinal pôde falar, para contar suas tristezas ao ouvido de marfim de sua única confidente.

— Zika ama sua mãezinha Myriam, não é — segredou-lhe. — Por que razão o Sheik, meu pai, não me ama também? Sou eu assim tão má? Procuro ser boa, mas ele nunca me diz porque me bate, por isso não sei o que faço por merecer castigo. Agora mesmo deu-me um pontapé que me magoou, Zika, quando eu estava defronte da cabana fazendo uma sainha para você. Decerto fiz qualquer cousa, senão ele não me machucaria. Mas que foi que fiz, minha Zika? Oh, meu amorzinho! não sei. Tenho vontade de morrer, Zika! Ontem os caçadores trouxeram o corpo do Ádrea. O Ádrea estava morto. Já ele não perseguirá, traiçoeiro, a presa descuidada. Sua cabeça enorme e sua juba não encherão mais de terror à noite os corações dos animais herbívoros ao bebedouro comum. Não mais será a terra abalada com seu rugido de trovão. O Ádrea estava morto. Eles bateram-lhe horivelmente quando o trouxeram para a aldeia, mas o Ádrea não se importou. Não sentiu as pancadas, porque estava morto. Também, quando eu morrer, Zika, não sentirei mais as pancadas de Mabunu nem os pontapés do Sheik, meu pai. Então serei muito feliz. Oh, Zika, que vontade eu tenho de morrer!

Se Zika tinha a intenção de desaprovar-lhe as palavras, não houve tempo de o fazer, devido ao vozerio de uma altercação além da entrada do povoado. Myriam pôs-se à escuta. Com a curiosidade peculiar à meninice, seu gosto seria descer correndo para saber o que fazia os homens falar em tom assim tão alto. Outros habitantes do povoado já convergiam para o ponto donde partia o vozear. Mas Myriam não se atreveu a imitá-los. O Sheik deveria lá estar e, se a visse, teria mais

um pretexto para maltratá-la, por isso, Myriam deixou-se ficar, prestando ouvidos, no lugar onde estava.

Daí a pouco ouviu o tropel de várias pessoas a subir a rua com direção à cabana do Sheik. Furtivamente espiou de um lado da cabana. Não pôde resistir a essa tentação, pois agradava-lhe quando alguma coisa quebrava a monotonia da vida na aldeia. O que ela viu foram dois brancos desconhecidos. Não tinham ali outros companheiros, mas, enquanto se avizinhavam, Myriam depreendeu da conversação dos naturais que os cercavam que chefiavam numerosos homens, os quais haviam acampado fora da aldeia. Eles iam parlamentar com o Sheik.

O velho árabe encontrou-se com os dois à porta da cabana. Ao ver os recém-vindos, tornou-se mal-assombrado.

Aqueles pararam à sua frente e houve troca de saudações. Disseram, em seguida, ao Sheik, que haviam ido comprar marfim. O Sheik resmungou que não tinha. Myriam ficou surpresa. Ela sabia que em uma próxima cabana havia tão alta pilha de presas de elefante que quase ia até a coberta. Ela inclinou mais a cabeça a fim de melhor espiar os desconhecidos. Como eram brancas suas peles! E que louras, as grandes barbas de ambos!

Improvisamente um deles volveu o olhar para o lugar onde ela estava. Ela recuou, escondendo-se, pois temia todos os homens; mas o desconhecido viu-a. Myriam notou a sua instantânea expressão de assombro. O Sheik também a notou e calculou o que a motivara.

— Não tenho marfim — repetiu. — Não podemos fazer nenhum negócio. Vão-se embora! Já e já!

Saindo da cabana, quase empurrou os desconhecidos em direção à entrada do povoado. Eles recalcitravam. Então o Sheik ameaçou-os. Seria um suicídio desobedecer-lhe, por isso os dois homens saíram da aldeia, encaminhando-se ao contínuo para o próprio acampamento.

O Sheik voltou para o lado da cabana; mas não entrou na mesma. Em vez disso, foi para o lado de Myriam, que estava, muito assustada, rente à parede de pele de cabra. O Sheik inclinou-se e agarrou-a pelo braço. Furioso, a obrigou a erguer-se e a puxou até a porta da cabana, onde a empurrou, de um tranco, para dentro desta. Entrando depois de Myriam, agarrou-a de novo e bateu-lhe brutalmente.

— Fique aqui dentro! — rugiu. — Nunca deixe os estranhos ver seu rosto! Da outra vez que a virem, eu matarei você!

Com um derradeiro e impetuoso safanão atirou a pequena em um canto afastado da cabana, onde ela ficou a recalcar o pranto, enquanto o Sheik passeava de um para outro lado a monologar, murmurando cousas incompreensíveis. Mabunu sentou-se no

limiar da cabana, a enrolar também frases surdas e a dar casquinadas.

No acampamento dos desconhecidos, um destes falava vivamente ao companheiro:

— Não tenho dúvida alguma, Malbihn! Nem a mínima dúvida! Mas porque será que o velho maroto já não foi, há muito tempo, receber a recompensa? É isto o que me intriga.

— Há cousas, Jenssen, que os árabes apreciam mais do que o dinheiro — retorquiui o que primeiro falara — e uma delas é a vingança.

— Mesmo assim não faz mal experimentarmos o poder do ouro — tornou Jenssen.

— Tentemos então o suborno.

— Com o Sheik é inútil — opinou. — Poderemos experimentá-lo em algum de seus homens, pois o velho árabe não desistirá da vingança a troco de dinheiro. Oferecer este ao mesmo, apenas confirmará as suspeitas que já concebeu quando estávamos a conversar com ele em frente à sua cabana. Seríamos muito felizes se saíssemos vivos da aventura.

— Tentemos então o suborno.

Mas o suborno se malogrou sinistramente. A pessoa que escolheram para corromper, após estanciarem por alguns dias em seu acampamento, fora da estacada do povoado, foi o velho e alto capataz do contingente de pretos do Sheik. Ele deixou-se seduzir pelo metal brilhante, pois vivera na costa e conhecia, por isso, o poder do ouro. Prometeu trazer-lhes noite alta a pessoa de que desejavam apossar-se.

Logo depois do escurecer os dois suecos iniciaram os preparativos para levantarem acampamento. À meia-noite, achavam-se todos prontos. Os carregadores já tinham perto de si as suas cargas, à espera de um sinal para colocá-las nas cabeças. Os “askaris” armados ficaram entre a aldeia e os “safari” para, em caso de necessidade, protegerem a retirada do bando, retirada, a efetuar-se apenas chegasse o capataz dos negros com a pessoa que os moços, seus chefes, esperavam.

Certo momento ouviram os sons de passos no trilho que levava ao povoado. No mesmo instante ficaram os “askaris” e os brancos alerta. Aproximavam-se mais de um homem. Jenssen foi ter ao seu encontro e interpelou em voz baixa os recém-víndos:

— Quem vem aí?

— Mbeeda — responderam.

Mbeeda era o nome do capataz traidor. Jenssen ficou satisfeito, embora estranhando que ele trouxesse consigo, outras pessoas. Daí a instantes compreendeu.

Aquilo que eles conduziam estava numa padiola carregada por dois homens. Jenssen abafou uma praga. O idiota lhes teria trazido um cadáver? Eles haviam dado dinheiro para obter viva a menina!

Os carregadores fizeram alto em frente do homem branco.

— Aqui está o que comprou com o seu ouro — disse um deles.

Depuseram a padiola no chão, voltaram-se e, rumo da aldeia, desapareceram nas trevas. Malbihn olhou para Jenssen, com um sorriso. Aquilo que vinha na padiola estava coberto com um pano.

— Muito bem! — exclamou o último — levante o pano e veja o que comprou. Muito caro nos ficará este cadáver se o formos carregar durante seis meses, sob o sol ardente, até o seu destino!

— O imbecil devia saber que nós a queríamos viva — resmoneou Malbihn, segurando uma ponta do pano e repuxando-o para um lado.

Ao ver o que ele recobria, os dois recuaram incontinenti; involuntariamente vieram-lhes pragas aos lábios; minutos após os “safari” de Jenssen e Malbihn seguiam a passo acelerado para o oeste, enquanto os “askaris”, alerta, protegiam a retaguarda contra o ataque esperado a qualquer momento.

Na padiola que ali deixaram, estava o cadáver de Mbeeda.

CAPÍTULO VI

A PRIMEIRA noite passada na floresta foi a que se gravou mais fortemente na memória do filho de Tarzan. Nenhuma fera carniceira os ameaçou. Não havia indícios dos horríveis selvagens. Ou, se havia, passaram despercebidos ao perturbado espírito de Jack. Sua consciência atenazada pela lembrança dos sofrimentos que estava curtindo sua mãe. Recriminava-se por tudo, o que o mergulhava numa dor insondável. O assassinio do americano incutia-lhe pouco ou nenhum remorso. Aquele indivíduo merecera seu destino. O desgosto que produzia em Jack era principalmente motivado pelo transtorno de seus planos. Agora já ele não podia voltar, como pretendia, para perto dos pais. O medo dos processos primitivos e sumários de julgar, de que havia já lido narrações aterradoras e imaginárias o fizera acolher-se às selvas como um fugitivo. Não se atrevia a voltar para a beira-mar naquele ponto — não que receasse muito o que pudesse acontecer-lhe, mas pelo desejo de evitar que os pais tivessem o desgosto e a vergonha de ver seu nome desonrado com sua degradante execução como assassino.

Ao despontar o dia, o rapaz criou novos alentos. Com o novo sol, outra vez alvorou a esperança em seu coração. Ele voltaria por outro rumo ao mundo civilizado. Ninguém suspeitaria que fosse conivente com a morte do desconhecido no pequeno povoado, sem importância comercial, desgarrado naquelas remotas paragens.

Encolhido junto ao grande macaco na forquilha de um galho de árvore, o adolescente tremeu de frio, quase sem dormir, o resto daquela noite. Seu leve pijama pouco o protegia contra o frio úmido da mata e só ficara agasalhado o lado de seu corpo que estivera em contacto com o quente corpo de seu peludo companheiro. Por isso rejubilou com o sol nascente que lhe ia levar tanta luz como o calor — sol bendito, dissipador dos males físicos e mentais.

Ele sacudiu Akut para fazê-lo acordar.

— Vamos — disse-lhe. — Estou com frio e com fome. Vamos procurar o que comer em lugar onde haja sol — e indicou um campo com poucas árvores e acidentado de rochas.

Enquanto assim falava, o menino desceu da árvore; mas o símio, cauteloso, olhou primeiro em torno e farejou o ar matinal. Satisfeito, então, por não sentir perto algum perigo, desceu também, lentamente.

— Numa e sua fêmea Sabor banqueteiavam-se com os que descem primeiro e olham depois em roda, ao passo que os que olham primeiro e depois descem conservam a

vida para banquetear-se.

Foi assim que o velho macaco deu ao filho de Tarzan sua primeira lição sobre a vida nas selvas. Atravessaram emparelhados o campo acidentado, pois, antes do mais, queria aquecer-se ao sol. O macaco mostrou-lhe os melhores lugares para cavar a fim de encontrar larvas de formigas ou cupins. Mas Tack sentiu náuseas só à idéia de comer essas cousas repelentes. Encontraram alguns ovos, tomaram crus e comeram também raízes e tubérculos que Akut arrancou do solo. Do outro lado do campo acharam água — uma pequena lagoa rasa, lodosa e com mau cheiro, cujas margens, bem como o fundo, mostravam vestígios de patas de muitos animais. Um rebanho de zebras afastou-se a galope, à chegada de ambos.

O rapaz sentia tanta sede que não teve nojo de beber aquela coisa que ao menos remotamente se assemelhava com água, por isso fartou-se com ela, enquanto, Akut, de cabeça erguida, permanecia de atalaia, para evitar qualquer risco. Antes de beber por sua vez, o símio recomendou a Jack que ficasse alerta: mesmo assim, enquanto bebia levantava de espaço em espaço a cabeça, dardejando rápido olhar para uma moita de arbustos que ficava cerca de cem metros além da lagoa. Depois de se dessenderar, alçou-se em pé e falou com o companheiro na linguagem dos grandes antropóides:

— Não há perigo por perto?

— Nenhum — respondeu Jack. Não vi coisa alguma mover-se enquanto você bebia.

— Seus olhos pouca serventia terão aqui na mata — observou o símio. — Para viver aqui, precisa contar com o ouvido e o olfato — mais, porém, com o olfato. Quando vi, ao chegarmos, distanciar-se as zebras que nos sentiram o cheiro, reconheci não haver perigo encoberto nesta parte da lagoa, do contrário elas o teriam descoberto e haveriam fugido, antes de nossa vinda; mas do outro lado, que é para onde o vento está soprando, pode haver algum perigo. Não podemos pressenti-lo, porque o cheiro é tocado para outra direção, por isso apliquei os ouvidos e a vista, por não me poder servir do olfato.

— E nada descobriu? — perguntou rindo o rapaz.

— Descobri Numa deitado naquela moita de arbustos, cercada de ervas altas — e Akut a indicou.

— Um leão? — exclamou Jack. — Como o sabe? Não consigo ver.

— Mesmo assim, Numa ali está — respondeu o grande macaco. — Primeiro ouvi o fungar. Para você, o fungo de Numa não difere dos outros ruídos feitos pelo vento nos capinzais e nas árvores; mais tarde, porém, aprenderá a distingui-lo desses sons. Em seguida pus-me a observar e vi por fim o ervaçal mover-se em um ponto por

qualquer coisa que não era o efeito do vento. Veja ali, dos dois lados do grande corpo de Numa, o mato a ondear de leve; com a sua respiração — enxergou? Aqueles pequenos movimentos não são produzidos pelo vento, porque em outro ponto o capim não os tem.

O adolescente olhou com atenção. Seu olhar era mais penetrante que o dos rapazes de idade. Por fim soltou uma exclamação.

— Sim — disse ele. — Agora estou vendo. Ele se acha ali — e indicou o lugar. — Tem a cabeça voltada para o nosso lado. Está a espreitar-nos?

— Está, sim, — respondeu Akut — mas pouco perigo corremos, salvo se nos aproximarmos muito, pois já caçou e está a devorar a vítima. Tinha esta, carne bastante para encher-lhe a barriga, do contrário ouviríamos o estralar dos ossos de sua presa. É apenas de curioso que nos espia em silêncio. Já vai continuar a comer ou então se levantará para vir beber nesta lagoa. Como não nos teme nem nos deseja caçar, não tratará de ocultar-se às nossas vistas; esta ocasião é excelente para você aprender a conhecer Numa, pois precisa aprender a conhecê-lo bem, se quiser ter vida longa na floresta. Quando há muitos grandes macacos reunidos, Numa deixa-nos tranqüilos. Nossos caninos são longos e afiados, poderemos lutar com ele; mas, quando estamos sós e ele sente fome, não podemos levar vantagem nessa luta. Vamos dar uma grande volta em torno dele, para você sentir-lhe o cheiro. Quanto mais cedo o conhecer, melhor será; mas conserve-se sempre perto de árvores, pois Numa às vezes faz o que menos se espera. E tenha os olhos e os ouvidos tão abertos como as narinas. Lembre-se sempre que em cada moita, em cada árvore e em cada moita de capim pode existir um inimigo. Enquanto fugir de Numa, cuidado para não cair nas garras de Sabor, sua fêmea Acompanhe-me!

E Akut pôs-se a fazer grande rodeio em torno da lagoa e do leão oculto.

Jack acompanhava-o rente aos seus calcanhares, com todos os sentidos vigilantes e os nervos tensos em seu máximo. Aquilo é que era vida! Por alguns instantes esqueceu-lhe a resolução tomada poucos minutos antes de, sem demora, buscar qualquer ponto da costa que não fosse aquele em que desembarcara e voltar imediatamente para Londres. Agora pensava unicamente na aventura de levar aquela vida selvagem e de apurar a inteligência e concentrar os esforços contra os perigos desconhecidos da floresta. Não conhecia o que fosse medo. Seu pai nenhum medo tivera que pudesse transmitir-lhe; transmitira-lhe entretanto, honra e consciência e estas o importunariam muitas vezes, em conflito com o inato anseio de liberdade de Jack, para conseguirem a posse exclusiva de sua alma.

Já estavam a pequena distância do outro lado de Numa, quando o pequeno sentiu o odor desagradável do carnívoro. Sua face resplandeceu, risonha. Qualquer coisa lhe dizia que ele reconheceria aquele cheiro entre milhares de outros, mesmo que

Akut não o prevenisse da proximidade de um leão. Era-lhe um odor extremamente familiar — de uma familiaridade fantástica que lhe arrepiou os cabelos curtos da nuca e lhe franziu involuntariamente o lábio superior, fazendo-o mostrar os dentes agressivos. Parecia que todos os seus músculos se preparavam para uma luta de morte. A pele titilava-lhe. Veio-lhe um agudo prazer que não conhecera até então. Tornou-se naquele instante uma criatura diversa — sagaz, alerta, pronta para o ataque. Foi assim que o cheiro de Numa, o leão, transformou o rapaz em um animal feroz.

Nunca vira ainda um leão, — a mãe tomara grande precauções para evitá-lo. Mas vira, gulosamente, muitas figuras representando-o e agora deleitava-se com o poder saciar a vista em um leão em carne e osso. Enquanto acompanhava Akut, olhava para trás, de esguelha, sobre o ombro, na esperança de que Numa saísse da moita e se deixasse ver. Em consequência disso, ficou um tanto distanciado de Akut. Mas súbito um guincho de aviso, emitido pelo símio, reclamou-lhe a atenção para contemplar coisa diversa de Numa escondido. Olhando rapidamente o companheiro, o rapaz viu no caminho, à frente, uma coisa que o fez fremir, *lodo ele, de* excitação. Com o corpo emergindo a meio dentre o grupo de arbustos, onde estivera oculta, via-se uma leoa de belo e flexuoso corpo. Seus redondos olhos amarelos-esverdeados encaravam de fito o adolescente. A distância que os separava era inferior a dez passos. A vinte passos para trás da leoa estava o grande macaco a guinchar avisos para Jack e a injuriar a leoa para atrair-lhe a atenção e dar tempo ao companheiro para salvar-se, trepando numa árvore vizinha.

Mas Sabor não olhou para o macaco. Sua atenção convergia toda para o companheiro deste. Jack encontrava-se entre ela e o leão oculto, a devorar sua vítima. Isto lhe provocava suspeitas. Talvez tivesse ele maus intentos em relação a seu amo e senhor, ou ao produto da caça deste. Uma leoa tem temperamento irascível. O berreiro de Akut irritou-a. Com um rugido surdo deu um passo para o Indo de Jack.

— Suba na árvore! — guinchou Akut.

O pequeno voltou-se e correu e no mesmo instante a leoa precipitou-se contra ele. A árvore ficava a poucos passos de distância. Havia um galho à altura de uns três metros e enquanto Jack pulava para o alcançar, a leoa pulava para alcançar Jack. Este foi ágil como um macaco. Uma grande pata arranhou-lhe de leve um quadril e uma garra adunca enganchou-se no cordão de seu pijama, arrancando-lhe a calça do mesmo. Jack afinal viu-se seminu, em lugar seguro, enquanto a fera dava outro pulo para agarrá-lo.

De uma árvore próxima, Akut dirigia, aos grandes berros nomes feios à leoa. Imitando seu mestre, o pequeno despejou-lhe uma torrente de invectivas; mas

compreendeu enfim a esterilidade daqueles xingos, procurando atirar à inimiga alguma coisa mais contundente. Apenas tinha à mão alguns galhos secos, mas assim mesmo jogou-os no focinho de Sabor que de dentes arreganhados estava erguida para seu lado. O mesmo fizera o pai de Jack vinte anos antes, quando, menino ainda, provocava os grandes felinos das florestas virgens.

A leoa ficou a rondar algum tempo a árvore; mas compreendendo, por fim, a inutilidade dessa vigilância, ou aguilhada pela fome, afastou-se majestosa, desaparecendo na moita que ocultava seu senhor, o qual não chegara a mostrar-se durante aquele incidente.

Descendo das árvores onde se refugiaram, Akut e Jack prosseguiram na jornada interrompida.

— Se você não estivesse com toda a atenção voltada para trás, para o lado de Numa, teria visto a leoa muito antes — disse o símio.

— Mas você passou por ela e não a viu — volveu o menino. Akut ficou triste.

— É por isso que morrem os habitantes das matas — comentou. — Caminhamos cautelosos longo tempo, mas de repente, um instante apenas, nos descuidamos e... — a este ponto ele fechou a dentuça, como se cravasse as presas na carne da vítima. — Foi uma boa lição — continuou. — Você ficou sabendo que não pode ter os olhos, os ouvidos e as narinas voltados muito tempo na mesma direção.

Naquela noite o filho de Tarzan sentiu mais frio do que em dia algum de toda a sua vida. As calças do pijama não eram espessas; todavia, o eram mais do que coisa nenhuma. No dia seguinte ele tostou-se ao sol canicular, pois em *seu* caminho encontraram muitos descampados sem árvores.

O rapaz ainda tinha a intenção de demandar o sul, em busca de outra povoação civilizada bem distante da primeira.

Viajaram assim um mês. Nesse entremeses Jack aprendia rapidamente as leis da floresta. Seus músculos adaptavam-se ao novo modo de vida que fora forçado a adotar. As aptidões de seu pai transmitiram-se a ele — apenas faltava usá-las para desenvolvê-las. O rapaz achava mui fácil trepar em árvores. Mesmo em grandes alturas não sentia a menor vertigem. E, por fim, depois de algum exercício, conseguira viajar na mata atirando-se de galho em galho com agilidade maior que a do pesado Akut.

E com a exposição às intempéries sua pele delicada e branca se bronzeou e endureceu. Um dia ele tirou o paletó do pijama para banhar-se em riacho que, pelo pequeno tamanho, não poderia ter crocodilos; e, enquanto ele e Akut se divertiam na água de deliciosa frescura, um macaquinho desceu de uma árvore, tomou a última peça de trajes civilizados que restava de Jack e fugiu com a mesma.

Isto a princípio contrariou Jack; mas depois de passar breve tempo sem paletó, começou a convencer-se de que ficar meio vestido é infinitamente mais desagradável do que achar-se inteiramente nu. Em pouco não sentiu mais falta da roupa. E vez em vez vinha-lhe um sorriso passageiro ao imaginar o espanto de seus colegas se o pudessem ver então, naquele estado. Ter-lhe-iam inveja, certamente. E, ao pensar em tal, sentia pena deles. Outras vezes, porém, evocava-se no meio da opulência e conforto de seus pais e, então, o adolescente sentia um nó na garganta, ao divisar o rosto da mãe por entre lágrimas que involuntariamente lhe acudiam aos olhos. , Nesses instantes ele incitava Akut para seguirem mais depressa para a costa, pois a esse tempo já viajavam rumo à mesma, na direção do oeste. O velho macaco supunha que estivessem procurando alguma tribo de símios da sua própria espécie e Jack não o desiludia dessa convicção. Só falaria a Akut sobre seus verdadeiros projetos quando se encontrassem perto de terras civilizadas.

Um dia enquanto caminhavam devagar pela margem de um rio, chegaram inesperadamente a uma aldeia de nativos. Perto do referido rio alguns meninos brincavam. O coração de Jack pulou à vista deles, pois fazia mais de um mês que não via um ente humano. Que importava fossem selvagens e tivessem negra a pele? Não eram seres, como ele próprio, feitos à imagem do Criador? Considerava-os como irmãos! Assim pensando, seguia para o lado deles. Com um grunhido baixo Akut segurou-lhe um braço para o reter. O pequeno libertou-se da mão do antropóide e, com um grito, à guisa de saudação, correu na direção dos que brincavam.

O som de sua voz fê-los todos voltar o rosto para o lugar donde a mesma partia. Primeiro arregalaram os olhos de espanto e, em seguida, num alarido de terror, os meninos fugiram para a aldeia. Suas mães acompanharam-nos correndo. E, da entrada da aldeia, em conseqüência desse alarma, brotaram numerosos guerreiros após tomarem às pressas as suas lanças e escudos.

À vista desse pânico Jack estacou. Apagou-se em seu rosto o alegre sorriso que nele resplandecia assim que os guerreiros, dando brados terríveis e com acenos e ameaça, correram para o lado dele. Akut, mais atrás, chamava-o, gritando que os pretos o matariam. Durante momentos Jack se quedou a vê-los avizinhar-se; em seguida ergueu a mão com a palma voltada para eles, significando-lhes que parassem e, ao mesmo tempo, gritava-lhes que era um amigo e apenas quisera brincar com os meninos. Como era natural, eles não compreenderam uma só de suas palavras; e a resposta foi a que receberia qualquer criatura nua que saísse súbito da mata e assustasse suas mulheres e filhos — um chuveiro de lanças. Nenhuma ofendeu Jack; todas passaram em torno dele. Outra vez ele sentiu frêmitos de excitação e o eriçar dos cabelos desde a nuca até o alto da cabeça. Franziu as

sobrancelhas. E instantâneo ódio deflagrou em seus olhos, a substituir a expressão benévola e jovial que assumiam momentos antes. Com um surdo ronco, como o de uma fera desapontada, ele volveu-se e correu para a mata. Akut, empoleirado em uma árvore, achava-se à sua espera. O mesmo instigava-o a fugir depressa, pois o sensato e velho antropóide sabia que eles dois, nus e sem armas, não poderiam enfrentar os possantes guerreiros negros que, certo, dariam uma batida na mata em sua procura.

Mas uma força nova movia o filho de Tarzan. Este fora com a espontaneidade e alegria de um adolescente oferecer sua amizade àquelas criaturas que eram seres humanos como ele. Retribuíram-lhe com suspeitas e lançadas. Nem mesmo quiseram ouvi-lo. Por isso, o ódio e a raiva tumultuavam-lhe no íntimo. Akut fugia célere, mas ele deixou-se ficar atrás. Queria lutar embora a razão lhe fizesse ver claro que seria sacrificar insensatamente a vida o querer resistir, àqueles homens armados, com as mãos limpas, apenas, e com os dentes — já o rapaz pensou nos dentes quando iminente pareceu a luta.

Afastando-se vagaroso pelas ramas das árvores continuava a olhar para trás por cima do ombro, embora não se esquecesse da possibilidade de outros perigos à frente e dos lados — o caso da leoa fora-lhe uma lição que não precisava ser repetida para se lhe gravar na memória. Ele escutava atrás, os gritos dos selvagens que se aproximavam. Jack foi-se retardando mais e mais na fuga para esperar os seus perseguidores. Estes, ao avizinhar-se de Jack, não o viram pois, a caçar um ente humano não iriam procurá-lo nos cimos das árvores. O rapaz conservava-se sempre um pouco adiante deles. Por espaço de um quarto de légua continuaram suas pesquisas mas desanimando, por fim, regressaram à aldeia. Era esta a oportunidade que Jack desejara, que estivera a aguardar tanto tempo, com uma sede de vingança que o fazia enxergar seus perseguidores através de uma névoa rubra.

Quando eles voltaram, Jack acompanhou-os. Perdera Akut de vista. Pensando que o companheiro o seguia, este continuara a afastar-se. Não desejaria desafiar o destino, deixando-se ficar ao alcance daquelas lanças mortais. Quanto ao adolescente, pulava sem rumor de árvore em árvore acompanhando os guerreiros que por um trilho estreito retornaram ao povoado. Por fim um dos guerreiros atrasou-se dos demais. Um sorriso satânico iluminou as feições do rapaz, que continuava a acompanhá-lo tão depressa, que certo momento seguia por cima do referido preto, que não dava pela sua proximidade, encalçando-o, como Sheeta, a pantera, acompanhava a presa. Assim Jack a vira já fazer em muitas ocasiões.

Inopinadamente e sem fazer barulho deu um salto para a frente, indo cair às cavaleiras nas largas costas do guerreiro. No mesmo instante suas mãos procuraram e encontraram a garganta dele. O peso do corpo do agressor fez o preto cair

pesadamente ao chão. Após a queda, a pressão dos joelhos de Jack nas suas costas tolhiam-lhe a respiração. Em seguida, duas alvas fileiras de dentes fecharam-se-lhe no pescoço e fortes dedos lhe comprimiram a traquéia. Por algum tempo o guerreiro debateu-se com desespero, forcejando para desalojar das costas o antagonista; disso, porém, só resultava diminuir-se-lhe mais as forças, pois, apesar dessa resistência, aquele pavoroso e silencioso ente que o preto não podia ver aderiu tenaz sobre ele, arrastando-o, aos poucos, para uma moita existente a um dos lados do trilho.

Ocultos, afinal, nesse lugar, a salvo dos olhos inquisidores dos demais pretos, que dariam pela falta do companheiro e volveriam a procurá-lo, Jack continuou a estrangular o preto. Certo instante, repentina convulsão acompanhada de uma total inércia o fez saber que aquele estava morto. Então o empolgou um singular impulso. Todo o seu ser fremia de emoção. Ergueu-se involuntariamente de um salto e pousou um pé sobre o corpo de sua vítima. Expandiu-se o peito, ergueu o rosto para o céu e abriu a boca para emitir um estranho grito selvagem que parecia vibrar em seu íntimo procurando expansão exterior; mas nenhum brado soltou. Esteve assim um minuto, a fronte para o alto, o peito arquejante de emoção, como estátua viva da vingança.

O silêncio que assinalou a primeira vitória do filho de Tarzan ia ser a característica de todas as suas vitórias futuras, do mesmo modo que o grito de macaco assinalava as vitórias de seu possante pai.

CAPÍTULO VII

NOTANDO que Jack não o acompanhava, Akut voltou para procurá-lo. Apenas desandou pequeno trecho do espaço percorrido, sobressaltou-se, súbito e parou ao ver uma estranha figura a pular de galho em galho ao seu encontro. Era o rapaz; mas seus olhos não o enganavam? Trazia numa das mãos uma comprida lança, e, nas costas, um escudo, como o dos guerreiros negros; tinha nos tornozelos e nos braços argolas de ferro e de latão. e uma tanga amarrada na cintura, onde se via também uma faca.

Quando Jack avistou Akut, apressou-se a ir exhibir-lhe os seus troféus. Muito orgulhoso, mostrou, um por um, ao macaco, os tesouros recentemente conquistados. E com orgulho contou-lhe as peripécias da façanha.

— Matei-o com as mãos limpas e com os dentes — referiu. — Por meu gosto, seríamos amigos, mas eles preferiram ser inimigos. E agora, que possuo uma lança, hei de mostrar também a Numa os inconvenientes de ter-se um inimigo como eu. Nossos amigos, Akut, são os homens brancos e os macacos grandes. Procuremos a companhia deles; e, quanto aos outros, os deveremos evitar ou matar. Esta foi uma das leis das selvas que aprendi.

Contornando de largo a aldeia hostil, prosseguiram na viagem para beira-mar. O rapaz orgulhava-se muito de suas novas armas e enfeites. Ele exercitava-se continuamente em arremessar a lança, alvejando, com freqüência, uma ou outra coisa em frente, enquanto jornadeavam, até conseguir uma habilidade que somente os músculos moços obtêm com rapidez. Durante todo o tempo de seus exercícios, viajava sob a orientação de Akut. Não havia mais na mata algum sinal que não fosse um livro aberto para os olhos perspicazes do adolescente; e, quanto a outros vestígios, mais indecisos, que passam despercebidos aos civilizados e apenas em parte são cifrados pelos seus primos — os selvagens — tornaram-se familiares e claros ao rapaz ávido de aprender. Ele saberia diferenciar pelo cheiro as inúmeras espécies de animais herbívoros, e poderia também dizer se algum animal se aproximava ou se afastava, de acordo com o argumento ou atenuação do cheiro. Nem precisava o testemunho de seus olhos para afirmar se do lado de onde vinha o vento estavam dois ou quatro leões, e se estavam a cem ou a quinhentos metros de distância.

Muitas destas cousas lhe foram ensinadas por Akut, porém, a maior parte, sabia-as de instinto, por uma espécie de estranha intuição herdada de seu pai. Gostava cada vez mais da vida nas selvas. Agradava ao espírito de aventura que possuem intensamente os descendentes do primitivo Adão de sangue ardente, aquela constante

necessidade de apurar a inteligência e os sentidos para se acautelar contra os muitos e mortais inimigos que ali se acham a espreitar, dia e noite, os precavidos e os incautos. Não obstante amar aquela existência, ele não permitia que sua predileção predominasse egoisticamente sobre o sentimento do dever que o fizera compreender o desgosto que causara aos pais com sua fuga para as terras da África. Forte continuava em seu íntimo o amor que dedicava aos mesmos, tão forte que não o deixaria sentir-se perfeitamente feliz, pois essa felicidade seria, certamente, obtida a custo dos sofrimentos de seus progenitores. Por isso, continuava na firme resolução de procurar um porto onde se pudesse comunicar com eles e receber dinheiro para regressar a Londres. Tinha a certeza de que, em se achando lá, poderia convencer os pais de que lhe permitissem passar ao menos parte do ano nas propriedades que, segundo ficou sabendo em casa, por algumas frases inadvertidas, o pai possuía na África. Já seria alguma coisa; pelo menos, seria melhor que passar toda, a vida sujeito às restrições, para ele intoleráveis, da vida civilizada. Por conseqüência, predominava em seus sentimentos a alegria enquanto prosseguiram a viajar no rumo da beira-mar, pois não só se deliciava com os prazeres da vida selvagem, como também sentia a consciência tranqüila, de vez que estava a fazer o possível a fim de voltar para o lado de seus pais. Também sentia satisfação à idéia de ter contacto com homens brancos e civilizados, pois em muitas ocasiões ansiava por outra companhia além do velho símio.

O incidente com os pretos ainda o remordia interiormente. Aproximara-se dos mesmos com as mais amistosas intenções, e com tal convicção de ser acolhido hospitaleiramente, que a repulsa recebida motivou forte abalo em suas idéias de adolescente. Já não considerava os pretos como irmãos, e sim como outra espécie de inimigos da selva sanguinária — como presas possíveis, que andassem com dois pés, em vez de quatro.

Mas se os pretos eram inimigos, existiam, ainda, no mundo, pessoas que não o eram, que sempre o receberiam de braços abertos, como um amigo e um irmão, junto a quem, se o perseguissem os inimigos, encontraria sagrado refúgio. Sim: havia os homens brancos. Em qualquer ponto da costa ou mesmo no âmago das selvas haveria de encontrar homens de sua casta. Estes o acolheriam jubilosos e mostrar-lhe-iam amizade. E havia também os grandes antropóides — os amigos de seu pai e de Akut Com que satisfação receberiam o filho de Tarzan dos Macacos! Esperava encontrá-los antes de chegarem a algum povoado da costa. Desejaria poder dizer ao pai que conhecera seus velhos amigos da floresta e caçara com eles e vivera sua vida primitiva, ficando a conhecer seus ritos estranhos, de que Akut lhe procurava dar uma idéia. Como lhe agradaria participar dessas reuniões selvagens! Com freqüência recapitulava o longo discurso que faria ao se lhe depararem os macacos, no qual lhes falaria sobre a vida de seu antigo rei, desde a ocasião em que se

separara deles.

Outras vezes divertia-se a prefigurar seu encontro com os homens brancos. Que consternação não seria a destes, ao verem um adolescente de sua cor armado como um guerreiro negro e a vaguear pelas selvas tendo só por companheiro um grande macaco!

E assim passavam-se os dias; com a viagem e as caçadas e o exercício de trepar em árvores os músculos de Jack se desenvolviam e sua agilidade aumentava, a ponto de ficar o fleugmático Akut maravilhado com as proezas de seu aluno. E, tendo acordo de sua grande força e regozijando-se com ela, Jack tornou-se imprudente. Ele caminhava, na floresta, com a cabeça ereta, a desafiar os perigos. Ao passo que Akut trepava nas árvores, por ter sentido o cheiro de Numa, o adolescente ria-se nas fuças do rei dos animais, passando intrèpidamente perto dele. A sorte não ficou muito tempo de seu lado. Os leões com que topava estavam naturalmente fartos, ou talvez a temeridade daquela estranha criatura que lhes invadia os domínios enchia-os de tal surpresa que lhes acudia, ao espírito, a idéia de atacá-lo, limitando-se, por isso, a observá-lo de olhos arregalados avizinhar-se e depois seguir avante. Fosse qual fosse a causa, o fato é que muitas vezes Jack passou a poucos passos de distância de algum enorme leão sem provocar, da parte deste, outra cousa a não ser um ronco ameaçador.

Todos os leões, todavia, não têm igual temperamento ou disposição. Diferem tanto uns dos outros, como os humanos entre si. Pela circunstância de haverem dez leões procedido semelhante em condições similares, ninguém poderá afirmar que o décimo primeiro se porte do mesmo modo — o mais provável é que não. O leão é criatura de elevada organização nervosa. Ele pensa, logo, pode raciocinar. Possuindo um sistema nervoso e um cérebro, tem por essa razão um temperamento que reage variadamente ante causas estranhas. Um dia o rapaz encontrou o décimo primeiro leão. Aquele atravessava uma planície em que pouco arvoredo se via. Akut estava a poucos metros à esquerda de Jack, que foi o primeiro a descobrir a presença de Numa.

— Corra, Akut! — exortou, rindo-se, o adolescente. — Numa está escondido à minha direita. Corra para as árvores, Akut! Eu sou filho de Tarzan, por isso, protegerei você.

E Jack, com uma gargalhada, prosseguiu no mesmo rumo, que passava bem rente à moita onde Numa estava oculto.

Aos guinchos, o macaco mandou-o fugir, mas o pequeno se limitou a florear a lança no ar e dançar uma improvisada dança guerreira, para manifestar seu desprezo pelo rei dos animais. Cada vez se avizinhou mais do temeroso devastador; mas súbito, com um rosto de cólera, o leão ergueu-se em seu esconderijo, a menos de dez

passos de distância do rapaz. Era de colossal tamanho aquele dominador das selvas desertas. Vasta juba caía-lhe sobre as espáduas. Terríveis presas guarneciam suas enormes maxilas. Seus olhos amarelo-esverdeados chispavam ódio e ameaças.

O adolescente, com sua resistível pronta para uma defensiva a que não era apropriada, compreendeu de pronto que aquele leão diferia dos outros que encontrara; mas adiantara-se demais, para poder fugir. A árvore mais próxima ficava a vários metros à sua esquerda; se a tentasse atingir, o leão o alcançaria antes de haver transposto a metade da distância; e, que a fera tinha a intenção de atacá-lo, não era cousa de que se duvidasse, ao vê-la em tal momento. Além do leão havia uma árvore de espinhos — a alguns palmos, apenas, de distância, do outro lado da lera. Era o lugar mais perto para refugiar-se, mas Numa se achava entre ele e aquela árvore espinhosa.

O fato de empunhar a comprida lança e a vista da referida árvore para além do leão, deu a Jack uma idéia — verdadeiramente absurda, risível e apenas possível como último recurso. Somente havia uma probabilidade de salvação — e era alcançar a aludida árvore. Se o leão atacasse antes disso, tomar-se-ia muito tarde — ele, Jack, deveria ser o primeiro a avançar. E, com grande assombro de Numa, o rapaz correu, veloz, para o lado dele. Por alguns segundos o leão ficou paralisado de espanto e, nesses segundos. Jack Clayton, em desespero de causa, fez uma proeza a que se habituara no colégio. Correu direito para a fera, com o cabo da lança para a frente. Akut guinchava de terror e espanto. O leão, esbugalhando, os enormes olhos, quedou-se à espera do ataque, pronto a erguer-se sobre os pés traseiros, para receber aquela ousada criatura com patadas que esmagariam o crânio de um búfalo.

Jack apoiou no chão, bem em frente da fera. o* cabo de sua lança e, firmando nesta, deu um grande pulo. Antes que a fera, atônita, pudesse suspeitar o logro que lhe ia ser pregado, o rapaz passou alto sobre a cabeça dela, indo parar numa forquilha da árvore espinhosa — ferindo-se todo, mas salvo.

Akut nunca assistira a um salto com a vara, por essa razão, vendo-se em segurança, também, na sua árvore pulava de um para outro galho gritando injúrias e bravatas para o encalistrado Numa, enquanto Jack, todo lanhado e a sangrar, procurava, na outra árvore, posição em que menos sofresse com os espinhos. Salvara a própria vida, mas à custa de muita dor. Figurava-se-lhe que o leão nunca se iria dali; decorreu uma longa» hora antes que a fera enraivecida renunciasse a sua expectativa e se afastasse, majestosa, através dá planície. Depois que o viu em boa distância, Jack procurou descer da árvore espinhosa, mas não o conseguiu sem que de novo se rasgassem novos ferimentos em suas carnes já muito martirizadas.

Decorreram muitos dias antes de desaparecer de seu corpo a prova visível da nova lição que aprendera; quanto ao espírito, essa lição em todo o resto de sua vida

não se apagaria do mesmo. Desse dia em diante ele não quis desafiar inutilmente a morte.

Muitos riscos correu Jack, ainda, depois disso, em sua existência — mas sempre tendo em vista atingir algum objetivo de grande interesse. E, desse tempo em diante, exercitou-se com frequência em dar saltos com a vara.

Durante alguns dias o menino e o macaco se detiveram em um ponto da floresta, a esperar que aquele sarasse das dolorosas feridas dos espinhos. O grande antropóide lambia-as; além deste tratamento Jack não teve outro mas logo sarou, pois nas carnes sadias as lesões rapidamente cicatrizam.

Assim que o rapaz se achou com disposição para andar, os dois prosseguiram a viagem para a costa e mais uma vez o espírito de Jack antegozava a ventura de seu regresso à pátria e de conviver com seus iguais.

E afinal ia chegar o tão sonhado momento. Atravessavam um trecho de intrincada floresta quando os olhos vivos do adolescente avistaram no chão, dos baixos ramos por onde jornadeavam, antigas, mas bem visíveis pegadas — pegadas que lhes fizeram o coração pulsar aos trancos, pois eram de homens, de homens brancos. Viam-se ali rastos de pés descalços e entre eles, os decalques bem nítidos de calçados europeus. Esses *rastos*, que indicavam a passagem de numerosas pessoas, dirigiam-se para o norte, fazendo ângulo reto com a direção em que seguiam Jack e o macaco, que demandavam a costa.

Sem dúvida aqueles brancos saberiam onde ficava a povoação mais próxima da beira-mar. Porventura estavam eles próprios a dirigir-se para a mesma. De qualquer modo, valeria a pena ir ter com eles, nem que fosse só pelo prazer de encontrar outra vez homens de sua casta. O rapaz entusiasmou-se com a idéia e ficou ansioso para seguir-lhe as pegadas. Isso aborreceu Akut. Ele não queria saber de homens. Para ele o menino era um macaco por ser filho do rei dos macacos. Tentou dissuadi-lo da idéia, dizendo-lhe que não tardariam a encontrar uma tribo de animais de sua espécie, dos quais quando tivesse mais idade, ele, Jack poderia ser o rei, como já fora seu pai. Mas Jack recalcitou. Disse-lhe que desejava ver de novo homens brancos. Queria dar aos pais notícias suas. Akut ouvia-lhe as explicações e, enquanto isso, a sua intuição de irracional fez-lhe saber a verdade — o pequeno tencionava voltar para perto de seus iguais.

Este pensamento encheu o velho macaco de pesar. Ele amava o filho como também amara o pai, com a submissão e a fidelidade de um cão para com o dono. Em seu cérebro e coração de símio alimentara a esperança de nunca se separarem ele e Jack. Via desvanecer-se os seus mimosos projetos, mas mesmo assim continuava obediente a Jack e a seus desejos. Embora desconsolado, submeteu-se à sua resolução de acompanhar o “safari” dos homens brancos, acreditando ser essa a

última viagem que fizessem juntos.

Quando os dois descobriram os rastos, estes já tinham alguns dias, o que significava que a caravana, que deveria ter seguido lentamente, poderia ser alcançada dentro de poucas horas por seres cujos músculos ágeis e exercitados lhes permitiam jornadas velozmente pelos ramos das árvores, sobre a emaranhada vegetação que no solo embaraçaria os passos dos carregadores que viajavam com os homens brancos.

O antecipado prazer do encontro fazia Jack ir à frente do companheiro, a quem a realização de seu intento só proporcionaria pesar. Por isso foi o adolescente quem primeiro avistou a retaguarda da comitiva e os brancos. Uma dúzia de pretos que, arcando sob as pesadas cargas, por fadiga ou moléstia haviam ficado para trás estavam sendo estimados pelos soldados negros da retaguarda, que os faziam erguer-se aos pontapés, quando caíam, e os empurravam para diante. De cada lado caminhava um alto e espadaúdo branco, de espessas barbas que quase lhe ocultavam as feições. Jack ia bradar uma alegre saudação no momento em que divisou os braços, mas não chegou a fazê-lo. pois quase no mesmo instante viu uma coisa que transformou sua exultação em cólera: os dois chicoteavam as costas nuas dos pobres coitados, que cambaleavam sob as cargas, de peso superior às forças e resistência de qualquer homem, por mais robusto que fosse.

Veza em veza os “askaris” pretos da retaguarda e os dois brancos lançavam para trás olhares receosos como a esperar que aparecesse algum perigo esperado daquela direção. O rapaz parará ao ver a caravana e em seguida pôs-se, lento, a acompanhá-la. observando aquele espetáculo brutal. Certo momento Akut o alcançou. Aquela cena causava menos horror ao macaco do que a Jack; mesmo assim, o grande símio emitia surdos roncões à vista da inútil tortura infligida a infortunados escravos. Ele olhou para o companheiro. Agora que este encontrava criaturas suas iguais, por que não ia correndo ter com elas? Fez esta pergunta a Jack.

— São uns perversos — murmurou o adolescente. — Eu não viajarei com indivíduos desses, pois cairia sobre os mesmos e os mataria na primeira veza em que os visse bater, como agora, em seus carregadores. — E, após breve reflexão, acrescentou: — Poderei, contudo, pedir-lhes que me informem onde fica o porto mais próximo.

O símio não respondeu. Jack pulou ao chão e seguiu em passos rápidos para o lado dos “safari”. Havia caminhado talvez cem metros quando um dos brancos o avistou. O mesmo deu um grito de alarma e, no mesmo instante, levando a carabina ao ombro, atirou em Jack. A bala acertou no solo, aos pés dele, projetando terra e folhas secas nas suas pernas. Momentos após, o outro branco e os pretos da retaguarda atiravam nervosamente contra o rapaz.

Jack saltou, ileso, para trás de uma árvore. Dias de fuga acelerada através da mata haviam excitado os nervos de Carl Jenssen e Sven Malbihn e enchido os naturais, que os acompanhavam, de irreflexivo pavor. Cada som estranho que ouvissem para trás antolhava-se a seu medo como a vinda do Sheik e de seus sanguinários companheiros. Nesse estado de superexcitação, a vista do guerreiro branco a sair silencioso da mata que acabava de atravessar fora o bastante para pôr em ação toda a energia de Malbihn, que vira primeiro que os outros aquela estranha criatura. E o tiro de Malbihn comunicou aos demais seu mesmo estado de espírito.

Cessado o repentino alarma, quiseram ter acordo de qual fosse o inimigo que haviam alvejado com seus tiros e só então verificou-se que fora apenas Malbihn quem o vira distintamente. Alguns dos pretos asseveraram ter enxergado a tal criatura, mas suas descrições da mesma eram tão várias, que Jenssen, que nada tinha visto, se tornara um descrente da realidade do encontro. Um dos pretos afirmou com insistência ser, o tal ente, de quatro metros de altura, tendo corpo de homem e cabeça de elefante. Outro vira três árabes gigantescos, com enormes barbaças pretas; mas quando, acalmados os nervos, os pretos da retaguarda foram revistar a posição do inimigo, para proceder a investigação, nada mais encontraram, pois Akut e o adolescente haviam-se posto fora do alcance de suas hostis carabinas.

Jack ficou desanimado e triste. Nem bem se refizera do efeito desalentador que nele produzira o acolhimento dos pretos, sofria agora outro mais brutal por parte dos homens de sua própria cor.

— Os animais menores fogem aterrados de mim — murmurou — e, os maiores, mal me vêem, querem dilacerar-me; pretos procuraram matar-me com suas lanças e flechas e, agora, os brancos atiraram contra mim, forçando-me a fugir. Todas as criaturas do mundo serão inimigas minhas? Terá o filho de Tarzan outro amigo exceto Akut?

O velho antropóide aproximou-se do adolescente.

— Há os macacos grandes — disse. — Eles serão amigos do amigo de Akut. Só os grandes macacos acolherão bem o filho de Tarzan. Já viu que os homens não querem saber de você. Vamos agora procurar nosso povo — os grandes macacos.

A linguagem dos grandes símios é uma combinação de monossílabos guturais com gestos e sinais. Não pode ser literalmente reproduzida na linguagem humana: mas foi isso aproximadamente, o que Akut disse ao companheiro.

Depois dessas últimas palavras os dois guardaram silêncio. Jack imergiu-se em fundas cogitações, nas quais predominavam pensamentos de ódio e de desforra. Finalmente disse:

— Está bem, Akut; vamos procurar os grandes macacos nossos amigos.

O antropóide rejubilou-se, mas não deu demonstração desse prazer. Sua resposta foi um ronco abafado. Dali a instante pulou sobre um pequeno e descuidado roedor surpreendido a distância fatal de sua toca. Rasgando as carnes do infeliz animal, o macaco deu a maior parte a Jack.

CAPÍTULO VIII

DECORRERA um ano desde a fuga apavorada dos dois suecos do território onde mandava o Sheik. A pequena Myriam brincava ainda com Zika prodigalizando todas as suas ternuras de menina ao seu decadente mostrengo de boneca que, mesmo nos felizes dias em que era nova, não possuía a menor parcela de beleza. Mas, para Myriam, Zika era o que havia de mais lindo e adorável. Ela confiava aos ouvidos da cabeça tosca de marfim todas as suas tristezas, esperanças e ambições, pois mesmo em seu desamparo e sob a terrível autoridade do Sheik, à qual não poderia esquivar-se, a pequena Myriam acalentava suas esperanças e aspirações. Estas eram, sem dúvida, muito nebulosas e consistiam principalmente em fugir dali com Zika para algum recanto desconhecido e afastado em que não houvesse Sheiks nem Mabunus — onde o Adrea não pudesse penetrar e fosse a ela possível brincar o dia inteiro entre flores e pássaros, vendo inofensivos macaquinhos também a brincarem nas frondes das árvores.

O Sheik estivera ausente muito tempo. Fora levar até longe, no norte, uma caravana com marfim, peles e borracha. Nesse interregno Myriam gozava grande sossego.- É certo que Mabunu, a velha e feia bruxa, ainda estava junto dela, para beliscá-la ou bater-lhe em seus acessos de irascibilidade: mas Mabunu era um carrasco só. Em se achando ali o Sheik ficavam sendo dois, e o Sheik era ainda mais forte e bruto do que Mabunu. Myrianzinha muita vez se perguntava porque o feroz velho a odiava tanto. Era verdade que ele igualmente se mostrava cruel e injusto com todos que se lhe aproximavam; mas para Myriam reservava suas mais requintadas maldades e suas injustiças mais bradantes.

Nesse dia Myriam achava-se de cócoras ao pé da estacada, debaixo de uma grande árvore que passava os ramos por cima da forte cerca. Construía ali um ranchinho de palha para Zika. Em frente o rancho viam-se pedacinhos de pau, folhinhas miúdas e pequenos seixos. Eram o vasilhame da casinha. Pronta esta, Zika foi fazer o jantar, enquanto sua mãezinha, sentada sobre alguns paus à guisa de cadeira, tagarelava sem parar com ela. Estava totalmente absorvida pela faina doméstica de Zika — tão absorvida que não notou um leve farfalho nos ramos, em cima de sua cabeça, quando aqueles se curvaram ao peso de urna criatura saída da floresta e que fora, sutilmente parar naquele lugar.

Em seu feliz embevecimento a menina continuava a brincar, enquanto, da coma da árvore, dois olhos se cravaram fixamente nela. Além de Myriam, nenhuma outra pessoa se achava naquela parte da aldeia, que ficava ali quase deserta desde que o Sheik, havia meses, empreendera sua viagem para o norte.

Naquele momento conduzindo de retorno sua caravana, o Sheik já estava na mata próxima, a uma hora de jornada de sua aldeia.

Volvera-se um ano desde que os homens brancos fizeram fogo contra Jack, forçando-o a tornar para a mata e seguir em busca dos únicos seres restantes de que poderia fruir a companhia e que eram *os* grandes antropóides. Meses a fio ele e Akut viajaram para o oriente, internando-se cada vez mais na mataria brava. Esse ano fora-lhe de grande proveito, pois transformara em cabos de aço seus já possantes músculos, desenvolvera-lhe os instintos de habitante das selvas a um próximo que pareceria impossível, aperfeiçoara-lhe a habilidade de precipitar-se de árvore em árvore e tornara-o destro no uso de suas armas tanto naturais como artificiais.

Ele tornara-se por fim uma criatura de força física e sagacidade verdadeiramente assombrosas. Era ainda um adolescente, mas de tais músculos que o possante antropóide, nas lutas corpo a corpo que simulavam, já não podia com ele. Akut ensinara-o a lutar ao jeito dos macacos; não havia mestre melhor do que ele, nem discípulo mais apto a aproveitar suas lições.

Enquanto os dois seguiam à procura do bando da quase extinta espécie de grandes símios à qual pertencia Akut, alimentavam-se com o que melhor lhes podia proporcionar a selva. Antílopes e zebras caíam trespassadas pela lança de Jack ou eram subjugadas pelos dois poderosos aliados, que caíam sobre elas de algum ramo próximo ou saltavam de alguma touça ao lado do carreiro do bebedouro ou do vau.

A pele de um leopardo recobria a nudez do rapaz; mas o ato de usá-la não era inspirado pelas injunções do recato. Com o chuveiro de balas de carabinas que, despedidas pelos brancos, esfuziaram ao seu redor, ele revertera à selvageria animal que existe latente em cada um de nós, mas que estavam mais fortes em Jack, pela razão de seu pai ter crescido como animal feroz. Usara, a princípio, uma pele de leopardo, pelo desejo de alardear uma sua proeza, pois o abatera com a faca em luta corpo a corpo. Viu que a pele era bonita e isto lhe agradava a seus instintos primitivos que o levaram a apreciar os efeitos, e quando a mesma endureceu e pôs-se a apodrecer, por Jack não a saber curtir, foi com pesar que a jogou fora. Sucedendo, mais tarde, ele avistar um guerreiro negro isolado que usava uma pele igual, macia e bela pela adequada manipulação a que foi sujeita, bastou-lhe um pulo para cair sobre o descuidado possuidor e enterrar-lhe no coração a lâmina da faca e apossar-se da pele que de direito lhe pertencia agora.

Ele não teve rebates de consciência. Nas grandes selvas o direito é a força — e não requer grande trabalho o embutir-se este preceito na mente de um seu morador, fosse qual fosse a sua educação primitiva. Que aquele preto o mataria se o apanhasse, era cousa que o rapaz perfeitamente conhecia. Tão pouco sagrada eram a vida dele e do preto, como as do leão, do búfalo, da zebra, do veado, ou de qualquer

outra das duas inúmeras espécies que andam, rastejam ou voam ou nadam em meio do intrincado labirinto das florestas. Cada qual tinha uma só vida que era desejada por muitos. Quanto maior número de inimigos se mata maiores são as probabilidades de prolongar aquela vida. Por isso o rapaz sorriu, apropriou-se do belo ornato do vencido e prosseguiu seu caminho com Akut, a procurar continuamente, os antropóides misteriosos que de braços abertos os receberiam. E finalmente os encontraram. Num recesso da mata virgem, longe das vistas humanas, descobriram uma pequena arena natural como aquela em que, havia muitos anos, o pai de Jack testemunhara o rito selvagem do Dum-Dum.

A princípio eles ouviram, a grande distância, o bater do tambor dos grandes macacos. Estavam os dois a dormir com segurança na copa de uma árvore imensa, quando os retumbos afastados lhes feriram os ouvidos. Ambos no mesmo instante despertaram. Akut foi o primeiro a compreender o estranho rufar distante.

São os grandes macacos! — guinchou. — Estão a dançar o Dum-Dum. Vamos, Korak, filho de Tarzan, reunir-nos ao nosso povo.

Havia já meses que Akut chamava o rapaz por este nome, escolhido por ele próprio, porque não conseguia pronunciar a palavra Jack. Na linguagem humana, essa é aproximadamente a pronúncia do vocábulo referido, que na dos símios significava Matador. A essas palavras o Matador ergueu-se no ramo da árvore onde estivera dormindo estirado de costas. Ele distendeu, espreguiçando, os músculos. Filtrando-se através da folhagem, a claridade do luar mosqueava-lhe a pele de pintas luminosas. O macaco também se levantara, mas meio curvo, ao modo dos seres da sua espécie. Surdos regougos saíram-lhe do fundo do peito — regougos de entusiasmo, de prazer antecipado. Jack roncou imitando Akut. Em seguida o antropóide escorregou suavemente até o chão. Perto dali, na direção do lugar donde atravessar. O luar banhava-o com sua alva claridade. Semi-erecto, o grande símio entrou na zona iluminada. A seu lado, caminhando elegantemente, em contraste com o desajeitado companheiro, seguia Korak e tão juntos, que a pelagem preta do primeiro roçava a pele clara e lisa do adolescente. Este trauteava então, em surdina, uma ária do teatro muito em voga no colégio onde estudara e onde jamais o tornaria a ver. Sentia venturosa impressão de expectativa. Ia soar enfim o momento pelo qual êie ansiava desde tanto tempo. Parecia-lhe que ia afinal para o meio dos seus, para o seu lar. Enquanto para ele os meses se arrastavam ou voavam, tardos ou velozes, conforme predominasse menor ou maior número de aventuras, as lembranças de seu verdadeiro lar, embora freqüente lhe acudissem, se tornavam cada vez menos vivas. Seu antigo viver mais lhe parecia um sonho do que a realidade; e tão distante, se lhe figurava, no futuro, a realização de seu desejo de atingir a costa para regressar a Londres, que essa realização lhe era agora pouco mais do que um sonho inatingível.

As memórias de Londres e da vida civilizada recuaram para plano tão remoto em seu espírito, que o mesmo seria não existirem. Excetuados sua forma humana e seu desenvolvimento mental, era agora tão macaco como o enorme e feroz animal que seguia a seu lado.

Na exuberância de sua exultação ele dava fortes palmadas em um dos lados da cabeça de Akut. Meio zangado e meio a brincar o antropóide voltou-se contra ele com os brilhantes colmilhos à mostra. Seus longos e peludos braços o agarraram e, como já o havia feito antes mil vezes, os dois travaram luta simulada, rolando no mato rasteiro, batendo, roncando e mordendo, embora não chegassem os dentes a fazer mais do que ferrarem fortes beliscões na carne. Para ambos era utilíssimo exercício. Jack empregava na luta certos truques que aprendera no colégio, muitos dos quais ensinara a Akut. E com o símio o adolescente aprendeu os métodos transmitidos a Akut pelos antepassados comuns deles ambos, antepassados que vagueavam na terra recém-nata quando as árvores eram fetos e os crocodilos eram aves.



Tão impetuosa foi a investida do homem-macaco, que conseguiu ferrar-lhe os dentes antes que o antropóide pudesse evitá-lo. . .

Mas Jack possuía uma habilidade na qual Akut não se lhe podia emparelhar, no jogo do soco. Akut sempre ficava surpreso quando se imobilizava a contragosto em meio a uma investida, recebendo súbita punhada na ponta do focinho ou uma dolorosa pancada na zona das falsas costelas. Isto também o enraivecia e às vezes avançava disposto a morder deveras com suas potentes mandíbulas, pois não passava de um macaco, com impulsividade e os instintos violentos de um macaco; mas o difícil era apanhar seu agressor enquanto durava o acesso de fúria pois quando perdia a cabeça e investia cegamente para Jack, sempre sucedia que a saraivada de socos, desfechada contra ele, atingia infalivelmente o alvo e o forçava, infalível e dolorosamente, a parar. Então recuava de dentuças à mostra a rugir ameaças, e ficava embezerrado por espaço aproximado de uma hora.

Naquela noite não houve jogo de soco. Lutaram corpo a corpo alguns momentos, até que o cheiro de Sheeta, a pantera, os fizesse erguer-se alerta e cautos. O grande felino apareceu na mata em frente deles. Durante um momento estacou, atento. Jack e o macaco urraram um coro de ameaças e a fera afastou-se.

Então os dois prosseguiram a caminhada em direção ao Dum-Dum. Soava cada vez mais alto o rufar de tambor. Já ouviram, afinal os guinchos dos macacos a dançar e suas narinas farejaram o forte odor dos seres da espécie de Akut. Korak fremia de júbilo. Ouriçaram-se os pêlos ao longo da espinha de Akut, pois com frequência são idênticas as manifestações da ventura e da cólera.

Mansamente rastejaram na mata ao avizinhar-se do ponto de reunião dos símios, evitando o alarma das sentinelas. Súbito, por uma abertura na folhagem, os olhos ansiosos do rapaz presenciaram a cena. Esta já era familiar para Akut, mas, para Korak, totalmente nova. Seus nervos vibraram ao contemplar a cena selvagem. Os grandes antropóides dançavam, aos pulos, à luz do luar, descrevendo círculos irregulares em volta do tambor chato, de terra batida, em cujo topo sonoro três macacas velhas, sentadas no chão, davam pancadas com paus já gastos pelos muitos anos de uso.

Conhecedor do temperamento e dos hábitos de seus iguais, Akut achou mais sensato ocultarem sua presença enquanto o furor da dança não cessasse. Depois que o tambor emudecesse e as barrigas dos membros da tribo estivessem bem cheias seria a ocasião de abordá-los. Cumpriria parlamentar primeiro e, após, ele e Korak seriam também aceitos como membros da comunidade. Poderiam alguns opor-se, mas esses seriam convencidos pela força bruta, no que ele e Korak lhes levariam vantagem durante semanas, porventura, meses; a presença de ambos moveria suspeitas aos macacos da tribo, mas a desconfiança diminuiria e, por fim, seriam todos como verdadeiros irmãos.

Esperava Akut que existissem entre eles alguns que houvessem conhecido Tarzan, o que facilitaria a admissão de Korak e a realização do maior desejo de seu companheiro, que era vê-lo promovido a rei dos macacos. Foi, todavia, com dificuldade que Akut evitou que o rapaz se apresentasse de surpresa em meio à dança dos antropóides — ato esse que significaria a morte de ambos, pois durante a realização do estranho rito tornam-se os macacos possuídos de tal furor, que até os mais ferozes carnívoros os deixam em paz nessas ocasiões.

À proporção que a lua desaparecia atrás das frondes que limitavam o horizonte daquele anfiteatro, afrouxaram o tan-tan do tambor e os movimentos dos dançadores; soou, afinal, a derradeira pancada e então os gigantescos símios se precipitaram para o banquete que os esperava após seu cerimonial sagrado.

Pelo que tinha visto e ouvido, pôde Akut explicar a Korak que aquelas danças

litúrgicas foram motivadas pela escolha de um novo rei. Assim dizendo, apontou-lhe a figura corpulenta do peludo monarca que subira ao trono, provavelmente, do modo como também obtiveram a coroa muitos soberanos humanos — com o assassinio de seu antecessor.

Depois que os macacos encheram o bandulho e foram, muitos deles, se encolherem para dormir juntos aos troncos de árvores, Akut puxou o braço de Korak.

— Venha — sussurrou. — Devagarinho. Acompanha-me, Faça o que Akut fizer.

Em seguida ele se adiantou por entre as ramas, até achar-se empoleirado num galho que se estendia sobre um lado da arena. Ali conservou-se quieto alguns momentos. Em seguida emitiu um surdo ronco. No mesmo instante alguns vinte macacos puseram-se de pé. Seus pequeninos olhos ferozes relancearam em redor da clareira. O novo rei foi o primeiro a ver os dois vultos naquele ramo. Ele emitiu um guincho ameaçador. Após, deu alguns lentos passos em direção aos intrusos. Tinha os pêlos arrepiados e caminhava a gingar. Atrás dele agruparam-se muitos antropóides.

Ele parou a pequena distância do galho — na distância suficiente para conservar-se salvo de pulo dos dois intrusos. Cauteloso rei! Ali estava ele a bambolear-se sobre as curtas pernas, arreganhando os dentes em sinistras ameaças, enquanto soavam seus surdos roncões que aos poucos se iam avolumando em urros. Akut percebeu que o rei procurava excitar-se para atingir o paroxismo da raiva e, então, precipitar-se sobre eles dois. O velho antropóide não queria brigas. Se estava ali com o companheiro era para fazer parte da tribo.

— Eu sou Akut — disse — e este é Korak. Korak é filho de Tarzan, que foi o rei dos macacos que vivem cercados pelas grandes águas. Viemos até aqui para caçar com vocês e combater a seu lado. Nós dois somos grandes caçadores. E somos possantes combatentes. Deixem-nos chegar em paz.

O rei parou com seus bamboleios. Fixou os dois por sob as cerdosas sobranceiras. Seu reinado datava de pouco e ele era muito cioso de sua soberania. Receou complicações com os dois macacos estranhos. O corpo moreno, esbelto e sem pêlos do adolescente significava para ele, homem.

— Vão-se daqui! — guinchou. — Vão-se, do contrário eu os matarei.

Atrás do grande Akut, seu impulsivo companheiro estivera com o coração a pulsar de prazer antecipado pela camaradagem dos grandes símios. Seu desejo era pular no meio daqueles monstros peludos e demonstrar-lhes que era seu amigo e também um dos seus. Esperava que o recebessem com os braços abertos, por isso as palavras do rei o encheram de indignação e pesar. Os pretos haviam-no atacado,

expulsando-o da aldeia. Voltara-se para os brancos — pessoas de sua própria raça — e ouvira detonações de tiros em vez de palavras de cordial acolhida. Os grandes macacos eram sua última esperança. Procurava ter entre eles o acolhimento que lhe negaram os homens. E com esta desilusão se sentiu possuído de repentina raiva.

O rei dos macacos estava quase embaixo dele. Os outros formavam um semicírculo a alguns metros de distância, atrás do rei. Observavam, interessados, o desenrolar dos acontecimentos. Antes que Akut lhe houvesse adivinhado a intenção ou tivesse podido segurá-lo, Korak pulou no chão e seguiu para o lado do rei, que conseguira, afinal, ser bem sucedido em seus esforços para enfurecer-se.

— Eu sou Korak! — bradou o adolescente. — Sou o Matador. Vim para viver como amigo entre vocês. E vocês me estão expulsando. Pois bem, ir-me-ei embora, mas antes quero mostrar que o filho de Tarzan é o seu chefe, assim como antes dele, Tarzan — e que não tem medo de seu rei. nem de vocês todos.

Por um instante o rei dos monos ficou estarrecido de surpresa. Não esperava tão temerária ação da parte de qualquer dos dois intrusos. Akut sentiu-se igualmente atônito. E pôs-se a gritar, aflito, para Korak, que voltasse, pois sabia que na arena sagrada era provável que outros símios acudissem em socorro do rei — caso precisasse este de socorro. Se suas potentes maxilas se fechassem no pescoço tenro de Korak, tudo estaria acabado. Se Akut saltasse, isto significaria igualmente a sua própria morte. Mas o velho antropóide não hesitou um momento. Guinchando enraivecido saltou no chão, no momento da investida do rei.

O gigantesco animal pulou de mãos crispadas para agarrá-lo e de boca aberta para enterrar as presas amarelas nas suas carnes. Korak também se precipitou ao seu encontro, mas agachou-se sob os braços que o procuravam aferrar e deu tremendo soco no estômago do adversário. Com um guincho entrecortado o rei dos macacos ficou aturdido, buscando, ao cair com as mãos convulsas, ágil criatura nua que facilmente lhe esquivara, saltando para um lado.

Urros de raiva e consternação partiam das gargantas dos macacos, atrás do corpo do seu rei. E com desejos de matança em seus pequenos corações de feras, avançaram contra Korak e Akut; mas o velho símio não teria a imprudência de aventurar-se a uma peleja tão desigual. Inútil seria aconselhar o companheiro a fugir e Akut bem o sabia. Deterem-se alguns segundos a discutir, seria atrair sobre ambos a morte inevitável. Restava uma só esperança e Akut apegou-se a ela. Aferrando Korak pela cintura, ergueu-o do chão e, voltando-se, correu rapidamente para outra árvore de ramos pendentes, sobre o anfiteatro. Encalçava-o de perto o horrível bando; mas Akut, embora velho e carregando grande peso, era ainda mais lépido que seus perseguidores.

De um salto atingiu um galho baixo e com a agilidade de um sagüi, marinhou por

ele acima, ficando os dois em temporária segurança. Em seguida, sem hesitar, passando de galho em galho, mergulhou com sua carga na escuridão da floresta. Por algum tempo os macacos os seguiram; mas, a distância a aumentar entre os mais velozes e os mais tardos esparcelava o bando, que resolveu, por fim, cessar a perseguição. Longo tempo ficaram ainda a soltar urros e guinchos, que ecoavam nas entranhas da selva, em seguida tornaram ao anfiteatro.

Quando Akut se certificou de não serem mais perseguidos parou e soltou Korak. O rapaz estava furioso.

— Por que me tirou de lá? — bradou. — Eu queria ensiná-los a todos! Agora vão pensar que tive medo.

— O que quer que eles pensem não prejudicará você — sentenciou Akut. — Você está vivo. Se eu não o houvesse carregado, neste momento já nos acharíamos mortos. Não sabe que até o próprio Numa passa de largo quando os macacos são muitos e estão enfurecidos?

CAPÍTULO IX

KORAK sentia-se infeliz quando vagueava a esmo na mata, no dia seguinte ao do pouco hospitaleiro acolhimento por parte dos grandes macacos. Sentia imensa desilusão. Estuava-lhe no íntimo um insaciado desejo de vingança. Lançava olhar odiento sobre os habitantes da floresta, e arreganhava dentes agressivos e roncava para os que incidissem dentro do raio do alcance de seus sentidos. Existiam, em seu íntimo, fortes vestígios da passada existência de seu pai, aumentados ainda pelos meses de seu viver entre animais predatórios, de quem, com o espírito de imitação da adolescência, assimilara um sem-número de pequenos hábitos e atitudes.

Mostrava agora os dentes naturalmente, à menor provocação, assim como o fazia Sheeta, a pantera. Roncava com a mesma ferocidade de Akut. Ao atirar-se de chofre sobre qualquer animal, seu dorso assumia estranha semelhança com o de um felino. Korak, o Matador, estava procurando briga. No imo de seu peito havia desejo de encontrar-se com o macaco-rei, de quem o haviam arredado na arena do sacro Dum-Dum. Com este intuito, insistia em demorar nas circunvizinhas da mesma; as eternas exigências porém, da busca de alimentação faziam-no durante o dia afastar-se muitos quilômetros dali.

Eles seguiam lentos na direção do vento, mas com grande cautela, devido à vantagem que dariam às feras que por acaso estivessem a caçar à sua frente, pois a viração levaria até as mesmas o cheiro de Jack e de seu companheiro. Súbito os dois pararam ao mesmo tempo. Suas caras volveram-se para o mesmo lado. E ficaram imóveis, a escutar, como seres esculpidos em sólido granito. Nem um músculo se lhes movia. Conservaram-se assim alguns segundos; depois, Korak adiantou-se cauto, alguns metros, galgando facilmente o galho de uma árvore. Akut acompanhou-o de perto. Nenhum dos dois fez qualquer bulha perceptível a ouvidos humanos que estivessem a uma dúzia de passos dali.

Parando a miúdo para prestar ouvidos, continuaram de manso a avançar, de árvore em árvore. Que ambos pareciam fortemente intrigados, era cousa que transparecia dos freqüentes olhares que a espaços se trocavam. Por fim Korak avistou uma estacada a uma centena de metros, além da qual se divisavam as cobertas de algumas cabanas de couro de cabra e de alguns ranchos de capim. Seus lábios tiveram um franzir feroz. Pretos! Quanto os odiava! Fez sinal a Akut para se conservar onde estava, enquanto ele ia proceder a uma exploração.

Teria pouca sorte o habitante da aldeia com quem sucedesse o Matador encontrar-se. Deslizando sorrasteiro pelos galhos mais baixos, pulando de uma árvore gigante para outra vizinha, quando a distância não era muito grande, Korak avizinhou-se

despercebidamente da aldeia. Ouvindo o som de uma voz do outro lado do cercado, seguiu no rumo da mesma. Naquele ponto estendiam-se sobre a estacada os ramos de uma grande árvore. Korak passou a mesma. Tinha já a lança preparada para o golpe. Seus ouvidos preveniram-no da proximidade de um ser humano. Bastar-lhe-ia um rápido lance d'olhos no seu alvo; e, em seguida, rápida como o relâmpago, a lança voaria a se cravar no mesmo. Com ela erguida ele rastejava sobre os ramos, a escutar o solo, embaixo para descobrir a pessoa que ali falava.

Afinal viu pelas costas um ente humano. Sopesou a lança na posição em que lhe pudesse dar mais força para a ponta de ferro trespassar o corpo da vítima inconsciente. Então o Matador se deteve. Inclinou-se um pouco para a frente, a fim de melhor ver seu alvo. Seria para tornar mais certo o arremesso, ou porque as graciosas linhas infantis do corpo que estava olhando sofreram o ímpeto homicida?

Ele baixou cautamente a lança, para não fazer ruído roçando na folhagem ou nos ramos. Agachou-se em posição cômoda sobre um grande galho e deixou-se ficar a contemplar, maravilhado, o serzinho que pretendia matar. Era uma menina, de tez morena acastanhada. Desaparecera dos lábios dele a cristação feroz. Sua única expressão era de grande curiosidade — tentava descobrir o que a menina fazia. Súbito sorriu, pois havendo-se ela voltado um pouco de lado, deixou-lhe ver sua Zika de cabeça de marfim e corpo de pele de rato — a Zika de pernas de pau e de pavoroso aspecto. A menina aproximou seu rosto da boneca e, acalentando-a, entoou melancólica cantilena árabe para fazer dormir.

Ameigou-se a expressão do olhar do Matador. Durante toda uma hora, que lhe pareceu passar depressa, ficou de olhar acorrentado naquela cena de menina a brincar. Ainda não pudera ver bem o rosto dela. Enxergava-lhe os cabelos pretos ondedados, um ombrinho moreno desnudado pelo escorregar da camisola para um lado e um joelho bem feito a acusar-se sob o pano da mesma, na posição em que se colocara — sentada de pernas cruzadas no chão. Uma leve inclinação de cabeça, quando ela ralhava maternalmente com sua Zika, fazia ver, a espaços, a curva de uma face e do gracioso queixo. Naquele momento estava a brandir o dedinho para Zika, passando-lhe outro “pito”; em seguida aconchegou ao peito o único ser a quem podia prodigalizar os imensos tesouros de sua afeição infantil.

Esquecido de seus intuitos sanguinários, Korak quase deixou a lança cair da mão, e isto o fez retornar a si. Lembrou-se da intenção vingativa que o levara a procurar a pessoa cuja voz ouvira. E deu um olhar à sua lança de cruel ponta farpada. Após, volveu novamente o olhar para o frágil ente que enxergava embaixo do galho onde se achava. E mentalmente figurou-se a atirar nele sua pesada arma. Viu esta, em imaginação, varar o tenro corpinho da menina. A hedionda boneca lhe caíra ao lado do corpo a estrebuchar. O Matador estremeceu de horror, encarando

reprovadamente o ferro e a madeira inanimada da lança, como se fossem um ser vivo de espírito dotado de perversidade.

Korak perguntou-se que faria a menina, se ele de repente se deixasse cair da árvore, ao seu lado. O mais provável era que gritasse de susto e fugisse correndo. Então sairiam a atacá-lo os homens da aldeia com suas lanças e carabinas. Matá-lo-iam, ou então o forçariam a fugir. O adolescente sentiu um nó na garganta. Ele ansiava pela companhia de seres de sua própria espécie, embora não tivesse acordo da latitude desse sentimento. Seu desejo era descer da árvore, sentar-se ao lado da menina e conversar com esta, embora notasse pelas palavras que ela proferia, que falava uma língua que lhe era desconhecida. Poderiam conversar um pouco por meio de sinais. Antes disso do que nada. Também sentiria prazer vendo o rosto dela. Pelo que entrevira, deveria ser bonito; seu mais forte atrativo, porém, era a meigilice do gênio revelado ao brincar de mãezinha com a grotesca boneca.

Optou, por fim, por um plano. Postando-se a maior distância, procuraria atrair-lhe a atenção, e então a cumprimentaria a sorrir, para tranquilizá-la. E, em seu galho, começou a afastar-se sem fazer rumor, aproximando-se do tronco da árvore. Era sua intenção chamá-la do outro lado da estacada, para ela ter a impressão de achar-se garantida por esta.

Todavia, nem bem saíra de seu ponto de observação, teve a atenção voltada para grande rebuliço no outro lado da aldeia. Mudando um pouco de lugar, ele avistou-lhe, ao longe, a entrada, ao fim da rua principal. Muitos homens, mulheres e crianças corriam para aquele ponto. Aberto o portão, Jack avistou além do mesmo, a chegar, uma caravana de que faziam parte escravos pretos, árabes de tez re-queimada dos desertos do norte; alguns homens praguejavam a tocar os camelos com suas pesadas cargas, burros, que transportavam pesos desproporcionados às suas forças, abanavam tristemente as orelhas, enquanto sofriam estóicos as brutalidades de seus condutores; viam-se ainda cabras, carneiros e cavalos. Entraram na aldeia precedidos por um homem alto, velho e carrancudo que seguia no seu carro sem cumprimentar aos que lhe davam passagem, dirigindo-se à grande cabana de couro de cabra do centro da aldeia. Nesse lugar ele dirigiu a palavra a uma megera de rosto enrugado.

De seu posto, que era favoravelmente situado, Korak pôde observar tudo isso. Ele avistou o velho a fazer perguntas a essa preta e, depois, percebeu que esta apontava um recanto escuso da aldeia, que as cabanas dos árabes e as choças dos naturais não deixavam enxergar a rua principal, para o lado da árvore sobre a qual a menina estava a brincar. Sem dúvida é o pai dela, pensou Korak. Ausentara-se algum tempo e agora, ao voltar, seu primeiro pensamento era dedicado à filhinha. Que alegria teria ela, vendo-o! Ia decerto correr e atirar-se-lhe nos braços e ele a estreitaria fortemente

e lhe cobriria o rosto de beijos. Korak suspirou. É que pensara em seus pais, muito longe dali, na cidade de Londres.

Tornou ao seu galho em cima do lugar em que estava a menina. Já que não podia gozar ventura igual, deveria contentar-se em contemplar a ventura alheia. Dando-se a conhecer ao velho, talvez lhe fosse permitido visitar às vezes a aldeia como amigo. Valia a pena experimentar. Esperaria o velho abraçar a filha e em seguida tornaria conhecida sua presença e manifestaria suas intenções pacíficas.

O árabe dirigia-se lentamente a pé para o lugar onde estava a menina. Daí a instantes achar-se-ia ao lado dela e que surpresa e satisfação teria a mesma! Os olhos de Korak fulguravam antegozando a contemplação dessa cena. O velho já se encontrava bem atrás da menina. Sua fisionomia velha e severa ainda não se expandira em um sorriso. A pequena ainda não havia dado pela sua presença. Ela tagarelava com sua Zika, que não se dignava de responder-lhe. Então o velho tossiu. Com um sobressalto, a menina olhou rápido, para trás. Korak, afinal, pôde ver-lhe bem as feições, muito belas, com suaves curvas infantis e expressão de meiguice e inocência. Viu-lhe os olhos grandes e negros. Procurou ver fulgir neles a ventura quando reconhecesse o pai: mas tal não sucedeu. Em vez disso espelhava terror profundo e inibidor; e toda ela manifestava o mesmo sentimento: a expressão da boca e a atitude de expectativa e de retraimento. Um sorriso sardônico encurvou os beijos finos e cruéis do árabe. A menina procurou fugir de rastos, mas, antes de ver-se fora de seu alcance o velho deu-lhe um pontapé brutal que a fez cair de bruços no relvado. Ele então adiantou-se para agarrá-la e bater-lhe, segundo seu costume.

Acima dos dois, num galho da árvore, estava um animal de bote armado no lugar onde estivera um adolescente... animal de ventas dilatadas, dentes à mostra e trêmulo de raiva.

No momento em que o Sheik se inclinava para agarrar a menina, o Matador caiu de pé a seu lado. Tinha a lança na *mão* esquerda, mas, esquecendo-se da mesma, cerrou o punho direito.

O Sheik recuou um passo, assombrado com aquela estranha aparição que parecia haver-se materializado no ar líquido e, nesse momento, pesado punho bateu-lhe em cheio na boca, reforçado por todo o peso do corpo do jovem gigante e pela terrível força de seus músculos sobre-humanos. Com a boca ensangüentada, o Sheik caiu por terra sem sentidos. Korak volveu-se para a menina. Ela se pusera de pé e mostrava-se então de olhos arregalados e amedrontados fitos nele, olhos que em seguida volveram cheios de horror para o corpo do Sheik, estendido no solo.

Num instintivo gesto de proteção, o Matador cingiu com um braço os ombros de Myriam e quedou-se à espera de que o árabe recobrasse os sentidos. Durante segundos assim ficaram; após, a menina disse na língua árabe:

— Quando ele voltar a si me matará!

Korak não a compreendeu. Abanou a cabeça falando-lhe, primeiro em inglês e, depois, na língua dos grandes macacos; mas suas frases nesses idiomas eram ininteligíveis para ela. Myriam curvou-se e pôs a mão no cabo da comprida faca do árabe; depois ergueu a mão crispada acima da cabeça e fez o gesto de cravar uma lâmina imaginária no seu próprio coração.

Korak compreendeu. O velho a mataria. A menina tornou a postar-se, toda trêmula, a seu lado. Não sentia medo dele. Por que razão o sentiria? O desconhecido havia evitado que ela recebesse terríveis pancadas da mão do Sheik. Em sua memória não havia a lembrança de pessoa alguma que lhe houvesse demonstrado a mesma bondade. Ele tinha um belo rosto, da mesma cor bronzeada do seu. Myriam admirou-lhe a pele pintada de leopardo que lhe cobria o corpo garboso, de um dos ombros até os joelhos. Invejou as argolas de metal que lhe enfeitavam os tornozelos e os braços. Sempre ela desejara possuir objetos como esse, mas o Sheik não consentia que usasse outra coisa além da camisola de algodão que mal servia para recobrir-lhe a nudez. Peles, sedas ou jóias, nada disto era destinado para a pequenina Myriam.

Korak olhou a menina. Ele sempre sentira por meninas certo desprezo. Os pequenos que se encolhiam com elas eram, ao seu ver, uns afeminados. Ele estava a perguntar-se o que deveria fazer. Poderia deixá-la naquele lugar, para ser maltratada e talvez morta pelo odioso velho árabe? Naturalmente não! Mas, por outro lado, poderia levá-la consigo para a mata? Que poderia fazer sobrecarregado com o peso de uma fraca e medrosa? Ela gritaria à vista da própria sombra quando o luar se infiltrasse na mata sombria e ouvisse os ruídos e uivos das grandes feras errantes no bojo da escuridão.

Concentrou-se a refletir alguns minutos. A menina olhava-lhe o rosto, perguntando-se o que estaria ele a pensar. Ela, também, refletia sobre o futuro; receava ficar e ser alvo da vingança do Sheik. Não havia pessoa alguma no mundo a quem pudesse recorrer, a não ser aquele desconhecido seminu que caíra milagrosamente das nuvens para salvá-la de um dos habituais espancamentos do brutal árabe. Iria seu novo amigo abandoná-la agora? Melancolicamente observava o rosto pensativo dele. Aproximou-se mais um pouco do mesmo, tocou-lhe o braço com a mão pequenina e morena. Este contacto despertou o rapaz de suas cogitações. Fitou-a e, em seguida, tingiu-lhe os ombros mais uma vez com o braço, pois vira lágrimas brilhar-lhe nos cílios.

— Venha — disse. — A floresta é melhor do que o homem. Você viverá na floresta e terá Korak e Akut como protetores.

Ela não lhe compreendeu as palavras, mas era bem compreensível a pressão de

seu braço afastando-a do árabe inanimado e das habitações da aldeia. Um pequenino braço enlaçou a cintura dele e juntos se encaminharam para a cerca. Embaixo da grande árvore onde Korak se ocultara enquanto espreitava a menina a brincar, ele ergueu-a em seus braços e, colocando-a delicadamente sobre o ombro, galgou lèpidamente os ramos mais baixos. Os braços dela cingiam-lhe o pescoço e de uma de suas mãozinhas balançava-se Zika a um lado das costas de Korak.

E foi desse modo que Myriam entrou na mata com Korak, confiando, em sua inocência infantil, no desconhecido que a protegera e talvez sendo inclinada a crer nele pela estranha intuição de que as mulheres são dotadas.

Ela ignorava, o que lhe reservava o futuro. Não conhecia e nem podia adivinhar a existência que seu protetor levava. Porventura imaginava que ia morar nalguma aldeia distante, semelhante à do Sheik, onde haveria outros homens brancos, como o desconhecido. Nunca lhe ocorreria que ia viver a vida primitiva e selvagem de um animal das brenhas. Se tal sucedesse, era provável que seu coraçãozinho palpitasse de medo. Com freqüência desejara fugir, para forrar-se ao tratamento cruel do Sheik e de Mabunu, mas os perigos das selvas sempre a haviam feito desistir de seu intento.

Achavam-se os dois ainda a pequena distância da aldeia quando ela avistou o colossal Akut. Com um grito abafado aferrou-se mais a Korak, indicando, amedrontada, o macaco.

Pensando Akut que o Matador voltava com um prisioneiro ao ombro avançou guinchando para o lado dele. Uma menina não despertava mais piedade no coração da fera, do que o faria um grande mono inimigo. Ela era uma estranha e, por isso, deveria ser morta. Arreganhou, ao aproximar-se, as presas amarelas, mas, com grande surpresa sua, o Matador fez o mesmo, a roncar, mas foi para o lado de Akut.

— Oh! — matutou Akut — o Matador arranjou uma companheira. E, por essa causa, obedecendo às leis da tribo, deixou-os sós, e absorveu-se a saborear umas larvas de aspecto grandemente apetitoso. Comidas as larvas, ele espreitou Korak com o rabo do olho. O rapaz havia depositado sua carga sobre um galho grosso, ao qual, desesperada, a menina se agarrava para não cair ao chão.

— Ela vai conosco — disse Korak a Akut, apontando a menina com o polegar. — Não lhe faça mal. Nós a protegeremos.

Akut encolheu os ombros. Ficarem sobrecarregados com um filhote de homem não era cousa que lhes agradasse. Pelo evidente medo, que ela mostrava, de cair do galho, e pelos olhares aterrados que lançava em sua direção, Akut percebia que não era feita para aquela vida. E, pela ética aprendida e herdada por Akut, os não feitos para aquela vida deveriam ser eliminados; mas se o matador quisesse que ela *oi*

acompanhasse, não lhe restava outro recurso a não ser tolerá-la. Akut, é certo, não lhe desejava a companhia — isto era fato positivo. A pele da menina era muito lisa e sem pêlos. Exatamente como a de uma cobra. E tinha um rosto feio. Que diferença do de certa criatura adorável que ele particularmente notara no anfiteatro da clareira, entre os macacos, na noite antecedente! Aquilo, sim, se poderia dizer verdadeira beleza feminina! — uma boca enorme, lindos dentes amarelos e com o mais sedoso par de suíças a enfeitar-lhe o rosto. Akut suspirou. Em' seguida levantou-se, empinou o largo peito e pôs-se, entusiasmado, a fazer evoluções sobre um galho, pois mesmo uma criatura insignificante como a companheira de Korak precisava admirar o belo pêlo e o garboso porte dele, Akut.

Mas a vista dessas evoluções apenas fazia a pobre Myrianzinha chegar-se mais a Korak e quase lhe incutia o desejo de regressar para a aldeia do Sheik, onde os terrores de sua vida eram de origem humana, estando, por isso, mais ou menos acostumada a eles. O hediondo macaco apavorava-a. Era tão grande e de tão feroz aspecto! Apenas podia interpretar seus atos como ameaças, pois como adivinhar que a intenção dele era provocar-lhe admiração? Nem podia conhecer os laços de amizade existentes entre aquela besta fera e o divino rapaz que a protegera contra os maus tratos do Sheik.

Myriam passou a tarde e a noite cheia de intenso terror. Enquanto procurava alimento, faziam-na seguir consigo por alturas vertiginosas. Certo momento a deixaram escondida entre os ramos de uma árvore, para prepararem o assalto contra um gamo que avistaram perto. O seu terror, muito natural, de ter de ficar só na selva temerosa, foi superado por outro muito maior, ao ver o homem e o símio pular no mesmo instante sobre a presa e subjugá-la, bem como ao ver o belo rosto de seu salvador contorcer-se num esgar feroz e seus alvos dentes cravar-se na carne macia da vítima.

Quando ele voltou para perto da menina, tinha o rosto e as mãos sujas de sangue; e, ao oferecer-lhe uma grande posta de carne crua ainda quente, ela retraiu-se, enojada. Korak ficou evidentemente mui perplexo com essa recusa; mas como daí a instante se afastasse para longe, voltando, após com frutas para Myriam, esta viu-se mais uma vez forçada a fazer bom juízo dele. Dessa feita não demonstrou repugnância — antes, agradeceu-lhe as frutas com um sorriso que foi, para o rapaz sequioso de afeição, uma recompensa muito maior do que ela poderia calcular.

O problema do modo de Myriam dormir atrapalhou Korak. Ela não saberia equilibrar-se, durante o sono, na for-quilha de um galho e, se dormisse no chão, ficaria exposta aos ataques das feras que vagueavam à noite na floresta. Só viu uma solução: conservá-la entre os braços a noite toda. E foi o que fez, ficando ele de um lado, e Akut do outro, de forma que os dois a aqueceram com o calor de seus

corpos.



Os dois reis aproximaram-se um do outro, consoante o costume, com muito farejar e grande eriçamento de pêlos.

Até o meio da noite ela não dormiu muito; as exigências da natureza, por fim, venceram o terror que lhe causavam o abismo aberto a seus pés e o peludo corpo da fera, ao seu lado. Dormiu profundamente. Ao abrir os olhos, já o sol ia bem alto. A princípio não pôde acreditar na realidade. Com a cabeça reclinada ao ombro de Korak, a primeira coisa que viu foi o dorso cabeludo do antropóide. A essa vista, confrangeu-se de medo. Em seguida teve consciência de estar alguém a segurá-la. Voltando o rosto, viu o semblante risonho do jovem, que a fitava. Quando o mesmo sorria, Myriam não tinha medo, por isso achegou-se mais dele, para não sentir o

contacto da áspera pelugem de Akut.

Korak falou-lhe na linguagem dos macacos, ela, porém, abanou a cabeça, e falou-lhe na língua árabe, a qual era ininteligível para Korak, como a dos símios para ela.

Akut, sentado, contemplava-os. Ele entendeu o que o companheiro disse, mas achou ininteligível e ridículo os sons emitidos pela menina. Akut não podia saber que atrativos Korak encontrava naquela criaturinha. Observou-a longo tempo fixamente, como para melhor avaliá-la; em seguida cocou a cabeça, ergueu-se e sacudiu o corpo.

Seus movimentos sobressaltaram a pequena, que lhe havia instantaneamente esquecido a presença. Outra vez encolheu-se de medo. O animal percebeu que ela o temia e com o seu natural de bruto deliciou-se com o terror que inspirava. Agachou-se, estendeu a mão devagar para o lado dela, como se fosse agarrá-la. Ela retraiu-se outra vez, afastando-se mais dele. Os olhos de Akut estavam saboreando o medo da menina, por isso não notou o franzir das sobrancelhas do rapaz, nem o encolher do pescoço deste, enquanto alteava os largos ombros, na atitude característica de quem se preparava para o ataque. Quando os dedos do símio já estavam quase a encostar-se no braço da menina, o rapaz ergueu-se de chofre, com um ronco ameaçador e um punho fechado relampagueou ante o rosto de Myriam, e bateu em cheio no focinho do atônito Akut. Com um grande berro o antropóide perdeu o equilíbrio e caiu da árvore.

Korak, de pé no galho, lançava olhares fuzilantes para o lugar onde caíra Akut, quando lhe atraiu a atenção súbito farfalho em certa moita próxima. A menina olhava também para baixo, mas nada vira a não ser o macaco, furioso, a tentar levantar-se. Então, rápido como uma flecha despedida de um arco, um corpo de pêlo amarelo mosqueado de preto pulou daquela moita sobre as costas de Akut. Era Sheeta, a pantera.

CAPÍTULO X

QUANDO Sheeta deu o pulo em direção ao grande macaco, Myriam sentiu grande surpresa e horror — não pela sorte do antropóide mas pela do rapaz que um momento antes havia batido com cólera em seu estranho companheiro; pois, mal o carnívoro se pôs à vista, Korak, de faca na mão, pulara do alto, de modo que, quando a pantera ia cravar os dentes e as garras no largo dorso de Akut, o Matador caiu sobre as costas do felino.

O felino teve o salto interrompido em caminho; por um fio de cabelo não atingiu o macaco. Com horríveis arreganhos de dentes rolou no chão, contorcendo-se e dando unhas a esmo, para conseguir desalojar de suas costas o adversário que lhe mordia o pescoço e lhe cravava em um lado do mesmo, a faca.

Ouvindo atrás a repentina bulha, Akut assustou-se e instintivamente trepou na árvore, chegando até perto da menina com urna agilidade quase miraculosa em um animal tão corpulento. Mas olhando para baixo a ver o que sucedia, desceu com a mesma rapidez ao chão. Prontamente esqueceu a desavença pessoal ante o perigo que ameaçava seu companheiro humano e não hesitou em arriscar a vida para socorrer o amigo, do mesmo modo que este não hesitara em salvá-lo. O resultado foi que a pantera teve contra si dois ferozes adversários a retalhar-lhe as carnes. Guinchando, urrando e miando os três rolavam embolados sobre o mato rasteiro, tendo como única espectadora uma criaturinha trêmula, que os observava do alto da árvore, a apertar desesperadamente sua Zika contra o peito.

Foi a faca do rapaz que decidiu o resultado da luta e, enquanto o feroz felino estrebuchava deitado de lado, Korak e o macaco ergueram-se e se defrontaram, ficando de permeio o corpo do inimigo vencido. Korak indicou com o rosto a menina, ao alto.

— Deixe-a em paz — disse —; ela é minha.

Akut, a resmungar e a piscar os olhos injetados de sangue, voltou-se para o corpo de Sheeta. Pondo-se de pé sobre este, empinou o largo peito, ergueu a cara para o céu e deu um tão horrível rugido, que, mais uma vez, a menina se pôs a tremer de medo. Era o grito de vitória do macaco vencedor. O rapaz limitou-se a olhá-la por um momento em silêncio; em seguida trepou de novo na árvore, indo ficar ao lado dela. Akut foi para ali também; volvidos alguns minutos que passou a lambar as suas feridas partiu para caçar um “almoço” mais do seu gosto que a carne da pantera que mataram.

No curso de alguns meses nenhuma ocorrência anormal assinalou a vida dos três.

Pelo menos ocorrências que parecessem anormais ao rapaz e ao macaco; mas para Myriam foi durante dias e noites um constante pesadelo, até habituar-se a encarar de fito as órbitas vazias da morte e a sentir o contacto de seu gélido sudário. Lentamente aprendeu o único meio comum de exprimir as idéias, para se fazer entendida de seus companheiros — a linguagem dos macacos. Mais rápido foi o seu aprendizado da vida nas florestas, por isso tornou-se-lhe em breve muito útil. Ajudava-os na caça, ficava vigilante enquanto os outros dormiam, ou auxiliava-os a achar os rastos da caça que estivessem a seguir.

Akut tolerava-a quase em pé de igualdade, quando era necessário maior contacto entre ele e a menina, mas, em regra, evitava-a. Korak era sempre bom para ela, embora em muitas ocasiões Myriam lhe fosse um pesado fardo, procurava ocultar-lhe esta circunstância.

Notando que a umidade e o frio da noite a incomodavam, sendo-lhe mesmo um sofrimento, Korak construiu-lhe um pequeno abrigo muito alto, entre os ramos de uma árvore gigantesca. Ali a pequenina Myriam dormia em relativo conforto e segurança, ao passo que o Matador e o macaco se instalavam perto; o primeiro ficava sempre em frente à entrada do elevado quartinho, onde melhor poderia defendê-la de perigosos inimigos arborícolas. Naquela altura, nada tinha a recear da parte de Sheeta; mas havia ainda Histah, a serpente, para encher as almas de terror, e os grandes bugios que existiam nas vizinhanças e que, embora não atacassem, mostravam sempre os dentes e guinchavam ameaças quando os três passavam por eles.

Depois da construção do abrigo, localizou-se naquele ponto a atividade dos três. Vagueavam por distâncias menores, por precisarem ao cair da noite já estar de volta em sua árvore. Perto havia um rio. Abundavam caça e frutos, bem como peixes também. Haviam caído no ramerrão da vida selvagem: procurar alimento e dormir de barriga cheia. Nada encaravam para além do dia de hoje. Se o rapaz pensava em seu passado e naqueles que ansiavam por vê-lo, na capital longínqua, era de modo indiferente e impessoal, como se tratasse da vida de outra pessoa estranha. Renunciara à esperança de voltar para lugares civilizados, pois desde as repulsas sofridas daqueles cuja amizade procurava, havia-se internado tanto no continente africano, que se sentia completamente perdido no labirinto das selvas.

Também desde a vinda de Myriam para sua companhia encontrara nela o que mais lhe fazia falta em seu viver primitivo — a convivência com um ser humano. Em sua afeição pela menina não havia traço de outro sentimento, de que ele tivesse consciência, a não ser simples amizade. Eram amigos — companheiros — eis tudo. Pareciam dois meninos se não fosse a manifestação meio terna e sempre forte

A pequena idolatrava-o como o faria a algum irmão complacente, se o tivesse.

Amor era cousa desconhecida para ambos; mas quando se avizinhasse a mocidade, era inevitável que se manifestasse, como em qualquer animal selvagem.

À proporção que Myriam ia ficando mais prática na sua linguagem comum, aumentava paralelamente o prazer da convivência, pois então podiam conversar e, auxiliados pela capacidade intelectual herdada de seus pais, eles ampliaram o restrito vocabulário dos macacos e, finalmente, a falar um com o outro, se transformou, de trabalho que era, em aprazível passatempo.

Quando Korak caçava, Myriam se habituara a acompanhá-lo, pois aprendera a habilidade difícil de não fazer rumor, quando era preciso haver silêncio. Ela já sabia mover-se nas grandes árvores com a agilidade e a sutileza do próprio Matador. As grandes alturas já não a apavoravam. Saltava de ramo em ramo ou corria ao comprido dos galhos grossos com segurança, facilidade e destemor. Korak orgulhava-se muito com seus progressos e o próprio velho Akut tinha regougos de louvor em vez de os ter de desprezo, como antes.

De uma remota aringa de pretos Korak trouxera para Myriam um manto de pele e de penas, enfeites de cobre e armas, pois seu companheiro não lhe permitia andar sem armas, nem desconhecer o modo de usar as que roubara para ela. De uma delgada correia a tiracolo pendia sua inseparável Zika, que era ainda a depositária de suas secretas confidências. Uma lança leve e uma comprida faca eram suas armas de ataque e de defesa. Seu corpinho, à proporção que se aproximava a puberdade, ia-se arredondando em curvas suaves, como as de uma deusa grega, com a diferença de ter o rosto belo.

Acostumando-se com os animais selvagens, perdeu o medo primitivo. Com o tempo, chegava a caçar só, quando Korak e Akut erravam a grande distância, o que eram forçados a fazer, quando não encontravam caça nas proximidades do lugar em que se instalaram. Nessas ocasiões ela procurava apanhar animais de pequeno porte, mas abatia às vezes algum veado e mesmo, certo dia, trouxe Horta, o javali, — uma fera de grandes presas que faria a própria Sheeta hesitar mais de uma vez antes de se resolver a atacá-la.

No raio do território batido por eles, os três se haviam tornado figuras familiares. Os macaquinhos os conheciam bem e iam muitas vezes pairar e brincar perto deles. Se Akut estava presente, eles se conservavam a maior distância; mas sentiam menos medo de Korak; e, na ausência deste e do antropóide, iam rodear Myriam e tocar seus enfeites de latão ou brincar com Zika, o que os divertia imensamente. Myriam também brincava com eles e dava-lhes cousas para comer; quando Korak a deixava só, esses amiguinhos a ajudavam a passar as longas horas da sua ausência.

E a amizade deles não lhe era inútil. Quando caçava, auxiliavam-na a descobrir o animal procurado; vinham muitas vezes correndo pelos ramos das árvores para

anunciar-lhe a proximidade de um antílope ou de uma girafa, ou davam grande rebate para preveni-la da chegada de Sheeta ou de Numa. Seus pequeninos e ágeis aliados apanhavam para ela os frutos deliciosos que lhe ficavam inacessíveis nas pontas de ramos muito frágeis e altos. Por vezes pregavam-lhe peças, mas Myriam mostrava-se sempre boa e amável com eles, que, por seu turno, lhe eram dedicados e lhe tinham afeição, ao seu modo selvagem de seres semi-humanos.

Como a linguagem dos macaquinhos se assemelhava a dos grandes símios, Myriam podia conversar com eles, embora a nobreza de vocabulário dos mesmos fizesse de suas trocas de palavras cousas muito diversas de uma palestra animada. Eles tinham nomes para as cousas que lhes eram familiares, bem como para as situações que produzem dor ou prazer, alegria, tristeza ou cólera. Tão semelhantes eram suas palavras monossilábicas às palavras usadas pelos grandes antropóides, que pareciam ter origem comum. Este vocabulário prestava-se a fins vulgares, à troca de idéias sobre cousas materiais. Sonhos, aspirações, esperanças, o passado e o futuro, nada disso encontra expressão na linguagem de Manu, o pequenino macaco. Tudo se cifrava no presente — e, principalmente, em encher a barriga e catar piolhos.

Triste alimento era esse para saciar o apetite mental de uma menina em vésperas de se tornar mulher. Por esse motivo, gostando dos Manus apenas como de ocasionais'companheiros de brinquedos, Myriam continuava a confiar seus mais secretos pensamentos aos ouvidos surdos da cabeça de marfim de sua Zika. Com Zika ela falava em árabe, pois sabia que, sendo uma boneca, não podia entender a linguagem de Korak e de Akut e também porque sendo a linguagem de Korak e de Akut a dos grandes macacos, nada encerrava de interessante para um boneca árabe.

Zika havia passado por várias transformações desde que sua mãezinha partira da aldeia do Sheik. Seus trajes eram agora como a miniatura dos de Myriam. Um pedacinho de pele de leopardo recobria-lhe o tronco de pele de rato, desde o ombro até a metade da perna de graveto, uma espécie de coroa tecida de capim fazia o efeito de um seu colar de penas de periquito, ao passo que outros fiapos de capim, convenientemente enrolados, figuravam argolas para os pés e para os braços.

Era Zika uma verdadeira selvagem, mas seu coração não mudara; continuava sendo a atenta ouvinte dos tempos passados. Uma grande qualidade da mesma, era nunca interromper a menina, para falar sobre si própria. Naquele dia não houve exceção a esse costume. Estivera a ouvir concentradamente Myriam por espaço de uma hora, recostada a um tronco de árvore, enquanto sua jovem dona se espichara como uma gatinha preguiçosa sobre um ramo oscilante que lhe ficava fronteiro.

— Zikinha — dizia Myriam — nosso Korak vai hoje demorar-se muito. Vamos sentir-lhe a falta, não, Zika? Fica tão triste e deserta a grande mata quando Korak

está ausente. Que nos trará desta vez, hein? Outra argola brilhante de metal para o tornozelo de Myriam? Ou alguma tanga de pano macio tirado do corpo de alguma preta? Ele disse-me ser muito difícil tomar os objetos das pretas pois não as mata como faz com os homens e elas se debatem com violência quando Korak se precipita contra as mesmas para tomar-lhes os enfeites. Então acorrem os homens com suas lanças e arcos e é preciso Korak fugir para o mato. Algumas vezes ele agarra uma das pretas e carrega-a até o alto de uma árvore e nesse lugar toma-lhes os objetos para os trazer para Myriam. Ele diz que os pretos agora o temem e apenas o avistam, as mulheres e as crianças fogem gritando para as choças; ele, porém, persegue-as até aí e é raro que volte sem flechas para si e sem algum presente para Myriam. Nosso Korak é poderoso entre os habitantes da selva... “Nosso”, não, Zika! “meu” Korak!

Myriam foi interrompida pelo inopinado pulo de um macaquinho muito aflito que, saltando de uma árvore próxima, lhe caíra sobre o ombro.

— Trepe! trepe mais alto! — gritou-lhe. — Os Manganis estão vindo para aqui!

Myriam fitou negligente, de soslaio, o alarmado perturbador de seu sossego.

— Trepe você, Manuzinho! respondeu. — Os únicos Manganis que há na floresta são Korak e Akut. Decerto foram os mesmos que você viu voltar da caça. Algum dia você morrerá de medo ao ver sua própria sombra, Manuzinho!

Mas o macaquinho gritava cada vez mais aflito enquanto subia pelas alturas onde Mangani, o grande macaco, não o podia acompanhar. Daí a instantes Myriam ouviu o rumor de seres que se aproximavam. Ela pôs-se à escuta. Eram dois e de grande porte: certamente Korak e Akut. Para ela, Korak era um macaco — Mangam, pois eles três sempre se diziam Manganis. O homem era um inimigo, por isso não se consideravam mais pertencentes à sua espécie. Não gostava absolutamente de Tarmangani — o grande macaco branco, segundo lhe chamavam em sua linguagem, nem de Gomangani — o grande macaco preto, nome que davam aos negros, por isso se declaravam meramente Manganis.

Myriam resolveu fingir que dormia, para lograr Korak. Ficou por isso muito quieta e de olhos fechados. Ouvia os dois aproximar-se cada vez mais. Já estavam na árvore vizinha e naturalmente a avistaram, pois fizeram uma parada. Por que estavam tão mudos? Por que Korak não gritava sua saudação habitual? Aquele silêncio era de mau agouro. Foi seguido de um rumor sutil... um deles vinha manso e manso para seu lado. Estaria também Korak desejando pregar-lhe um logro? Muito bem! ela o desapontaria. Abriu um pouquinho as pálpebras e no mesmo instante seu coração paralisou-se de susto. Viu deslizar sorrateiro para seu lado um enorme macaco desconhecido. Atrás do mesmo aproximava-se outro igual.

Ágil como um esquilo Myriam pôs-se de pé e no mesmo instante o macacão precipitou-se para o lado dela. A menina fugiu a pular, de ramo em ramo, pela mata, encaçada de perto pelos dois grandes símios. Sobre eles saltava uma chusma de macaquinhos a pairar e guinchar, gritando injúrias para os Manganis e a encorajar e aconselhar Myriam.

De árvore em árvore ia esta procurando sempre atingir os ramos finos do alto, que não suportariam o peso de seus perseguidores. Mas aumentava, mais e mais, o ímpeto dos mesmos. Já as garras do que ia à frente quase a aferrava a cada instante; mas Myriam desviava-se com súbito salto para diante ou com expedientes casuais, enquanto transpunha o espaço em alturas vertiginosas.

Aos poucos ia chegando às altitudes inacessíveis, mas súbito, em um pulo de grande arrojo, o ramo a que se apegou cedeu sob seu peso, não mais se erguendo, como era de esperar de sua grossura. Mesmo antes do estalar que se seguiu, Myriam reconheceu haver-lhe calculado mal a resistência. Começou a quebrar-se e soavam os estalos mais fortes, à proporção que ele se destacava do tronco.

Abandonando seu ponto de apoio, Myriam deixou-se cair em meio da folhagem, com a mão preparada para agarrar outro ramo. Conseguiu-o quatro metros abaixo do galho partido. Ela já havia caído assim muitas vezes, pelo que já não a assustava uma queda — o que a aterrou foi o tempo perdido e, com razão, pois apenas se viu no novo galho, caiu ao seu lado o corpo do colossal macaco e o grande braço peludo lhe agarrou a cintura.

Quase no mesmo instante o outro símio saltou ao pé do companheiro. Também quis segurar Myriam, mas o primeiro arredou-a para um lado, arreganhando os dentes e roncando ameaçador.

Myriam debatia-se para soltar-se. Empurrava o peludo peito do antropóide e batia-lhe na cara barbada.

Ferrou os dentes alvos e fortes num antebraço peludo. O macaco irritou-se com isso, mas teve de voltar a atenção para o companheiro, que evidentemente desejava tomar-lhe a presa.

O raptor não podia lutar com vantagem na rama oscilante, sobrecarregado como estava com o peso de uma prisioneira rebelde e robusta, por isso pulou prontamente no chão. O outro imitou-o e aí travaram a luta, que a espaços interrompiam para perseguir e recapturar a prisioneira, que se aproveitava das distrações dos contendores para tentar fugir-lhes; mas sempre eles a apanhavam; ora um, ora outro, ficava de posse da mesma, e cada qual procurava reduzir a postas o antagonista, para não lhe ceder a presa.

Muitas vezes Myriam recebeu golpes destinados a qualquer dos peludos

adversários e um deles a fez cair desacordada entre os lutadores, que, aliviados do trabalho de segurá-la, se atracaram com mais encarniçamento.

Acima de suas cabeças guinchavam os macaquinhos a correr de um para outro lado, em grande desespero. Indo e vindo voaram sobre eles inúmeras aves de vistosas plumagens, soltando pios de fúria e desafio.

Ao longe, rugiu um leão.

O maior dos símios reduzia a pedaços seu adversário. Rolavam às vezes no chão, mordendo-se e batendo-se com as mãos; depois, erguidos sobre as mãos traseiras, se engalfinhavam em luta como atletas humanos, mas sempre as garras gigantescas desempenhavam seu papel, a ponto de se cobrirem de sangue os inimigos e o solo.

Enquanto isso, Myriam jazia desmaiada no chão. Por fim, um dos macacos apanhou com os dentes a jugular do antagonista e então caíram pela última vez. Durante alguns minutos ficaram embolados, a fazer movimentos. Foi só o macaco maior que se levantou, depois desse último abraço. Ele sacudiu o próprio corpo. Um grosso ronco saiu de sua garganta. Pôs-se a andar de um para outro lado, entre o corpo de Myriam e o do inimigo vencido. Em seguida trepou sobre o último e soltou o horrível berro da vitória. Os macaquinhos abalaram, a guinchar, por todas as direções. As aves de vistosas plumas debandaram, assustadas. Mais uma vez soou o rugido de leão, mas a maior distância.

O grande macaco voltou outra vez para o lado de Myriam. Virou-a então de costas e, curvando-se, pôs-se a cheirá-la a escutar perto do rosto e nas costas. Notou que ela vivia. Os macaquinhos voltavam em bando e, de cima das copas, dirigiam um coro de injúrias para o vencedor.

O antropóide manifestou seu descontentamento mostrando-lhes os dentes e roncando, com a cara para cima. Em seguida inclinou-se e, erguendo a menina, colocou-a sobre um ombro e seguiu através da mata, acompanhado pelo bando furioso dos pequeninos Manus.

CAPÍTULO XI

AO VOLTAR da caça, Korak ouviu a chiadeira dos macaquinhos irritados. Compreendeu haver-lhes acontecido qualquer coisa má. Certamente Histah, a serpente, enleara suas espirais constritoras em algum descuido de Manu. O rapaz seguiu depressa para o lado deles. Os macaquinhos eram amigos de Myriam. Desejaria valer-lhes nalguma coisa.

Seguiu rapidamente a meia altura do solo. Na árvore vizinha ao abrigo de Myriam, deixou guardados seus troféus de caça e chamou-a em altas vozes. Não obteve resposta. Desceu a um nível mais baixo. Ela poderia estar a ocultar-se dele.

Sobre um comprido galho onde Myriam às vezes se balançava em horas de preguiça, viu Zika encostada ao grosso tronco da árvore. Que significava aquilo? Antes daquele dia, Myriam nunca deixara assim sozinha sua boneca. Korak tomou-a e enfiou-a na cinta. Chamou-a, de novo, mais alto, mas Myriam não respondeu a seus chamados. Ao longe, a gritaria dos macaquinhos se tornava menos distinta.

Poderia a excitação deles estar associada com o desaparecimento de Myriam? Bastava ter-lhe acudido semelhante idéia para Korak, sem esperar Akut que vinha devagar mais atrás, precipitar-se em direção a turba que gritava.

Em poucos minutos alcançou-os. Ao vê-lo, puseram-se a guinchar e a apontar para baixo, adiante deles; e daí a um momento Korak compreendeu a causa de seu furor.

Parou o coração do jovem ao ver o corpo inerte da menina dobrado sobre o ombro peludo de um grande macaco. Não teve dúvida de achar-se ela morta e nesse momento tumultuou em seu íntimo alguma coisa que ele não tentou interpretar e nem o poderia tentar; mas naquele instante tudo no mundo parecia concentrar-se para ele naquele tenro e gracioso corpo, naquele frágil corpinho, que pendia lastimavelmente inerte dos largos ombros do animal.

Compreendeu que Myrianzinha era seu mundo — seu sol, sua lua, suas estrelas — e, indo-se desta vida, também se iriam, para ele, toda a luz, todo o calor e toda a aventura terrestre. Fugiu-lhe dos lábios um gemido e, depois de uma série de tremendos rugidos, mais ferozes do que os da fera, atirou-se loucamente numa descida vertical, rumo ao perpetrador daquele crime hediondo.

O macaco volveu-se aos primeiros sons daquela outra voz ameaçadora e, ao volver-se novas labaredas avivaram a ira e o ódio do Matador pois viu que aquele símio era, nada mais nada menos do que o rei dos macacos que o havia feito afastar-se dos grandes antropóides cuja amizade fora pedir.

Pondo no chão o corpo da menina, o macaco voltou-se para lutar de novo pela posse daquela custosa presa, mas desta vez não contava com um fácil triunfo.

Também ele reconheceu Korak. Não havia expulsado este do anfiteatro, mesmo sem a necessidade de uma dentada ou uma unhada? De cabeça baixa e ombros salientes investiu contra o ser de lisa pele, que se atrevia a pôr em dúvida seu direito àquela presa.

Acometeram-se, como dois touros, em tremenda marrada, para em seguida rolarem no chão a lutar de unhas e dentes. Korak esquecera sua faca. Seu furor sanguinário só se poderia apaziguar sentindo as presas lacerarem a carne quente e esguichos do sangue banhar-lhe a pele nua; e Korak, o Matador, não compreendia que lutava por um impulso mais violento que o do ódio ou da vingança — que era um animal adulto a lutar com outro animal, pela posse de uma companheira de sua própria espécie.

Tão impetuosa foi a investida do homem-macaco, que conseguiu ferrar-lhe os dentes antes que o antropóide pudesse evitá-lo numa dentada terrível, de fortes maxilas fechadas sobre a jugular; e cravara os dentes, de olhos cerrados, a procurar com os dedos outro ponto vulnerável do pescoço felpudo.

Foi a esse instante que Myriam descerrou os olhos. Ante tal espetáculo, eles abriram-se de todo.

— Korak! Meu Korak! — exclamou. — Eu sabia que você viria salvar-me. Mate-o, Korak! Mate-o!

E com os olhos chamejantes e o seio a arfar, pôs-se de pé e correu para o lado de Korak; a fim de estimulá-lo. Perto estava a lança do Matador, a qual este atirara para um lado ao avançar contra o macaco. A menina viu-a e tomou-a. Nenhum desfalecimento a quebrantou ante a luta selvagem que se travava a seus pés. Não sofrerá abalo nervoso pelo seu incidente com o símio; estava excitada, mas não sentia temor e tinha idéias lúcidas. Seu Korak lutava com outro Mangani que a roubara. Não procurou pôr-se a salvo, contemplando a luta de longe, empoleirada num galho alto, como o faria uma macaca. Em vez disso, apontando a lança a um lado do antropóide, enterrou-a no coração do mesmo.

Korak não precisaria seu auxílio, pois o grande símio já estava quase morto, com o sangue a lhe jorrar da jugular cortada; mas Korak levantou-se risonho, com aplausos para sua auxiliadora.

Como ele a achou crescida e bela! Teria Myriam mudado de repente, naquelas poucas horas de ausência, ou a luta com o macaco modificara sua visão das cousas? Parecia ver Myriam com outros olhos, pelas muitas surpreendentes maravilhas que sua contemplação lhe revelou.

Ele não poderia dizer quanto tempo decorrera desde que encontrara na aldeia do pai uma pequenina árabe. Nas selvas pouca importância tem o tempo, por isso não retivera de memória o número de dias decorridos. Mas compreendeu, vendo-a nessa ocasião, que já não era a criança que vira um dia a brincar com Zika, embaixo de uma árvore, dentro da estacada da aldeia.

As mudanças foram gradativas, por isso não reparara nelas até então. E qual a causa de notá-las tão repentinamente? Seu olhar se voltava da adolescente para o corpo do antropóide e, deste, outra vez, para ela. Pela primeira vez clareou-lhe no espírito a explicação da causa de haver o símio tentado raptar Myriam.

Os olhos de Korak ora se dilatavam ora se comprimiam de raiva enquanto fixava o hediondo animal a seus pés. Em seguidas, quando volveu o olhar para o rosto de Myriam, um lento afluxo de sangue coloriu o seu próprio. Agora, é verdade, estava a encará-la com outros olhos — com os olhos com que um homem contempla uma mulher.

Akut chegara no momento em que Myriam dava a lançada no adversário de Korak. Foi viva a exultação do velho símio. Caminhou entusiasmado, pisando duro, e com expressão feroz, sobre o corpo do inimigo vencido. Roncou encurvando para cima os longos beijos elásticos. Arrepiaram-se-lhe os pêlos. Não prestava atenção em Myriam nem em Korak. Muito ao fundo, num recesso remoto de seu pequeno cérebro, algo se agitava — algo que fora desperto pela vista e pelo cheiro do grande macaco. A manifestação exterior dessa idéia a germinar era a da fúria bestial; mas intimamente sentia imenso prazer. O odor do grande antropóide e a vista de seu enorme corpo peludo despertaram no coração de Akut o anseio pela companhia dos seres de sua própria espécie. Não era portanto, Korak o único a sentir mudanças.

E Myriam? Ela era mulher: e amar é o divino direito da mulher. Ela sempre amara Korak. Mas este era-lhe como um irmão mais velho. Só Myriam não sofrerá metamorfose espiritual. Ainda se sentia feliz com a simples companhia de Korak. Ainda o amava — como uma irmã ama a um irmão bondoso — e sentia-se muito orgulhosa dele. Em toda a selva não existia outro ente tão forte, tão belo ou tão valente.

Korak avizinhou-se dela. Myriam achou-lhe o olhar repassado de um brilho diverso, mas não o compreendeu. Não tinha acordo de se acharem tão perto de sua maturidade orgânica, nem da diferença total da vida de ambos, que aquele olhar poderia significar.

— Myriam! Já sussurrou ele com voz sacudida, enquanto pousava a mão bronzeada em seu ombro nu. — Myriam!

Súbito puxou-a para si e abraçou-a com força. Ela fitou-lhe o rosto, a rir-se e

Korak inclinou-se e beijou-a longamente na boca. Assim mesmo ela não compreendia. Não se lembrava de haver já sido beijada algum dia. Achou ser prova de muita gentileza. Aquele beijo agradou a Myriam. Julgou ser o modo de Korak manifestar sua satisfação pelo fato do macaco não a ter levado consigo. Também sentia grande júbilo e por isso enlaçou o pescoço do Matador e beijou-o repetidas vezes. Em seguida, descobrindo a boneca em sua cinta, retomou posse da mesma e beijou-a do mesmo modo com que beijara Korak.

Korak queria dizer alguma coisa. Queria dizer que a amava. Mas a emoção causada pelo amor embargava-lhe a voz e o vocabulário dos Manganis era muito exíguo.

Sobreveio a esse instante uma interrupção. Partiu de Akut. Este teve subitamente um surdo ronco, não mais alto do que os emitidos por ele enquanto pisava no cadáver do macaco, nem tinha, de fato, a metade da altura destes, mas era de um timbre particular que feriu de pronto a percepção do animal das selvas existente em Korak. Aqueles sons eram um rebate. O jovem afastou vivamente o olhar da resplandecente visão daquele rosto meigo tão próximo do seu. Despertaram então suas outras faculdades. Tinha os ouvidos e as narinas alerta. Alguma coisa avizinhava-se dali!

O Matador foi ficar ao lado de Akut. Myriam estava atrás deles. Pareciam três estátuas a verrumar com a vista a vasta folhagem da floresta. O ruído, que lhe atraíra a atenção, aumentou, e em seguida viram surgir do mato rasteiro, a poucos passos de distância um grande macaco.

O animal estacou à vista deles. Deu um leve ronco de aviso para trás por sobre o ombro; e instantes após surgiu novo macaco. Era acompanhado de outro — tanto machos, como fêmeas a carregar os filhos — até que alguns quarenta bichos peludos de sua espécie ficaram ali a encarar os três. Era a tribo do rei morto. Akut foi o primeiro a falar. Ele indicou o cadáver do rei dos macacos.

— Korak, o poderoso lutador, matou o rei — guinchou ele. — Ninguém nas selvas é maior que Korak, filho de Tarzan. Agora Korak é o rei. Qual dos macacos é mais forte do que Korak?

Era um desafio a qualquer antropóide que quisesse por em dúvida o direito de Korak assumir a soberania. Durante algum tempo os macacos pairaram, guinchando e roncaram entre si. Finalmente um macaco adiantou-se andando sobre suas pernas curtas, arrepiado, a roncar terríveis ameaças.

Era um animal enorme e em toda a expressão de sua força. Pertencia àquela espécie quase extinta que os brancos por muito tempo procuraram, guiando-se pelas informações dos naturais, nas matas mais inacessíveis. Os próprios naturais raro

viam aqueles grandes e peludos homens das primitivas eras.

Korak, também a roncar, foi ao encontro do monstro. Mentalmente ele formulava seu plano de ataque. Atracar-se com aquela potente fera não cansada como ele que tivera uma terrível luta com outra de sua espécie, seria arriscar-se a ser vencido. Precisava encontrar um meio mais fácil de vencer. Abaixando o corpo, preparou-se para resistir ao ataque que não teve de esperar muito.

Seu adversário deteve-se apenas o tempo suficiente para recontar à assistência a fim de aterrorizar Korak um breve resumo de suas proezas antecedentes e para a fazer sabedora do que ia fazer àquele reles tarmangani. Em seguida investiu.

Com os dedos crispados e mandíbulas escancaradas acometeu instantaneamente Korak. Este não se moveu até os grandes braços tentarem enlaçá-lo, então agachou-se sob eles e desfechou tremendo soco ao lado da maxila do animal e pulou para uma banda, indo prontamente ficar alerta, inclinado sobre o seu corpo que se contorcia no chão.

Grande surpresa sentia o mono enquanto tentava erguer-se. Saía-lhe espuma dentre os beiços. Seus pequenos olhos injetaram-se de sangue. O largo peito explodiu em urros sanguinários. Mas não conseguiu pôr-se de pé. O Matador esperava sobre ele e, no momento em que o cabeludo focinho ficou na altura conveniente, outro soco, que derrubaria um boi, o fez estatelar-se de costas.

Veze sucessivas o animal tentou erguer-se, mas a cada uma delas o forte Tarmangani esperava-o de punho fechado e o fazia tombar de novo. Mais e mais fracos se tornavam os esforços da fera. Tinha a cara e o peito alagados de sangue. Das ventas e da boca escorriam líquidos fios rubros. O magote de símios que o aplaudira a princípio, com guinchos selvagens, apupava-o agora — seus aplausos eram para o Tarmangani.

— “Kadoga?” — perguntou Korak, ao derribar mais uma vez o antagonista.

O teimoso macaco, a cambalear, procurou erguer-se novamente, outro terrível soco o prostrou por terra. De novo Korak fez a pergunta “Kadoga?” Confessa-se vencido?

Por um momento o símio ficou imóvel. Em seguida agitou os lábios para dizer esta única palavra: “Kadoga!”

— Então levante-se e vá para o meio dos seus — ordenou Korak. — Não quero ser o rei entre criaturas que já me repeliram. Vivam lá sua vida, que nós viveremos a nossa. Quando nos encontrarmos, seremos mutuamente amigos, mas não viveremos juntos.

Um velho macaco foi para o lado do matador.

— Você matou nosso rei. — disse — E venceu aquele que desejava ser o nosso rei. Se quisesse, poderia tê-lo matado. Como faremos para não ficarmos sem chefe?

Korak mostrou-lhe Akut.

— Eis aqui o nosso rei — disse.

O jovem estava pensando em Myriam — no que poderia ser melhor para ela. Se Akut se fosse com os símios, seria ele o único a velar por ela e protegê-la. Se, por outro lado, se incorporassem à tribo daqueles, nunca ficaria tranqüilo deixando Myriam entre os mesmos, quando fosse caçar, pois as paixões dos símios são pouco disciplinadas. Poderia mesmo uma fêmea odiar sua delicada companheira e matá-la durante a sua ausência.

Mas Akut não desejava separar-se de Korak, embora quisesse muito viver no meio dos seus iguais. Gostaria de que Korak se resolvesse a viver com os macacos. Foi o que disse em resposta.

— Viveremos perto de vocês — disse, por fim. — Quando mudarem a zona de sua caça, também Myriam e eu mudaremos a nossa, para ficarmos próximos; mas não moraremos juntos.

Akut pôs objeções a este plano. Ele não queria separar-se de Korak. A princípio recusou abandonar seu amigo humano pela companhia dos de sua própria espécie; mas quando viu o último da tribo afastar-se também na selva e seu olhar pousou na graciosa figura da jovem esposa do finado rei, a qual, por sua vez, dardejava olhares admirativos ao sucessor de seu companheiro, a voz do sangue venceu. Com um olhar de despedida para seu amado Korak ele volveu-se e acompanhou a macaca no intrincado labirinto da floresta.

Depois de Korak partir da aldeia dos pretos após seu derradeiro assalto à mesma, os gritos de sua vítima e os das crianças e outras mulheres haviam feito os guerreiros acorrei da floresta e do rio. Grande foi o alarma e fervente a raiva dos homens quando souberam que o diabo branco havia novamente entrado em suas palhoças, assustando suas mulheres e roubando flechas, enfeites e comestíveis.

Seu próprio medo supersticioso do ente fantástico que caçava em companhia de um macaco, foi sobrepujado pelo desejo de vingar-se e de livrar, uma vez por todas, de sua ameaçadora presença na floresta.

Por essa razão, duas dúzias dos mais intrépidos e hábeis guerreiros da tribo partiram no encalço de Korak e de Akut poucos minutos depois de haverem eles deixado o cenário das muitas depredações do Matador.

O rapaz e o macaco haviam-se distanciado devagar e sem tomar precauções contra alguma perseguição. Nem era de reparar sua atitude de descuidada indiferença em relação aos pretos, pois haviam ficado impunes tantas façanhas

idênticas, que começaram ele e Akut a sentir desdém por eles. Foi feita contra o vento a viagem de retorno, do que resultou não poderem sentir o cheiro de seus perseguidores, desse modo seguiam em completa ignorância do fato de que tinham ' a seguir-lhes a pista, com pertinácia feroz, muitos inimigos incansáveis, embora menos experientes que eles dois, nos mistérios da vida nas selvas.

O grupo de selvagem era comandado pelo seu chefe Kovudu, preto de meia idade e de excepcionais argúcia e coragem. Foi ele quem primeiro avistou os dois, depois de horas de perseguição efetuada com os misteriosos métodos do quase inacreditável poder de observação, intuição e faro que eles possuíam.

Kovudu e seus homens chegaram onde estavam Korak, Akut e Myriam depois da morte do rei macaco. O ruído da luta foram os últimos indícios que os orientaram para o lado da presa buscada.

Ao ver a esbelta jovem branca, o chefe encheu-se de assombro. Ficou a observar os três alguns momentos antes de ordenar aos guerreiros que se precipitassem sobre eles. Nessa ocasião chegaram os grandes macacos e outra vez, cheios de espanto, os pretos se quedaram a ouvi-los parlamentar, testemunhando em seguida a luta entre Korak e o macaco novo.

Mas agora os macacos se haviam ido, deixando sós, na mata, os dois jovens. Um dos guerreiros de Kovudu inclinou-se para o ouvido de seu chefe e indicou-lhe certo objeto oscilante no lado de Myriam.

— Olhe! — segredou ele. — Quando eu e minha irmã éramos escravos do Sheik, ela fez aquela boneca para a filha dele. A menina brincava com a mesma, tendo-lhe dado o nome de Zika, que é o de minha irmã. Pouco antes de fugirmos de sua aldeia alguém agrediu e raptou-lhe a filha. Sendo assim, o Shéik há de recompensar quem lhe levar de novo a filha.

O braço de Korak cingia nesse instante os ombros de Myriam. O amor circulava, ardente em suas artérias moças. A civilização era-lhe apenas unia reminiscência vaga... Londres parecia-lhe tão remota como a antiga Roma. Em todo o mundo só existiam eles dois — Korak, o Matador, e sua Myriam.

Outra vez achegou-a de si e cobriu de cálidos beijos os lábios que não lhe fugiam. Foi então que atrás soou um coro de ferozes brados de guerra, enquanto numerosos pretos os acometiam.

Korak voltou-se para resistir-lhes. Myriam postou-se-lhe ao lado, empunhando a sua leve e comprida lança. Um chuva de flechas emplumadas voou em sua direção. Uma cravou-se no ombro de Korak e outra em sua perna, fazendo-o cair.

Myriam ficou ilesa pois os pretos evitaram feri-la. Ato contínuo eles precipitaram-se para acabar de matar Korak e capturar a jovem; mas nesse momento chegaram

também ao mesmo lugar Akut e o bando de seus enormes súditos.

Com urros e arreganhando os dentes caíram sobre os pretos que não se haviam apercebido de sua presença. Compreendendo os riscos de uma luta com os possantes macacos, Kovudu agarrou Myriam e gritou a seus guerreiros que batessem em retirada. Por algum tempo os antropóides lhes deram caça; muitos pretos foram terrivelmente mordidos e um deles morto antes de se porem a salvo. Não conseguiriam isto facilmente, se Akut não se tivesse preocupado mais com seu amigo do que com a companheira raptada, a quem sempre considerara mais ou menos uma intrusa e um incontestável trambolho.

Korak, a perder sangue, jazia inconsciente, quando Akut chegou aonde ele estava. O macaco arrancou-lhe do corpo as grandes flechas, lambeu os ferimentos e em seguida carregou-o para o abrigo construído para Myriam no alto da árvore. Mais do que isto não lhe era possível fazer. À natureza cumpria o resto, sem outro auxílio, ou então Korak morreria.

Ele, no entanto, não morreu. Durante dias ficou abatido, com febre. Akut e os outros macacos caçavam perto para podê-lo proteger contra as aves e animais que pudessem chegar ao seu elevado abrigo. Às vezes Akut trazia-lhe frutas sumarentas para ajudarem a matar-lhe a sede e aplacar-lhe a febre e pouco a pouco sua robusta constituição debelou os efeitos das flechadas. Sararam as feridas e as forças lhe voltaram. Nos momentos em que lhe volvia a consciência, enquanto jazia sobre as macias peles que forravam o ninho de Myriam, ele sofria mais rudemente de receio por esta do que da dor de suas próprias chagas.

Precisava viver para ela. Precisava, para ela, recuperar as forças, a fim de partir em sua procura. Que lhe teriam feito os pretos? Viveria ainda ou eles a teriam sacrificado, para saciar seu gosto de torturar e satisfazer seu apetite de carne humana?

Korak quase tremia de horror ao evocar as piores possibilidades que se lhe apresentavam ao espírito, sugeridas pelo seu conhecimento dos costumes da tribo de Kovudu.

Os dias arrastavam-se com intolerável lentidão, mas ele, por fim, recuperou forças bastantes para sair rastejando de seu abrigo e descer ao chão sem qualquer auxílio. Agora sustentava-se mais com carne crua, pois achava-se em dependência total de habilidade e generosidade de Akut. Com a dieta de carne as forças voltaram-lhe mais rápidas. Afinal sentiu-se em estado de empreender a viagem até a aldeia dos negros.

CAPÍTULO XII

Dois homens brancos, altos e barbados atravessavam cautamente a mata, afastando-se de seu acampamento à margem de um largo rio.

Eram Carl Jenssen e Sven Malbihn, tendo o aspecto pouco mudado, do que apresentavam alguns anos antes, no dia em que eles e seu “safari” haviam levado o grande susto causado por Korak e Akut, quando o primeiro procurava pôr-se em contacto com eles.

Todos os anos internavam-se no interior selvagem para comerciar com os naturais ou roubá-los, caçar ou preparar armadilhas, ou para guiar outros brancos em território que conheciam tão bem. Desde seu incidente com o Sheik, eles operavam à distância segura dos domínios deste.

Chegaram agora mais perto de sua aldeia do que nos anos anteriores, mas ainda a salvo de serem descobertos, devido à mata desabitada que os separava dela e ao medo e, inimizade da gente de Kovudu pelo Sheik, que, no passado, tinha invadido a aldeia daquele soba e quase exterminado sua tribo.

Naquele ano os dois suecos foram apanhar em armadilha espécimes vivos para um jardim zoológico da Europa e no dia referido avizinham-se de uma armadilha preparada, na esperança de aprisionarem um exemplar dos grandes bugios que apareciam naquelas redondezas.

Ao ficarem mais próximos da armadilha, depreenderam da algazarra que partia das imediações da mesma, que seus esforços haviam tido bom êxito. O desesperado guinchar de centenas de bugios apenas podia significar que um ou mais de seus companheiros, seduzidos pela isca atraente, haviam sido apanhados.

A extrema precaução com que os dois homens se aproximavam era ditada por fatos anteriores sucedidos entre eles e aqueles inteligentes macacos, semelhantes a cães. Mais de um caçador havia perdido a vida lutando com os enraivecidos bugios, que em certas ocasiões não hesitavam em atacar qualquer inimigo, ao passo que em outras eram afugentados por um simples disparo de carabina.

Anteriormente os suecos ficavam à espera junto de sua armadilha, porque em regra eram apanhados os mais fortes que, com sua gula, impediam que os mais fracos se aproximassem da isca desejada e, uma vez dentro da armadilha habitual, feita no lugar com galhos encruzados, eles conseguiam, com o auxílio dos companheiros do lado de fora, destruir sua prisão e fugir.

Mas daquela vez os caçadores se utilizavam de uma jaula especial de aço à prova de força e da sagacidade de um bugio. Era necessário, somente, enxotar para longe o

bando que sabiam dever estar a rodear a prisão e esperar seus subalternos que não tardariam a estar ali.

Ao chegarem ao lugar da armadilha, viram que tudo se passara como conjecturaram. Um grande bugio sacudia com violência as barras de aço da jaula em que se achava preso e, do lado exterior, centenas de outros lhe secundavam o esforço a gritar e taramelar agudamente.

Mas o que nem os suecos nem os bugios enxergaram foi o vulto de um jovem seminu escondido entre as folhagens de uma árvore vizinha. Ele e os suecos haviam ali chegado quase ao mesmo tempo e o jovem estava a observar com vivo interesse o procedimento dos bugios.

As relações de Korak com os bugios nunca foram de caráter amistoso. Reinava entre as duas partes uma espécie de paz armada, quando casualmente se encontravam. Os bugios e Akut erguiam-se nos membros traseiros e roncavam ameaças, ao passo que com Korak se limitavam a uma neutralidade de simples dentes à mostra.

Por isso ele não se incomodava muito, àquela, hora, com as tribulações do rei bugio. A curiosidade o havia feito de-ter-se, mas depois avistou coisas de colorido que lhe chamou a atenção por ser diverso das cores da mata e que eram as roupas de Jenssen e de Malbihn, atrás de uma moita, não longe da árvore em que ele estava oculto. Precisava ficar alerta. Quem seriam aqueles intrusos? Que tinham eles a fazer na floresta dos Manganis?

Korak rastejou sem bulha em volta daquela moita, procurando um ponto donde pudesse sentir-lhes o cheiro e vê-los melhor e, apenas pôs em prática essa resolução, reconheceu-os de ponto — eram os homens que atiraram contra ele alguns anos antes. Seus olhos fuzilaram. Sentiu os próprios cabelos se eriçarem até a raiz. Quedou-se à espreita, com a atenção concentrada de uma pantera prestes a saltar sobre a presa

Viu-os levantar-se e, a gritar, aproximar-se da jaula, para espantar os bugios. Em seguida um deles ergueu a carabina e atirou em meio ao bando surpreso e enfurecido. Por um momento Korak chegou a pensar que os bugios iam atacá-los, mas dois outros tiros dos brancos foram o bastante para escaramuçá-los e fazê-los refugiar-se nas árvores.

Então os dois europeus se dirigiram para o lado da armadilha. Korak julgou que eles iam matar o rei dos bugios. Nada se interessava pelo rei prisioneiro, porém, menos ainda pelos dois brancos. Esse rei jamais tentara matá-lo, a ele. Korak, e aqueles dois brancos já o haviam tentado. O rei era um habitante da sua amada floresta, e, os brancos, estranhos ali. Seu dever de solidariedade era, portanto, para

com o macaco e não para com os homens. Ele sabia falar a língua dos bueios, que era idêntica à dos antropóides. Viu além da clareira o bando guinchador a espiar aqueles homens.

Korak gritou, chamando-lhes a atenção. Os dois brancos olharam para trás. Pensaram que fosse outro bugio que tivesse dado volta em torno deles, mas perscrutando as copas, não avistaram o ser oculto na folhagem, o qual então silenciara.

Korak ergueu novamente a voz.

— Sou o Matador — gritou. — Estes homens são inimigos meus e de vocês. Eu os ajudarei a salvar seu rei. Atirem-se contra os dois quando me virem fazer o mesmo, que juntos os tocaremos daqui e soltaremos o rei bugio.

Logo os bugios responderam em formidável coro:

— Faremos o que você diz, Korak!

Pulando da árvore no chão, Korak precipitou-se para o lado dos dois suecos e no mesmo instante seu exemplo foi imitado por trezentos bugios.

Ao verem o estranho guerreiro branco, seminu, avançar de lança erguida contra eles, Jenssen e Malbihn ergueram as carabinas e as dispararam contra Korak: mas, em seu nervosismo erraram o alvo. Daí a um instante os bugios caíram sobre eles. Sua última esperança de salvação era a fuga.

E ziguezagueando daqui para ali a repelir os grandes bugios que lhes saltavam nas costas, corriam pela mata a fora. Não ficariam vivos se não os acudissem seus homens, que eles encontraram a pouca distância dali.

Apenas os homens brancos fugiram, Korak não lhes prestou mais atenção, dirigindo-se para o lado do bugio prisioneiro. O mecanismo dos fechos da portinhola desafiara o poder de compreensão dos macacos, mas revelara imediatamente seu segredo à inteligência humana do Matador, pelo que daí a instantes o rei bugio se viu livre. Ele não perdeu tempo a agradecer a Korak, nem o jovem esperava agradecimentos. Sabia, porém, que nenhum dos símios se esqueceria do serviço prestado, embora isto pouco lhe importasse. O que fizera fora inspirado pelo desejo de vingar-se dos dois brancos. Os bugios de nada lhe valeriam. A esse momento convergiam céleres para o lugar da luta, cujo resultado oscilava entre eles e os camaradas dos suecos; e enquanto o rumor daquela se desvanecia ao longe, Korak voltou-se para continuar sua jornada rumo à aldeia de Kovudu.

No caminho encontrou-se com um rebanho de elefantes, em um lugar onde a mata era mais rala. Como as árvores fossem mais distanciadas, Korak não podia continuar a viagem de galho em galho — modo de viajar que preferia, não só por ficar livre dos embaraços do mato rasteiro, e pelo descortínio mais amplo que ali tinha, como

também por orgulhar-se da própria agilidade. E achava delicioso pular de árvore em árvore; punha em prova em belas proezas as forças de seus músculos; e exercitava assim uma habilidade que muito lhe custara adquirir. Korak vibrava de alegria achando-se em grandes altitudes donde, sem empecos de qualquer espécie, podia rir-se dos grandes animais condenados a rastejarem perenemente na umidade da penumbra do solo.

Mas ali, naquele claro da mata, onde Tantor abanava as orelhas enormes e bamboleava p corpanzil imenso, o homem-macaco devia caminhar pelo chão, como um pigmeu entre gigantes.

Um grande elefante ergueu a tromba e deu um surdo sinal de alarma quando pressentiu a chegada de um ser estranho. Seu olhar pouco penetrante sondava o arredor, mas foi com o olfato e o ouvido apuradíssimo que descobriu o lugar donde vinha o homem-macaco. O rebanho agitou-se todo, preparando-se para a fuga. pois o elefante velho farejava um homem.

— Paz, Tantor! — bradou o jovem. — Sou eu, Korak, Tarmangani.

O elefante abaixou a tromba e o rebanho continuou sua meditação interrompida. Korak passou a dois palmos de distância do grande paquiderme. Uma tromba ondulou para o lado dele. fazendo-lhe uma semi carícia na pele tisonada, Korak deu uma palmada afetuosa em sua grande espádua, ao passar.

Havia anos que ele vivia em boas maneiras com Tantor e seus companheiros. De todos os animais das selvas os que mais amava eram os possantes paquidermes — os mais pacíficos e, ao mesmo tempo, os mais terríveis de todos. A graciosa gazela não o receava, e o próprio Numa, o rei das selvas, concedia-lhes grandes regalias.

Korak seguiu por entre os elefantes, as elefantas e seus filhotes. Aqui e ali uma tromba ondeava para tocar-lhe a pele e houve um filhote brincalhão que lhe deu com a sua uma rasteira, fazendo-o cair.

Já ia a tarde em seu termo quando Korak chegou à aldeia de Kovudu. Havia ali muitos naturais espreguiçando em lugares de sombra junto às cubatas cônicas ou debaixo de algumas árvores que deixaram crescer dentro do cercado. Em toda a parte viam-se guerreiros. Não era um bom momento para um inimigo desacompanhado, proceder a uma busca na aldeia.

Korak resolveu esperar pela noite. Ele poderia enfrentar muitos guerreiros mas, só, não conseguiria derrotar toda uma tribo — nem mesmo por amor de sua Myriam.

Enquanto esperava entre as ramas e a folhagem das árvores vizinhas, esquadrihava de contínuo a aldeia com o olhar penetrante. Duas vezes rodeou-a, aspirando os incertos lufos da aragem, que ora soprava de uma direção e ora de outra. Entreos diferentes maus cheiros de uma aldeia de pretos, o sensível olfato do

homem-macaco foi enfim recompensado, reconhecendo suave aroma revelador da presença da pessoa a quem buscava. Myriam estava ali — em uma daquelas choças! Mas, em qual delas, era o que não podia saber sem mais detidas pesquisas; esperou, por isso, ao cair da noite, com a paciência de um animal das brenhas tocaiando a presa.

A essa hora os fogos acesos pelos pretos ao ar livre apareciam nas trevas, de longe, como nódos luminosas a projetar os fracos raios em clarões circulares, em meio dos quais sobressaíam os luzidios corpos nus dos pretos deitados ou sentados ao redor dos mencionados fogos. Foi então que Korak desceu sub-repticiamente da árvore onde estava oculto, indo cair, sem bulha, no lado interno da estacada.

Caminhando pelas sombras das palhoças, começou uma busca sistemática em toda a aldeia — com os ouvidos, os olhos e as narinas em vigilância constante, para apanhar o primeiro indício da proximidade de Myriam.

Rastejava no solo com extrema lentidão, para que nem mesmo os sagazes mastins dos selvagens percebessem a presença de um estranho dentro do recinto da aldeia. Esteve muitas vezes a pique de ser descoberto, o que percebeu pelo latir insistente de alguns deles.

Foi só quando chegou aos fundos de uma palhoça no começo da rua principal da aldeia que Korak sentiu de novo, perfeitamente, o cheiro de Myriam. Com o nariz rente à palha da parede Korak farejou fortemente em torno da tosca construção — atento e ansioso como um cão de caça.

Havendo-lhe o olfato confirmado que Myriam estava ali dentro, ele se encaminhou para a entrada da palhoça mas, ao contorná-la, avistou à porta um negro espadaúdo armado de uma lança. Estavam voltadas para ele as costas desse negro, cujo vulto ele via recortado ao clarão distante dos fogos acesos na rua, para cozinharem os alimentos. Estava só. O mais próximo de seus companheiros encontrava-se junto a um fogo, a uns vinte ou trinta metros além.

Para entrar na palhoça Korak deveria fazer a sentinela silenciar, ou então passar despercebido. O perigo da primeira alternativa consistia na quase certeza de alarmar os guerreiros mais próximos e tê-los e mais o resto da aldeia sobre si. A realização da última parecia impossível. Impossível para mim ou para o leitor, mas Korak, o Matador, não se parecia conosco.

Havia um bom palmo e meio de espaço entre as largas costas do preto e o portal da entrada. Poderia Korak passar por ali sem ser notado? A luz que incidia sobre o brilhante ébano da pele da sentinela também caía na pele moreno-clara de Korak. Se acaso algum dos que estavam para baixo, na mesma rua, olhasse para aquele lado, avistaria, sem dúvida, a mover-se sua figura alta e de cor levemente bronzeada; mas

Korak contava com o interesse da conversação dos mesmos para conservar-lhes a atenção presa e também com a claridade próxima do fogo, que não os deixaria enxergar claramente ao longe, em lugar sombrio da aldeia.

Renteou a parede da choça, mas sem o mínimo roçar na palha seca que chamasse a atenção do preto, do qual o Matador se avizinhava cada vez mais. Em seu sinuoso mover-se já estava atrás dele. Sentia já nos joelhos o calor de seu corpo nu. Ouvia-lhe o respirar. Admirou-se de que a branca criatura ainda não houvesse dado por ele, pois a sentinela estava tão inconsciente da presença de outra pessoa, como se essa outra pessoa não existisse.

Korak andava pouco mais de uma polegada de cada avanço e em seguida parava um momento. Estava ainda atrás do guarda quando o mesmo endireitou o corpo, escancarou a bocarra em um bocejo e esticou os braços sobre a cabeça. Korak ficou em imobilidade de estátua. Mais um passo e estaria dentro da palhoça. O preto baixou os braços e afrouxou novamente a atitude. Atrás do mesmo estava o portal. Muitas vezes, antes daquele instante, ele, com sono, já havia encostado ali a cabeça e, dessa vez, inclinou-se para trás a fim de gozar o prazer proibido de um cochilo.

Mas em vez de se encostarem na madeira do portal, sua cabeça e suas costas se apoiaram na carne tépida de duas pernas de um ser vivo. A exclamação de surpresa que lhe saiu da boca foi recalcada por duas mãos de aço, que lhe comprimiram a traquéia com a rapidez do pensamento.

O preto forcejou por levantar-se, por virar-se para aquela criatura que o agarrara e livrar-se de suas garras: mas foi tudo inútil. Parecia preso em terrível torno de ferro de que não podia libertar-se. Também não podia gritar. Aqueles dedos potentes apertavam-lhe cada vez mais o pescoço. Os olhos saltavam-lhe das órbitas. Sua cara assumia cor cinzenta azulada.

Dado momento o corpo se lhe afrouxou de novo — mas dessa vez para cair no sono de que não se desperta mais. Korak encostou-lhe o corpo no portal. Ali ficou, sentado, parecendo, naquela meia luz, um ser vivo. Em seguida o homem-macaco voltou-se e mergulhou na escuridão estígia do interior da palhoça.

— Myriam! — sussurrou.

— Korak! Meu Korak! — foi a exclamação que teve em resposta, abafada pelo receio de provocar um alarma e também pelo excesso de júbilo que lhe dificultava a fala.

O moço ajoelhou-se e cortou as cordas que lhe prendiam os punhos e tornozelos. Daí a um momento a ajudou a levantar-se e, segurando-lhe a mão, puxou-a para o lado da porta. Fora, a sentinela da morte continuava sua lúgubre vigilância. Farejando os pés do cadáver, latia um mastim africano. Vendo os dois sair da

palhoça, o animal, teve um ronco feroz para eles; e como incontinenti sentisse o cheiro de um homem estranho de cor branca, deu uma série de ladridos fortes. Estes no mesmo instante atraíram a atenção dos guerreiros que se achavam em torno do fogo mais próximo. Eles volveram os rostos para aquela direção. Era impossível que deixassem de notar a cor branca dos fugitivos.

Korak mergulhou-se de pronto na sombra lateral da palhoça, puxando Myriam; mas demasiadamente tarde. Os pretos tinham visto o bastante para sentirem suspeita e já uma dúzia deles ia verificar o que sucedia. O mastim ladra-dor, ainda rente aos calcanhares de Korak, revelaria infalivelmente aos pretos a direção que tomaram. O jovem, irritado, deu-lhes lançadas; mas, acostumado a desviar-se de pancadas, o animal era um alvo difícil de atingir.

Os outros pretos foram alarmados com a correria e gritos dos companheiros e, em seguida, toda a população da aldeia correu subindo a rua para ajudar a busca. A primeira coisa descoberta foi o cadáver do guarda e, instantes depois, havendo um dos mais valentes entrado na palhoça, deu pela falta da prisioneira.

Aquelas surpreendentes notícias encheram os pretos de um misto de raiva e de terror, mas, não enxergando inimigo algum, a raiva preponderou; por isso, os primeiros a chegar, empurrados pelos que vinham atrás, rodearam correndo a palhoça em direção ao ponto donde soavam os latidos. Viram aí, somente um guerreiro branco com sua prisioneira e, reconhecendo-o como o autor de numerosos assaltos e roubos, e certos de que o encurralariam facilmente, avançaram ferozmente para seu lado.

Vendo que tinham sido descobertos, Korak pôs Myriam sobre o ombro e correu para o lado da árvore por onde entrara na aldeia. Sua fuga era dificultada pelo peso de Myriam, que mal se podia sustentar em pé, quanto mais correr, pois os fortes nós com que lhe ataram os tornozelos haviam embaraçado a circulação, deixando-lhe os pés quase paralisados.

Não fosse essa circunstância, em poucos instantes estariam longe dali. Myriam era pouco menos ágil que Korak e sentia-se tão à vontade nas árvores, como ele mesmo. Mas carregando-a em seu ombro Korak não podia correr nem resistir vantajosamente; o resultado foi que, antes de transpor a metade da distância da árvore, alguns vinte cães, assanhados pelos latidos do primeiro e pelos brados de seus donos, estavam a ladrar-lhe rente às pernas. Korak chegou a tropeçar num deles e cair. Nesse momento os cães-hienas caíram-lhe em cima e, ao tentar levantar-se, os pretos também já estavam perto dele.

Dois daqueles agarraram Myriam, que se defendia com unhas e dentes e a subjugaram — bastou para isso um soco na cabeça. Quanto ao homem-macaco, era mister recorrerem a meios mais enérgicos. Apesar do ataque dos cães e dos homens,

conseguiu enfim levantar-se e distribuir para a direita e para a esquerda socos violentos nas caras dos antagonistas humanos; em relação aos cães, não lhes dava atenção, a não ser para agarrar os mais importunes e torcer-lhes o pescoço com um leve movimento de mão.

Como um Hércules cor de ébano lhe alçasse sobre a cabeça uma clava guerreira, ele arrebatou-a a seu adversário e em seguida os pretos conheceram a possibilidade de tomar desforra que se continha na musculatura harmoniosa e contrátil existente sobre a pele tisonada daquele singular gigante. Ele atirou-se no meio dos pretos com a fúria rompante de um elefante louco. Batia aqui e ali os poucos que tinham a temeridade de enfrentá-lo e era evidente que, se uma lançada casual não o chegasse a derribar, derrotaria toda a aldeia e recuperaria sua presa.

Mas o velho Kovudu não se conformava facilmente com ver-lhe arrebatarem com essa facilidade o valor do resgate que a jovem representava; e vendo que a fraqueza dos seus resistia no modo desordenado de atacar, que resultará até então numa série de lutas individuais com o guerreiro branco, convocou os homens de sua tribo e, reunindo-os em um grupo compacto ao redor de Myriam e dos dois que a vigiavam, mandou-os que se limitassem a repelir as investidas do homem-macaco.

Várias vezes Korak acometeu aquela trincheira humana, erizada de pontas de lanças; em todas elas repeliram-no, chegando a produzir vários ferimentos sérios, que o fizeram proceder com mais cautela. Achava-se tinto da cabeça aos pés com o próprio sangue; afinal enfraquecido com essa perda, entrou-se da amarga certeza de nada mais poder então fazer para salvar sua companheira. E uma idéia surgiu-lhe no cérebro. Chamou Myriam em altas vozes. Recobrando nessa ocasião os sentidos, ela respondeu.

— Korak vai-se embora — bradou — mas ele voltará para tirar você das mãos dos Gomanganis. Adeus, minha Myriam! Korak voltará de novo.

— Adeus! — gritou-lhe a moça. — Myriam esperará sua vinda.

Rápido como um relâmpago, e antes que pudessem conhecer-lhe a intenção ou obstá-la, Korak rodou sobre os calcanhares, atravessou a aldeia a correr e de um pulo desapareceu entre a folhagem da grande árvore que lhe servira de caminho para entrar na aldeia de Kovudu. Choveram lanças sobre ele, mas o único resultado foi ouvirem uma gargalhada que, das trevas da mata, chegara até os ouvidos dos guerreiros negros.

CAPÍTULO XIII

AMARRADA outra vez, e sob grande vigilância na própria palhoça de Kovudu, Myriam viu passar-se a noite e alvorecer o dia seguinte sem o esperado retorno de Korak. Não duvidava de que ele voltaria, nem de que a livraria facilmente de seu cativo.

Para ela Korak era quase onipotente. Ele encarnava, a seus olhos, o que havia de mais belo, mais forte e melhor no seu mundo silvestre. Orgulhava-se com suas proezas e adorava-o pelos ternos cuidados com que sempre a tratara. Quando alcançava suas memórias, não se lembrava de mais ninguém que lhe dedicasse essa constante afeição e delicadeza.

Korak já havia, desde muito tempo, perdido as maneiras mais gentis de sua remota infância, com a feroz luta pela vida em que os hábitos da selva o forçaram a empenhar-se. Ele era mais vezes brutal e sanguinário do que carinhoso e bom. Seus outros amigos das selvas não lhe pediam provas de afeto. Bastava que caçassem juntos e combatesse por eles. Se Korak roncasse para os mesmos e lhes mostrasse os dentes quando usurpavam seus legítimos direitos sobre o fruto da sua própria caça, os companheiros não se zangavam com ele — ao contrário, aumentava-lhes o respeito pelo eficiente e justo caçador que, não só sabia matar e caçar, como também defender-lhe a carne, evitando a espoliação.

Mas para Myriam ele sempre patenteava mais seus sentimentos humanos. Se abatia um animal, era, em primeiro lugar, para ela. Era aos pés de Myriam que lançava o resultado de seus esforços. E por Myriam, mais do que por si mesmo, é que se agachava perto da carne de sua vítima e rosnava ameaçador ao que se atrevesse a farejá-la de mui perto.

Quando sentia frio, nos sombrios dias de chuva, ou sede nos longos períodos de seca, fazia-o sofrer, mais que tudo, a idéia de que Myriam padecia; depois de sabê-la agasalhada e de saciar-lhe a sede é que cuidava do seu próprio bem-estar.

As peles mais macias caíam graciosamente dos delicados ombros de Myriam. As mais perfumadas ervas cobriam seu abrigo na árvore e as peles que o forravam faziam de sua cama o ninho mais macio de toda a floresta.

Que havia, pois, de admirar no fato de Myriam amar seu Korak? Mas amava-o como a uma irmãzinha ao irmão mais velho que se mostra bom para ela. Pois ainda nada sabia a respeito do amor de uma mulher por um homem.

Por isso, agora que o esperava, pensava em Korak e em tudo o que ele significava para ela. Comparava-o com o Sheik, seu pai, e, ao evocar o velho árabe severo,

estremecia de horror. Até os pretos selvagens eram menos cruéis para ela do que o pai. Não lhes conhecendo a língua, não sabia com que intuito a mantinham prisioneira.

Sabia que homem come homem e, assim, esperava que a devorassem; mas já estava com eles havia algum tempo e nenhum mal lhe haviam feito. Ignorava que haviam mandado um mensageiro à aldeia remota do Sheik, a fim de estipular com ele o resgate da filha. Ignorava, e Kovudu também, que o mensageiro não chegara a seu destino; encontrara-se com os “safari” de jenssen e Malbihn e com a loquacidade de um natural com os outros naturais revelara o fim de sua viagem aos servidores pretos dos dois suecos. Eles não tardaram a referir o caso a seus amos e o resultado foi que, ao partir o mensageiro do acampamento para continuar a viagem, nem bem o perdera de vista, quando soou um tiro de carabina e ele caiu morto com uma bala nas costas.

Poucos minutos depois voltou Malbihn ao acampamento, onde deu a explicação confusa de que errara um tiro desfechado num belo gamo. Os suecos sabiam que seus homens o detestavam e que qualquer hostilidade notória contra Kovudu chegaria aos ouvidos deste, no primeiro ensejo; e não se sentiam bastante fortes com carabinas ou camaradas fiéis, para se arriscarem a incorrer no ódio do traiçoeiro e velho SOBA africano.

Depois desse incidente, houve o encontro com o estranho selvagem branco que se aliara com as feras contra os humanos. Só depois de hábeis manobras e de gastar muita pólvora os suecos conseguiram rechaçar os enraivecidos macacos e, mesmo assim, seu acampamento foi roubado por centenas de ferozes demônios guinchadores.

Empunhando as carabinas, os suecos repeliram numerosos e terríveis ataques a que somente faltara hábil comando para tornar seus efeitos tão terríveis como o seu ímpeto. De tempos a tempos esses dois homens supunham entrever em meios aos bugios, na floresta, o corpo sem pêlos do feroz homem-macaco e enchia-os de inquietação a idéia de que este pudesse chefiar um assalto. Dariam tudo para liquidá-lo com um tiro, pois lhe atribuíam a perda de seu precioso espécime e a atitude agressiva dos bugios para com eles.

— Aquela criatura deve ser a mesma em quem atiramos há alguns anos. Nessa ocasião era acompanhado por um gorila. Reparou bem nele, Carl?

— Sim, — respondeu Carl Jenssen. — Dei-lhe tiros quando estava a menos de cinco passos de distância. Tinha um ar inteligente de europeu e parecia pouco mais de um menino. Não havia em suas feições traços de degeneração ou imbecilidade, como é comum ocorrer em tais casos, quando loucos fugidos dos hospícios se entranham nas matas, os quais, por viverem sujos e nus, os lavradores das cercanias

tomam por selvagens. Não! Este sujeito é bem diferente e infinitamente mais de se temer. Tão grande seria meu prazer de derrubá-lo com o tiro, quanto meu desejo de vê-lo a mil léguas de distância. Se ele se resolvesse a dirigir um ataque contra nós, eu não daria muito por nossas vidas se não o matássemos na primeira descarga.

Mas o gigante branco não reapareceu para instigar os bugios contra eles. Esses animais, finalmente, acolheram-se à mata, deixando em paz os assustados “safari”.

No dia seguinte os suecos partiram para a aldeia de Kovudu, com o intuito de procurar apropriar-se da moça branca que o mensageiro daquele chefe lhes dissera achar-se prisioneira na aringa do mesmo. Como conseguir a realização desse intento, era o que não sabiam ainda. O emprego da força estava fora de questão, embora não hesitassem em usá-la se fossem os mais fortes. Alguns anos antes haviam percorrido dilatados territórios empregando a violência mesmo quando com gentileza ou diplomacia poderiam obter melhores resultados; mas agora contavam com menos recursos; tão pouco, que apenas umas duas vezes por ano revelavam seu verdadeiro caráter e isso mesmo ao encontrarem alguma aldeia isolada de poucos habitantes e de natural medroso.

Kovudu não se arrolava entre estes; e, malgrado sua aldeia ficasse distante das zonas mais povoadas do norte, seu poder era tal, que mantinha soberania reconhecida sobre a delgada fieira de aldeias que separavam a sua da dos selvagens senhores do norte.

Hostilizá-lo, seria buscar a desgraça. Se tal sucedesse, os suecos não poderiam regressar pelo norte à zona civilizada. A oeste, ficava a aldeia do Sheik a embargar-lhes o passo. Para leste, não conheciam os caminhos e para o sul não os havia. Por isso, os dois suecos chegaram à aldeia de Kovudu com palavras amáveis nas línguas e profunda astúcia nos corações.

Seu plano fora bem traçado. Não fariam alusão à prisioneira branca — a atitude seria a de ignorarem por completo sua existência ali. Trocaram presentes com o velho soba, regateando com os plenipotenciários deste os valores dos objetos que iam receber em troca dos seus, como é usual e conveniente a quem não chega com intuítos secretos. Uma generosidade desinteressada despertaria suspeitas.

Durante a conversação que, em seguida, tiveram com o chefe negro, os recém-vindos contaram-lhe as novidades sabidas nas outras aldeias por onde passaram e ouviram, por sua vez, as novas que Kovudu sabia. Essa conversação foi longa e enfadonha, como sempre o são para europeus tais cerimônias em uso nas tribos selvagens.

Kovudu não fez menção da prisioneira e, os generosos oferecimentos de guias e presentes para os suecos, pareciam indicar que desejava ansioso a pronta partida de

seus hóspedes.

Foi Malbihn quem, já quase no fim da conversa, referiu, como casualmente, que o Sheik havia morrido. Kovudu patenteou vivo interesse e surpresa. — Não sabia ainda? — perguntou Malbihn. — É de estranhar. Foi há uma lua. Caiu do cavalo quando este meteu um pé num buraco e o animal foi para cima dele. Quando seus homens chegaram já o Sheik estava morto.

Kovudu cocou a cabeça. Foi grande sua decepção. Essa notícia significava que não negociaria com o Sheik o resgate da moça branca. Esta, agora, lhe seria inútil, a menos que não a devorassem ou... que não a fizesse sua esposa. Esta última hipótese despertou-lhe uma idéia. Dando uma cusparada num besouro que engatinhava à sua frente na poeira do chão, ele olhou para Malbihn, a matutar. Os brancos tinham bom gosto. Ê certo que partiam de suas aldeias sem as esposas e viajavam sem elas longas distâncias. Mesmo assim deveriam gostar de mulheres; mas até que ponto? eis a pergunta que Kovudu revolvía no espírito.

— Eu sei onde há uma moça branca — disse subitamente.

— Se a quiserem comprar, poderão obtê-la por pouco preço.

Malbihn deu de ombros.

— Já temos muitas cousas a incomodar-nos — respondeu

— para querermos acrescentar mais uma mulher, pagando-a, ainda além de tudo.

E o sueco fez um trejeito de desdém.

— Ela é moça e bonita — insistiu Kovudu. Os suecos deram uma risada.

— Nestes rincões não existem mulheres brancas bonitas

— respondeu Jenssen. — Não se envergonha de pregar tal mentira a dois amigos velhos?

Kovudu ergueu-se de ímpeto.

— Venham — disse. — Vou mostrar-lhes que é tal qual como digo.

Malbihn e Jenssen também se levantaram para acompanhá-lo e enquanto o fazia, entreolharam-se e Malbihn piscou para o amigo. Entraram juntos com Kovudu na cubata deste. No seu interior sombrio divisaram uma jovem amarrada e deitada numa esteira.

Malbihn deu-lhe um rápido lance d'olhos e afastou-se.

— Ela parece ter mil anos de idade, Kovudu — disse ao sair da palhoça.

— JÊ muito moça! — protestou o selvagem. — É porque dentro está escuro e não se vê bem. Espere que vou trazê-la para a claridade.

E depois destas palavras ordenou aos guerreiros que vigiavam Myriam que

cortassem as cordas que lhe prendiam os pés e a fizessem sair.

Malbihn e Jenssen não se mostraram muito interessados embora ansiassem — não por vê-la, mas por se apossarem dela. Pouco se lhes daria de que tivesse a cara de uma bruxa ou o aspecto do barrigudo Kovudu. O que queriam era saber se era a menina que tinha sido roubada do Sheik alguns anos antes. Julgavam que a reconheceriam se fosse a mesma, mas bastava a circunstância do aviso que o chefe negro mandara ao árabe, para certificá-los de ser a mesma que um dia eles tentaram raptar.

Quando Myriam foi retirada da penumbra da palhoça para lugar claro, os dois homens olharam-na com a máxima indiferença. Foi a custo que Malbihn sopitou uma exclamação de assombro. A beleza da jovem deixava-o quase sem fala, mas, dominando-se no mesmo instante, virou-se para Kovudu, que lhe perguntava:

— Não a acha bonita?

— Não é velha — conveio Malbihn — mas, mesmo assim, ela nos será um trambolho incômodo. Não viemos do norte buscar esposas — já as temos, nós dois, mais do que suficientes.

Myriam encarava de fito os homens brancos. Nada esperava deles — considerava-os tão inimigos como os pretos. Detestava e temia a todos eles. Malbihn disse-lhe em árabe:

— Nós somos amigos. Quer que a levemos conosco?

Lenta e obscuramente, como de grande distância, lembrou-se da significação das palavras dessa língua que lhe fora familiar.

— Gostaria de ver-me em liberdade, para voltar para perto de Korak — respondeu.

— Não quer ir conosco? — interrogou Malbihn.

— Não — disse Myriam.

Malbihn voltou-se para Kovudu, dizendo:

— Ela não quer acompanhar-nos.

— Os senhores são homens — tornou o chefe negro, — Não podem levá-la à força?

— Seria mais um embaraço para nós — objetou o sueco. — Não, Kovudu; nós não a queremos; em todo caso, se deseja descartar-se dela, estamos prontos a levá-la conosco, como prova de nossa velha amizade.

Kovudu compreendeu que estava feito o negócio. Eles queriam levá-la. Por isso começaram a combinar o preço e, por fim, a propriedade de Myriam foi transferida

paia os dois suecos por seis metros de algodãozinho, três cápsulas detonadas de carabina, de latão, e uma reluzente faca nova. E iodos, exceto Myriam, ficaram contentíssimos com a transação.

Kovudu impôs somente uma condição — e era que os europeus partissem com a moça, de sua aldeia, no dia seguinte, o mais cedo possível. Depois de efetuado o negócio, ele não hesitou em expor as razões desse pedido. Contou-lhes a desesperada tentativa de salvá-la, por parte de seu companheiro selvagem e fez-lhes ver que, quanto mais depressa saíssem daquela zona, mais probabilidades teriam de conservá-la em seu poder.

Myriam foi outra vez amarrada e mantida sob vigilância, mas, dessa vez, na barraca dos dois suecos. Malbihn falou com ela, exortando-a a acompanhá-los de boa vontade. Disse-lhe que os dois a levariam para sua própria aldeia; mas, ao perceber que ela de melhor grado morreria do que voltaria para junto do velho Sheik, ele afirmou-lhe não ser verdade o que lhe dissera; e o fato é que os brancos não tinham mesmo a intenção de conduzi-la para o referido lugar.

Enquanto conversava com a jovem, o sueco contemplava-lhe gulosamente as belas feições e o corpo bem feito. Achara-a mais alta, graciosa e esbelta, do que quando a vira na aldeia do Sheik. Por espaço de anos Myriam representara para ele uma fabulosa recompensa. Em seu espírito fora a personificação dos prazeres e da opulência que milhares de francos podem comprar. Entanto, naquele momento, vendo-a, à sua frente, tão jovem, tão adorável, surgiam-lhe na mente sedutoras possibilidades.

Avizinhou-se mais dela e pôs a mão em seu ombro. A moça retraiu-se a esse contato. Ele agarrou-a, e Myriam deu forte bofetada na boca que a tentava beijar.

Nesse instante Jenssen entrou na barraca.

— Malbihn! — foi mais um grito enérgico do que uma exclamação. — Você está louco?

Sven Malbihn largou a jovem e voltou-se para o companheiro. Ficara rubro de contrariedade.

— Que diabo ia você fazer? — resmungou Jenssen. — Queria que perdêssemos a recompensa? Se lhe fizermos mal, não só não receberemos um vintém, como também, por paga do trabalho iremos parar na prisão.

— Eu não sou de pau — resmungou Malbihn.

— Melhor seria que o fosse — tornou-lhe Jenssen — pelo menos até o momento de a entregarmos e receber o dinheiro.

— Com mil diabos! — exclamou o outro. — Que mal faz? Eles ficarão bem

contentes por a encontrarem e ela, nessa ocasião, terá todo o interesse em nada revelar. Por que não?

— Porque eu digo que não! — rugiu Jenssen. — Nunca me importei com a sua depravação, Malbihn; mas neste caso aquilo que digo deve ser a última palavra — porque tenho razão e você não, e porque ambos reconhecemos essa verdade.

— Você tornou-se virtuoso de repente! — bradou por seu turno Malbihn. — Quem sabe se pensa que já me esqueci da filha do hoteleiro e da pequena Celelle e daquela moça preta em...

— Não diga asneiras! — tornou raivoso Jenssen. — Não se trata de virtude e você o sabe tão bem como eu. Não quero brigar, mas Deus o livre de pretender fazer algum mal a essa moça, que para evitar tal cousa, não hesitarei em liquidá-lo. Já tenho sofrido bastante, vivi tempos como escravo e quase me mataram quarenta vezes nos últimos nove ou dez anos à procura daquilo que a sorte afinal atirou a nossos pés, por isso não me deixarei privar dos meios de realizar minha ambição pelo simples fato de ser, você, mais um animal do que um homem. Previno-o outra vez, Malbihn...

E levou significativamente a mão ao revólver que trazia na cinta.

Malbihn encarou carrancudo o amigo, encolheu os ombros e saiu da barraca. Jenssen dirigiu-se a Myriam.

— Se ele outra vez a aborrecer, grite, chamando-me — recomendou. — Estarei sempre perto.

A moça não entendeu as frases trocadas entre seus donos, pois foram ditas em sueco, mas compreendeu bem o que Jenssen lhe disse em árabe, ficando assim sabendo qual o assunto da discussão entre os dois. As expressões dos rostos, os gestos, o ato de Jenssen, no fim, de levar a mão ao revólver, antes de Malbihn sair, faziam-na ver com eloquência quão séria fora a alteração.

Naquele ensejo, confiado na benevolência de Jenssen e com a ingenuidade de seus verdes anos, ela pediu-lhe que lhe restituísse a liberdade, para voltar para a mata virgem e continuar a viver com o seu Korak; esperava-a, porém, uma desilusão, pois não só aquele homem se riu grosseiramente de seu pedido, senão também a avisou de que, se procurasse fugir, ele, como castigo, a deixaria à mercê de seu compatriota Malbihn.

Toda aquela noite ela passou à escuta, esperando ouvir algum sinal de Korak. Vindos da escuridão da selva em cujo seio estava o acampamento, apreendia sons inaudíveis para os suecos e seus homens — sons que eram para ela como as palavras de um amigo — mas nenhum deles era relativo da proximidade de Korak. Sabia, contudo, que ele não deixaria de ir salvá-la. Causa alguma, a não ser a morte,

poderia impedir que Korak fosse ter com ela. Mas por que se demorava tanto?

Ao sobrevir a manhã, após aquela noite em que não recebera o auxílio esperado, ainda continuava inabalável a confiança de Myriam, embora começasse a preocupar-se com a sorte de seu companheiro. Figurava-se-lhe incrível que pudesse acontecer algum desastre a seu prodigioso Korak que sempre atravessara ileso todos os horrores das selvas. Todavia, o dia amanhecera, tomaram a colação matinal, ergueram acampamento e os “safari” dos suecos já se encaminhavam para o norte, sem que houvesse quaisquer indícios do socorro esperado por Myriam.

Jornadearam todo aquele dia, e mais dois ainda, sem que também Korak se mostrasse ao menos à paciente Myriam que seguia, hirta e muda, entre seus dois rudes senhores.

Malbihn ficara trombudo e furioso. Limitava-se a responder com breves monossílabos às palavras conciliadoras e amigas de Jenssen. Ele não conversava com a jovem, mas em várias ocasiões esta o observara a devorá-la com os olhos semicerrados e cúpidos. Esse olhar lhe dava calafrios de susto; nesses momentos apertava com mais força sua Zika contra o seio, sentindo grandemente já não possuir a faca, que lhe havia sido tomada quando Kovudu a aprisionara.

Foi no quarto dia que Myriam começou a perder definitivamente a esperança. Alguma coisa sucedera a Korak. Teve certeza disso. Agora ele não viria mais, e aqueles homens a levariam para mui longe. E depois a matariam. Nunca mais reveria o seu Korak!

Naquele dia os suecos descansaram, pois seus homens estavam fatigados com a marcha forçada dos dias anteriores. Malbihn e Jenssen tinham-se afastado do acampamento para caçar, seguindo em direções diferentes. Há cerca de uma hora haviam partido quando se abriu a porta da barraca de Myriam e assomou Malbihn no seu limiar. Seus olhos tinham nesse momento uma expressão bestial.

CAPÍTULO XIV

COM os olhos arregalados para ela, como os de um animal sob o influxo do olhar magnético de uma grande serpente, a moça viu-o caminhar para seu lado. Tinha ela as mãos livres, pois os suecos a haviam prendido com longa corrente antiga de amarrar escravos, presa de um lado, em seu pescoço, por uma argola fechada com um cadeado; e do outro lado, em uma grande estaca, enterrada profundamente no chão.

Polegada a polegada, Myriam foi recuando, devagar, para o lado oposto da barraca. Malbihn continuava a avançar. Tinha os braços estendidos e os dedos encurvados, como garras, para agarrá-la. De seus lábios entreabertos saía-lhe o respirar amiudado e ofegante.

Myriam lembrou-se de que Jenssen lhe recomendara que gritasse chamando-o se Malbihn a aborrecesse; mas Jenssen estava na mata a caçar. Malbihn escolhera bem a ocasião. Mesmo assim ela gritou agudamente uma, duas, três vezes, antes de Malbihn ter tempo de acabar de atravessar o espaço intermédio e sufocar com as mãos brutais seus gritos de socorro. Em seguida ela reagiu com unhas e dentes como um animal das selvas.

O sueco não achou presa fácil. Naquele corpo esbelto e juvenil, sob suas harmoniosas curvas e sob a pele delicada e macia, havia os músculos de uma leoa nova. Mas Malbihn não era fraco. Tinha o caráter e o aspecto de um homem brutal e não os desmentiu naquela ocasião. Era gigantesco de estatura, tinha as forças de um gigante. Aos poucos a ia fazendo cair, batendo-lhe na cara quando o magoavam muito suas dentadas e unhas. Myriam ainda resistia, mas sentia-se mais e mais fraca, com a pressão dos dedos dele na garganta.

A certa distância, na floresta, Jenssen matara dois gamos. A caçada não o levava muito longe, nem tinha intenção de afastar-se muito. Desconfiava das intenções de Malbihn. O fato de seu companheiro recusar-se a acompanhá-lo e preferir caçar em outra direção nada de alarmante lhe sugeria em condições normais; mas Jenssen conhecia bem Malbihn e, por isso, garantida a alimentação, regressou sem ser impedido para o acampamento, deixando aos cuidados dos camaradas o carregar-lhe a caça abatida.

Havia percorrido a metade da distância, quando ouviu um grito longe, do lado do acampamento. Parou para escutar melhor. Mais duas vezes tornou a ouvi-lo. Fez em seguida silêncio. Murmurando uma praga, Jenssen pôs-se a correr o mais que pôde. Perguntava-se se não chegaria demasiado tarde. Que insensato era aquele Malbihn, fazendo-o arriscar-se a perder uma fortuna!

Mais adiante do acampamento e em direção diametralmente oposta, outra pessoa ouviu os gritos de Myriam — um desconhecido que ignorava acharem-se ali por perto outros homens brancos como ele — um caçador, acompanhado de alguns destemidos negros. Também ele fitara atentamente o ouvido. Não duvidou de que a voz fosse de uma mulher a pedir socorro, pelo que desandou a correr no mesmo instante para o lado de onde viera a mesma; estava, porém, mais longe do que Jenssen, por isso não chegou primeiro à barraca.

O que o sueco aí presenciou não era de molde a despertar compaixão em seu coração calejado e, sim, unicamente cólera contra o devasso de seu compatriota. Myriam procurava ainda repelir seu agressor. Malbihn continuava a dar-lhe punhadas. Rogando tremendas pragas contra seu ex-amigo, Jenssen precipitou-se no interior da “barraca. A essa interrupção, Malbihn largou sua vítima e voltou-se para repelir o furioso ataque de Jenssen. Sacou o revólver da cintura. Antes desse movimento, rápido como um relâmpago, Jenssen puxara quase simultaneamente o seu e os dois atiraram ao mesmo tempo. Então Jenssen parou de avançar e o revólver caiu-lhe da mão. Ele ficou a cambalear, como bêbado. Sem hesitar, Malbihn meteu-lhe mais duas balas no corpo, à queima-roupa.

Mesmo em seu aturdimento e terror Myriam se admirava da vitalidade tenaz do homem ferido. Tinha os olhos fechados, a cabeça descaída para o peito, as mãos pendendo inertes para a frente, mas continuava de pé, embora a cambalear macabramente. Só depois do terceiro tiro tombou de barriga no chão. Então Malbihn aproximou-se dele e, com um palavrão, deu-lhe um pontapé. Em seguida voltou-se para Myriam. Agarrou-a de novo. No mesmo instante o pano da barraca foi aberto em silêncio e um homem branco, de alto porte, assomou à entrada da mesma. Nem Myriam nem Malbihn viram o recém-chegado. O sueco estava de costas para este e seu corpo o encobria aos olhos dela. Rapidamente o desconhecido atravessou o interior da barraca, passando por cima do cadáver de Jenssen. O primeiro sinal que Malbihn teve de que não realizaria seu intento sem nova interrupção, foi o contacto de uma forte mão em sua espádua. Volveu-se defrontando-se com um desconhecido alto, de cabelos pretos e olhos pardos, de roupa caqui e capacete.

Malbihn tornou a levar a mão ao revólver, mas outra mão foi mais rápida que a sua, tomando-o e atirando-o para um lado, fora de seu alcance.

— Que significa isto? — perguntou o desconhecido a Myriam, em uma língua que ela não compreendia.

Myriam meneou a cabeça, significando que não entendia e falou-lhe em árabe. No mesmo instante o recém-chegado fez a mesma pergunta nesta língua.

— Estes homens forçaram-me a abandonar o meu Korak — explicou a moça. — Este queria fazer-me mal e o outro que ele matou procurava impedi-lo. Ambos são

muito maus. mas este é pior. Se meu Korak estivesse aqui, matá-lo-ia. Penso que o senhor é como eles e por isso não o matará.

O desconhecido sorriu.

— Ele merece ser morto? — perguntou. — Disto é que não se pode duvidar. Em outros tempos, eu o faria; mas, agora, não. Todavia, vou ver se ele não a aborrece mais.

Estava a segurar Malbihn com tal força, que este, por mais que tentasse, não podia libertar-se de suas mãos de aço; e retinha-o tão facilmente como Malbihn seguraria uma criança. E Malbihn era homem espadaúdo e musculoso. O sueco começou a enfurecer-se e a gritar injúrias. Deu um murro no seu adversário, do que resultou torcê-lo para outro lado e, com o braço esticado, mantê-lo distante. Então Malbihn gritou a seus pretos que matassem o desconhecido. Como efeito deste chamado, uma dúzia de pretos desconhecidos assomou à entrada da barraca. Estes eram todos corpulentos e fortes, bem diversos dos camaradas raquíticos que acompanhavam os suecos.



Fazendo Tantor avançar, ergueu a pesada lança e arremessou-a no corpo do leão.

— Basta de despropósitos — disse o desconhecido a Malbihn. O senhor merece a morte, mas eu aqui não represento a lei. Já sei quem é. Já ouvi falar a seu respeito. O senhor e seu amigo têm uma fama detestável. Não o queremos ver em nossa região. Desta vez deixo-o ir-se, mas, se voltar, aplicarei a lei com as minhas próprias mãos. Compreendeu?

Malbihn protestou e esbravejou e, por fim, chamou ao desconhecido um nome ultrajante. Como revide tomou um soco no queixo, que lhe fez estalar os dentes. Os que já o conhecem, sabem que o mais doloroso castigo para um homem adulto que vai proferir injúrias é um bom soco, à moda antiga, dessa natureza. Um destes é que fora aplicado a Malbihn.

— Vou agora partir, mas, da outra vez que me vir, lembre-se de quem sou — e o

desconhecido disse um nome ao ouvido do sueco, nome que, para submetê-lo, produziria mais efeito do que o faria muita pancada. E deu-lhe um empurrão que o arrojou para fora, estatelando-o na relva, além da porta da barraca.

— Agora — disse voltando-se para Myriam — conte-me com quem está a chave da argola que tem no seu pescoço.

A moça apontou o cadáver de Jenssen.

— Ele trazia sempre consigo — informou.

O desconhecido procurou-a nos bolsos até encontrá-la. Daí a instantes Myriam achava-se livre.

— Deixa-me voltar para junto de meu Korak? — perguntou ela então.

— Vou dar um jeito de mandá-la para perto dos seus — respondeu seu salvador.
— Quem são eles e onde fica sua aldeia?

Ele estivera a observar, surpreso, seus esquisitos trajes de selvagem. Pela língua que falava, a moça era evidentemente árabe; mas nunca ele vira uma árabe com aqueles trajes.

— Qual é o seu povo? E quem é Korak? — tornou ele a perguntar.

— Korak? Korak é um macaco. Não pertença a outro povo. Korak e eu morávamos sós na mata, desde que Akut foi ser rei dos macacos. — Era assim que ela pronunciava sempre o nome de Akut, de acordo com o que lhe parecia ser o modo com que Korak o pronunciava. — Korak podia ter sido o rei, mas ele não quis.

Os olhos do desconhecido tomaram expressão escrutadora. Ele fixou de mais perto a jovem.

— Então Korak é um macaco? — perguntou. — E você. é o que?

— Sou Myriam, macaca também.

— Hum!

Esta interjeição foi seu único comentário verbal daquela revelação assombrosa; e os pensamentos dele podiam ser interpretados pelo ar de compaixão que sua fisionomia assumiu. Ele aproximou-se da jovem e fez menção de pôr a palma da mão na fronte dela. Myriam recuou com um breve regougo feroz. O desconhecido sorriu ligeiramente.

— Não tenha medo de mim — disse-lhe. — Não lhe farei nenhum mal. Quero apenas ver se tem febre ou se está com saúde normal. Se estiver, iremos procurar Korak.

Myriam fitou-lhe os vivos olhos pardos. Naturalmente viu nos mesmos uma prova

satisfatória da sinceridade de suas palavras, pois consentiu que lhe apalpassem a testa e tomasse o pulso. Não parecia ter febre.

— Desde quando você é macaca? — inquiriu ele.

— Desde pequenina, há já muitos anos; desde que Korak me tomou de meu pai que me batia muito. Desse tempo para cá tenho vivido nas árvores com Korak e Akut.

— Em que lugar da mata mora Korak? — perguntou o desconhecido.

Myriam fez um gesto que abrangia boa metade da África.

— Sabe o meio de ir onde ele se acha?

— Não, mas ele saberá vir até onde eu estou — disse a moça.

— Tenho então uma idéia — disse o desconhecido. — Moro a poucos dias de viagem deste lugar. Levá-la-ei para minha casa, onde ficará em companhia de minha mulher, que tratará bem de você, até encontrarmos Korak ou Korak encontrar-nos. Se pode achar aqui, poderá também achá-la em meu povoado. Não é assim?

Myriam concordou que sim; mas desagradava-lhe a idéia de não partir incontinenti em busca de Korak. Por sua vez, o seu salvador não tinha a intenção de permitir que aquela pobre criatura que sofria do juízo, fosse errar pela selva, arrostando-lhe os riscos. Ele não podia conjecturar donde ela viera ou quem fosse; mas, aquilo sobre que não tinha dúvidas era que seu Korak e sua existência entre os macacos não passavam de alucinação de um cérebro desequilibrado. Ele conhecia muito bem a floresta e sabia que homens haviam já vivido, sós e nus, entre as feras, muitos anos. Mas uma delicada e débil jovem? Não! Seria impossível!

Saíram juntos da barraca. Os pretos de Malbihn já levantavam acampamento, para partirem logo: quanto aos do desconhecido, conversavam com aqueles. Malbihn mantinha-se a distância, furioso e de olhos fuzilantes. O desconhecido aproximou-se de um de seus próprios homens.

— Descubra donde trouxeram a moça — ordenou.

O preto a quem ele deu ordem interrogou um dos homens de Malbihn. Daí a pouco tornou com informações:

— Compraram-na do Velho Kovudu. Foi tudo o que me contou, alegando não saber mais nada e acho que não sabe mesmo. Os dois brancos eram muito maus. Faziam muitas cousas cujas significação os seus homens ignoravam. Seria bom, *Bwana*, que se matasse também o outro.

— Era o que eu faria se pudesse; mas há uma nova lei para esta região. Já não é como antigamente, Murivi — respondeu o amo.

O desconhecido ali permaneceu até Malbihn e seus “safári” desaparecerem na

mata, em direção ao norte. Myriam, agora confiante, permanecia a seu lado, com Zika em uma de suas pequeninas mãos morenas. Conversaram um com o outro. Ele estranhava a dificuldade com que a moça falava o árabe, mas atribuiu-a, por fim, a sua deficiência mental. Se soubesse quantos anos decorreram desde que Myriam deixara de usá-lo até cair em poder dos suecos, não se admiraria de que já estivesse meio esquecida. Outra razão existia para se esquecer tão prontamente da língua do Sheik, mas essa, ela não a sabia melhor do que o desconhecido.

Este procurou convencê-la de que devia ir para a “aldeia” dele, ou seu “douar”, como se diz em árabe; ela, porém, insistia em procurar desde logo Korak. Seu salvador resolveu que, em último recurso, a levaria à força, para não sacrificar a vida da jovem à insensata idéia que a obcecava; sendo, porém, homem ponderado, resolveu primeiro satisfazê-la, e depois esforçar-se para realizar sua própria idéia; por isso, tomaram a direção do sul, embora sua residência ficasse a leste.

Aos poucos torcia cada vez mais para este o rumo em que seguiam e grande satisfação sentiu ao perceber que a jovem não reparava na mudança. Gradualmente ela se tornava mais confiante. A princípio era apenas por simples intuição que acreditava que aquele corpulento Tarmangani não lhe desejava mal algum; mas, à proporção que se passavam os dias e ela via serem sempre as mesmas sua bondade e suas atenções, chegou a compará-lo com Korak e a cobrar-lhe afeição, sem nunca, porém, diminuir seu desejo de encontrar o homem-macaco.

No quinto dia chegaram improvisamente a uma vasta planície escampada. Da borda da floresta a jovem avistou ao longe terrenos divididos e numerosas casas. A essa vista sentiu grande espanto.

— Onde estamos? — perguntou.

— Não pudemos encontrar Korak — disse o desconhecido — e como nossa viagem me trouxe até perto do meu “douar”, conduzi-a para aqui a fim de descansar em companhia de minha mulher, até meus homens acharem seu macaco ou até ele achá-la. Assim fica melhor, menina. Estará em segurança conosco e será mais felk.

— Tenho medo, *Bwana!* — disse a moça. — Em seu “douar” eles vão bater-me, como fazia o Sheik, meu pai. Deixe-me voltar para a floresta. Lá Korak me encontrará. Ele não terá a idéia de procurar-me no “douar” de um branco.

— Ninguém lhe baterá, pequena — respondeu seu salvador. — Acaso eu já bati em você? Além disso, aqui sou eu quem manda em todos. Eles a tratarão muito bem. Neste lugar não se bate em pessoa alguma. Minha mulher será boazinha para você e por fim Korak virá também, pois vou mandar empregados meus procurá-lo.

A moça abanou a cabeça, respondendo:

— Eles não o trarão aqui; Korak os matará, pois todos os homens têm querido

matá-lo. Sinto medo. Deixe-me ir embora, *Bwana*.

— Você não conhece o caminho para ir onde morava e se perderá na mata. Os leopardos e leões a liquidarão na primeira noite e, mesmo que isso não se desse, não encontraria seu Korak. Melhor é ficar conosco. Não a livrei daquele homem mau? Não me deve, por isso, alguma obediência? Pois bem, fique conosco ao menos algumas semanas até resolvermos o que lhe seja mais útil. Você não passa de uma menina — seria inconsciência minha permitir que se internasse sozinha na floresta.

Myriam sorriu dizendo:

— A floresta é meu pai e minha mãe. Ela para mim foi melhor do que os seres humanos. Não lhe tenho medo. Nem temo, igualmente, o leopardo, o leão. Quando chegar o meu dia, morrerei. Poderá ser um leopardo ou leão que me mate, ou então um pequenino inseto menor que a ponta de meu dedo mínimo. Ficarei com medo quando o leão saltar sobre mim ou o pequeno inseto me picar — oh, sei que sentirei um medo horrível! mas a vida seria intolerável se eu a passasse a recear cousas que ainda não sucederam. Se for leão, meu terror durará mui pouco; e, se fôr o bichinho, poderei sofrer alguns dias, antes de morrer. Por isso, o que menos receio é o leão. Ele é grande e barulhento. Poderei ouvi-lo ou sentir-lhe o cheiro, com tempo de fugir; mas a qualquer momento posso encostar a mão ou o pé no pequenino inseto, ignorando onde ele está e sentir de repente sua picada mortal. Não! A floresta não me assusta. Amo-a. Preferiria morrer a abandoná-la para sempre, mas o seu “douar” está perto dela e o senhor foi bom para mim, por isso farei o que deseja, ficando algum tempo à espera de meu Korak.

— ótimo! — disse o dono do “douar”.

E puseram-se a descer a estrada que ia ter ao bangalô de paredes cobertas de trepadeiras florescidas, aquém do lugar onde se achavam os celeiros e outras dependências de uma bem organizada propriedade rural africana.

Ao se aproximarem mais, uma dúzia de cães foram ao seu encontro, a latir — grandes cães policiais, um enorme cão dinamarquês, um *collie* de pés ligeiros e certo número de agressivos e ladradores *fox-terriers*.

Nos primeiros instantes seu acolhimento foi extremamente hostil; mas apenas reconheceram os guerreiros pretos que iam à frente e o branco que seguia atrás com a jovem, sua atitude sofreu considerável mudança. O *collie* e os *fox-terriers* pulavam de delirante alegria; e embora os policiais e o grande dinamarquês não ficassem menos contentes com a volta de seu dono, seu júbilo se manifestava de maneira mais digna. Cada qual por sua vez farejou Myriam, que não mostrou o mínimo temor de nenhum dos mesmos.

Os cães policiais latiram furiosamente ao sentir o cheiro de animais selvagens que

impregnava os trajés dela, mas quando Myriam lhes afagou a cabeça, a murmurar com sua doce voz palavras meigas, eles semicerraram os olhos e arregaçaram os beijos superiores, em sorrisos caninos de satisfação. O salvador da moça também sorriu observando-os, pois era raro que aqueles animais ferozes se afeiçoassem assim a estranhos. Foi como se de algum modo sutil a jovem conquistasse os seus corações selvagens.

Levando de cada lado um policial seguro, com suas delicadas mãos, pela coleira, Myriam dirigiu-se para o bangalô, em cujo alpendre uma mulher vestida de branco sacudia a mão. satisfeita, para o marido que voltava. Então transpareceu mais medo no olhar da jovem do que ao ver-se em presença de homens estranhos ou de animais ferozes. Ela hesitou, e ao mesmo tempo implorou, com o olhar, socorro ao seu companheiro de viagem.

— Aquela é minha esposa — disse o último. — Ela ficará muito contente com sua chegada.

A mesma desceu a encontrar-se com eles. O esposo beijou-a e, mostrando a jovem, apresentou-a, falando em árabe, por ser a língua que a moça compreendia.

— Esta é Myriam, minha flor — disse. E contou o que sobre ela sabia.

Myriam achou formosa aquela mulher e viu-lhe a brandura e a bondade do gênio estampadas no semblante. Desde esse instante não lhe teve mais medo; e quando, depois de ouvir a resumida história da jovem, ela abraçou a esta, e beijou-a chamando-lhe “pobrezinha”, algo desconhecido despertou no coração de Myriam. Ela ocultou o rosto no seio desta nova pessoa amiga, em cuja voz havia uma entonação maternal que a jovem já não ouvia há tanto tempo que chegara a esquecer-se da existência de inflexões dessa natureza. Escondeu o rosto naquele seio bondoso e chorou — como ainda não chorara em toda sua vida — lágrimas de consolo e alegria, emanadas de insondáveis profundidades da alma.

É deste modo Myriam, a selvagem Manganizinha, deixou de viver nas selvas, instalando-se em um lar culto e de apurado bom gosto. Já considerava *Bwana* e “Minha Flor”, que era como a princípio lhes chamara e depois continuara a chamar-lhes seus verdadeiros pais. Dissipados os primeiros receios de selvagem, caiu no extremo oposto da confiança e do afeto. Já de bom grado desejava permanecer ali até encontrarem Korak. ou Korak a encontrar. De seu espírito não saía a idéia dele. Korak, o seu Korak, era quem sempre ocupava em seu coração o primeiro lugar.

CAPÍTULO XV

E LONGE, mui longe, na selva, Korak, coberto de ferimentos e de sangue coagulado, cheio de raiva e de dor, voltou apressado a seguir a pista do bando de bugios. Não os encontrou no lugar onde os deixara nem naqueles onde costumavam aparecer; todavia, acompanhando os vestígios bem visíveis que deixaram após si, conseguiu finalmente achá-los. Ao chegar onde estavam, viu-os a seguir lentamente, mas sem hesitação, para o lado do sul, numa dessas migrações, periódicas, cuja causa os macacos melhor poderão explicar. Ao aproximar-se o guerreiro branco que vinha contra o vento para o lado deles, a sentinela, que o avistara primeiro, deu um guincho de alarma, que rês o bando todo parar. Houve então muitos roncões ferozes, regougos surdos e manobras cautelosas por parte dos bugios machos; quanto às fêmeas, guinchavam aflitas a chamar os filhos e, com os mesmos, iam-se pôr em segurança atrás dos companheiros.

Korak gritou chamando o rei que, ao som dessa voz conhecida, adiantou-se com prudente vagar e ainda de pernas esticadas. Ele queria primeiro farejá-lo bem, para não se confiar às cegas no testemunho de seus ouvidos e olhos.

Korak conservou-se absolutamente imóvel. Seguir nesse momento para a frente, seria desencadear repentino ataque, ou, com a mesma facilidade, o pânico e a fuga. Os animais selvagens são uma pilha de nervos. É relativamente simples provocar-lhes viva excitação, que pode causar desejo de matar o que os provoca, ou de manifestarem o máximo pavor — o que depende, aliás, da maior ou menor coragem do animal das brenhas.

O rei dos bugios avizinhou-se de Korak. Em suas evoluções descrevia ao redor dele círculos de raios decrescentes, a rosar e a farejar.

O jovem falou-lhe:

— Sou Korak; fui eu que abri a armadilha que prendeu você. Salvei-o de cair em poder dos Tarmanganis. Sou Korak, o Matador, o seu amigo.

— Hum! — regougou o rei. — Sim, você é Korak. Meus ouvidos disseram-me que você é Korak. Meus olhos disseram-me que você é Korak. E agora meu faro me diz que você é Korak. Meu faro nunca se engana. Sou seu amigo. Venha, vamos caçar juntos.

— Korak não pode caçar agora — tornou o homem-macaco. Os Gomanganis roubaram Myriam. Eles a têm amarrada em sua aldeia e não querem deixá-la partir. Korak, só, não pode livrá-la. Quer ir com seus companheiros, soltar a Myriam de Korak.

— Os Gomanganis têm uns paus muito pontudos que atiram ao longe. Esses paus atravessam os corpos de meus companheiros. Eles nos matam. Os Gomanganis são maxis. Se entrarmos em sua aldeia, eles nos matarão a todos.

— Os Tarmanganis têm paus que fazem um grande barulho e matam a grande distância — insistiu Korak. — Eles estavam com esses paus quando Korak tirou você da armadilha. Se Korak tivesse fugido de medo, você agora estaria prisioneiro dos Tarmanganis.

O bugio cocou a cabeça. Os demais bugios machos de seu bando agacharam-se em círculo irregular ao redor do seu rei e do homem-macaco. Todos piscaram os olhos e procuravam, ombro contra ombro, instalar-se em posições mais favoráveis; alguns escavavam com os dedos os detritos podres de vegetais do solo, na esperança de encontrarem alguma lagarta saborosa, outros se quedavam sentados a contemplar desatentos seu rei e o singular Mangani que se dizia tal, e no entanto mais se parecia com os detestados Tarmanganis.

O rei olhou alguns de seus vassalos mais velhos, como a pedir-lhes sugestões.

— Nós somos poucos — opinou um deles.

— Há os bugios das montanhas — sugeriu outro. Eles são numerosos como as folhas das árvores da floresta e também odeiam os Gomanganis. Eles gostam de lutar e são mui ferozes. Peçamos-lhes que nos~ acompanhem. Então poderemos matar todos os Gomanganis da floresta.

E, acabando de dizer isto, pôs-se de pé e deu um ronco horrível, eriçando a hispida pelugem.

— É assim que se deve falar — exclamou o Matador — mas não necessitamos dos bugios da montanha. Somos um número suficiente. Perderemos muito tempo até trazê-los. Eles matarão Myriam e a comerão antes que possamos salvá-la. Vamos imediatamente à aldeia dos Gomanganis. Se nos apressarmos, não tardaremos a lá chegar e todos atacaremos ao mesmo tempo, a dar tremendos guinchos e urros. Todos os Gomanganis fugirão assustados. Depois de fugirem, nós nos apossaremos de Myriam, tirando-a da aldeia deles. Não se trata de matar ou ser morto — Korak apenas quer sua Myriam.

— Nós somos muito poucos — guinchou novamente o bugio velho.

— Sim, somos muito poucos — repetiram outros. Korak não conseguiu persuadi-los. Os bugios de boa vontade o ajudariam, mas de acordo com sua própria idéia, isto é, incorporando ao bando todos os seus iguais e aliados das montanhas. Korak viu-se, portanto, obrigado a concordar. O mais que então pôde fazer foi pedir urgência e a essas palavras o bugio-rei e mais uma dúzia de seus mais fortes súditos prontificaram-se a partir para as montanhas com Korak, deixando para trás o grosso

de seu bando.

Uma vez metidos na aventura, os bugios entusiasmaram-se. A delegação partiu incontinenti. Seguiam rápidos, mas o homem-macaco não sentia dificuldade em conservar-se junto deles. Faziam tremendo estardalhaço ao passarem de árvore em árvore, para os inimigos à sua frente julgarem que eram um enorme bando que se aproximava, pois quando os bugios viajavam em grande número, nenhuma fera das selvas os molestava.

Se a menor espessura da mata requeria que andassem longos trechos pelo solo e as distâncias de umas árvores às outras fossem muito grandes, punham-se a andar de manso e quietos, pois sabiam que o leão ou o leopardo não seriam iludidos pela bulha quando podiam ver perfeitamente que apenas se tratava de reduzido número de bugios.

Por espaço de dois dias jornadas pela mata densa e depois em planuras abertas, por onde atingiram a encosta da montanha. Korak não havia estado ainda naquele sítio. Para ele era uma região nova, sendo agradável à vista o poder estender-se até bem longe sem se restringir ao limitado e monótono campo de visão dos lugares em que vivera. Todavia, pouco era seu desejo de deleitar-se então com as belezas naturais. Myriam, a sua Myriam, corria perigo. Até que a libertassem e lha restituíssem, pouco espaço havia em seu espírito para cousas alheias à sua lembrança.

Chegados à floresta que revestia a encosta da montanha, os bugios seguiram mais devagar. Amiúde emitiam um dolente grito de apelo. Em seguida silenciavam a prestar ouvidos. Afinal lhes veio de mui longe, à frente, a resposta esperada.

Os bugios, nos intervalos de silêncio, continuaram a avançar em direção ao lugar onde soaram aqueles gritos. E, assim, a guinchar e a escutar, avizinharam-se de seus iguais, que, segundo observou Korak, vinham em grande número ao seu encontro; mas quando o homem-macaco os avistou, ficou assombrado com aquilo que seus olhos contemplavam.

Parecia-lhe que um paredão vivo de enormes bugios se elevava desde o nível do chão até as mais altas ramas que lhes podiam suportar o peso. Aproximavam-se lentamente soltando o seu estranho e dolente apelo e, atrás deles, quanto podia alcançar a vista de Korak, surgiam outras muralhas compactas de seus iguais, acompanhando os primeiros. Eram milhares e milhares. O homem-macaco não pôde deixar de refletir em qual seria o destino de seu pequeno grupo se algum desastrado incidente provocasse, embora momentaneamente, o furor, causado pelo pânico, de um só bugio dentre os milheiros dos mesmos que avistava.

Mas nada de semelhante aconteceu. Us dois reis aproximaram-se um do outro,

consoante o costume, com muito farejar e grande eriçamento de pêlos. Cada qual se sentia satisfeito com a identidade do outro. Em seguida coçaram-se mutuamente as costas. Daí a instantes parlamentaram. O amigo de Korak explicou a razão de os irem procurar e pela primeira vez Korak deixou-se ver. Ele estivera escondido atrás de uma moita.

Ao avistá-lo, grande foi o rebuliço entre os bugios das montanhas. Por espaço de alguns segundos Korak receou que o espedaçassem, mas somente o receava por causa de Myriam. Se Korak não a salvasse, ela morreria.

Os dois reis conseguiram, contudo, acalmar a multidão e consentiram na aproximação de Korak. Lentamente os bugios das montanhas rodearam-no, cheirando-o por todos os lados. Ao ouvirem-no falar em sua própria língua, encheram-se de maravilha e contentamento. Falaram-lhe e deram-lhe atenção quando ele falou. Ele referiu-se a Myriam e contou sua vida nas selvas, onde eram amigos de todos os macacos, desde os pequeninos Manus até os Manganis, os grandes símios.

— Os Gomanganis que mantêm Myriam presa não são amigos seus — disse-lhes. — Eles costumam matar vocês. Os bugios daquela zona são muito poucos para os atacar. Disseram-me que vocês são muitos e mui valentes — que são tantos como folhas de relva das planícies ou das árvores da mata e que até Tantor, o elefante, teme vocês, de tão bravos que são. Disseram-me que teriam prazer acompanhando-nos à aldeia dos Gomanganis para castigar aqueles maus, e para auxiliarem, a mim, Korak, o Matador, tirar minha Myriam dela.

O rei dos bugios das montanhas empinou o peito e pôs-se a andar, teso, com grande imponência. O mesmo fizeram muitos outros grandes bugios de sua nação. Ficaram satisfeitos e lisonjeados com as palavras do estranho Tarmangani que se dizia Mangani e falava a linguagem dos peludos antepassados do homem.

— Sim, disse um deles — nós, das montanhas, somos bravos combatentes. Tantor tem medo de nós. Numa também. Sheeta igualmente. Os Gomanganis das montanhas ficam contentes se os deixamos passar por nós em paz. Quanto a mim irei com vocês atacar os Gomanganis das baixadas. Sou o filho mais velho do rei. Eu sozinho sou capaz de matar todos os Gomanganis das terras baixas — e empinou também o peito e passou, teso e arrogante, de um para outro lado, até que um comichão nas costas de um companheiro reclamou sua atenção e seus bons préstimos.

— Eu sou Gub — gritou outro. Tenho longos caninos agudos e fortes. Eles já se enterraram nas carnes macias de muitos Gomanganis. Eu, só, matei a irmã de Sheeta. Gub irá às terras baixas com vocês e matará tantos Gomanganis, que não restará nenhum para contar os mortos. — E também pavoneou-se, empertigado, ante os olhares admirativos das bugias e de seus filhotes.

Korak então dirigiu-se ao rei:

— Seus companheiros são valentes, porém mais valentes do que qualquer deles é o seu rei.

Ouvindo tal, o peludo bugio, ainda muito forte — pois do contrário não seria mais o rei — guinchou medonhamente. Em toda a floresta ecoou seu terrível desafio. Os bugiozinhos agarraram-se medrosos aos pescoços felpudos das mães. Eletrizados, os outros bugios deram altos pulos e reforçaram o vibrante desafio de seu rei. A soada era aterradora.

Korak aproximou-se do rei e bradou-lhe ao ouvido:

— Venha!

Então partiram encosta abaixo, sob as árvores, em demanda da planície que deviam atravessar em sua longa viagem rumo à aldeia de Kovudu, o Gomangani. O rei, ainda a urrar e a guinchar, voltou-se e acompanhou-o. Atrás dele foi o pequeno grupo dos bugios das baixadas e os milhares da tribo das montanhas — ferozes, esgalgados, de aparência canina e sedentos de sangue.

E chegaram, assim, no segundo dia, à aldeia de Kovudu. O sol ia em declínio. O povoado negro estava imerso na paz canicular daquele dia. O poderoso bando viajava agora sem fazer bulha. Sob milhares de mãos os galhos da floresta não produziam mais rumor do que o ruído crescente de uma forte brisa a encrespar as folhagens das árvores.

Korak e os dois reis abriram a marcha. Ao se abeirarem da aldeia detiveram-se até a chegada dos retardatários. Reinou então completo silêncio. Rastejando furtivo, Korak foi até a árvore que crescia sobre a estacada. Ele relanceou o olhar para trás. Toda a turba de símios estava rente a seus calcanhares. Chegara o momento. Durante o longo percurso, ele os avisara de contínuo de que nenhum mal deviam fazer à mulher branca que se achava prisioneira na aldeia. Quanto aos mais, eram suas legítimas presas. Então, erguendo o rosto para o céu, soltou um grito. Era o sinal.

Em resposta a esse grito, três mil peludos bugios pularam a guinchar e a rugir no interior da aldeia dos terrificados pretos. Saíram guerreiros de todas as palhoças. Ao ver o borbotão de macacos derramar-se pela rua da aldeia, as mães agarraram os filhos e correram para a entrada da mesma. Comandando seus guerreiros, e a pular e berrar para despertar-lhes a coragem, Kovudu ofereceu uma erichada trincheira de pontas de lanças à horda assaltante.

Assim como guiara o bando no percurso, Korak também agora o guiava na investida. Os pretos entraram-se de horror e susto ao ver o guerreiro branco à frente da horda dos hediondos bugios. Por instantes resistiram, a pé quedo, arremessando

as lanças contra o bando, mas antes de ter tempo de entesar os arcos para dispararem flechas, hesitaram, renunciaram à luta e giraram sobre os calcanhares em apavorada derrota. Pularam os bugios no meio deles e, encarapitando-se-lhes nas costas, cravaram os colmilhos nos músculos dos seus pescoços; e, à frente deles, mais feroz, sedento de sangue e terrível, estava Korak, o Matador.

Na porta da aldeia, para onde os pretos confluíram em pânico, Korak os deixou aos carinhosos cuidados de seus aliados e voltou ansioso em direção à palhoça onde Myriam estivera prisioneira. Achava-se deserta. Um após outro, os interiores imundos das palhoças revelaram o fato desalentador de que Myriam não se encontrava ali.

Korak sabia que em sua fuga para a porta da aldeia os pretos não a levaram consigo, porque observara, num meticuloso lance d'olhos, que ela não se achava entre os fugitivos.

Conhecedor como era dos hábitos dos selvagens, para o homem-macaco só havia uma explicação, — Myriam fora morta e comida por eles. Convencido de que mataram Myriam, estuou no cérebro de Korak uma onda rubra de furor contra aqueles que julgava serem os assassinos. Ouvindo ainda à distância os roncos dos bugios de mistura com os gritos das vítimas, correu para esse lado. Ao chegar aí, já os símios começavam a cansar-se do divertimento que era para eles seu ataque, por isso, os pretos num pequeno ajuntamento tentavam resistir de novo, utilizando-se com eficácia de suas clavas contra os poucos bugios que ainda insistiam em acometê-los.

Korak pulou do galho de uma árvore no meio destes e lesto, incansável, terrível, precipitou-se contra os guerreiros de Kovudu. Cega fúria o possuía. E foi esse mesmo furor que lhe serviu de proteção. Ali estava em toda parte, como um leão ferido, desfechando terríveis socos com seus punhos possantes e com a precisão e oportunidade de um pugilista adestrado. Sucessivas vezes cravou os dentes na carne dos inimigos. Caía sobre um e pulava logo sobre outro antes que alguma pancada o pudesse atingir. Se o seu ímpeto pesou muito no resultado da luta não menos certo é ter influído para o mesmo o terror por ele inspirado nos espíritos simples e supersticiosos de seus adversários.

Para estes, não era um ser humano aquele guerreiro branco que se aliara aos grandes macacos e aos ferozes bugios, e que roncava, urrava e mordia como um animal. Era um demônio das selvas, um temeroso deus do mal a quem haviam ofendido e que saíra de sua fumaça, no recesso da mata, para castigá-los. E devido a esta crença, muitos deles ofereciam pouca resistência, convictos da inutilidade de empregar suas poucas forças de mortais contra as de uma divindade.

Fugiram aqueles que puderam, até que afinal não restou mais nenhum para receber

a punição por um ato de que, apesar de toda a sua culpa, não eram todavia culpados.

Arquejando e ensangüentado, Korak parou, por lhe faltarem outras vítimas. Os bugios aglomeraram-se em torno dele, fartos de sangue e de luta. Em seguida, dormiram, aos montes, no chão.

Longe dali, Kovudu arrebanhava seus súditos dispersos, dando balanço nos ferimentos e perdas havidos. Sua gente estava apavorada. Nada podia convencê-la de permanecer mais tempo naquela região. Nem mesmo queriam voltar à aldeia para buscar seus objetos. Ao invés disto, insistiram em continuar na fuga, até mediarem muitas léguas entre eles e os domínios do espírito mau que ferozmente os assaltara.

E foi assim que Korak expulsou de suas moradas as únicas pessoas que poderiam ajudá-lo a encontrar Myriam, e fez desaparecer o único meio pelo qual se podia informar a respeito dele os que partiram do “douar” de *Bwana*, para procurá-lo.

Korak achava-se muito acabrunhado na manhã seguinte quando se despediu dos seus aliados bugios. Estes queriam que ele os acompanhasse, mas o homem-macaco não se sentia disposto a tolerar a companhia de quaisquer outros seres. A vida nas selvas inclinara-o à taciturnidade. Sua tristeza agravara tanto esta, que nada o alentava, nem mesmo a rude camaradagem dos bugios ferozes.

Desconfiado e desalentado, dirigiu-se, solitário, para o seio da floresta. Ia andando pelo solo quando se lhe deparou Numa faminto. Ele trepou na mesma árvore onde se abrigara Sheeta, a pantera. Desafiou a morte em cem lugares e de cem maneiras diversas. Seu espírito estava sempre cheio das lembranças de Myriam e dos dias felizes que viveram juntos. Só agora compreendia quanto Myriam significava para ele. Seu rosto meigo, seu corpinho moreno e flexível, o sorriso resplandecente com que sempre o esperava ao fim de suas caçadas não lhe saíam um só instante do pensamento.

A inatividade logo o atirou às raias da loucura. Sentia necessidade de ação. Devia encher os dias com esforços e excitação que o fizessem esquecer-la — de modo que à noite se sentisse tão exausto que conseguisse dormir em abençoada inconsciência de sua desdita, até o amanhecer do dia seguinte.

Se ele admitisse alguma possibilidade de Myriam ainda viver, sentiria, ao menos, um pouco de esperança. Dedicaria então os dias a procurá-la; mas em seu íntimo arraigara-se a convicção de que ela estava morta.

Durante um longo ano levou vida solitária e errante. Às vezes topava com Akut e sua tribo e caçava com eles alguns dias ou jornadeava até as montanhas, onde os bugios chegaram a acolhê-lo como um dos seus; porém o mais do tempo passava com Tantor, o elefante — o enorme couraçado da floresta — o *superdreadnaught* de seu mundo selvagem.

A pacífica mansuetude dos monstruosos elefantes e a vigilante solicitude das elefoas e os brincados estouvados dos seus filhos novos, acalmavam, interessavam e divertiam Korak. A vista dos colossais paquidermes aliviava-lhe temporariamente os pesares.

Chegou a estimá-los como nem mesmo estimava os grandes antropóides e havia um, principalmente, de formidáveis presas, a quem ele queria mais que a qualquer outro — era o chefe do clã — um feroz elefante que atacava a qualquer estranho à mínima provocação, ou mesmo sem provocação alguma. E, para Korak, aquela montanha arrasadora era dócil e delicada como um cão de regaço.

Ele acudia aos chamados de Korak; a um sinal deste, enrolava a tromba no seu corpo e punha-o sobre seu largo toutiço, onde Korak se estirava de braços, a bater afagadoramente com os artelhos no espesso couro do animal e a enxotar as moscas das delicadas orelhas dele, com um ramo que para este fim Tantor quebrava em alguma árvore próxima.

E durante todo esse tempo, Myriam se achava apenas a umas vinte léguas de distância daquele lugar.

CAPÍTULO XVI

RÁPIDOS se escoavam os dias para Myriam em sua nova morada. A princípio estava ansiosa por ir à mata procurar seu Korak. Como rogasse insistente a seu benfeitor que lho permitisse, este dissuadiu-a dessa tenção, mandando um de seus capatazes com certo nu mero de pretos à aldeia de Kovudu, com o fim de saber do velho selvagem como conseguira apoderar-se da jovem branca, e, bem assim, obter o máximo de informações que este regulo africano lhe soubesse dar.

Bwana encarregou o capataz de interrogar especialmente o mesmo a respeito da singular criatura a quem a moça dava o nome de. Korak e de procurar o homem-macaco, se houvesse indícios da existência de semelhante indivíduo.

Bwana estava mais do que convicto de que Korak era criação do cérebro abalado de Myriam. Ele julgava que o terror e as provações que ela sofrera durante seu cativeiro entre os pretos e em poder dos dois suecos lhe haviam desequilibrado o espírito; mas à proporção que os dias se passavam e ele melhor a conhecia, observando-a no viver tranqüilo de sua residência africana, era forçado a admitir que aquela singular história o intrigava não pouco, pois nada havia que indicasse não estar Myriam no pleno gozo de suas faculdades mentais.

A mulher do homem branco, a quem a moça batizara com o nome de “Minha Flor”, por ter ouvido *Bwana* dar-lhe esse tratamento, não só se interessou profundamente por aquela filha das selvas, por vê-la desamparada e infeliz, como também começou a amá-la por seu gênio encantador e jovial. Myriam, por sua vez, retribuiu o afeto 'da culta esposa de *Bwana*, que era possuidora de qualidades semelhantes às suas.

E os dias passavam enquanto Myriam esperava o regresso do capataz e de seus companheiros, das paragens onde morava Kovudu. As horas fugiam rápidas naquele lar, pois eram muitas delas empregadas pela dona da casa em habilmente começar a instruir a jovem analfabeta.

Começou logo a ensinar-lhe o inglês sem impor esse aprendizado como tarefa. Intercalava essas lições com ensino de costura e boas maneiras, mas de modo que Myriam não suspeitasse que aquilo fosse mais do que um divertimento.

Não foi difícil o trabalho da mestra, porque a moça sentia avidez de aprender. Ao tratar-se de fazerem roupas bonitas para substituírem a pele de leopardo, que era a sua única vestimenta, Myriam mostrou-se tão contente e entusiasmada como qualquer moça civilizada do conhecimento de sua mestra.

Só daí a um mês voltou o capataz — um mês que transformou a selvagem,

seminua e jovem Tarmangani, em uma graciosa moça vestida com bom gosto e com exterioridades, ao menos, de pessoa civilizada.

Myriam familiarizava-se rapidamente com as complicações da língua inglesa, pois *Bwana* e Minha Flor esquivavam-se com insistência de conversar em árabe, desde o momento em que resolveram que a jovem deveria aprender o inglês — resolução tomada nos primeiros dias de sua chegada ao bangalô.

As informações do capataz foram desanimadoras para Myriam, pois achara deserta a aldeia de Kovudu; por mais pesquisas que fizesse, não pudera descobrir um único dos naturais nas circunvizinhanças. Estiveram acampados algum tempo perto da aldeia, passando os dias em batidas sistemáticas pelos arredores, a procurar vestígios do Korak de Myriam; mas a este respeito também malograram seus esforços. Não viram macacos e nem o homem-macaco.

Myriam instou para que a deixassem ir pessoalmente procurá-lo, mas *Bwana* procurou persuadi-la a que esperasse, asseverando-lhe que ele próprio iria em busca assim que tivesse tempo. Myriam, por fim, resolveu conformar-se, mas durante muitos meses sentia-se constantemente triste, por ver-se longe de Korak.

Minha Flor sensibilizou-se com a tristeza dela e fazia o possível para a consolar e animar. Dizia-lhe que se Korak fosse vivo haveria de encontrá-la; mas enquanto assim falava, não deixou de acreditar um só momento em que apenas existia na imaginação de Myriam. Ela organizara divertimentos para fazer a jovem esquecer os seus pesares e empreendeu uma hábil campanha a fim de persuadi-la das vantagens da vida e dos costumes civilizados. Isto, aliás, não era difícil, o que logo observou, pois prestes se evidenciou que sob a inculta selvageria da moça havia sólidos fundamentos de inato bom gosto; bom gosto tão apurado, que igualava perfeitamente o de sua mestra.

Minha Flor estava encantada. Vivia só, sem ter filhos para fazer-lhe companhia, por isso prodigalizou àquela criaturinha estranha todo o amor materno que dedicaria aos filhos, se tivesse algum. O resultado foi que ao fim do primeiro ano ninguém suporia que Myriam tivesse vivido fora dos meios cultos e do regaço do luxo.

Tinha ela agora dezesseis anos, embora aparentasse dezenove e era encantadora, com seus cabelos pretos e tez morena e com o frescor e a pureza da saúde e da inocência. Mesmo então sentia seu secreto desgosto, embora não mais o confessasse a Minha Flor. Raras horas se passavam sem se lembrar de Korak e sem o ardente desejo de torná-lo a ver.

Myriam já falava o inglês corretamente e lia e escrevia com a mesma perfeição. Um dia Minha Flor falou-lhe por gracejo em francês e, com grande surpresa sua, Myriam lhe respondeu na mesma língua — lentamente, é verdade, e com deficiências

de expressão, mas não deixava de ser autêntico francês, conforme o falaria uma criança de poucos anos. Depois disso, conversavam um pouco em francês diariamente, admirando-se Minha Flor da facilidade quase incrível com que a moça se familiarizava com essa língua. A princípio Myriam franzia as arqueadas e pequenas sobrancelhas, como a esforçar-se por se recordar das cousas ainda não esquecidas que aquelas novas palavras sugeriam; e, então, com grande espanto seu, bem como de sua mestra, empregava outras expressões francesas além das que lhe eram ensinadas — usava-as com propriedade e com uma pronúncia que a inglesa reconhecia mais perfeita que a sua própria; mas Myriam era incapaz de ler e de escrever aquilo que tão bem falava; e, como Minha Flor considerava de mais importância o conhecimento do inglês, adiou para mais tarde exercitarem-se no francês de outro modo, que não fosse mera conversação.

— Sem dúvida você ouviu falar francês quando morava no “douar” de seu pai — sugeriu Minha Flor, como explicação mais plausível.

Myriam abanou a cabeça negativamente.

— Talvez — disse — mas não me lembro ter visto francês algum em companhia de meu pai; ele detestava-os e não queria relações com os mesmos. Tenho absoluta certeza de nunca ter ouvido antes qualquer dessas palavras... e, ao mesmo tempo, acho-as muito familiares. Não posso compreender isto.

— Nem eu — disse Minha Flor.

Foi por essa ocasião que um portador trouxe uma carta cujo conteúdo encheu Myriam de emoção. Iam ter hóspedes! Convidados por Minha Flor, certo número de ingleses, senhoras e cavalheiros, haviam prometido ir passar um mês naquele lugar, para caçarem e fazerem explorações.

Myriam esperava-os ansiosa. Como seriam esses estranhos? Mostrar-se-iam amáveis para com ela, como *Bwana* e Minha Flor, ou parecer-se-iam a outros brancos que ela conhecera e que eram cruéis e implacáveis? Minha Flor garantiu-lhe que eram, todos, pessoas educadas e que ela os acharia bons, atenciosos e distintos.

Com grande surpresa para Minha Flor, ela não se mostrava receosa ao saber que iam chegar desconhecidos. Esperava-os com curiosidade e certo prazer, desde que lhe asseguraram que não a morderiam. Não parecia, com efeito, diferente de qualquer outra moça que aguardasse a chegada de hóspedes.

A imagem de Korak ainda se apresentava com freqüência em seu espírito, mas já em certo afastamento. Calma melancolia ainda lhe invadia a alma ao pensar nele, mas a pungente dor de sua perda, que primitivamente a possuía, já não existia mais, para impeli-la ao desespero. Mesmo assim, era-lhe fiel. Esperava encontrá-lo algum dia e não duvidara por um momento de que, se ainda vivesse, estava a procurá-la.

Era a idéia de Korak estar ou não vivo que mais a preocupava. Ele talvez já estivesse morto. Pouco verossímil parecia que morresse tão moço alguém tão apto a viver a existência das selvas; mas quando o vira pela última vez, ele achava-se cercado de guerreiros armados; poderia ter voltado novamente à aldeia, Myriam estava certa de que ele o faria; e talvez o tivessem matado nessa ocasião. Korak não poderia, só ele, vencer uma tribo inteira.

Chegaram finalmente os hóspedes. Eram três homens e duas mulheres, sendo, estas, as esposas dos mais velhos. O mais moço dos homens era sir Morison Baynes, jovem de grande fortuna, que, havendo esgotado todos os prazeres que as capitais da Europa lhe poderiam proporcionar, aproveitara alegremente aquele ensejo de ir a outro continente, em busca de aventuras e sensações novas.

Ele achava quase intolerável tudo o que não fosse a Europa e cousas européias; mesmo assim, não lhe desagradara a novidade de conhecer lugares longínquos, e nestes achava tudo e todos muito bons, por mais insuportáveis que lhe parecessem quando ele estava na Inglaterra. Era atencioso para com todos — e, se possível, um pouco mais para com as pessoas que considerava feitas de argila inferior, do que para com as poucas que de si para consigo considerava suas iguais.

A natureza favorecera-o com galhardo físico e atraente feições e também com bastante bom senso para saber que, embora se deleitasse com sua superioridade sobre o comum do povo, poucas probabilidades haveria desse comum do povo exultar pelo mesmo motivo. E por isso mantinha facilmente a reputação de pessoa muito democrata e de agradável trato; e seu trato era, de fato, agradável.

Às vezes transparecia uma sombra de seu egoísmo mas nunca em grau que aborrecesse os companheiros. Tal era, em breves palavras, *sir* Morison Baynes da requintada civilização européia. Mas aquilo que seria o jovem *sir* Morison Baynes da África Central, era cousa difícil de conjecturar.

Myriam, a princípio, mostrava-se tímida e reservada na presença dos estranhos. Seus benfeitores acharam melhor nada revelarem sobre o seu singular passado; era tida como sua pupila, sobre os antecedentes da qual nada deveria perguntar, uma vez que nada fora mencionado sobre os mesmos!

Os hóspedes a achavam delicada e espontânea, risonha e viva, e um repositório inesgotável de histórias esquisitas e interessantes sobre a vida na mata.

Naquele ano, ela saía muitas vezes a cavalo em companhia de *Bwana* e de Minha Flor. Conhecia todas as touças de caniços de beira-rio preferidas pelos búfalos para ocultar-se. Conhecia igualmente uma dúzia de esconderijos de leões e todas as lagoas que serviam de bebedouro nas terras mais secas das cercanias. Com precisão infalível que se antolharia inverossímil acompanhava rastros de animais de todo o

porte até o lugar onde se ocultavam. Entretanto, o que mais a intrigava, era seu instantâneo reconhecimento da presença de feras carnívoras, quando outras pessoas, apurando o mais possível os sentidos, não as podiam ver nem ouvir.

Sir Morison Baynes achou Myriam uma bela e encantadora companheira de excursões. Desde começo a apreciara, principalmente, talvez, por não esperar encontrar companhia assim preciosa naquela propriedade africana de seus amigos de Londres.

Estavam os dois juntos, com freqüência, porque, entre as pessoas do bangalô, eram os únicos solteiros. Myriam, não acostumada a convivências com pessoas como Baynes, sentiu-se fascinada por ele. As narrativas do mesmo, passadas nas grandes e alegres cidades que lhe eram familiares, enchiam-na de admiração e maravilha. Se o jovem *sir* Morison fazia sempre papel brilhante nos locais onde os mesmos ocorriam — pois, onde quer que estivesse, *sir* Morison deveria ser sempre um herói. Assim pensava a moça.

Com a presença e a companhia desse jovem inglês, a imagem de Korak se tornou mais apagada ainda. Se dantes lhe fora ele como uma cousa atual, agora já não passava de recordação. Ainda era fiel a essa memória — mas que pesa uma reminiscência em confronto com a enlevadora realidade?

Myriam, desde a chegada dos hóspedes, ainda não tinha acompanhado os homens em nenhuma caçada. Ela não apreciava esse divertimento. Gostava de rastrear a caça, mas, selvagem que fora, e que até certo ponto continuava a ser, não achava prazer em matar por matar. Quando *Bwana* ia caçar para terem carne, ela sempre o acompanhava com entusiasmo, mas com a chegada dos hóspedes, essas batidas degeneraram em meras matanças. O dono da propriedade não permitiria um morticínio inútil; mesmo assim, o objetivo das últimas caçadas foi obter cabeças e couros de animais e não carne para alimentar-se. Por isso, Myriam não ia; e ficava a conversar ela e Minha Flor na sombra aprazível do alpendre, ou, em seu animal favorito, cavalgava pelos campos e ia até à orla da floresta. Neste lugar, apeava-se, deixava o animal sem freios, e ia gozar, em meio às árvores, o prazer incomparável à existência livre e selvagem de sua meninice.

Voltava-lhe então novamente a visão de Korak; afinal, cansada de pular e de passar de fronde em fronde, estendia-se comodamente sobre um galho e devaneava. E depois, como sucedeu naquele dia, via esvair-se as feições de Korak, e outras vieram substituí-las; e o corpo queimado do sol e seminu do Tarmangani se transformava na figura de um inglês de roupa caqui, montado em um cavalo de caça.

E, enquanto devaneava, chegou de muito longe a seus ouvidos o fraco e aterrorizado berrar de um cabrito. Myriam ficou no mesmo instante alerta. Eu ou o leitor, mesmo se conseguíssemos ouvir os lastimosos balidos a tão grande distância,

não saberíamos interpretá-los; mas Myriam escutava nos mesmos a nota de terror dos ruminantes quando uma fera está próxima e é impossível fugir-lhe.

Para Korak era um deleite e um desporto arrebatador a Numa suas presas sempre que podia e Myriam também já gozara o agudo prazer de tomar algum delicioso bocado quase na boca do rei dos animais. Naquele momento, ouvindo os berros assustados, lembrou-se vivamente das vezes que sentira aquele requintado gozo. No mesmo instante, entusiasmada, resolveu-se a brincar de “pegador” com a morte.

Prontamente se libertou da saia de montar, atirando-a de lado, porque seria grande estorvo para pular de galho em galho. Às botinas e às meias foi dando o mesmo destino, pois a sola do pé descalço não escorregaria na casca seca ou mesmo úmida, como sucede com o duro couro das solas dos calçados. Ela gostaria também de libertar-se dos calções de montar, mas com as admoestações maternas Minha Flor convencera Myriam de que não era de bom gosto andar despida.

Pendia-lhe da cintura o facão de caça. A carabina ficara no arção da sela. Quanto ao revólver, não o havia levado.

O cabrito ainda berrava quando Myriam partiu rapidamente em sua direção. Devia estar junto de certo bebedouro que fora célebre pela predileção dos leões por ele. Nos últimos tempos não se viam rastros de feras nas proximidades; mas Myriam teve a certeza de que o berrar do cabrito era causado pela presença de algum leão ou pantera.

Disto ia logo certificar-se, pois rápido se avizinhava do apavorado animal. Admirava-se, porém, de que os sons sempre partissem do mesmo ponto. Por que o cabrito não corria? Ao vê-lo compreendeu a razão: estava amarrado a uma estaca, perto do bebedouro.

Myriam parou na frente de uma árvore próxima e perscrutou a orla da clareira com rápido e penetrante olhar.

Onde estava o caçador? *Bwana* e seus companheiros não caçavam daquele modo. Quem poderia ter amarrado o pobre animal, como isca para atrair Numa? *Bwana* não permitiria tais métodos de caça naquela região e a palavra dele era lei em um raio de dezenas de léguas daquele lugar.

Sem dúvida, alguns selvagens nômades, pensou Myriam; mas onde se achavam? Nem mesmo seus penetrantes olhares conseguiram descobri-los. E onde estava Numa? Por que não saltava este sobre o delicioso e indefeso petisco ali amarrado na estaca? Que se encontrava perto, era o que atestava o amedrontado berrar do cabritinho. Oh! Via-o agora! Achava-se deitado em uma moita, à direita, a poucos metros de distância. O vento levava até o cabritinho o terrífico odor da fera, mas devido a sua direção, não o levava também até as narinas de Myriam.

Rodear até o outro lado da clareira, onde havia árvores mais próximas do cabrito, pular ao chão e correr rapidamente até o mesmo e cortar-lhe a corda que o prendia, seria obra para alguns segundos. Naquele momento Numa poderia atacá-la e mal teria tempo de ver-se de novo em segurança no alto de uma árvore, se é que realmente o teria. Já muitas vezes, no passado, Myriam escapara, em situações ainda mais críticas, de ser apanhada pelas feras.

A hesitação que a fez reter-se alguns instantes foi mais causada pelo receio dos caçadores que não via, do que de receio do leão. Se fossem os naturais, as lanças tanto estariam prontas para ferir a fera, como para trespassar a quem se atrevesse a soltar a isca com que pretendiam apanhá-la.

O cabrito esforçou-se outra vez para libertar-se. Outra vez seus lastimosos berros comoveram o coração compassivo da jovem. Deixando-se de precauções ela começou a rodear a clareira, só procurando ocultar sua presença a Numa. Afinal chegou às árvores do lado oposto. No momento em que parou para espiar o leão, a grande fera ergueu-se com vagar em toda a sua altura. E um seu rugido surdo anunciou que estava pronta para atacar.

Myriam desembainhou o facão e pulou no solo, Em rápida corrida dirigiu-se para o lado do cabrito. Numa viu-a. Ele açoitou com a cauda o pêlo pardo dos flancos.

Deu um terrível urro, mas por um instante se quedou imóvel — paralisado de surpresa, sem dúvida, pela estranha aparição que inesperadamente surgira da floresta.

Outros olhos também fixaram Myriam — olhos em que não se pintava menos assombro do que o expresso nos bugalhos amarelo-esverdeados do carnívoro. Um homem branco, oculto em uma “boma” de espinheiros, ergueu-se a meio quando a jovem pulou na clareira e correu, veloz, para o lado do cabrito. Ele viu Numa hesitar. Ergueu a carabina apontando-a ao peito da fera. A moça chegou ao lugar da estaca, cintilou a lâmina do facão e o prisioneiro viu-se livre. Com um derradeiro berro, ele, saltando, se internou na floresta. Então a moça virou-se para pôr-se a seguro na árvore donde pulara tão inesperadamente, aos olhos surpresos do leão, do cabrito e do homem.

Ao voltar correndo, o caçador viu-lhe em cheio o rosto. E ele arregalou os olhos, num sobressalto de surpresa. O leão, todavia, reclamou a esse instante toda a sua atenção — a fera, lograda, investia com fúria. O homem ainda mantinha a carabina imóvel, visando o peito do leão. O caçador poderia atirar, frustrando-lhe imediatamente o ataque, mas, por qualquer razão, hesitava em fazê-lo, desde que vira o rosto da moça. Seria por não a querer salvar? Ou preferia, se possível, que não o visse? Devia ter sido este último motivo o que mantivera imóvel o dedo pousado no gatilho, sem fazer a pequenina pressão que atalharia, ao menos por

instantes, o ímpeto do ataque.

O caçador espreitava com o olhar aquilino a corrida da jovem para salvar a vida. Foi questão de segundos o tempo em que se passara o palpitante incidente, desde a investida do leão. E nem um instante deixara a mira da arma de visar o largo peito do pardo rei das selvas, enquanto este, no impetuoso avanço, passava um pouco para a sua esquerda. No último momento, quando a salvação se afigurava impossível, o dedo do caçador ia premer o gatilho, mas nesse instante preciso a jovem, num pulo, alcançou uma rama pensa. O leão também pulou; mas a ágil Myriam se pôs fora de seu alcance sem perder um segundo ou retardar-se uma polegada fatal.

Dando um suspiro de alívio, o espectador desta cena baixou o cano da carabina. Ele viu a moça fazer uma careta ao furibundo devorador de homens, que rugia embaixo do galho em que ela estava; e, em seguida, rindo-se gostosamente, ela internou-se ligeira na mata. Cerca de uma hora, ainda o leão ficou rondando o bebedouro. O caçador teve cem vezes tempo de abater o felino. Por que deixara de o fazer? Receando que o tiro atraísse a atenção da moça e a fizesse voltar?

Numa, por fim, ainda a rugir enfurecido, desapareceu majestosamente na selva. O caçador saiu da “boma” e daí a meia hora chegou a um pequeno acampamento no meio da floresta. Aí, os poucos pretos de sua comitiva o acolheram taciturnos e indiferentes. E aquele homem corpulento e barbudo, verdadeiro gigante de longas barbas louras, entrou na sua barraca. Meia hora depois saiu com o queixo raspado a navalha.

Seus pretos olharam-no espantados.

— Vocês me reconheceriam assim? — perguntou-lhes. — Nem a hiena que o deu à luz o reconheceria, *Bwana* — respondeu um deles.

Ele levou o punho fechado contra o rosto do que falara; mas o longo hábito de desviar-se de seus socos foi nesse instante a salvação do insolente.

CAPÍTULO XVII

MYRIAM voltou lentamente para a árvore onde deixara a saia, as botinas e as meias. Pôs-se a cantar, satisfeita, mas parou, súbito, ao ver a árvore, pois na mesma estavam alguns bugios contentíssimos a divertir-se brincando com aquelas cousas. Quando a viram, eles não deram demonstração de medo. Ao contrário disso, rosnaram para ela, arreganhando os dentes. Por que receios, se não se tratava senão de uma Tarmangani? Nada, absolutamente, havia a temer.

Pela planície escampada existente entre a mata e o bangalô voltavam os cavaleiros ao fim de um dia de caçada. Estavam mui distanciados uns dos outros, na esperança de descobrirem em seu regresso na referida planície algum leão que pela mesma vagueasse. Sir Morison Baynes cavalgava junto à borda da floresta. Ao relancear o olhar adiante e atrás pelas leves ondulações do terreno recoberto de moitas e arbustos, o mesmo incidiu no vulto de um animal que estava junto à linha onde o arvoredado súbito terminava à beira do campo.

Ele orientou sua pontaria para o lugar onde avistara aquele vulto. Por achar-se mui longe, seu olhos pouco exercitados não o podiam ainda reconhecer; transposta, porém, esta distância, notou que era um cavalo.

La prosseguir no primeiro rumo que levava, quando lhe pareceu ver um selim no dorso do animal. Avizinhou-se ainda mais deste. Sim, era um cavalo arreado. Chegando-se mais perto, os olhos de Morison exprimiram grande satisfação, pois reconhecera ser o animal predileto de Myriam.

Ele dirigiu-se a galope para onde o cavalo estava. Myriam devia achar-se na floresta. Morison teve ligeiro frêmito de susto à idéia de estar a jovem, só, sem alguém que a defendesse, na floresta, que, para ele, ainda era um lugar de pavores, onde a morte se acha à espreita em cada canto.

Morison desmontou, deixando o cavalo junto com o de Myriam. Entrou pé ante pé na mata. Sabia que provavelmente a jovem se achava em segurança e desejava fazer-lhe uma surpresa, aparecendo de repente perto dela.

Ao internar-se pequena distância da floresta, ouviu grande algazarra em uma árvore vizinha. Aproximando-se mais, viu um bando de bugios a guinchar ameaçadores por qualquer motivo. Observando-os com atenção, viu em poder de um deles uma saia de montar, botinas e meias de mulher. Seu coração quase parou de bater à mais tétrica explicação dessa cena, que naturalmente lhe surgiu no espírito. Os bugios haviam matado Myriam e tirado a roupa dela. Morison estremeceu de horror.

Ele já ia gritá-la, na esperança de que ainda vivesse, quando a viu numa árvore, ao lado daquela onde os bugios estavam. Então reparou que a algazarra e os guinchos ferozes eram provocados pela presença da moça.

Com grande espanto a viu pular, como um macaco, da árvore onde estava, para um galho da outra, abaixo do lugar em que se empoleiravam os grandes símios. Em seguida a viu instalar-se em um galho a poucos palmos apenas do bugio mais próximo. Ele já ia erguer a carabina para dispará-la contra esses macacos que pareciam prestes a atirar-se contra ela, quando viu Myriam falar. A carabina quase caiu-lhe das mãos com a surpresa que lhe causaram os estranhos sons, semelhantes ao palrear dos macacos, que saíam dos lábios da moça.

Cessou a vozeria furiosa e os bugios se puseram a ouvi-la. Era evidente que eles ficaram tão surpresos como sir Morison Baynes. Vagarosos, e de um em um, aproximaram-se da jovem. Ela não dava a mínima demonstração de medo. Rodearam-na todos de tão perto, que o espectador daquela cena não poderia dar um tiro sem pôr em risco a vida de Myriam; mas já não era esse o seu desejo. Devorava-o grande curiosidade.

Por alguns minutos a moça e os bugios ficaram empenhados em nada menos do que em uma conversação e, após, eles alegremente lhe foram entregando, um por um seus objetos. Depois disso ainda os macacos continuaram a rodeá-la ansiosos, falando-lhe. e ela a responder-lhes. Morison sentou-se ao pé de uma árvore e enxugou o suor da testa. Em seguida levantou-se e voltou para o lugar onde deixara seu cavalo.

Quando Myriam, poucos minutos depois, saiu da floresta, encontrou-o ainda ali. E o jovem inglês fixou-a com os olhos arregalados que exprimiam um misto de assombro e terror.

— Vi seu cavalo aqui — explicou — e resolvi esperá-la para voltarmos juntos. Isto não a contraria?

— Naturalmente não! Só me dará prazer.

Enquanto regressavam atravessando o campo, Morison surpreendeu-se muitas vezes a contemplar o perfil regular da jovem, perguntando-se se seus olhos o haviam enganado, ou se em verdade vira aquela adorável criatura em companhia de grotescos bugios e a conversar tão corretamente com os mesmos, como conversava com ele, Morison. Era coisa absurda, inverossímil — e, no entanto, a observara com seus próprios olhos.

Enquanto a contemplava, outro pensamento apresentava-se, persistente, em seu espírito. Ela era bela, adorável; mas que sabia do seu passado? Não seria, de todo em todo, uma pessoa inconveniente? A cena que testemunhara não era suficiente

prova dessa inconveniência? Uma mulher que trepava em árvores para conversar com os bugios da mata! Que horror!

Sir Morison Baynes enxugou nervosamente a fronte. Myriam olhou para ele.

— Sente calor? — perguntou. - Agora, ao pôr do sol, acho a temperatura fresca. Por que sua tanto?

Ele não tencionava revelar-lhe que a vira em companhia dos bugios; mas de chofre, quase inesperadamente, disse com franqueza:

— Ê a emoção que me faz suar. Entrei na mata depois que vi seu cavalo. Queria fazer-lhe uma surpresa: mas fui eu o surpreendido. Enxerguei-a na árvore com os bugios.

— Sim? replicou ela, muito calma, como se fosse a coisa mais natural a camaradagem de uma moça com animais selvagens.

— Que coisa horrível! exclamou Morison.

— Horrível, por que? — perguntou Myriam, a alçar de espanto as sobrancelhas. — Que há de horrível nisso? São amiguinhos meus. E é horrível conversar-se com os amigos?

— Estava então conversando com eles? — exclamou Morison. — Compreendia o que diziam e eles compreendiam a senhora?

— Certamente.

— Mas são bichos pavorosos e da mais baixa espécie. Como sabe falar a língua deles?

— Não são pavorosos, nem de espécie baixa — redargüiu Myriam. — Os seres que estimamos não são nada disso. Vivi muitos anos com eles, antes de *Bwana* encontrar-me e trazer-me para cá. Mal conhecia outra língua, além da dos Manganis. Devo eu fazer como quem não os conhece, pela simples razão de atualmente morar entre os humanos?

— Atualmente! — exclamou Morison. — Não quer dizer com isso que espera tornar a viver com eles? Ora! quantas tolices está falando! Que idéia a sua! Naturalmente já se mostrou bondosa para esses bugios e por isso a conhecem e não a agriDEM; mas dizer que já viveu entre eles... Não! Seria o cúmulo do absurdo!

— Mas a verdade é que vivi — afirmou a jovem, ao notar, na entonação e nos modos de seu interlocutor, o horror que lhe causava admitir tal idéia. E, com o prazer de horripilá-lo ainda mais, prosseguiu: — Já vivi, seminua, entre os grandes e pequenos macacos. Eu morava nos galhos das árvores; saltava sobre os animais menores e devorava-os... crus. Caçava antílopes e javalis em companhia de Korak e de Akut e, sentada em galhos, fazia caretas para Numa, o leão, atirando-lhe paus

secos, a irritá-lo até o ponto de rugir tão alto, que a terra toda tremia.

“E Korak construiu para mim um abrigo entre os Ta-mos de uma árvore enorme. Ele levava-me frutos e carne. Lutava em minha defesa e era bom para mim... E, até vir para a companhia de *Bwana* e de Minha Flor, não me lembro de outra pessoa, além de Korak, que tenha sido boa para mim.”

Havia agora uma nota de melancolia na voz na moça. Ela esqueceu-se de que estava a divertir-se espantando sir Morison Baynes. É que se lembrara de Korak. Havia muito tempo que não se recordava do mesmo.

Ambos silenciaram por algum tempo, absorvidos cada qual em suas próprias cogitações, enquanto prosseguiram a cavalgada em direção ao bangalô. Myriam evocava uma figura de jovem deus, com uma pele de leopardo a ocultar-lhe a meio a pele bronzeada, a saltar levemente de ramo em ramo para ir oferecer-lhe um naco de carne após alguma feliz caçada.

Atrás dele, peludo e formidável, também pulava pela galharia um macaco antropóide, ao passo que Myriam, a rir e a saudá-lo, se instalava em um ramo balouçante à entrada de seu abrigo rústico. Era belo esse quadro que então lhe revivia na memória. O reverso do mesmo ramo lhe acudia à retentiva — e eram as noites longas e negras, as frias e horríveis noites das selvas, o úmido e gélido desconforto da estação chuvosa, o urrar das bestas feras carniceiras, a vaguear na escuridão estígia do rés do solo, a constante ameaça de Sheeta, a pantera, e de Histah, a serpente, os insetos famintos, as repugnantes lagartas... Pois, em verdade, tudo isso era contrabalançado com vantagem pela facilidade dos dias soalheiros, durante os quais se sentia livre de tudo aquilo e, mais que tudo, pela companhia de Korak.

No espírito de Morison predominava a decepção. Compreendera subitamente que estivera na iminência de apaixonar-se por aquela moça, a cujo respeito nada sabia até poucos minutos antes, quando ela espontaneamente lhe revelara parte do seu passado.

Quanto mais ele refletia na matéria, mais se convencia de que a amava, de que estivera a pique de oferecer-lhe seu nome respeitável. Sentiu um arrepio ao ter consciência de haver escapado por um fio. Mesmo assim, ele a amava ainda, o que pouco importava ao caso, de acordo com a moral de Morison Baynes e das pessoas de sua classe.

Ela era argila inferior à sua, pelo que não a podia receber como esposa, bem como a qualquer das bugias suas amigas; nem poderia ela esperar que Morison a pedisse em casamento. Para ela, bastava a honra de ser objeto de seu amor; quanto ao seu nome ele o daria a pessoa de sua própria esfera, mais elevada que a de Myriam.

Uma jovem que se acamarada com macacos, que, segundo sua própria confissão, vivia seminua entre os mesmos, não poderia ter um apurado senso de virtude. Longe de ofendê-la, o amor que ele lhe oferecesse excederia provavelmente tudo o que ela poderia desejar ou esperar.

Quanto mais Morison Baynes pensava sobre aquele assunto, mais plenamente se convenciu de pretender praticar uma ação cavalheiresca e altruísta. Os europeus, a seu ver, compreendiam melhor seu ponto de vista do que os tolerantes americanos, destituídos do senso de verdadeira apreciação das castas e da exatidão do adágio: “O rei jamais pode fazer mal”.

Nem mesmo seria preciso ele evocar o argumento de que Myriam seria muito ditosa em luxuoso aposento em Londres, duplamente garantida pelo amor de Morison e pela conta deste no banco, do que se casasse legalmente com qualquer outra pessoa de sua condição social. Havia, contudo, um ponto que ele queria bem esclarecido antes de executar o programa que mentalmente elaborava.

— Quem eram Korak e Akut? — perguntou.

— Akut era um Mangam e Korak um Tarmangani — respondeu Myriam.

— E pode ter a bondade de explicar-me o que significam Mangani e Tarmangani?

A moça deu uma risada.

— O senhor é um Tarmangani — disse. — Os Manganis são peludos; o senhor lhes chamaria macacos.

— Então Korak era um homem branco? — indagou Morison.

— Era.

— E ele era seu... hum!... seu... ?

Parou, pois achava difícil prosseguir no interrogatório, tendo os límpidos e belos olhos da jovem cravados nos seus.

— Meu o que? — perguntou Myriam, cuja grande inocência não a deixava adivinhar o que Morison queria dizer.

— Sim... hum!... seu irmão? — gaguejou ele.

— Não; Korak não era meu irmão — respondeu a jovem.

— Era. então, seu marido? — inquiriu, por fim, rudemente.

Longe de melindrar-se, Myriam deu uma alegre casquinada.

— Meu marido! Que idade o senhor julga que tenho? Sou muito nova para ter marido. Nunca pensei em casar-me. Korak era... sim... — e agora hesitava, porque ainda não procurava definir as relações existentes entre ambos. Ora! Korak era Korak!

E desfechou nova risada, ao notar quão pouco esclarecera as cousas com a última resposta.

Fitando-a e ouvindo-a falar, Morison não podia acreditar que mancha de qualquer grau ou de qualquer espécie houvesse tisonado a pureza daquela moça; seu desejo, porém, seria não crer na virtude da mesma, do contrário seus planos se desfariam — pois Morison não era completamente privado de consciência.

Durante vários dias, não houve progressos apreciáveis na realização dos referidos planos. Morison por vezes quase renunciava aos mesmos, aproveitando a circunstância de ser ainda tempo. E que se dizia bastar, talvez, leve incitamento para sentir-se disposto a fazer sincera proposta matrimonial a Myriam — caso deixasse aumentar sua paixão por ela — e era difícil vê-la diariamente sem a amar cada vez mais.

Tinha Myriam qualidades que Morison ainda desconhecia e que dificultava muito sua tarefa — a bondade e a inocência, as quais constituem os mais fortes baluartes para a proteção de uma jovem — barreira que apenas os perversos têm a ousadia de assaltar. E Morison não poderia ser tido como perverso.

Por um entardecer, depois de se retirarem todos, ficaram a sós, no alpendre, ele e Myriam. Antes daquela hora estiveram a jogar tênis, no qual Morison levava mais vantagem, o que, aliás, sucedia em todos os outros desportos. Pôs-se a contar a Myriam casos de Londres e Paris, de bailes e banquetes, de lindíssimas mulheres com vestidos lindíssimos e dos prazeres e distrações dos ricos e poderosos.

Morison era mestre requintado na arte de jactância disfarçada. Jamais patenteava seu egoísmo — procedimento plebeu cuidadosamente evitado por ele; mesmo assim, seus ouvintes sentiam ao cabo de suas narrativas a impressão de que Morison não pretendia absolutamente diminuir as glórias da ilustre família Baynes e nem as de seu digno representante, o narrador.

Myriam ficou embevecida. O que ele dizia eram como histórias de fadas para aquela jovem filha das selvas. Em sua íntima apreciação avantajava-se colossal, magnífica e grandiosa a figura de Morison. Ele fascinara-a; e, após ligeira pausa, quando se aproximou mais da moça e lhe segurou a mão, ela vibrou de prazer, como ao contado de um deus — e essa vibração não era totalmente extrema de receio.

Morison aproximou os lábios do ouvido dela.

— Myriam! — sussurrou-lhe. — Minha Myrianzinha! Posso ter a esperança de chamá-la verdadeiramente minha?

A jovem volveu os olhos largamente dilatados para seu rosto. Mas este se achava na sombra. Ela pôs-se a tremer, mas não se afastou de Morison, que lhe cingiu a cintura com um braço, achegando-a a si.

— Eu amo-a! — segredou-lhe.

Ela não respondeu. Não sabia o que dizer. Nada sabia sobre o amor. Jamais refletira, por um instante ao menos, na significação desta palavra; mas, fosse o que fosse o que significasse, compreendia que deveria ser bom ser amada. Era agradável haver pessoas bondosas para ela, que conhecera tão pouco o que fosse bondade ou afeição.

— Diga-me que me ama também — segredou novamente Morison.

Os lábios dele avizinham-se dos dela. Quase já se tocavam quando a visão de Korak surgiu instantânea, como um milagre, em seu espírito. Viu-lhe o rosto junto ao seu, sentiu-lhe a boca ardente na sua boca e só então, pela primeira vez, adivinhara a significação da palavra amor. Ela afastou-se delicadamente dele.

— Não sei ao certo se o amo. Esperemos. Temos muito tempo. Sou ainda muito moça para casar-me e não tenho a certeza de que serei ditosa em Londres ou Paris, pois essas cidades me assustam um pouco.

Com que facilidade e naturalidade ela associava sua confissão de amor à idéia de casamento! Morison Baynes sentia a certeza de que não falara em casar-se — tivera muita cautela em não proferir tal palavra. E ela, então, não estava certa de o amar! Isto, para sua vaidade, foi como um grande choque. Parecia incrível que aquela selvagenzinha tivesse dúvidas quanto aos dotes irresistíveis de Morison Baynes!

Arrefecendo a exaltação amorosa, Morison pôde raciocinar com mais lógica. Fora desastroso o primeiro ataque. Melhor seria esperar e preparar gradativamente o espírito de Myriam para ouvir a única proposta que sua elevada posição social lhe permitia fazer. Devia ir mais devagar. Morison olhou o perfil da moça. Iluminava-o a claridade nítida da lua cheia dos trópicos. E Morison Baynes perguntou a si mesmo se seria fácil “ir mais devagar”. Ela era encantadora.

Myriam levantou-se. Ainda presente em seu espírito estava a visão de Korak.

— Boa noite — disse ela. — Tudo isto é tão belo que não se tem coragem de sair daqui — e seu largo gesto abrangia o céu estrelado, a luz do luar, a vasta planície cor de prata e o denso negrume ao longe, assinalando o lugar da mata. — Quanto amo tudo isto!

— Você amará mais Londres — disse ele com ardor. — E Londres a amará também. Em qualquer capital da Europa a sua beleza sobressairá. O mundo inteiro cairá a seus pés Myriam.

— Boa noite! — repetiu ela. E retirou-se.

Morison tirou um cigarro da cigarreira ornada com seu brasão, acendeu-o, bafou para a lua um fino jato de fumo azul e sorriu.

CAPÍTULO XVIII

MYRIAM e *Bwana* estavam no dia seguinte sentados na varanda, quando ao longe avistaram um cavaleiro atravessando a planície em direção do bangalô. *Bwana* pôs a mão em pala sobre os olhos, para vê-lo melhor. Sentia-se intrigado, pois eram poucos os estranhos que apareciam na África Central. Ele conhecia bem até os pretos das redondezas, num raio de várias léguas.

Se algum branco desconhecido se dirigisse para ali, ele o saberia quando ainda estivesse a mais de cem quilômetros de distância. Cada um de seus atos seria comunicado a *Bwana* — até quantos animais matara, quantos de cada espécie, como os caçara também — pois *Bwana* não permitia o emprego de ácido prússico e estriquinina — e bem assim o modo como tratava os homens de sua comitiva.

Vários desportistas europeus foram forçados a voltar para a beira-mar, por injunção do importante proprietário inglês, devido à crueldade usada com os seus camaradas pretos; e um deles, cujo nome era celebrado nas povoações africanas como o de um grande caçador, fora expulso da África com ordens de nunca lá voltar, quando *Bwana* descobrira que sua grande proeza de matar catorze leões fora feita por meio de iscas envenenadas.

Como resultado disto o ficaram estimando e respeitando todos os bons desportistas e os naturais. Sua palavra era lei onde até então nunca existira lei. Raro havia algum capataz, de costa a costa, que não preferisse cumprir as ordens do importante *Bwana*, às dos caçadores para quem trabalhava—e por isso era fácil expulsar qualquer estranho indesejável — bastava *Bwana* dizer que ia dar ordens aos pretos para escorraçá-lo dali.

Mas era evidente que um deles penetrara naquela zona sem seu prévio conhecimento. *Bwana* não podia conjecturar quem seria o cavaleiro que se aproximava. De acordo com as leis de hospitalidade reinantes em todas as fronteiras do globo, ele foi até o portão saudá-lo antes que houvesse desmontado. Viu então que era um homem alto e bem entroncado, de trinta anos para mais, cabelos louros e barba escanhoada. Algo de muito familiar para *Bwana* convenceu-o de que saberia dizer até o nome do recém-vindo, mas era incapaz de lembrar-se bem. Via-se claramente ser de origem escandinava, o que denotavam seu aspecto e sotaque. Tinha maneiras rudes, porém francas. Causou boa impressão em *Bwana*, que estava habituado a dar aos estranhos, naquela região desabitada e selvagem, o tratamento que ele julgava merecerem, não lhes fazendo perguntas e formando a seu respeito o melhor juízo, enquanto não provassem serem indignos de sua amizade e hospitalidade.

— É muito pouco usual chegar aqui algum branco sem ciência minha — disse ele, enquanto se dirigiam juntos para um campo onde, segundo sugeria, o viajante poderia soltar sua montaria. — Meus amigos, os naturais, trazem-me sempre muito bem informado.

— Provavelmente é devido à circunstância de eu ter vindo do sul — explicou o recém-chegado. Nos últimos dias de viagem não encontrei no meu caminho aldeia alguma.

— Tem razão; para o sul não existem aldeias. — Desde que Kovudu abandonou seus territórios, duvido que nessa direção se encontre um preto daqui até umas setenta léguas de distância.

Bwana admirava-se de que um homem branco, só, tivesse podido atravessar as muitas léguas de terra inóspitas e desabitadas que ficavam para o sul. Como adivinhando o que se passava em seu espírito, o desconhecido tentou explicar.

— Vim do norte para caçar e mercadejar um pouco e afastei-me dos caminhos conhecidos. Meu capataz, que era o único dos “safari” que estivera anteriormente na região, caiu doente e morreu. Não encontramos pessoas da zona para guiar-nos e por isso tratei de voltar para o norte. Por espaço de mais de um mês só nos alimentamos com a caça abatida com as nossas carabinas. Supúnhamos não existirem brancos numas trezentas léguas de distância, quando acampamos na tarde de ontem junto a uma lagoa na orla da planície. Esta manhã saí para caçar e avistei a fumaça de sua chaminé, pelo que mandei o carregador de minha carabina ir dar no acampamento essa boa notícia a meus homens e dirigi-me pessoalmente para aqui. Já ouvi, como é natural, falarem a seu respeito — bem como todos os que vêm à África Central — e grande prazer terei se permitir que eu descanse e cace nestas circunvizinhanças por umas duas semanas.

— Sem dúvida — respondeu *Bwana*. — Remova seu acampamento para mais perto do rio, para baixo das moradias de meus homens e venha instalar-se aqui, ficando à vontade, como se esta propriedade fosse sua.

Eles haviam já chegado ao alpendre, onde *Bwana* apresentou o desconhecido a Myriam e a Minha Flor, que acabava de sair do interior da casa.

— O Sr. Hanson — disse ele, repetindo o nome com que o estrangeiro se apresentara. É um mercador que se extraviou na mata, para os lados do sul.

Minha Flor e Myriam inclinaram a cabeça numa saudação, a essas palavras. O Sr. Hanson parecia constrangido na presença das damas. O dono da casa o atribuiu à circunstância de estar o mesmo desabitado ao trato de senhoras educadas e, por essa causa, procurando um pretexto para livrá-lo daquela desagradável situação, levou-o a seu escritório, onde o Sr. Hanson teria muito menos acanhamento diante do

brandy e soda que aí lhe seria servido.

Depois de saírem os dois, Myriam voltou-se para Minha Flor:

— É esquisito, eu juraria que já conheço o Sr. Hanson. Mas não passa de uma ilusão. — E não pensou mais no caso.

Hanson não acedeu ao convite de *Bwana*, de transferir para mais perto o acampamento. Disse que seus carregadores eram propensos a rixas, pelo que melhor seria conservarem-se distantes. Quanto a ele, apareceu depois disso poucas vezes por ali e sempre evitando contato com as damas, e essa timidez do rude negociante provocara naturalmente joviais comentários e risadas.

Ele acompanhou os homens em várias caçadas, mostrando-se prático em abater animais de grande porte. À noite passava muito tempo em companhia do capataz branco de *Bwana* achando provavelmente mais interesse na companhia de pessoas rudes do que na dos cultos hóspedes de *Bwana*. Tornou-se uma figura familiar à noite, nas proximidades da casa principal. Andava por toda parte, passeando com freqüência no grande jardim que era o orgulho de Minha Flor e de Myriam. Na primeira vez que aí o encontraram, resmungou uns pedidos de desculpas, explicando que sempre adorara as flores do norte e da Europa, que Minha Flor plantara com êxito na África.

Seriam, em verdade, as belas malva-rosas e flores que o levaram para o ambiente perfumado do jardim, ou a outra flor, infinitamente mais bela, que passeava entre os canteiros, à luz do luar — a Myriam, de cabelos pretos e tez amorenada?

Hanson ali se deteve três semanas, explicando que seus carregadores estavam a repousar e a recobrar as forças, após as provações passadas, quando perdidos na selva do sul; mas ele não ficara tão ocioso quanto parecia. Dividira sua comitiva em dois grupos, encarregando do respectivo comando homens em quem acreditava poder depositar confiança. Expusera aos mesmos seus planos e a rica recompensa que ganhariam se, com seu auxílio, fosse bem sucedido.

Um dos grupos dirigira-se para o norte, pelo caminho que comunicava com as grandes entradas de caravanas que penetravam o Saara pelo sul; e ordenou que o outro se distanciasse para o oeste, com ordem de fazer alto e acampar além do grande rio que era o limite natural do território que o importante *Bwana* quase considerava, e com razão, como seu próprio.

Ele explicou a esse proprietário que estava mobilizando seus “safari” lentamente, para o norte — mas nada revelou sobre a caravana que se deslocava para o oeste. Um dia anunciou que metade de seus homens desertara, pois os caçadores do bangalô passaram pelo acampamento do norte e ele receava que houvessem notado o reduzido número de seus subordinados.

E as cousas estavam neste pé, quando, em uma noite cálida, Myriam, não podendo dormir, levantou-se e foi passear no jardim. Morison estivera insistente, naquele serão, com o fim de realizar seus planos, o que teve como efeito ficarem as idéias da jovem num redemoinho que lhe impedia de conciliar o sono.

O amplo céu sobre sua cabeça, parecia propício a enxotar-lhe da mente as dúvidas e hesitações. Morison Baynes insistira em querer saber se ela o amava. Dez vezes Myriam julgara poder dar sinceramente a resposta desejada por ele. Korak ia-se, rápido, tornando uma reminiscência vaga. A moça chegara a convencer-se de sua morte, pois do contrário ele teria procurado saber seu paradeiro. Ela ignorava que Korak tinha os melhores motivos para supô-la morta e que por causa disso não se esforçara por encontrá-la, após o assalto à aldeia de Kovudu.

Atrás de uma moita de arbustos florescidos, Hanson, deitado na relva, contemplava as estrelas a esperar. Assim fizera ele, no mesmo lugar, em muitas noites antecedentes. Que coisa ou que pessoa esperava? Ao rumor dos passos da moça a aproximar-se, soergueu o busto, apoiando-se nos cotovelos. Poucos metros além, com as rédeas presas a um pau da cerca, estava o cavalo dele.

Andando devagar, Myriam se avizinhava da moita atrás da qual estava Hanson. Este tirou do bolso um grande lenço de seda e sorrateiramente se ajoelhou. Um cavalo relinchou pouco abaixo, num curral. Muito longe, para além do campo, um leão urrou. Hanson foi mudando de posição até ficar agachado, pronto para se erguer num instante.

Outra vez, mais perto agora, relinchou o cavalo. Ouviu-se o roçar de seu corpo nos arbustos. Hanson, surpreendido, perguntou-se como teria o cavalo podido sair do curral, pois era evidente achar-se já no jardim. Ele volveu o rosto para o lado do animal. O que então divisou o fez acarear-se com o solo, ocultando-se bem, atrás da moita — vira um homem avizinhar-se, puxando dois cavalos pelas rédeas.

Ouvindo os mesmos sons, Myriam parou para ver e escutar. Daí a instantes Morison Baynes chegou onde ela estava com duas montarias arreadas.

Myriam fitou-o surpresa. Morison, com um sorriso desapontado, disse:

— Eu não podia dormir e ia passear um pouco a cavalo quando casualmente a avistei no jardim. Pensei então que a amiguinha gostaria de passear também comigo. Cavalgar à noite é agradável, como sabe. Vamos?

Myriam riu-se. Essa extravagância a seduzia.

— Com todo o gosto — respondeu. Hanson mastigou uma praga surda.

Os dois saíram do jardim puxando os cavalos. Ao passarem pelo portão avistaram o animal de Hanson.

— Olhe o cavalo do mercador — observou Morison.

— Provavelmente está na casa do capataz — disse Myriam.

— E bem tarde para ele ir-se, não? — comentou o jovem inglês. Eu teria receio de atravessar à noite a mata. para ir a seu acampamento.

Como a justificar esse receio, rugiu de novo o leão, a distância. Morison estremeceu e olhou a moça, para ver o efeito que lhe causaram aqueles sons horríveis. Ela parecia não os ter ouvido.

Momentos depois, já montados, os dois atravessaram lentamente a planície banhada de luar. Myriam fez o seu cavalo tomar o rumo da floresta, para o lado em que soaram os urros do leão faminto.

— Não seria melhor nos desviarmos daquele bicho? propôs Morison. — Penso que não lhe ouviu os rugidos?

— Ouvi, sim — disse Myriam a rir-se. — Vamos para onde ele está fazer-lhe uma visita.

Morison teve um sorriso amarelo. Não queria fazer feio ante aquela jovem, mas também não lhe agradava chegar-se muito perto de um leão esfaimado, à noite.

Ele atravessou a carabina à frente do selim: sem embargo disso, achava a luz do luar pouco propícia à precisão da pontaria — e nem lhe ocorrera ainda enfrentar, só ele, um leão, mesmo de dia.

Essa idéia dava-lhe frio na barriga.

O leão cessara de urrar. Como não o ouvisse mais, Morison Baynes se sentiu mais animoso. Estavam a cavalgar, na direção do vento, para a mata. O leão achava-se deitado em uma leve depressão de terreno, à frente. Era velho. Havia duas noites não comia, pois seu ataque já não era tão rápido nem seu pulo avançava tanto como nos seus melhores dias, quando espalhava o terror entre os habitantes de seus domínios selvagens. Duas noites e dois dias ele se fora de bucho vazio e, antes disso, apenas se alimentara com uma carniça. Apesar de velho, ainda era uma terrível máquina de destruição.

Na ourela da floresta Morison colheu as rédeas. Não tinha desejo de ir mais além. Numa, com andar cauteloso, entrou na mata, antes deles, indo esperá-los adiante. Uma aragem soprava agora brandamente entre ele e a presa em perspectiva. Viajara muito à procura de algum homem pois, muito novo, provaria carne humana; e, embora fosse um petisco inferior comparada à carne de alce e de zebra, havia a compensação de ser o homem menos difícil de matar. Segundo a opinião de Numa, o homem era animal bronco de espírito e lerdo na fuga, não lhe inspirando respeito senão quando acompanhado de um odor penetrante que irritava as ventas sensíveis

do monarca das selvas e o fazia lembrar-se do clarão cegante e do grande barulho das carabinas.

Naquela noite ele sentira esse cheiro, mas a fome o enlouquecia. Seria capaz de arrostar, se necessário, uma dúzia de carabinas, para encher a pança vazia. Ele deu uma volta na floresta para ficar contra o vento, porque, se as vítimas lhe sentissem o cheiro, perderia a esperança de apanhá-las. Numa estava com fome: mas era velho e astuto.

Mais no âmago da mata, outro ente sentiu ao mesmo tempo cheiro de homem e de Numa. Ele ergueu a cabeça para farejar melhor; em seguida a inclinou e pôs-se à escuta.

— Penetremos na mata — disse Myriam — percorramos um trecho dela a cavalo. A floresta é maravilhosa à noite. Há espaço bastante, entre as árvores, para nos permitir cavalgar.

Morison hesitou. Repugnava-lhe mostrar-se medroso perto da jovem. Um homem de mais coragem e, cômico de seu próprio valor, teria o ânimo de recusar-se a expô-la inutilmente a um perigo. Tal homem não pensaria em si; mas o egoísmo de Morison exigia que, antes de tudo, pensasse em si próprio. Planejava aquele passeio para conversar com Myriam longe do bangalô; pois, se suas palavras a ofendessem, ele teria tempo de procurar reabilitar-se aos seus olhos, antes de tornarem a casa. Poucas dúvidas, aliás tinha de conseguir bom êxito; mesmo assim é de levar-se a seu crédito a circunstância de ter dúvidas, por mais leves que fossem.

— Não tenhas medo do leão — disse Myriam ao notar-lhe a hesitação ligeira. — Diz *Bwana* que há dois anos não aparece nestas redondezas nenhum leão devorador de homens e a caça é tão abundante que Numa não precisará recorrer à carne humana. Vive tão perseguido pelos caçadores, que de bom grado passa de largo, ao aproximar-se algum homem.

— Oh! Não tenho medo de leões — respondeu Morison. — O que eu pensava é que deve ser incômodo como o diabo passear-se a cavalo em uma floresta, com cipoalha e os galhos baixos a atrapalharem a gente.

— Vamos então apear-nos — sugeriu Myriam, preparando-se para descer do animal.

— Não, não faça isso! — exclamou Morison horripilado com a idéia. Vamos a cavalo mesmo — e deu rédeas à montada para internar-se nas sombras do matagal. Atrás dele ia Myriam e, em frente, a rondar, esperando boa oportunidade, estava Numa, o leão.

Fora, na planície rasa, um cavaleiro solitário resmungou uma praga ao perder de vista os dois. Era Hanson. Ele os acompanhara desde o bangalô. Seu acampamento

ficava no mesmo rumo, por isso tinha preparado essa boa explicação para o caso de o descobrirem; todavia não o viram, por não terem olhado para trás.

Seguia ele agora em direção ao lugar por onde entraram na mata. Já não mais se lhe dava de que o descobrissem ou não. Havia dois motivos para essa indiferença. O primeiro é que via no ato de Morison a frustração de seu plano de raptar a moça. De qualquer modo, ele devia orientar os fatos em seu próprio benefício. Pelo menos se certificaria de que Morison não ia fugir com Myriam. O outro motivo era um fato sucedido no seu próprio acampamento no começo da noite antecedente — fato que ele não contara no bangalô para não atrair atenção indesejada sobre seu próprio procedimento e não estabelecer maior contato entre os subordinados seus e os de *Bwana*, pois com esse contato, que a ciência de tal fato favoreceria, poderia ser descoberta a mentira do que afirmara no bangalô, isto é, de que metade de seus pretos desertara. Se aqueles subalternos tivessem relações mais íntimas, sua falsidade poderia facilmente transpirar.

O fato aludido, que não revelara, e que fazia apressar-se a alcançar os dois cavaleiros, acontecera, como foi dito. na noite da véspera, em seu acampamento. Seus pretos estavam sentados juntos à fogueira deste, rodeados por uma alta “boma” de espinheiros, quando, sem o menor anúncio de sua aproximação, um leão colossal pulara no meio dos mesmos e arrebatara um em suas garras.

Não fossem as dedicações e a coragem dos companheiros da vítima, esta não escaparia com vida. E só conseguiram salvá-la após terrível luta com a fera, que rechaçaram, afinal, com tiçoadas, lançadas e tiros de carabinas.

Esse sucesso fez Hanson ficar sabendo que um leão devorador de homens vagueava naquela zona, ou que se tornavam tal alguns dos numerosos leões que erravam à noite nas planícies e montanhas e se ocultavam nas matas. Ele ouvira o rugido de um leão famélico havia menos de meia hora e não duvidava de que o mesmo estivesse agora a negacear Myriam e Morison. Maldizendo a maluquice do inglês, esporeava o animal para alcançá-lo.

Aqueles dois haviam chegado a uma pequena abertura natural por entre as árvores. Cem metros para adiante Numa estava agachado entre a galhaça rasteira, com os olhos amarelo-esverdeados gravados na presa e a agitar nervosamente a ponta da cauda curva.

Estava a calcular a distância entre ele e os dois cavaleiros. Hesitava em atacar logo ou em esperar mais um pouco, na esperança de que se adiantassem mais, até caírem-lhe entre as maxilas. Sentia fome mas era um leão prudente. Não queria arriscar-se a perder a comida com um ataque precipitado e intempestivo. Se na noite precedente houvesse primeiro esperado os pretos dormir, não teria sido forçado a passar em jejum mais outras vinte e quatro horas.

Para trás do felino, o outro ente que havia sentido, ao mesmo tempo, seu cheiro e cheiro de homem, sentou-se no galho da árvore onde estivera a dormir. Embaixo, no chão, uma grande mole viva bamboleava-se indolente nas trevas.

O animal que estava na árvore emitia surdamente um som gutural e pulou no dorso daquela mole animada. Cochichou uma palavra sob uma das grandes orelhas de Tantor, o elefante; e este ergueu a tromba, ondulando-a no ar para sentir o cheiro que aquelas palavras anunciaram. Depois foram ciciadas outras palavras — teriam sido uma ordem? — e o animalão abalou pesadamente, mas sem fazer bulha, na direção de Numa, o leão, cujo odor fora sentido pelo estranha Tarmangani que o montava.

Quanto mais seguiram, mais forte se tornavam o odor do leão e o da presa almejada por este. Numa impacientava-se. Quanto tempo deveria esperar que seu alimento caminhasse para o lado onde estava? Sua cauda fustigava agora o chão, raivosa. Quase roncava, ameaçador.

Inconscientes do perigo, o inglês e a jovem conversavam, parados, na pequena clareira.

Seus cavalos estavam rentes um do outro. Morison tomara a mão de Myriam e apertava-a, a proferir palavras de amor.

— Vá para Londres comigo — insistiu Morison. — Arranjo um “safari” para acompanhar-nos e já teremos viajado um dia inteiro a demandar a costa, quando derem pela nossa fuga.

— Mas por que nos iremos desse modo? — inquiriu a jovem. — *Bwana* e Minha Flor não porão obstáculos ao casamento.

— Não posso casar-me agora — explicou Morison — pois tenho que satisfazer primeiro certas formalidades, que você não compreenderá. Tudo correrá muito bem. Vamos para Londres. Não posso esperar mais tempo. Se me ama, irá comigo. Com qual dos macacos você disse que viveu? E aborreceram-na com histórias de casamento? Eles amam como nós. Se você continuasse entre os macacos acabaria por acasalar-se ao modo deles. É a lei da natureza — e leis humanas não podem ab-rogar as leis de Deus. Que mal haverá em nos amarmos? Quem mais nos importará no mundo exceto nós dois? Estou pronto a dar-lhe a minha vida — e não fará por mim algum sacrifício?

— O senhor ama-me? — perguntou Myriam. — E casar-se-á comigo quando chegarmos a Londres?

— Juro-o! — exclamou Morison.

— Então irei — murmurou a jovem — embora não compreenda bem tudo isto.

Ela inclinou-se para Morison, que a enlaçou em seus braços e se inclinou para beijar-lhe a boca.

No mesmo instante a cabeça de um elefante colossai surgiu na orla da clareira.

Morison e Myriam, tendo os olhos e ouvidos apenas um para o outro, nada viram nem ouviram. Mas o mesmo não sucedeu a Numa. O homem que estava sobre o largo cachaço de Tantor viu a moça nos braços do outro cavaleiro. Era Korak mas na elegante figura da jovem não reconheceu sua Myriam. Apenas viu um Tarmangani com sua companheira. E foi então que Numa os atacou.

Com um urro medonho, para evitar que Tantor lhe empalasse a presa, a grande fera saiu de ímpeto de seu esconderijo. A terra tremeu ao seu poderoso rugido. Os cavalos, por um momento, se quedaram empedrados de terror. Morison ficou frio e pálido. O leão precipitava-se contra eles à luz clara do luar. Os músculos de Morison não obedeceram mais à sua vontade, e sim a um poder mais forte — o da primeira das leis da natureza. Eles fizeram que seus calcanhares premisssem as esporas nos ilhais do cavalo, e que sua mão desse rédeas a este, que girou sobre si e galopou em direção à planície.

Nitrindo de terror, o cavalo de Myriam recuou e precipitou-se atrás do companheiro. O leão já estava rente a ele. Só a moça se conservava calma — só ela e o selvagem seminu escanchado no pescoço de sua formidável montaria e que sorria ao palpitante espetáculo que lhe proporcionara o caso para diverti-lo.

Para Korak, ali estavam somente dois Tarmanganis desconhecidos, perseguidos por Numa, que sentira fome. Numa tinha direito à sua presa. Mas era uma mulher. Korak teve ímpetos de precipitar-se em seu socorro. Ele não podia adivinhar quem fosse ela. Para ele, todos os Tarmanganis eram agora inimigos. Tanto tempo vivera a vida de um animal selvagem, que os impulsos humanitários inerentes à sua natureza não se poderiam manifestar mui fortes — e mesmo assim os sentiu pelo menos por aquela moça.

Fazendo Tantor avançar, ergueu a pesada lança e arremessou-a no corpo do leão. O cavalo de Myriam atingira as árvores do outro lado extremo da clareira. Ele poderia ser para a fera uma presa fácil mas Numa, enfurecido, preferia a mulher que o montava. E foi para apanhá-la que saltou.

Korak teve uma exclamação de espanto porque, no mesmo instante que o leão se lançava sobre o cavalo, a jovem pulou da sela, agarrando-se a um dos ramos que vira sobre sua cabeça.

A lança de Korak se cravou na espádua do leão, que, mal firmado nas ancas do cavalo espinoteante, se foi ao chão. Livre dos pesos da moça e do leão, o animal, esporeado pelo medo, esfuziou em vertiginoso galope. Numa, em patadas raivosas,

tentou livrar-se da lança, mas não conseguindo desalojá-la da espádua, prosseguiu na caçada.

Korak fez Tantor internar-se na espessura. Não fora visto e não desejava que o vissem.

Hanson estava a chegar à floresta quando ouviu os terríveis urros do leão. Compreendeu que este já havia atacado os cavaleiros. Daí a momentos viu Morison sair da mata a galope, buscando a salvação na fuga. Deitado sobre o cavalo, abraçava-lhe o pescoço, enquanto freneticamente lhe cravava as esporas nos flancos. Daí a instantes surgiu a outra montaria — mas sem ninguém a cavalgá-la.

Hanson emitiu um regougo, a conjecturar o que sucedera na mata. Soltou uma blasfêmia e, com a carabina na mão, acicatou o cavalo na esperança de arrebatá-lo ao leão a sua presa. E viu-o então a correr, no encalço do cavalo da jovem. Hanson não pôde compreender aquilo. Sabia que se Numa tivesse apanhado Myriam, não continuaria a perseguir outras possíveis presas.

Colhendo as rédeas, visou de pronto e disparou sua arma. O leão estacou, firmando-se nas patas traseiras, voltou-se para ele, agressivo, mas ato contínuo tombou inerte no chão. Hanson galopou por entre as árvores, chamando a jovem aos gritos.

— Estou aqui — ouviu uma voz dizer, no mesmo instante, entre as folhagens, à sua frente. — Matou-o?

— Sim — respondeu Hanson. — Onde está? A senhora teve sorte em escapar-lhe. Isto a ensinará a não vir passear à noite na floresta.

Voltaram juntos para a planície, onde avistaram Morison que regressou, devagar, para o lado deles. O inglês explicou-lhes que seu animal, com o susto, tomara o freio nos dentes e que lhe custara fazê-lo obedecer às rédeas. Hanson sorriu, pois lembrava-se de lhe ter visto os calcanhares a esporear loucamente as ilhargas do cavalo: mas nada disse a esse respeito. Pôs Myriam na garupa e, em silêncio, dirigiram-se os três para o bangalô.

CAPÍTULO XIX

DEPOIS que eles saíram da mata, Korak foi até onde estava o leão para reapossar-se de sua lança, cravada no corpo dele. Ainda sorria, pois divertira-o extremamente o espetáculo presenciado. Só uma cousa o impressionara, e foi a agilidade com que a moça pulara das costas do cavalo para o galho da árvore, ato este mais de um Mangani do que de um Tarmangani e que o fazia lembrar-se de sua Myriam que perdera.

Korak suspirou. Morrera, sua Myrianzinha! E perguntava a si próprio se aquela desconhecida se parecia com ela em mais alguma cousa. Sentiu forte desejo de observá-la. Viu ainda os três a se distanciarem no campo e teve curiosidade de saber para onde iam. Sentiu vontade de segui-los, mas limitou-se a contemplá-los até desaparecerem ao longe. A vista da jovem civilizada e do garboso inglês de roupa de brim caqui despertara recordações que jaziam há muito tempo em letargo no espírito de Korak.

Dantes ele pensava em retornar ao convívio de pessoas como aquelas, mas, com a perda de Myriam, pareceram tê-lo abandonado a esperança e a ambição. Seu único desejo agora era passar o resto da vida na solidão, e o mais longe possível dos seres humanos. E com um suspiro regressou lentamente para a mata.

Tantor, arisco de natureza, estava muito longe de sentir-se tranqüilo na proximidade daqueles três brancos estranhos e, ao tiro de carabina de Hanson, voltara-se e fugira a largas passadas, a balouçar o corpanzil.

Korak ainda o avistou a distância, quando voltou para procurá-lo. Pouco importou, todavia, ao homem-macaco o ter-se ido embora seu amigo. Tantor tinha o hábito de abalar quando menos o esperava e às vezes passavam um mês sem se verem um ao outro, pois raramente Korak tomava o trabalho de ir atrás do grande paquiderme, o que não fez, igualmente naquela ocasião. Em vez disso, procurou um galho alto, que lhe desse um bom cômodo, e logo adormeceu no mesmo.

Bwana recebeu no alpendre do bangalô os cavaleiros. Acordando em certo momento, ouvira a detonação do tiro de Hanson, e perguntou-se o que significaria aquilo. Acudiu-lhe a idéia de que poderia ter acontecido alguma cousa ao homem a quem considerava um tanto como hóspede, quando regressava para seu acampamento, por essa razão levantou-se e foi à casinha de seu capataz, onde lhe disseram que Hanson estivera ali, mas retirara-se muitas horas antes.

Voltando para o bangalô, *Bwana* observou que a porteira do curral estava aberta, e as investigações a que procedeu fizeram-no dar pela falta do cavalo de Myriam e

daquele que Morison costumava montar. Convenceu-se então *Bwana* de que o tiro fora disparado por Morison; foi acordar outra vez o capataz e preparava-se para partir a fim de saber o que ocorrera, quando viu os cavaleiros já perto, no campo. Ao chegarem, o dono da casa acolheu mui friamente as explicações de seus hóspedes. Myriam se conservou silenciosa. Notou que *Bwana* estava zangado com ela. Era a primeira vez que isto sucedia, o que lhe causava imensa mágoa.

— Vá para seu quarto, Myriam! — dissera ele. — E. quanto ao Sr. Morison, tenha a bondade de esperar-me no meu escritório, que irei lá neste momento.

Ele voltou-se para Hanson, enquanto os dois lhe atendiam à ordem, pois havia, um quê nos modos atenciosos de *Bwana*, que exigia imediata obediência.

— Como foi que os encontrou, Sr. Hanson? — perguntou o dono da casa.

O mercador respondeu-lhe:

— Eu fui sentar-me no jardim, depois de ter saído da casa de seu capataz, conforme é meu hábito, que sua senhora provavelmente já conhece. Esta noite aí adormeci atrás de uma moita, sendo despertado pelas vozes desses dois. Não pude ouvir o que diziam, mas em pouco o Sr. Morison foi buscar dois cavalos, nos quais montaram e partiram. Não gosto de intrometer-me no que não é de minha conta, mas refleti que não deveria sair a passeio a tais horas — pelo menos a moça não o deveria — o que era inconveniente e, também, perigoso. Por isso acompanhei-os e vi que procedi bem, pois, daí a pouco, encontrei Morison que fugia do leão a todo o galope, deixando a moça entregue à sua própria sorte. Foi então que tive a felicidade de, com um tiro certo, fazer o leão cessar o ataque.

Hanson deteve-se. Os dois homens conservaram-se em silêncio algum tempo. Certo momento o mercador tossiu, um tanto preocupado e hesitante, como se precisasse dizer alguma coisa, mas sem se resolver a isso.

— Que é Sr. Hanson? — interrogou *Bwana*. — Penso que ainda tem mais alguma coisa a dizer-me?

— É verdade, tenho mesmo — aventurou Hanson. — Passeando aqui por perto estas noites, tenho visto juntos muitas vezes esses dois e peço-lhe que me perdoe por dizer-lhe que acho que o Sr. Morison não tem boas intenções em relação a essa moça. Pelo que já tive ocasião de ouvir, depreendo que ele pretende raptá-la.

Inventando isto para favorecer seus próprios planos, Hanson, sem o saber, atinara com a verdade. Ele receava que Morison lhe atrapalhasse os tais planos, por isso delineara mentalmente um projeto para o qual seu rival lhe seria útil e que também lhe serviria para descartar-se do mesmo.

— Como estou na iminência de prosseguir em minha viagem, — continuou Hanson — o senhor poderia propor ao Sr. Morison ir comigo. Para lhe ser útil, eu o

levarei para o norte, pelo caminho das caravanas.

Bwana refletiu profundamente alguns instantes. Em seguida respondeu, mal-assombrado:

— O Sr. Morison, afinal, é meu hóspede, Sr. Hanson; não poderei acusá-lo, sem mais provas, de pretender raptar Myriam; e, por aquela circunstância, repugna-me ter a descortesia de pedir-lhe que se vá embora; mas, se bem me lembram as palavras do mesmo, ele tem, parece, a intenção do voltar já para a Inglaterra e estou certo de que nada lhe será mais agradável do que ir pelo rumo do norte em sua companhia. Quando parte? Amanhã? Penso que o Sr. Morison irá com o amigo. Tenha a bondade de voltar aqui amanhã, para saber a resposta. E agora, boa noite, e muito obrigado pelo interesse demonstrado por Myriam.

Hanson dissimulou um sorriso ao retirar-se em direção ao seu cavalo. *Bwana* foi do alpendre diretamente ao escritório, onde encontrou Morison Baynes evidentemente desconcertado, a passear de um lado para outro.

— Sr. Morison — disse *Bwana* ferindo logo o assunto principal — Hanson parte amanhã cedo para o norte. Mostra-se muito seu amigo e acaba de pedir-me que lhe diga que terá grande prazer se quiser ir junto com ele. Boa noite, Sr. Morison!

Em obediência à recomendação de *Bwana*, Myriam, no dia seguinte, não saiu do quarto enquanto Morison não partiu. Hanson voltara ali muito cedo — pois para poder seguir viagem pela manhã, passara o resto da noite em casa do capataz de *Bwana*.

As despedidas de Morison e do dono da casa foram as mais cerimoniais possíveis e, quando, por fim, seu hóspede partiu, *Bwana* expeliu um suspiro de alívio. Cumprira um dever desagradável e estava satisfeito pela terminação do incidente. Ele não se arrependeu de seu procedimento. Não fora tão cego que deixasse de perceber a paixão de Morison por Myriam e, conhecendo o orgulho daquele, por sua posição social, não acreditara um momento que seu hóspede pretendesse oferecer o nome àquela arabezinha plebéia — pois apesar de ser tênue o moreno de sua pele, *Bwana* acreditava que ela pertencesse àquela raça.

Ele não tocou mais no assunto com Myriam, o que não foi de bom aviso, pois, embora reconhecendo sua dívida de gratidão para com *Bwana* e sua esposa, a jovem tinha amor-próprio e era sensível; por isso, melindrara-a o ato de *Bwana* fazer Morison partir, sem dar a ela ensejo de esclarecer os fatos ou justificar-se. Outrossim, com seu procedimento, *Bwana* fez Morison Baynes aparecer a seus olhos com o prestígio de um mártir, o que muito a estimulou a ser-lhe constante.

Se antes ela se iludia um tanto, semi convencida, que estava, de o amar, agora era completa a ilusão, tomando firmemente por amor o que sentia por ele.

Bwana e Minha Flor poderiam ter-lhe revelado a existência de barreiras sociais, as quais, dado o gênio de Morison, ele não transporia para casar com Myriam — mas recearam magoá-la. Melhor seria que lhe tivessem causado esse pequeno desgosto, preservando-a das tribulações por que ia passar, devido a essa ignorância.

Enquanto Hanson e Morison Baynes cavalgavam para o acampamento do primeiro, o inglês se conservava sorumbático. O companheiro procurava um modo de abordar o assunto que o levasse naturalmente a fazer a proposta que tinha em mente. Olhando para trás, Hanson sorriu ao ver-lhe a carranca.

— O homem foi bem grosseiro com o senhor, não? — arriscou-se por fim a dizer, com um aceno significativo para o bangalô. — Para ele, aquela moça é um tesouro; não acha ninguém digno de se casar com ela. Penso que lhe fez mais mal do que bem mandando-o embora. Ela algum dia terá de casar-se e seria preferível que fosse com um cavalheiro distinto como o senhor.

Morison Baynes, que a princípio quase indignara com aquele intrometido de seus negócios particulares, mudou de estado de ânimo com a última frase de Hanson, começando então a ver no mesmo um homem de raro bom senso.

— *Bwana* presumido — resmungou — mas comigo sai-se mal; ele pode ser grande cousa na África Central, mas em Londres não é mais importante do que eu. É o que verá quando lá for.

— Se eu fosse o senhor — disse Hanson — não deixaria ninguém afastá-lo da pessoa a quem ama. Cá entre nós — eu e ele não somos muito camaradas, por isso estou pronto a ajudá-lo naquilo que quiser.

— É grande bondade sua. Sr. Hanson — retorquiu o inglês, exaltando-se um pouco — mas que pode a gente fazer nesta região maldita?

— Eu sei o que faria em seu lugar — sugeriu Hanson. — Levaria a moça comigo. Se ela o ama, estará pronta a acompanhá-lo.

— Mas não é possível — disse Morison. — Ele conhece a palma toda esta preciosa região num raio de muitas léguas. Com certeza nos apanharia.

— Oh! Se fosse eu que dispusesse as cousas, absolutamente não se daria tal. — Já caço e mercedejo por aqui há uns dez anos e conheço-a tanto como ele. Se quiser furtar a moça, conte com o meu auxílio, que garanto que chegaremos à costa sem ninguém nos apanhar. Se lhe escrever um bilhete, mandarei meu capataz levá-lo. Peça-lhe que vá encontrá-lo em algum lugar para se despedirem, que ela não lho recusará. Enquanto isso, minha gente irá em pequenas jornadas em direção ao norte. Na ocasião do encontro, combine com ela a fuga em determinada noite. O senhor lhe dirá que nesse dia irei buscá-la e que o amigo a esperará no acampamento. Isto será melhor, porque conheço muito bem a zona e a conduzirei mais depressa. O senhor irá

viajando para o norte com os meus “safari”, enquanto eu tiver ido buscá-la.

— Mas suponhamos que não queira vir?

— Então combine novo encontro, para a despedida definitiva — disse Hanson — que de qualquer jeito eu a trarei para o senhor. Depois de tudo consumado, ela não ficará descontente principalmente depois de viajarem juntos dois meses, que é o tempo que levaremos até a costa.

Quase saiu da boca de Morison um protesto escandalizado e indignado, mas ele recalcou-o, compreendendo rápido que praticamente isso se harmonizava com seus próprios planos. Parecia cousa brutal e criminosa, por ter sido expressa pelo rude negociante. E o jovem inglês reconhecia que com o auxílio de Hanson, bom conhecedor do terreno, as probabilidades de bom êxito seriam bem maiores do que se só ele se encarregasse de tudo sem qualquer auxílio. E foi a razão de, sombriamente, fazer um aceno de aquiescência.

O resto da viagem correu em silêncio, porque cada qual dos dois homens mergulhara em seus próprios pensamentos, que em sua maioria não eram muito lisonjeiros nem leais para o companheiro.

Enquanto viajavam na mata, o tropel de seus cavalos chegou aos ouvidos de alguém que também estava na mesma. O Matador resolveu regressar ao lugar onde vira a moça trepar na árvore com a agilidade de quem está muito afeito a isso. Na recordação que lhe ficara da mesma, havia um quê que o impelia irresistivelmente para ela. Queria vê-la de dia, observar-lhe as feições e a cor dos olhos e dos cabelos. Figurava-se-lhe que deveria ser muito parecida com Myriam, embora as probabilidades fossem de não haver semelhanças. No rápido relance em que a observara, no momento em que a vira à claridade do luar saltar do selim para a árvore, tivera a impressão de ser da mesma altura de Myriam, embora as curvas mais cheias do corpo anunciassem uma feminilidade mais sazoadada.

E dirigia-se, então, devagar, para a clareira onde vira a moça, quando lhe chegou aos ouvidos apurados um tropel de cavalos. Ele se foi sem rumor de ramo em ramo até avistar os cavaleiros. No mais moço dos dois reconheceu prontamente o mesmo que vira enlaçar a jovem quase no mesmo instante em que Numa os atacara. Não reconheceu o outro, mas notou-lhe na estatura e nos modos algo que lhe era familiar e que o deixou intrigado.

O homem-macaco compreendeu que, para descobrir a moça, bastava não perder de vista o jovem inglês e por isso acompanhou os cavaleiros até o acampamento de Hanson. Neste lugar Morison Baynes escreveu um pequeno bilhete, que Hanson entregou a um de seus pretos, o qual partiu imediatamente para o sul.

Korak conservou-se nas proximidades do acampamento, observando, vigilante, os

movimentos do inglês. Esperava ver a moça no lugar do destino dos cavaleiros, mas tivera a decepção de não encontrar aí sombra da mesma.

Morison Baynes mostrava-se agitado, a espreitar por sob as árvores, em vez de repousar a fim de preparar o organismo para as marchas forçadas da sua fuga em perspectiva. Hanson estava deitado em sua rede, a fumar. Poucas frases trocavam os dois.

Korak achava-se estirado a fio comprido em um galho, acima deles, em meio da basta folhagem. Assim passou o resto da tarde. Sentindo fome e sede, e achando pouco provável que qualquer daqueles dois homens se afastasse do acampamento antes da manhã seguinte, ele seguiu para o sul, onde era mais provável que a jovem estivesse.

Myriam passeava à luz da lua, no jardim, ao lado do bangalô. Ainda estava sentida com *Bwana*, pelo modo com que tratara Morison. Não lhe deram explicações a respeito, pois *Bwana* e Minha Flor queriam poupar-lhe o dissabor e a humilhação de contar-lhe a verdadeira significação da proposta de sir Morison.

Eles sabiam (o que Myriam ignorava) que aquele seu hóspede não tinha a intenção de casar-se com a jovem. Se assim não fosse dirigir-se-ia diretamente a *Bwana*, que era natural não pusesse objeções, se Myriam gostasse dele.

A moça estimava aquele casal e era grata por tudo o que por ela fizera; mas, bem no âmago de seu coração juvenil, residia um indomável amor à liberdade, que com tantos anos de vida livre nas selvas passara a construir parte integrante de seu ser. Só agora, desde que viera para a companhia deles, é que Myriam se sentia prisioneira no bangalô de *Bwana* e de Minha Flor.

Fia passeava como uma tigresa enjaulada, de uma até outra cerca do jardim. Parou certo momento a prestar ouvidos, pois antolhara-se-lhe ouvir quaisquer sons estranhos. Que seria? Pareceram-lhe o rumor de pés descalços de alguém. Conservou-se à escuta alguns instantes. Os sons não se fizeram mais ouvir. Ela recomeçou os seus vaivens incessantes de um a outro extremo do jardim. Certo momento avistou no percurso, junto a uma espessa moita que tapava a cerca nesse lugar, uma sobrecarta branca, que ali não se encontrava alguns segundos antes, quando passara por aquele mesmo ponto.

Myriam interrompeu de novo as idas e vindas, a apurar os ouvidos e a aspirar o ar pelas narinas. Era ainda mais tigre nesse instante — alerta, pronta para o que desse e viesse.

Atrás da moita o mensageiro preto, nu, espiava-a por entre a folhagem. Ele a viu deter-se, junto à carta. A jovem a tinha visto. Ele se levantou de manso e correu pela sombra dos arbustos até o curral, mais abaixo, e daí a pouco desaparecia.

Com seus apurados ouvidos, Myriam percebeu-lhe todo^ os movimentos. Não fez tentativas para verificar quem fosse. Adivinhara, já, que era um portador enviado por Morison. Inclinando-se, ela tomou a carta. Rasgando o invólucro, leu facilmente seus dizeres à luz clara do luar. Eram, segundo supusera, linhas do punho de Morison.

“Não posso partir sem a rever” — diziam as mesmas. — “Dirija-se àquela clareira amanhã bem cedo para nos despedirmos um do outro. Vá só.”

Ainda havia umas poucas de palavras que lhe fizeram o rosto colorir-se e o coração pulsar mais forte.

CAPÍTULO XX

AINDA estava escuro quando Morison Baynes partiu para o lugar emprazado. Ele insistiu em que lhe dessem um guia, alegando não ter certeza de atinar outra vez a pequena clareira. O fato é que a idéia de viajar isolado na escuridão da mata, antes do alvorecer do dia, não era façanha para sua coragem. Desejava, por isso, a companhia de alguém.

Hanson mandou um preto ir a pé adiante dele. Ora atrás, ora sobre ele, também ia Korak, que acordara com a bulha feita no acampamento.

Passavam de nove horas quando Morison colheu rédeas, ao chegar ao ponto da entrevista. Myriam ainda não se achava lá. O preto espichou-se no chão para dormir. Morison ficou a cochilar sobre a sela. Korak estendeu-se confortavelmente em um galho elevado, donde podia espreitar, sem ser visto, os que estivessem embaixo.

Escoou-se uma hora. Morison já dava sinais de impaciência. Korak já havia adivinhado que o jovem inglês estava a esperar outra pessoa e não tinha a menor dúvida sobre quem fosse a mesma. O Matador sentia-se mui contente porque ia ver daí a pouco a ágil moça que tão vivamente o fizera recordar-se de Myriam.

Em dado momento soou aos ouvidos de Korak o patear de um cavalo ao avizinhar-se. Era ela. Já estava a atingir a aberta do matagal quando Morison deu pela sua proximidade. Erguendo o olhar, viu as ramagens baixas se entreabrirem à sua frente, e surgiu a cabeça e o pescoço de um cavalo e em seguida Myriam em pessoa. Morison esporeou a montaria, dirigindo-se para seu lado.

Korak olhava-a penetrantemente, para divisar-lhe as feições, e ao mesmo tempo amaldiçoava a larga aba de seu chapéu, que não o deixava enxergá-las. Ela achava-se agora ao lado do inglês, e Korak viu este tomar-lhe as mãos e aconchegá-la em seu peito. Por alguns instantes o rosto do homem ficou também encoberto sob a aba do chapéu da jovem.” E, compreendendo que se beijavam, recordou-se de sua Myriam e uma saudade dolorosa e suave o fez cerrar os olhos, com o instintivo movimento muscular com que procuramos não ver o que nos reaviva o sofrimento.

Ao abri-los de novo, já os dois se haviam separado e conversavam com animação. Korak notou que o homem parecia querer com insistência convencê-la de alguma coisa e era também evidente que a jovem relutava. Muitos dos gestos dela e o modo com que movia a cabeça, pondo em saliência o queixo, faziam-no recordar-se mais vivamente de Myriam.

Terminada a conversação, o homem de novo a enlaçou e deu-lhe um beijo de despedida. Ela então voltou-se, dirigindo-se para o mesmo lugar por onde ali fora

ter. O cavaleiro acompanhava-a com o olhar. Ao reentrar na mata ela voltou-se acenando-lhe um adeus.

— Até à noite! — disse a jovem; e inclinou para trás a cabeça, ao proferir estas palavras. E foi nesse momento que, do alto da árvore, o Matador lhe conseguiu ver o semblante.

Korak sobressaltou-se, como se uma flecha lhe tivesse varado o coração. Pôs-se a tremer como uma folha. Fechou os olhos precedendo-os com as palmas das mãos e em seguida os reabriu para olhar outra vez — mas a jovem desaparecera, e a indicar o lugar por onde se fora só havia um balançar farfalhante de folhagens.

Era impossível! Não podia ser verdade! E, no entanto, vira com seus olhos a sua Myriam — com um pouco mais de idade, as formas mais arredondadas pela maturidade feminina e com outras mudanças sutis; mais bela do que nunca, reconhecia-a, mesmo assim, como a sua Myrianzinha.

Sim! A morta ressuscitara. Ele vira Myriam em carne e osso. Ela não morrerá! Vivia ainda! Mas vira Myriam... nos braços de outro homem! E esse homem estava ali embaixo da árvore à sua mercê.

Korak, o Matador, sopesou a pesada lança; seus dedos buliram no laço da corda feita de capim, que oscilava a pender-lhe da cintura; apalpou com a mão o seu facão de caça, ao lado do corpo. O homem que ele enxergava embaixo, a chamar seu guia sonolento, deu rédeas ao cavalo e partiu em direção ao norte.

Só, na copa da árvore, Korak conservou imóvel. Caíam-lhe agora as mãos inertes, ao lado do corpo. Esquecera naquele instante as armas e o que pretendia fazer com elas. Korak refletia. Ele notara a mudança de Myriam. Na última vez em que a vira, ela era ainda sua pequena Mangani, seminua e selvagem. Dantes ela não lhe parecia ser tal; mas agora, com a mudança notada em Myriam, reconhecia que ela o fora, embora não mais selvagem do que ele, que ainda o continuava sendo.

Grande mudança fora a de Myriam. Vira na mesma, agora, uma flor adorável da civilização e estremeceu de horror ao lembrar-se do destino que pretendia dar-lhe — de companheira de um homem-macaco, nas matas bravias. Naquele tempo, ele não via mal nisso, pois a amava e formariam, ele e ela, um casal como os que viam nas selvas que escolheram como moradia; mas agora, depois de ver Myriam com trajes civilizados, compreendia a hediondez de seu antigo projeto e dava graças a Deus por ter sido o mesmo frustrado pelos guerreiros de Kovudu.

Mas ainda a amava e o ciúme cravava-lhe as garras ao lembrar-se de a ter visto nos braços do jovem e garboso inglês. Quais seriam as intenções deste? Amava-a, verdadeiramente? Como poderia alguém deixar de amá-la? E de que ela lhe correspondia, Korak tivera a prova. Se assim não fosse, não se deixaria beijar. Amar,

sua Myriam, a outro homem!

Durante algum tempo, ele deixou esta verdade entranhar-se profundamente na alma, a fim de moldar por ela seu plano de ação. Sentia ímpetos de perseguir aquele homem e matá-lo; mas aplacava-o a consciência desta verdade: Myriam o amava. Poderia ele matar o ente amado por Myriam? Korak abanou a cabeça com tristeza. Não, não podia.

Em seguida resolveu-se a acompanhar a moça e falar-lhe. Já ia pôr em prática esta idéia, quando deu tento da própria nudez, da qual se vexava então. Ele, o filho de um par do reino, degradara-se tanto, nivelando-se a um animal das brenhas, que se envergonhava agora de ir ter com a mulher a quem amava, para depositar esse amor a seus pés. Pejava-se de ir procurar a arabezinha que fora na selva sua companheira de brinquedos, pois, que poderia ele oferecer-lhe?

Durante anos a fio as circunstâncias o impediram de tornar para perto dos pais e, por fim, o orgulho se metera de permeio e enxotara-lhe do espírito os últimos resquícios de qualquer intenção de regressar. A sorte fora lançada por seu juvenil espírito de aventura: tomar-se-ia um simples macaco. O assassino do ladrão na hospedaria da beira-mar incutira-lhe na alma de adolescente o temor à lei e fizera-o entranhar-se mais e mais nas selvas. A repulsa sofrida por parte dos pretos e dos brancos também lhe atuaram no espírito ainda em formação, facilmente influenciável.

Korak chegara a crer que a mão do homem voltara-se contra ele, e depois seu instinto de sociabilidade contentara-se com a companhia de Myriam. Quando lha arrebataram, foi tão grande sua dor, que só a idéia de qualquer contato com outros seres humanos o enchiam de indizível horror. E convencera-se de que a sorte estava definitivamente lançada: tornara-se de espontânea vontade um animal selvagem; vivia como tal, e como tal morreria.

Agora, tarde demais, ele se arrependia, pois Myriam vivia ainda, se lhe deparara com um polido de civilização que a afastava de vez da existência dele. A própria morte não teria tanto poder assim. No mundo novo em que vivia, ela amava um homem da sociedade educada a que pertencia agora. E Korak sabia não haver mal nisso. Myriam não era para ele

— para um macaco selvagem e nu.

Não, não era para ele; mas ele ainda lhe pertencia. Já que não podia ter a felicidade de possuí-la, deveria ao menos fazer o possível para torná-la feliz. Ele seguiria o inglês — e, desde que verificasse que ele não intentava infelicitar Myriam, velaria, por causa dela, pela segurança do homem a quem ela amava, embora com o coração atenazado pelo ciúmes; mas, se pretendesse iludi-la, que

Deus se apiedasse da sorte daquele homem!

E de ímpeto se levantou, exibindo-se em toda a sua altura e, no brandir os punhos cerrados, encrespavam-se-lhe os músculos potentes sob a pele curtida. Alguma coisa a mover-se no solo atraiu-lhe a atenção. Entrava um antílope na clareira. Imediatamente Korak teve acordo de estar com o estômago vazio e transfez-se novamente em um animal, após haver pairado por momentos nas sublimes altitudes da honra e da renúncia.

O antílope atravessava a clareira. Korak desceu do lado oposto da árvore e tão de manso que os ouvidos sensíveis do animal não deram pela sua presença. Ele tomou o laço

— fora o último acréscimo em suas armas e sabia manejá-lo com perícia. Muitas vezes caçara levando apenas o facão e o laço, que eram leves e fáceis de carregar. A lança e o arco com as flechas atrapalhavam-lhe um pouco os movimentos, pelo que habitualmente conservava algumas dessas armas ou ambas em um esconderijo.

Tinha ele então só uma volta da corda na mão direita e, o resto dela, na esquerda. O antílope estava a poucos passos de distância. Korak saiu, de ímpeto, de trás dos ramos que o ocultavam, para nada estorvar a corda. Quase no mesmo instante o antílope saltou, fugindo, mas o nó correio zuniu sobre ele e, com precisão infalível, enleou-se ao pescoço. Com um rápido arranco de Korak o nó da laçada fechou-se. O Matador firmou a outra ponta do laço na própria cintura e, quando o antílope retesou a corda num último pulo desesperado para a frente, Korak em novo puxão o fez cair de costas.

Então, em vez de aproximar-se do animal caído como o faria um laçador dos campos do Oeste, Korak foi puxando sua vítima para mais perto, em sucessivos sacões; e, ao vê-la ao alcance de um seu pulo, saltou sobre ela como Sheeta, a pantera, e cravou os dentes no pescoço do antílope, enquanto lhe espetava o facão de caça no coração. Tornando a enrolar a corda, cortou uns bons tassalhos de carne e tratou de comê-los em sossego no alto da árvore. Findo o repasto, foi se dessedentar em uma fonte e em seguida adormeceu.

Ficara-lhe gravada no espírito a frase de Myriam: “Até à noite!” o que significava que tinham combinado outro encontro.

Ele não acompanhara Myriam porque, pela direção de que viera e para a qual voltara, compreendeu que ela encontrara um abrigo além do campo e, não querendo ser visto, não se arriscou a acompanhá-la na planície rasa. Seguir o inglês daria na mesma, e foi o que resolveu fazer.

Para o leitor ou para mim seriam fracas as possibilidades de descobrir o paradeiro de Morison Baynes, depois de decorrido tanto tempo após a sua partida: mas, para

Korak, era diferente. Ele calculou que o homem ia regressar para o acampamento. Caso, porém, tal não sucedesse, seria simplicíssimo para Korak seguir a pista de um cavaleiro acompanhado de outro homem a pé. Mesmo que se passassem dias, os rastros seriam para ele bastante visíveis para conseguir descobri-los; e, tratando-se apenas de horas, equivalia a não os ter perdido de vista.

Desta forma, poucos minutos depois de Morison Baynes chegar ao acampamento e ser acolhido por Hanson, Korak instalou-se sutilmente em uma árvore vizinha. Ficou na mesma até o sol estar bem baixo, sem que o jovem inglês se dispusesse a partir.

Korak perguntou a si próprio se Myriam iria ter ali. Pouco mais tarde Hanson e um dos seus pretos afastaram-se a cavalo do acampamento. Korak limitou-se a notar esse fato. Ele não ligava particular interesse a qualquer outra pessoa dentre as que ali se achavam. Sua atenção concentrava-se principalmente em Morison.

Mesmo depois de noite fechada, o jovem inglês permanecia ali. Ele tomou *sua* refeição noturna, fumando em seguida numerosos cigarros. Em dado momento pôs-se a passear de um para outro lado em frente a sua barraca. Ele fazia seu servidor avivar constantemente a fogueira. Ouvindo um leão bufar, foi à barraca buscar uma carabina e recomendou ansiosamente ao preto que pusesse mais lenha no fogo. Korak percebeu que estava com medo e com isso distendeu os lábios em um sorriso de desprezo.

Fora aquela criatura que o suplantara no coração de Myriam? Aquele homem que tremia só de ouvir Numa bufar? Como poderia defender Myriam dos incontáveis perigos das selvas? Ah! Não seria preciso isso. Eles viveriam em segurança no seio da civilização européia, que pagava homens vestidos de uniforme para protegê-los. Que oportunidades tinha um europeu de praticar façanhas para defender sua companheira? E outro sorriso de desdém se esboçou nos lábios de Korak.

Hanson e seu camarada tinham seguido a cavalo para a clareira. Já era noite quando lá chegaram. Deixando para trás seu camarada, Hanson dirigiu-se a cavalo até o lugar onde começava o campo, puxando pelas rédeas a montaria daquele. E ali ficou à espera. Só às nove horas da noite viu vir do lado do bangalô, a galopar no campo, uma pessoa a cavalo. Daí a instantes Myriam se achava junto dele. Ela estava nervosa e ruborizada. Ao reconhecer Hanson, teve um sobressalto.

— O cavalo de sir Morison caiu com ele e na queda ele machucou o pé — apressou-se a explicar Hanson. — Devido a esse contratempo, achou melhor eu vir em seu lugar buscá-la.

A jovem não podia ver em meio às trevas a triunfante e sinistra expressão do rosto daquele homem.

— Vamos depressa, para levantarmos logo acampamento a fim de não sermos alcançados.

— É grave o ferimento? — perguntou Myriam.

— Uma leve torcedura, que não o impedirá de viajar — respondeu Hanson. — Mas achamos melhor ele repousar esta noite, pois teremos que andar bastante uns quinze dias.

— Está bem — disse a moça.

Hanson esporeou o cavalo e Myriam acompanhou-o. Viajaram os dois margeando a mata, rumo ao norte, por espaço de um quarto de légua e em seguida tomaram a direção do oeste. Myriam não deu tento a esta mudança. Ela não conhecia ao certo onde ficava o acampamento de Hanson e não podia supor que não a estivesse conduzindo para o mesmo. Viajaram a noite toda, sempre para o oeste. Ao alvorecer o dia, Hanson concedeu-se e a ela uma pequena parada para fazerem uma colação, pois sortira bem o saco de viagem antes de partir do acampamento. Em seguida prosseguiram na viagem, só se detendo outra vez quando o sol já ia alto. Então ele apeou-se e fez sinal à jovem para imitá-lo.

— Vamos dormir aqui um pouco e deixar, enquanto isso, os cavalos pastar — disse.

— Eu não pensava ser tão longe o acampamento — observou Myriam.

— Dei ordens para se porem em marcha antes do clarear do dia — expôs o negociante — para nos levarem uma boa dianteira, pois calculei que nos seria fácil alcançar meus “safari” que carregam, a pé, grandes pesos. Todavia, só amanhã cedo é que poderemos reunir-nos a eles.

Entretanto, jornadaaram um pedaço da noite e todo o dia seguinte sem quaisquer sinais dos “safari” que procuravam alcançar. Com seu antigo hábito da vida das selvas Myriam verificara que havia muitos dias ninguém passara por aqueles sítios. Às vezes notava rastos antigos, de numerosos homens. Quase sempre seguiam trilhos de elefantes. Era um caminho ideal para viagens rápidas.

Myriam, por fim, desconfiou. Aos poucos começava a mudar a atitude de seu companheiro de viagem. Amiúde ela o surpreendia a devorá-la com os olhos. Cada vez mais forte vinha-lhe a convicção de o ter conhecido anteriormente. Já tinha visto em qualquer parte aquele homem, pouco tempo antes. Observou que a barba dele já era de alguns dias. Um pêlo louro começava a recobrir-lhe o mento e com isso a jovem acreditava, mais e mais, que ele não lhe era estranho.

No entanto, foi só no dia imediato que Myriam se rebelou. Fez o cavalo parar e expôs as suas dúvidas. Hanson asseverou-lhe que o acampamento só estava a poucos quilômetros além.

— Já poderíamos ter alcançado ontem os meus homens — disse ele. — Decerto viajaram mais depressa do que eu calculava.

— Eles absolutamente não viajaram — disse Myriam. Já são de muitos dias os rastos que estamos seguindo.

Hanson riu-se.

— Oh! que tem isso? Por que não me disse antes suas dúvidas? A cousa é fácil de explicar. Não estamos seguindo pelo mesmo caminho; mas hoje lhes encontraremos os rastos em qualquer lugar.

Afinal, Myriam se convenceu de que aquele homem lhe mentia. Só um tolo poderia acreditar em semelhantes explicações. Quem teria a estultícia de crer que iriam encontrar a comitiva, se em tantas léguas de viagem não viram indícios da mesma?

Todavia, ela guardou para si essa reflexão, planejando fugir no primeiro ensejo, quando conseguisse boa dianteira sobre seu raptor — assim o considerava agora — a qual lhe garantisse deixá-lo para trás.

Quando não observada, ela observara-lhe o rosto. E era um suplício de Tântalo não reconhecer a quem pertenciam aquelas feições. Onde as tinha já visto? Em que circunstância o conhecera, antes de se encontrarem na propriedade de *Bwana*? Em mente fazia desfilar todos os homens brancos de seu conhecimento. Havia alguns que freqüentavam o “douar” de seu pai no sertão africano. Poucos, é verdade, mas havia-os. Sim! Agora lembrava-se! Fora lá que o vira! — Nesse momento quase lhe apreendeu a identidade, mas no mesmo instante esta se lhe sonegou de novo.

Já o sol ia baixo quando chegaram à margem de um rio largo e de águas remansosas que súbito lhes apareceu ante os olhos. Na margem oposta Myriam descortinou um acampamento cercado de uma alta “boma” de espinheiros.

— Enfim, chegamos! — disse Hanson.

Sacando o revólver, deu um tiro para o ar. No mesmo instante movimentou-se gente no interior do acampamento. Correram muitos pretos para a beira do rio. Hanson falou-lhes, em altas vozes. Mas não se via ali sir Morison Baynes.

De acordo com as ordens gritadas pelo amo, vários pretos entraram em uma canoa e, manejando os remos, atravessaram o rio. Hanson fez Myriam entrar nessa canoa e também entrou em seguida, deixando os dois pretos a vigiar os cavalos, que depois os homens da canoa, voltando ali, fariam atravessar o rio a nado.

Chegado ao acampamento, no outro lado do rio, Myriam perguntou por Morison. Durante minutos seus receios se atenuaram à vista daquele, pois viera a acreditar que o acampamento demandado era mais ou menos um mito. Hanson apontou-lhe a

barraca única existente ao centro do cercado.

— Está ali — disse-lhe; e seguiu adiante dela. À porta, soergueu o pano e fez-lhe sinal para que entrasse.

Myriam entrou. Volveu o olhar em torno. Não viu ali ninguém. Ela voltou-se para Hanson. Este ria gostosamente, com sarcasmo.

— E sir Morison Baynes? — perguntou ela.

— Oh! Aqui não está! respondeu Hanson. — pelo menos não o vejo; e a senhora? Mas, afinal, estou eu e penso ser bem mais bonito que o mesmo. Você não precisa dele pois tem-me a mim em seu lugar.

E num gargalhar estridente avançou para ela e agarrou-a.

Myriam debateu-se para libertar-se. Hanson prendeu-lhe os braços e o corpo entre os seus braços possantes e andando de costas, a puxava, a pouco e pouco, para o lado de um monte de roupas de cama existente ao fundo da barraca.

Seu rosto, inclinado para o dela, quase o roçava. Seu olhar transtornado exprimia paixão bestial. Myriam, encarando-o de fito durante a luta, lembrou-se de súbito de uma cena idêntica do seu passado, lembrança que a fez reconhecer de chofre aquele homem.

Ele era o sueco Malbihn que se precipitara contra ela e matara o companheiro que acudira em seu auxílio. *Bwana*, porém, arrancara-a das garras do sueco. Seu rosto barbeado dissimulara-lhe a identidade; mas, agora, a barba crescida e a similitude das circunstâncias o tornaram prontamente reconhecível.

Mas aquele dia *Bwana* não estava ali para salvá-la.

CAPÍTULO XXI

O PRETO que Malbihn deixara a esperá-lo na clareira, com a recomendação de ali ficar até o regresso, permaneceu agachado ao pé de um tronco por espaço de uma hora, sendo subitamente alarmado pelo bufo de um leão atrás dele.

Com a rapidez incutida pelo medo da morte o preto trepou na árvore. Daí a instantes o rei dos animais entrava na clareira e dirigia-se para os restos de um antílope que até então o “safari” não tinha visto.

Até o amanhecer ali esteve o leão a regalar-se com aqueles restos, enquanto, empoleirado num galho, o preto se perguntava o que fora feito do amo e dos dois cavalos.

Trabalhando com Malbihn havia um ano, já conhecia perfeitamente o caráter dele, e esse conhecimento o fez acreditar ter sido abandonado deliberadamente naquele lugar. Bem como os subalternos de Malbihn, odiava entranhada-mente a este, sendo o medo o último elo que o prendia àquele branco. E os apuros que acabava de passar atiçaram o seu grande ódio.

Ao despontar do sol, o leão internou-se na espessura e o preto desceu da árvore e começou a longa jornada de retorno ao acampamento. Em seu cérebro rude envolveu vários planos ferozes de vingança — planos que não teria a coragem de levar a efeito no momento decisivo, quando se visse em face daquele representante da raça dominadora.

A um quarto de légua da clareira ele viu os rastos de dois cavalos em ângulo reto com a direção em que seguia. O olhar do preto assumiu expressão astuta e pôs-se a rir alto, dando palmadas nas coxas.

Os negros são infatigáveis tagarelas, o que é um modo figurado de dizer que são humanos. Os carregadores de Malbihn não faziam exceção a essa regra e, havendo muitos deles trabalhado para o mesmo várias vezes, naqueles últimos dez anos, só pequena parte de seus atos e de sua vida não seria por aqueles conhecida diretamente ou de oitiva.

Conhecedor, portanto, de muitas de suas perfídias passadas e também de bastante coisa sobre o plano concertado entre Malbihn e Morison Baynes, por fragmentos de conversações surpreendidas por ele ou pelos companheiros, e sabendo pelas indiscrições do capataz que metade dos homens de Malbihn estava acampada a oeste, à margem de um grande rio, não foi difícil ao preto concluir que dois e dois fazem quatro — e, aqui, quatro significava a sólida convicção de que seu amo iludira o outro branco, levando a mulher deste para o acampamento ocidental e

deixando-o à mercê do Grande *Bwana*, a quem todos temiam.

Outra vez o preto exibiu as fileiras de dentes brancos, numa gargalhada. Em seguida continuou a seguir para o norte em um trote regular que devorava quilômetros com rapidez maravilhosa.

No acampamento do sueco, Morison passou uma noite quase insone, presa de inquietações e receios. Pela madrugada dormiu, exausto de fadiga. Foi o capataz que o despertou pouco depois do sol nascer, para lembrar-lhe que deviam *incontinenti* jornadas para o norte. Morison fez o corpo mole. Ele queria esperar a chegada de Hanson e de Myriam.

O capataz fez-lhe ver o perigo de qualquer demora. Ele conhecia suficientemente os planos do patrão, para compreender que iam desencadear a cólera do Grande *Bwana* e todos passariam maus pedaços se fossem alcançados em territórios do mesmo. A este aviso, Morison alarmou-se.

Não podia o Grande *Bwana* ter surpreendido “Hanson” em sua empresa nefanda e, já sabedor de toda a trama, estar a caminho para castigá-lo? Morison Baynes já ouvira falar muito sobre os métodos sumários com que aquele punia os grandes e pequenos malfeitores que transgrediam os costumes das terras africanas sob seu domínio. Nesses territórios selvagens onde não existiam leis, o Grande *Bwana* era a lei para si mesmo e para os sujeitos à sua autoridade. Constara até que ele infligira a pena de morte a um branco que procedera culpadamente contra uma moça negra.

Morison Baynes sentiu arrepios ao recordar-se deste rumor, perguntando-se o que faria o Grande *Bwana* contra aquele que tentara raptar a moça branca que ele criara como filha. Este pensamento o fez levantar-se de pronto.

— Sim — disse nervosamente — precisamos partir *incontinenti*. Conhece o caminho para o norte?

O capataz conhecia-o. E sem perda de tempo fez os “safari” partir.

Pelo meio-dia um preto fatigado e banhado em suor alcançou a pequena comitiva. O mesmo foi recebido com brados de satisfação pelos companheiros, aos quais expôs o que sabia e o que desconfiava sobre os atos de seu patrão — de modo que todos, antes de Morison, que viajava bem à testa da caravana, ficaram sabedores dos fatos e das conjecturas expostas pelo preto que Malbihn abandonara na clareira, na noite precedente.

Havendo ouvido tudo isso, e convencendo-se de que o mercador o fizera de instrumento para se apoderar de Myriam, o sangue ferveu-lhe de ira e temeu, ao mesmo tempo, pela sorte da jovem.

O fato de pretender o outro agir tão culpadamente como ele, não era cousa que servisse a atenuar a ofensa ao seu amor próprio. A princípio ele não compreendia

que as intenções dele mesmo, em relação à moça, não eram melhores do que as de “Hanson”. Sua ira, então, nesse momento, era a de um homem derrotado por meio de suas próprias armas, que vê o vencedor arrebatá-lo o prêmio que supunha já em seu poder.

— Sabe para onde foi ele? — perguntou ao preto.

— Sim, *Bwana* — respondeu aquele. — Foi para o acampamento da margem do grande “afi” que corre para o poente.

— Pode levar-me até lá? — tornou Morison.

O preto acenou que sim. Via ele nisso um ensejo de vingar-se do detestável *Bwana* sueco e, ao mesmo tempo, de escapar à cólera do Grande *Bwana*, que indubitavelmente iria perseguir primeiro os “safari” do norte.

— Poderemos, só nós dois, ir até esse acampamento?

— Sim, *Bwana* — afirmou o interrogado.

Morison Baynes dirigiu-se ao capataz. Estava agora bem ciente dos planos de “Hanson”. Compreendeu que este mandara seus homens viajar o mais possível para o norte, até fora das divisas das terras do Grande *Bwana*, para ter mais tempo de fugir para o oeste, pois seu perseguidor iria primeiro ao encalço do outro grupo. Pois bem, ia servir-se dos mesmos planos em seu próprio benefício. Também pôr-se-ia a salvo das garras do inimigo.

— Continue a levar os homens o mais rápido possível para o norte — disse ao capataz. — Vou voltar para tentar fazer o Grande *Bwana* dirigir-se para o oeste.

O capataz teve um grunhido de contentamento. Ele não desejava acompanhar aquele branco esquisito, que sentia medo à noite; menos, ainda, queria ficar à mercê dos robustos guerreiros do Grande *Bwana*, com os quais ele e os de sua tribo tinham antigas contas de sangue a ajustar; e mais satisfeito ficou ainda por ter um motivo justificável para abandonar o serviço de seu odiado patrão sueco. Para voltar à sua aldeia, conhecia, ao norte dali, um caminho de que os brancos não tinham ciência. Era um breve atalho num planalto árido, onde havia lagoas com cuja existência nem sonhavam os caçadores brancos e os exploradores, que uma vez por outra passavam à beira do areai. Lá conseguiria até mesmo despistar o Grande *Bwana*, se este os perseguisse; e, com esta idéia a predominar no espírito, reuniu os restos dos “safari” em um tanto de ordem e com eles continuou a afastar-se para o norte. Ao mesmo tempo, seguiam para o sudoeste Morison Baynes e seu guia.

Korak estivera no acampamento a espreitar Morison até os “safari” partirem. Persuadido, depois, de que o jovem inglês tomara o caminho errado para se encontrar com Myriam, deixou de acompanhá-lo e regressou à clareira onde vira a amada de seu coração nos braços de outro.

Tão grande fora a sua ventura por estar viva Myriam, que no princípio não o pungiram fortemente os agulhões do ciúme. Algum tempo depois tornou-lhe a visão daquela cena de amor e então lhe irromperam no espírito sanguinários pensamentos que arrepiariam de susto sir Morison Baynes, se este lesse o que se passava no cérebro do ser feroz oculto pelos ramos das árvores gigantescas, sob as quais aguardava a chegada de “Hanson” e da moça.

Todavia, à proporção que se passavam as horas, Korak pôde refletir mais calmamente e então comparou-se com o elegante inglês... e achou a solução que desejava. Que podia oferecer a Myriam, que se equiparasse à ventura que seu rival lhe daria? Que proporcionaria a ela, em confronto com as vantagens sociais que o mesmo lhe oferecia? Poderia apresentar-se, seminu e de cabelos desgrehados, àquele ente encantador que fora sua companheira nas selvas e pedir-lhe que o amasse como o pretendia fazer no dia em que tivera consciência de seu próprio amor?

Ele estremeceu de horror à idéia do irreparável mal que poderia ter causado à inocente menina, se por mero acaso não lha houvesse arrebatado antes que fosse demasiado tarde. Sem dúvida, ela agora já sabia o seu horrível intento e sentia por ele ódio e repulsa iguais aos de Korak por si próprio, quando o seu pensamento se detinha nesse fato.

Perdera-a. E a perda, agora que a via levar uma existência que a transformara e santificara, não era menos definitiva do que quando pensava que estivesse morta.

Se antes a amara, adorava-a então. Sabia que Myriam jamais seria sua; mesmo assim, desejava ter o consolo de a ver. De longe poderia velar por ela. Talvez ainda lhe fosse útil; mas nunca Myriam deveria saber que Korak a encontrara ou que vivia ainda.

E perguntava-se se a jovem pensaria nele... se ainda se lembraria dos dias ditosos que viveram juntos. Figurava-se-lhe impossível tal esquecimento e, no entanto, parecia-lhe igualmente impossível que aquela formosa moça fosse a mesma menina viva e travessa do feliz passado de ambos. E sua memória, certamente, não conservava mais vestígios do passado do que sua aparência atual.

Era cheio de tristeza que Korak, oculto na mata, perto do campo, esperava Myriam, que ele não veria lá chegar.

Quem chegou foi outra pessoa — um homem alto e corpulento, com roupa de brim caqui, à testa de um grupo de guerreiros cor de ébano. Os traços severos do rosto dele denunciavam sua indignação, mas também um grande desgosto transparecia claramente sob sua expressão de cólera.

Korak viu-o passar sob a árvore onde se escondera, e que era a mesma em que já

havia ficado antes, nas proximidades da clareira fatídica. Viu-o passar, e petrificado por lancinante dor, observava que o mesmo perscrutava os vestígios do solo, enquanto ele, Korak, se limitava a ficar parado na árvore, com os olhos flamejando da mesma ira que se notava no olhar daquele homem.

Viu-o exprimir por sinais a seus homens que descobrira o que buscava; e distanciou-se em direção ao norte. Mesmo depois de o ter perdido de vista, ainda Korak, cheio de imensa dor e com o coração a sangrar, se assemelhava a uma estátua. Uma hora depois, afastou-se lentamente para o oeste. Seguia absorto, cabisbaixo e curvo, como um ancião ferido por uma grande desgraça.

Acompanhando o preto, seu guia, Morison Baynes rompia, inclinado sob o dorso do cavalo, a galharia baixa da mata, desmontando com freqüência quando os ramos, muito rasteiros, não lhe permitiam conservar-se na sela. O preto levava-o por um atalho impróprio para cavaleiros. Ao cabo do primeiro dia de viagem, o jovem inglês viu-se forçado a abandonar a montaria, continuando a jornada a pé, atrás do seu lesto guia.

Durante essas largas horas, tinha Morison muito tempo para pensar e, à idéia de Myriam ter caído em poder do sueco, recrudesceu seu furor contra esse homem. Mas depois de ter acordo do fato de que foram seus próprios planos vis que arrastaram a moça a tão terrível conjuntura, e que, mesmo que escapasse das mãos de “Hanson”, em pouco melhor situação ficaria com ele, Morison Baynes.

Chegou a compreender também que Myriam lhe era infinitamente mais preciosa do que a princípio o imaginara. Pela primeira vez comparou-a com outras mulheres de suas relações — mulheres de boa linhagem e da alta sociedade — e, quase com surpresa, verificou que a jovem árabe ficava, menos que elas, prejudicada com esse paralelo. E depois de odiar “Hanson”, passou a encarar-se com aversão e asco, compreendendo, em toda a sua hediondez, a perfídia do próprio procedimento.

Esse vexame que a luz crua da verdade lhe causava fez que o sentimento que ele dedicava à jovem, que considerava, de casta inferior à sua, se transmutasse em grande amor. E enquanto avançava a custo, deflagrou com esse amor recém-nato outra paixão violenta — a ânsia de vingar-se.

Habitado ao conforto e ao luxo, não conhecera ainda as provações e as torturas que eram então suas inseparáveis companheiras; e com as roupas rasgadas e as carnes feridas a sangrar, estimulava o preto a que andasse mais depressa, mais depressa ainda; embora a cada dúzia de passos ele próprio caísse exausto no chão.

Era a sede de vingança que lhe dava alento e também a impressão de que, com seus padecimentos, expiava em parte o grande mal que fizera à jovem a quem amava — pois não tinha a mínima esperança de salvá-la da sorte a que ele mesmo a

impelira.

— É tarde! tarde demais! — era, enquanto caminhava, o lúgubre estribilho de seus pensamentos. — É tarde demais para salvá-la, mas não para a minha vingança! — E com essa idéia cobrava novas forças.

Só quando ficou muito escuro ele consentiu numa parada. Mais de dez vezes naquela tarde ameaçara matar o guia quando este, fatigado, instava para que o deixasse descansar. O preto ficara aterrado. Ele não compreendia a notável mudança que se operara repentinamente naquele branco, que se mostrava tão medroso na noite anterior. Se achasse uma oportunidade, teria desertado, abandonado aquele terrível amo; mas Morison calculara o que se deveria passar no espírito dele, pelo que não lhe deu ensejo de fugir. Conservou-o perto de si o dia todo e à noite dormiu rente a ele, dentro de uma tosca “boma” de pinheiros que construíram para se defenderem um tanto das feras que erravam à noite na mata.

O fato de sir Morison Baynes ter conseguido dormir naquela floresta virgem, era suficiente prova de que mudara consideravelmente de gênio nas últimas vinte e quatro horas e a circunstância de ter dormido rente de um preto, nada perfumoso, falava sobre possibilidades democráticas de sua parte, com as quais até então nem sonhara.

A manhã encontrou-o de membros perros, estropiado e ferido, mas não menos resolvido a partir o mais prestes possível ao encalço de “Hanson”. Com a carabina que levava matou um gamo no vau de uma ribeira, pouco depois de re-encetarem, em jejum, a viagem. A contragosto consentiu numa parada para cozerem e comerem a carne do mesmo e logo após se foram a romper de novo a cipoalha e vegetação rasteira da selva.

Nesses entrementes, Korak continuava a seguir lentamente para o oeste, no rasto de Tantor, o elefante, a quem alcançou na sombra densa do matagal: o elefante pastava. Só e triste, o homem-macaco sentiu prazer com a companhia de seu colossal amigo. Afetuosamente a ondeante tromba enlaçou-o e o fez pousar no vasto dorso onde tantas vezes antes ele modorrara e sonhara durante as longas tardes.

Muito longe dali, em direção ao norte, o Grande *Bwana* e sua comitiva de guerreiros negros rasteavam tenazmente os “safari” fugitivos que os atraíam para mais e mais longe da moça a quem pretendiam salvar; e, atrás, no bangalô, a mulher que amava Myriam como sua própria filha esperava impaciente e triste o regresso dos salvadores da jovem, confiando firmemente em que seu invencível esposo a traria consigo.

CAPÍTULO XXII

QUANDO lutava com Malbihn, tendo as mãos paralisadas aos lados, sob o arrocho dos braços dele, Myriam chegou a perder toda a esperança. Ela não gritou, pois sabia que ninguém iria em seu auxílio; além disso, a vida selvagem das florestas fizera-lhe ver a inutilidade de invocar qualquer espécie de socorro.

Mas enquanto se debatia para libertar-se, uma de suas mãos roçou na coronha do revólver de Malbihn, que estava na cinta deste, dentro da capa de couro.

Aos poucos, andando de costas, ele a levava para o lado do monte de roupa e, aos poucos também, a mão dela segurou a desejada arma e a retirou da capa.

Então, quando Malbihn já estava perto do monte de roupa, Myriam deixou, de repente, de fazer força para trás; e, indo com todo o peso do seu corpo sobre o sueco, este foi impelido para o lado oposto e, esbarrando com os calcanhares na pilha de roupas de cama, caiu de costas na mesma.

Para amparar-se da queda, ele instintivamente soltou Myriam. No mesmo instante esta apontou-lhe o revólver no peito e puxou o gatilho muitas vezes. Mas inutilmente o cão da arma batia nas cápsulas, pois já eram detonadas. Malbihn prontamente se ergueu e procurou agarrá-la. Durante alguns momentos ela conseguiu esquivar-se-lhe, fugindo em direção à porta da barraca; já no limiar desta a robusta mão do sueco aferrou-lhe um ombro e puxou-a para trás. Virando-se contra ele com a fúria de uma leoa ferida, Myriam, segurando o longo cano do revólver, bateu com a coronha em cheio na cara de Malbihn.

Com uma praga de dor e de raiva o sueco cambaleou para trás e, largando-a, caiu sem sentidos no chão. Sem um olhar para seu lado, Myriam volveu-se e fugiu para fora. Vários pretos a viram e tentaram obstar-lhe a fuga, mas, ameaçando-os com a arma descarregada, ela os manteve à distância. E desse modo transpôs a “boma” protetora e se dirigiu para a mata, no rumo do sul.

Trepou sem hesitar nos galhos de uma árvore, obedecendo a seus instintos de pequenina Mangani que fora e atirou a saia de montar, os sapatos e as meias, para que essas cousas não a embaraçassem na viagem de regresso. Bastava-lhe os calções de cavalgar e o paletó, que não a atrapalhariam, para defendê-la do frio e dos espinhos. Quanto à saia e ao calçado, era impossível, trazendo-os, pular rapidamente de galho em galho.

Ainda não se distanciara muito quando começou a capacitar-se de suas poucas probabilidades de continuar com vida, não tendo armas para defender-se ou para abater caça com que se alimentar. Por que não tivera a idéia de apossar-se da

cartucheira de Malbihn que este trazia à cintura, antes de sair da barraca? Com balas para o revólver poderia matar caça miúda e defender-se dos mais ferozes dos seres, que lhe procurariam impedir o regresso para o amado lar de *Bwana* e Minha Flor.

Essas reflexões lhe ditaram a resolução de tornar ao acampamento donde acabava de fugir.

Supondo ter matado Malbihn com a terrível pancada que lhe desferira, esperava encontrar ensejo, à noite, de entrar naquele lugar e ir procurar na barraca o cinturão de balas; mas apenas se instalara num posto de observação ao alto de uma grande árvore perto da “boma”, donde, sem que a vissem, poderia ficar à espreita, viu o sueco sair da barraca e enxugar o sangue do rosto e a vomitar uma rajada de pragas e de perguntas a seus terrificados subalternos.

Pouco depois todo o acampamento abalara à sua procura e, quando Myriam se certificou de não haver ali mais ninguém, desceu de seu esconderijo e atravessou correndo a clareira até à barraca de Malbihn. Com uma busca apressada em seu interior não descobriu munições, mas havia num canto uma caixa com objetos de uso do sueco, que este havia mandado levar para o acampamento ocidental.

Myriam conjecturou que poderia encontrar ali munições de sobressalente. Rapidamente desatou as cordas que prendiam a lona que envolvia a caixa e daí a instantes ergueu a tampa da mesma e revolveu a porção de cousas diversas que encerrava. Viam-se ali cartas, outros papéis, recortes de antigos jornais e, entre as outras coisas, o retrato de uma menina de pouca idade, atrás do qual estava pregado um fragmento desbotado e sujo de um diário parisiense — fragmento que não pôde ler, por ser escrito em francês; mas algo na fotografia da menina, a qual se via estampada nos recortes dos jornais, chamou a atenção da jovem. Onde já tinha, um dia, visto aquele mesmo retrato? E súbito, instantaneamente, acudiu-lhe ser aquela uma antiga fotografia sua.

Em que lugar aquele homem a encontrara? Como fora parar em seu poder? Por que os jornais a reproduziram? Qual era a história narrada naquele pedaço de papel pregado atrás?

Myriam ficou intrigada com a inesperada descoberta. Contemplou algum tempo o esmaecido retrato, mas lembrou-se depois das munições que ali fora buscar. Tornando a remexer na caixa, encontrou a um canto uma caixinha de balas. Um simples olhar bastou para ver que eram do calibre da arma que trazia oculta à cinta, por dentro dos calções de montar. Enfiando-as num bolso do paletó, tornou a examinar o retrato que ainda tinha na mão — retrato que tão estranhamente se parecia com ela em criança.

Quando assim estava a tentar, em vão, sondar aquele mistério, feriram-lhe os

ouvidos sons de vozes. Ficou alerta. Eles se aproximavam dali! Quase no mesmo instante reconheceu a voz do sueco a vociferar blasfêmias. Malbihn, seu perseguidor, já estava de retorno! Myriam correu para a entrada da barraca e olhou para fora. Era muito tarde! Achava-se encurralada. O branco e três de seus inferiores pretos atravessavam a clareira em direção à barraca. Que deveria fazer?

Ela enfiou depressa o retrato na cintura. Rapidamente pôs balas no revólver. Em seguida foi ficar no fundo da barraca, de arma apontada para a porta desta. Aqueles pararam do lado de fora e Myriam pôde ouvir a voz irritada do sueco dar instruções a seus homens. Demorou-se a fazê-lo com sua habitual entonação berrante e áspera e, enquanto isso, a moça procurava meios de fugir. Curvando-se, ergueu naquela parte a lona da barraca e espiou por baixo. Não se via pessoa alguma naquele lado. Deitando-se, passou de rasto sob a lona. Apenas acabou de o fazer, Malbihn, dando uma última ordem, penetrou na barraca.

Myriam ouviu-o caminhar no interior desta. Ela então correu, agachada, para uma choça dos pretos que ficava bem atrás da mesma. Assim que entrou na choça, olhou para trás. Não avistou viv'alma. Também não fora vista. Súbito escutou violenta praga na barraca de Malbihn. O sueco descobrira a busca dada na caixa. Gritou chamando seus homens e, ouvindo estes responderem, Myriam saiu correndo da choça para o lado da “borna” que ficava mais distante da barraca. De ramos pendentes sobre a “boina” havia naquela parte, uma árvore que, com sua preguiça de nativos, os pretos achavam muito grande para ser cortada. Havia por isso, feito a “boma” terminar ali. Myriam deu graças de existir naquele ponto essa árvore. Não fosse ela, não teria meio de fugir.

Do lugar onde se escondera, avistou Malbihn entrar de novo na mata, mas desta vez deixou três homens a vigiar o acampamento. Dirigiu-se para o sul e, apenas desapareceu. Myriam deu a volta por fora da “boma”, encaminhando-se para o rio. Ali estavam as canoas em que, ao chegarem, os haviam feito atravessá-lo. Seria difícil uma jovem, sem outro auxílio, aproveitar-se de uma delas, mas precisava atravessar o rio e não dispunha de outro meio de o fazer.

O porto ficava bem exposto aos olhares dos guardas e arriscar-se a passar o rio à sua vista significaria inevitável captura. Sua única esperança era aguardar o escurecer, a menos que se apresentasse antes alguma oportunidade favorável. Por espaço de uma hora ficou a espreitar os guardas, um dos quais se achava em tal posição que a avistaria no momento em que ela tentasse lançar alguma das canoas à água.

Em certo momento regressou da floresta Malbihn, esbaforido e suado. Ele correu incontinenti para a beira do rio onde contou as canoas. Era evidente ter-lhe ocorrido súbito a idéia de que a moça precisaria atravessar o rio se pretendesse voltar para

junto de seus protetores. O alívio que lhe » transparece nas feições, não dando falta de nenhuma, patenteava o que se lhe passava no íntimo. Ele voltou e proferiu frases rápidas para o capataz que saíra com ele da mata e que era acompanhado de vários outros pretos.

De acordo com as ordens de Malbihn, eles deitaram à água todas as canoas, à exceção de uma. Malbihn chamou os guardas do acampamento e daí a instantes todos embarcaram nas canoas e foram-se à força de remos, rio acima.

Myriam espiou-os até se perderem numa curva. Foram-se! Ela estava só e haviam deixado ali uma canoa e um remo! Mal podia crer nessa feliz ocorrência. Qualquer demora, então, seria a morte de suas esperanças. Pulou do seu esconderijo ao chão. Entre ela e a canoa medeavam poucos metros de distância.

Para cima, depois de passarem a curva do rio, Malbihn ordenou que as canoas abicassem na margem. Ele desembarcou com o capataz e atravessou a ponta de terra que lhe interceptava a vista do ponto do acampamento, procurando um lugar donde melhor pudesse observar a canoa deixada naquele lugar. E sorria de prazer antecipado pelo bom êxito de seu estratagema, pois mais cedo ou mais tarde a moça voltaria para tentar atravessar o rio em uma das canoas.

Talvez por algum tempo não ocorresse a ela semelhante idéia. Teriam porventura de esperar um ou dois dias, mas Malbihn tinha a certeza de que ela apareceria ali se ainda estivesse viva ou não tivesse sido capturada pelos homens que estavam à sua procura na floresta. Ele, porém, não previu que ela voltasse tão depressa, por isso, ao atingir a um ponto alto, onde podiam descortinar o estirão inferior do rio, escapou-lhe da boca uma tremenda praga... Sua presa já estava quase a chegar ao meio do rio.

Acompanhado de perto pelo capataz, voltou correndo para o lugar onde ficara as suas canoas e, correndo a embarcar, Malbihn ordenou aos seus homens que remassem o mais vigorosamente possível. As canoas voltaram rio abaixo em direção à fugitiva. Ao avistarem-na, já ela quase tinha atravessado o rio.

Myriam os avistou no mesmo instante e redobrou então de esforço para chegar à margem oposta antes que a pudessem alcançar bastavam-lhe para isso dois minutos de dianteira. Pilhando-se na mata, ela sabia poder deixá-los para trás ou ocultar-se às suas vistas. Tinha grandes esperanças de salvar-se ... eles não a alcançariam mais.. .

Com uma torrente de palavrões e abundantes sopapos Malbihn estimulava os remadores, ao perceber que a jovem se ia escapando das suas garras. A canoa da frente, em cuja proa ele estava, achava-se a uns cem metros da fugitiva, quando esta chegou com a sua sob as ramas salvadoras das árvores ribeirinhas.

Malbihn gritou-lhe baldadamente que parasse. Louco de furor ao ter acordo de não a poder alcançar, tomou a carabina, visou com cuidado o esbelto corpo que galgava um galho e fez fogo.

Malbihn era excelente atirador. Seria praticamente inadmissível um seu erro de pontaria em tão pequena distância e, daquela vez, não perderia o tiro se não fosse um incidente ocorrido no instante em que puxava o gatilho — incidente a que Myriam deveu a vida — e foi o pequeno esbarro casual de sua canoa na extremidade de um tronco submerso, em parte enterrado no lodo. Esse pequeno desvio da direção da canoa foi o bastante para afastar de seu alvo a mira da carabina. A bala passou zunindo rente à cabeça de Myriam, que daí a um instante desapareceu entre as folhagens de uma árvore.

Tinha ela um sorriso nos lábios ao deixar-se cair no chão pouco além, para atravessar uma pequena clareira onde existira dantes uma aringa dos nativos, circundada de plantações. Viam-se ainda restos das palhoças semi destruídas. A floresta invadira as terras dantes cultivadas e já pequenas árvores cresciam no lugar da primitiva rua da aldeia. Era um cenário de desolação e solidão. Myriam tinha só que atravessar ligeiro essa aberta e atingir a mata do outro lado antes de Malbihn desembarcar.

O prazer que ela sentiu em ver deserta aquela aldeia em ruína não o teria se notasse os olhos penetrantes que a espiavam de uma dúzia de lugares — por entre os portais oblíquos e detrás das paredes oscilantes. Em completa inconsciência do perigo, ela começou a correr rua acima, por ser o caminho mais fácil para chegar à mata.

A leste, cerca de um quarto de légua dali, seguindo no âmago da selva os rastros dos cavalos de Malbihn e de Myriam, um homem de roupa caqui esfrangalhada, sujo, desfigurado, cabelos revoltos, parou de repente ouvindo o remoto estampido do tiro de Malbihn por entre a mata. O preto que o guiava estacou, igualmente.

— Já estamos quase chegando, *Bwana* — disse.

Notava-se-lhe temor e respeito na inflexão da voz e na atitude.

O branco fez sinal ao seu retinto guia para continuar a avançar. Era sir Morison Baynes, o enfatuado e exigente inglês. Tinha o rosto e as mãos esfolados e emplastados de sangue já seco das feridas causadas pelos espinhos e pelo mato retrançado. Mas de permeio ao sangue e à sujeira e aos farrapos do seu fato resplandecia um novo Morison mais galhardo que o elegante e o fátuo de antanho.

No íntimo de cada homem existem, ao menos, germes de coragem e de pudor. O remorso de sua ação e o louvável desejo de reparar o mal que praticara contra a mulher que agora reconhecia amar verdadeiramente, fizeram esses germes crescer

rápidos na alma de Morison Baynes, que sofrerá grande metamorfose.

Os dois continuaram, trôpegos, a caminhar para o lugar onde soara o tiro. O preto estava desarmado. Não confiando nele, Morison Baynes não se atrevia a deixá-lo carregar a carabina, de cujo peso gostosamente se aliviaria, se pudesse. Mas agora que se aproximavam de seu destino, conhecendo o inglês o ódio contra Malbihn que efervescia no coração do preto, entregou-lhe a carabina, pois calculava que haveria luta, queria mesmo que houvesse, uma vez que era a vingança que o levava ali. Quanto a ele, contentava-se com o revólver que trazia à cinta, pois atirava muito bem com essa arma.

Enquanto prosseguiram a andar, sobressaltou-os o troar de uma descarga de tiros à sua frente. Seguiram-se algumas detonações espalhadas, depois gritos selvagens e, finalmente, o silêncio.

Morison Baynes estava ansioso por andar mais depressa, mas naquele ponto a enredia da vegetação rasteira era muitíssimo mais tramada. Ele tropeçava e caía seguidamente. E por duas vezes o preto errou de rumo e tiveram que desandar para trás. Chegaram, enfim, à pequena clareira sita à margem do grande “afi” — clareira onde antigamente houvera uma aldeia próspera e que agora não passava de desolação e ruínas.

Em meio do mato que invadia o lugar que fora a rua principal da aringa, deparou-se-lhes, ainda quente, o cadáver de um preto, a quem uma bala atravessara-lhe o coração. Morison Baynes e seu companheiro olharam para todos os lados, sem descobrirem vestígios de qualquer ser vivo. Quedaram-se quietos a prestar ouvidos.

Que seria aquilo? vozes e o chapinhar de remos no grande rio?

Morison atravessou a correr a aldeia em ruínas, em direção à restinga de mata da margem. O preto ia a seu lado. Juntos romperam entre galharia engranzada até conseguirem ver o rio — e avistaram neste, próximo à outra margem, as canoas de Malbihn demandando velozes o acampamento deste.

Incontinenti o preto reconheceu seus companheiros.

— Poderemos atravessar? — inquiriu Morison.

Seu guia meneou negativamente a cabeça. Não dispunham, ali, de canoa e tentar atravessar a nado aquele rio infestado de crocodilos seria o mesmo que um suicídio. Mas sucedeu olhar naquele instante casualmente para baixo, vendo então engasgallhada entre as rampas pensas de uma árvore a canoa em que Myriam fugira. O preto tocou no braço do inglês e indicou-lhe o seu achado.

Morison Baynes mal pôde reprimir um grito de alegria. Lestos escorregaram os dois pelos ramos, embarcando na canoa. Enquanto o preto tomava o remo, Morison impelia a canoa para o largo. Daí a instante tinha esta a proa voltada para o lugar da

margem oposta onde ficava o acampamento do sueco. De braços na frente da mesma Morison verrumava com o olhar o grupo de homens que desembarcavam, além, das canoas. Ele viu Malbihn erguer-se à frente de sua pequena embarcação. Viu-o volver-se e olhar para a outra margem e pôde notar seu sobressalto de surpresa ao dar com a vista na canoa que ia para aquele mesmo rumo e o gesto com que chamou a atenção dos companheiros para a mesma.

E depois ficou parado à sua espera, pois tratava-se de uma só canoa e com dois homens apenas, pelo pouco risco que poderiam correr ele e seus subordinados.

Malbihn sentiu-se intrigado. Quem seria aquele branco? Não reconheceu Morison, embora a canoa já estivesse no meio do rio e pudesse claramente ver as feições de seus dois tripulantes. Um dos pretos foi quem reconheceu primeiro seu companheiro que chegava com Morison.

Em seguida, Malbihn conjecturou quem seria o branco, embora mal pudesse crer em seus próprios raciocínios. Figurava-se-lhe impossível além de toda a verossimilhança que sir Morison Baynes o tivesse, com um só companheiro, seguido através da mata. E no entanto era a verdade pura. Reconheceu-o, afinal, malgrado a sujeira e os cabelos desgrenhados e, ao mesmo tempo, para ser lógico, foi forçado a reconhecer qual o sentimento que fizera o fracalhão e covarde Morison seguir sua pista na floresta bravia.

Aquele homem vinha para pedir-lhe contas e vingar-se. Era inacreditável, mas não havia outra explicação possível. Malbihn ergueu os ombros. Perfeitamente! Já não era o primeiro, em sua acidentada existência, que o procurava com idênticos intuitos. Quedou-se à espera com o dedo no gatilho da carabina.

Agora já estava a canoa em distância que permitia ouvirem-se.

— Que quer o senhor? — bradou Malbihn erguendo ameaçadoramente a arma.

Morison Baynes pôs-se de pé.

— Vá para os quintos! - gritou, sacando o revólver. E ele e o sueco atiraram ao mesmo tempo.

Apenas estrugiram os dois tiros, Malbihn largou a carabina, levou as mãos convulsas ao peito, cambaleou, caiu primeiro de joelhos e, em seguida, estirou-se de borco.

Morison empinou o corpo e inclinou para trás a cabeça, num espasmo. Por uns segundos assim esteve e em seguida caiu no fundo da canoa.

O remador negro ficou sem saber o que fazer. Se Malbihn estivesse realmente morto, ele poderia, sem receio, ir para junto de seus companheiros; mas se o sueco apenas se achasse ferido, o seguro era dirigir-se para a margem oposta. Por esse

motivo, hesitando, ele conservou a canoa no meio do rio. Chegara a ter grande respeito por seu novo patrão, por isso não deixou de sentir-lhe a morte.

Enquanto estava sentado a observar seu corpo, viu-o mover-se. Embora muito fraco, Morison tentou virar-se para o outro lado. Vivia ainda. O preto achegou-se a ele e o ajudou a sentar-se. Estava de pé, à frente do branco, com o remo na mão, a perguntar-lhe se estava ferido, quando da margem deram outro tiro, que fez o preto cair sobre a borda da canoa imergindo-se nas águas — morto e mesmo assim sem se desaferrar do remo. A bala atingira-lhe a fronte.

Morison voltou-se penosamente para o lado da margem, onde viu Malbihn de bruços, firmando sobre os cotovelos, a apontar-lhe a carabina. O inglês deixou-se escorregar para deitar-se na canoa e nesse instante uma bala sibilou sobre ele. Malbihn, mal ferido, precisava agora apontar por mais tempo e sua pontaria não era já tão precisa como de costume.

Com dificuldade Morison deitou-se de bruços e, empunhando o revólver, ergueu os olhos até o nível da borda da canoa.

Avistando-o no mesmo instante, Malbihn deu um novo tiro; mas Morison não se intimidou. Com grande cuidado apontou o revólver para o homem do qual a correnteza o distanciava. O dedo apertou o gatilho... Soou a detonação, e o hercúleo corpo de Malbihn contraiu-se recebendo nova bala.

Mas não estava ainda morto. Outra vez ele alvejou Morison, indo o projétil lascar de um lado a canoa, junto ao rosto de Morison. Este atirou de novo, sempre a afastar-se rio abaixo e Malbihn respondeu-lhe da margem, deitado numa poça de seu próprio sangue.

E deste modo, incansavelmente, os dois feridos continuaram seu terrível duelo, até que uma volta do grande rio fez a canoa de Morison desaparecer atrás de um trecho da mata.

CAPÍTULO XXIII

MYRIAM já se achava no meio da rua única da aldeia em ruínas, quando algumas dezenas de pretos e árabes saíram do interior sombrio das palhoças. Ela procurou fugir, mas fortes mãos a empolgaram. Voltando-se então para suplicar que a deixassem, deu de frente com um velho alto e de fisionomia cruel, que a encarava de fito.

Ao vê-lo, Myriam recuou, em passos vacilantes, estarrecida de surpresa e de horror. Era o Sheik!

No mesmo instante voltaram-lhe os antigos receios e terrores de sua meninice. Quedou-se trêmula em frente do temido velho, como um assassino ante o juiz que o vai sentenciar à morte. Ela notou que o Sheik a reconhecera também. Os anos e os trajes não a modificaram tanto que não permitissem reconhecê-la os que lhe houvessem visto as feições em menina.

— Então voltou para a companhia dos seus? — exclamou o Sheik com sarcasmo. — Voltou para pedir-nos sustento e proteção, não é?

— Deixe-me ir embora — implorou a moça. — Nada lhe pedirei, a não ser que me deixe voltar para a casa do Grande *Bwana*.

— Do Grande *Bwana* — volveu quase a berrar o Sheik. E proferiu um chorrilho de invectivas árabes contra o branco que era temido e odiado, naquelas pragas, por todos os transgressores da lei. — Quer voltar para a companhia do Grande *Bwana*? Então foi lá que estive morando desde que fugiu de minha aldeia? Então quem atravessava o rio a persegui-la era esse homem com os seus?

— Foi o sueco que o senhor há tempos expulsou de suas terras, quando ele e seus companheiros se conluíram com Mbeeda para raptar-me — respondeu Myriam.

Os olhos do Sheik fuzilaram. Então ele chamou seus homens e mandou que se emboscassem no mato da margem do rio para aniquilarem Malbihn e seus apaniguados. Malbihn, todavia, já tinha desembarcado e, atravessando de rojo a restinga, estava naquele momento a ver, sem poder crer, a cena que se passava na rua da aringa abandonada.

Ele reconheceu o Sheik apenas seus olhos incidiram neste. Havia no mundo dois homens a quem Malbihn temia mais do que o diabo. Um era o Grande *Bwana* e o outro o Sheik. Bastou relancear-lhe a figura esgalgada e familiar para meter o rabo entre as pernas, voltando para sua canoa e fazendo que seus subalternos também batessem em retirada. E sucedeu, por isso, estarem longe da margem, quando o Sheik chegou a esta. E depois de uma descarga dada pelos homens deste e de uma

resposta dos tripulantes das canoas, o árabe reuniu seus companheiros e partiu levando a prisioneira em direção ao sul.

Uma das balas dos partidários de Malbihn atingira um preto na rua da aldeia onde ficara, com outros, a vigiar Myriam. Seus companheiros o deixaram no lugar onde caíra, depois de apropriar-se de suas roupas e das outras suas cousas. Foi o cadáver dele que Morison avistou ao entrar na aldeia.

O Sheik e seus subordinados viajavam para o sul perlongando o rio, quando um dos últimos, que se separara dos seus para ir buscar água, avistara Myriam a remar desesperadamente atravessando o rio. Esse homem chamara a atenção do Sheik para o singular encontro daquela mulher branca, só, na África Central; e o velho árabe ocultara seus homens na aldeia em ruínas para capturá-la quando desembarcasse, pois sempre tinha no espírito idéias de possíveis resgates. Mais de uma vez tivera as mãos cheias de ouro proveniente dessa fonte de renda. Era um dinheiro facilmente ganho e muito desta espécie já o Sheik não pilhava desde que o Grande *Bwana* restringira a tal ponto seu primitivo campo de ação que nem ele mesmo se atrevia a roubar marfim dos naturais num raio de cinquenta léguas do “douar” daquele inglês. E quando a jovem caiu na armadilha que lhe armara e ele a reconheceu como sendo a menina a quem maltratava tanto, seu contentamento não conheceu limites.

Sem perda de tempo o Sheik restabeleceu o antigo estado de cousas, suas habituais relações de pai e filha no passado. Deu-lhe uma bofetada no primeiro ensejo. Ele a obrigou a andar a pé, quando podia mandar qualquer de seus homens ceder-lhe o cavalo ou fazê-la viajar na garupa de um deles. Parecia regozijar-se inventando novos meios de martirizá-la e humilhá-la e entre todos os homens de sua comitiva ela não encontrou um só que se mostrasse apiedado ou que se atrevesse a defendê-la, caso nutrisse este desejo.

Um jomadear de dois dias levou-a por fim ao cenário familiar à sua infância e a primeira pessoa que se lhe deparou depois de transpor a forte estacada foi a da desdentada e hedionda Mabunu, sua antiga ama. Antolharam-se-lhe um sonho todos os anos decorridos desde o dia da fuga até o seu retorno. Não fossem seus novos trajos e seu crescimento ela poderia acreditar que realmente sonhara.

Achou tudo como deixara. As caras novas que via em lugar de outras antigas tinham as mesmas feições perversas e bestiais. Via ali alguns árabes que foram durante sua ausência para a companhia do Sheik. Tirante isso, tudo era a mesma cousa... com uma exceção, todavia: Zika não estava ali! Sentia a falta de sua boneca de cabeça de marfim, como a de uma querida amiguinha de carne e osso. Fazia-lhe falta a esfarrapada confidentezinha, a cujos ouvidos surdos se acostumara a contar suas muitas tristezas e suas raras alegrias — sua horrível e adorada Zika de pernas de gravetos e corpo de pele de rato.

Por espaço de algum tempo os moradores da aldeia do Sheik, que não o acompanharam em sua expedição, divertiram-se a observar a moça branca, de tão singulares roupas, que alguns deles conheceram em pequenina. Mabunu afetou grande alegria ao vê-la, exibindo as gengivas desdentadas numa horrível careta que pretendia ser um sorriso acolhedor. Myriam, porém, estremeceu de horror ao evocar as crueldades da megera.

Entre os árabes ali chegados em sua ausência, havia um rapaz de vinte anos — alto, bonito e mal-encarado, de nome Abdul Kamak, que a adorara com olhares admirativos, até o Sheik chegar a mandar-lhe que se afastasse, ordem a que ele obedeceu a resmungar.

Satisfeita, por fim, a curiosidade de todos, Myriam ficou só. Como antigamente, deixaram-na andar livremente na aldeia, pois a estacada era alta e sólida e a porta única da mesma bem vigiada dia e noite; também, como outrora, ela evitara a companhia dos árabes cruéis e dos vis pretos que eram os companheiros do Sheik; e como na sua triste infância, isolou-se perto do cercado, no canto onde tantas vezes brincara de mãezinha com a idolatrada Zika, sob a copa da grande árvore que recobria naquele ponto a estacada; mas ali já não existia a árvore e Myriam compreendeu qual a razão disso. Fora por ela que Korak descera e atacara o Sheik no dia em que a livrara da sua vida de torturas naquela aldeia. E tanto tempo sofrerá aquele martírio que não se lembrava de haver, antes disso, gozado dias mais ditosos.

Havia porém, muitas de arbustos dentro do cercado e foi à sombra de uma delas que Myriam se sentou, pensativa. Sentiu prazer em memorar o dia em que vira Korak pela primeira vez e, depois, os anos que se sucederam, durante os quais ele a amara e protegera com o casto desvelo de um irmão mais velho. Havia meses que Korak não ocupava tanto seu pensamento como naquele dia. Parecia querer-lhe mais, agora, do que nos tempos passados e admirava-se por se ter conservado tão pouco fiel à sua recordação.

Acudindo-lhe nesse momento ao espírito a lembrança do elegante Morison, Myriam sentiu-se perturbada. Amaria ela, em verdade, o moço inglês, de aprimoradas maneiras? Ela pensou nos deslumbramentos de Londres descritos pelas entusiásticas palavras de Morison. Procurou representar-se a si mesma admirada e homenageada na brilhante sociedade da grande capital inglesa. Os quadros que Myriam evocara eram os que ele traçara para ofuscá-la. Quadros fascinantes, sem dúvida — mas através deles a jovem sempre divisava a figura dominadora de um hercúleo Adônis agreste, de tez bronzeada e seminu.

Myriam, a suspirar, levou a mão ao coração e então sentiu o contato das arestas duras da fotografia que ocultava na cintura, ao fugir da barraca de Malbihn. Retirou-se então e começou a observá-la com mais meticulosidade do que dantes. Tinha a

certeza de que era seu retrato em criança. Examinou-lhe todas as minúcias. Meio encobertas pelas rendas do vestidinho gracioso, via-se uma corrente de ouro com uma medalha, pendentes do pescoço. Myriam alteou, surpresa, as sobrancelhas! Quantas confusas e tentalizadoras reminiscências lhe despertava o retrato! Poderia aquela menina, evidentemente uma flor da civilização, ser a arabezinha Myriam, filha do Sheik? Impossível! E a medalha? Myriam conhecia-a. Não poderia refutar o testemunho de sua memória. Tinha já visto a medalha e essa medalha era sua. Que estranho mistério jazia sepultado em seu passado?

Enquanto contemplava o retrato, sentiu de repente que não se achava só... que estava alguém a seu lado... alguém que se avizinhou sub-repticiamente. Como se sentisse em culpa, escondeu de novo a fotografia na cintura. U'a mão pousou em seu ombro. Pensou que fosse o Sheik e esperou, quieta e aterrada, a bofetada infalível.

Não lha deram porém; olhando de esguelha, viu Abdul Kamak, o jovem árabe.

— Vi o retrato que acaba de esconder — disse ele. — É o seu retrato em criança, muito criança. Deixa-me vê-lo outra vez?

Myriam arredou-se do árabe.

— Eu lho restituirei — disse o moço. — Já ouvi falar a seu respeito e sei que não gosta do Sheik, seu pai. Também não gosto dele. Eu não a atraioarei. Deixe-me olhar o retrato.

Sem amigos e entre estes cruéis, Myriam apegou-se ao fiapo de palha que Abdul Kamak lhe estendia. Talvez encontrasse nele a amizade que lhe era necessária. O mesmo, aliás, vira já a fotografia e, se lhe fosse hostil, falaria a respeito ao Sheik e este a tomaria. Deveria, por isso, atender-lhe ao pedido. Esperava que suas palavras fossem sinceras e que ele procedesse lealmente. Tirou o retrato de novo e apresentou-lhe.

Abdul Kamak examinou-o com cuidado e comparou-o, traço por traço, com a jovem que estava sentada perto dele, no chão, a fitá-lo.

— Sim — opinou — é o seu retrato. Onde o achou? Por que razão a filha do Sheik se acha aqui com os trajos de um descrente?

— Não sei — respondeu Myriam. — Faz poucos dias apenas, que vi esta fotografia. Encontrei-a na barraca do sueco Malbihn.

Abdul Kamak franziu a testa, com a expressão de quem começa a compreender. Olhando as costas do retrato, arregalou os olhos ao ver o pedaço de jornal ali colado. Lia dificilmente o francês, mas lia, e era o essencial. Estivera em Paris, onde passara seis meses, na companhia de alguns de seus companheiros do deserto, que se exibiam em um teatro e aproveitara o tempo conhecendo muitos costumes franceses, aprendendo um pouco a língua do país e adquirindo a maioria dos vícios

dos seus colonizadores. Ele recorreu então a seus conhecimentos. Devagar, a muito custo, soletrou as palavras do fragmento amarelado de jornal. Seus olhos já não se dilatavam de assombro; apertava-o agora com expressão astuta, acabada a leitura voltou-se para a jovem.

— Já leu isto? — perguntou.

— É em francês — respondeu Myriam. — Não sei ler essa língua.

Abdul Kamak permaneceu longo tempo a contemplá-la. Achou-a bela. Desejou-a, como sucedera a muitos outros homens que a tinham já visto. Por fim, pôs um joelho em terra, a seu lado.

Surgira no cérebro de Abdul Kamak uma excelente idéia. Era uma idéia que se poderia realizar se a moça ignorasse o conteúdo daquele pedaço de jornal. E certo se malograria, se ela o lesse.

— Myriam — segredou-lhe — hoje é o primeiro dia que a vejo e meu coração já me diz que serei sempre um escravo. Não me conhece ainda — mesmo assim, peço que confie em mim. Posso auxiliá-la. Somos dois a detestar igualmente o Sheik. Deixe-me levá-la para longe desta aldeia. Venha comigo para o deserto onde manda meu pai, que é um Sheik mais poderoso que o seu. Está de acordo?

Myriam conservou-se muda. Ela não desejava magoar o único homem que lhe oferecera a proteção e a amizade, mas não queria o amor de Abdul Kamak. Interpretando mal o seu silêncio, o árabe segurou-a e aproximou-a de si, mas Myriam procurou libertar-se.

— Não o amo — exclamou. — Oh! peço-lhe que não me faça odiá-lo! Foi a única pessoa que se mostrou boa para mim e por isso desejo estimar. Mas amá-lo, não posso.

— Precisa amar-me — replicou — pois, queira ou não, levá-la-ei comigo. Como detesta o Sheik, nada lhe contará a este respeito; se contar, falar-lhe-ei também sobre o retrato. Odeio o Sheik e...

— Então odeia o Sheik? — disse uma voz ameaçadora atrás dele.

Voltando-se, ambos viram o Sheik a poucos passos de distância. Abdul ainda tinha o retrato na mão. Em seguida guardou-o no albornoz.

— Sim — respondeu — odeio o Sheik. — E, ao dizê-lo, pulou contra o velho, derribando-o com um soco e atravessou correndo a aldeia em direção ao lugar onde sua montaria, já arreada, se achava amarrada em uma estaca, pois Abdul ia caçar a cavalo quando avistara a moça, sozinha, perto da moita de arbustos.

Ganhando de um salto o selim, Abdul Kamak galopou a toda a brida para a porta da aldeia. Por momentos o Sheik sentiu-se atordoado com o soco, mas pouco depois

pôs-se a custo de pé e gritou para seus homens que segurassem o árabe. Mais de dez pretos correram a atravessar-se à frente do cavalo, mas foram atropelados ou repelidos às coronhadas do comprido mosquete de Abdul Kamak, coronhadas que distribuía para os dois lados, enquanto, esporas fitas no animal, galopava para a entrada da estacada.

Mas ali o deteriam, com certeza. Já dois pretos lhe fechavam as pesadas portadas. O filho do deserto, rédeas soltas, em desapoderado galope, ergueu a arma e disparou-a duas vezes. Os dois guardas do portão caíram incontinenti. Com um grito de escárnio e a rodar alto o mosquete, sobre sua cabeça, ele volveu para trás o rosto e cascalhou, para os perseguidores, uma gargalhada de escárnio. E rápido qual relâmpago saiu da aldeia e embrenhou-se na mata.

Espumando de raiva, o Sheik ordenou que lhe fossem ao encalço; em seguida voltou-se para a moita onde Myriam estava sentada no chão.

— Retrato? De que retrato ele falava? — bradou-lhe. — Onde está? Dê-mo imediatamente!

— Ele o levou — disse Myriam, abatida.

— Que retrato era esse? — perguntou novamente o Sheik, fazendo-a erguer-se com um safanão e sacudindo-a brutalmente.

— Era um retrato meu, do tempo em que eu era criança. Furtei-o de Malbihn, o sueco, e nas costas trazia colado um velho recorte de jornal.

O Sheik branqueou de raiva.

— Que dizia esse papel? — perguntou em voz tão surda que mal podia Myriam ouvi-lo.

— Não sei. Estava escrito em francês e não sei ler essa língua.

O Sheik pareceu sentir alívio. Quase sorriu e não a sacudiu mais. E após recomendar-lhe que nunca conversasse com outras pessoas a não ser com ele e Mabunu, afastou-se dela.

No trilho das caravanas, Abdul Kamak galopava em direção ao norte.

Quando sua canoa, a derivar, ficou fora do alcance das balas do sueco ferido e Morison o perdeu de vista, deixou-se cair de costas, muito fraco, no fundo dela, onde se conservou muitas horas numa espécie de letargia.

Era já noite quando recobrou completamente os sentidos. Ficou então muito tempo, olhos fitos no céu estrelado, a procurar recordar-se do lugar em que estava, sem compreender o que causava o suave embalo que sentia nem a razão de mudarem as estrelas tão depressa de lugar, como por obra de um milagre. Supôs primeiramente que estivesse a sonhar, mas, ao sacudir o corpo para enxotar o sono, a

dor do ferimento restituiu-o à consciência dos sucessos que o puseram naquele estado. Compreendeu então que, arrastado pela correnteza, vagava em um grande rio da África em uma das canoas de seus naturais — só, ferido, e perdido.

Com esforço conseguiu sentar-se. Sentiu que a dor do ferimento era menor do que esperava. Palpou-o de leve — parará de sangrar. Talvez lesasse apenas músculos, sem apresentar maior gravidade. Se inabilitasse de mover-se por poucos dias, isto, para Morison, significaria a morte, pois, impossibilitado de procurar alimento, ir-se-ia, cada vez mais, acabando-se de dor e de fraqueza.

Após atentar para os próprios sofrimentos, seu espírito voltou-se para os de Myriam. Era natural que acreditasse estar em poder do sueco na ocasião em que tentara ir ao acampamento deste; mas perguntava-se o que seria feito agora dela. Mesmo que o sueco morresse em consequência dos ferimentos, melhoraria com isso a situação da moça? Continuaría em poder de homens de igual vilania — selvagens brutais da mais baixa espécie.

Morison ocultou o rosto nas mãos, sentindo agudo pungir na consciência a figurar-se o horrível destino de Myriam. E fora ele o causador! Seu desejo culpado arrebatara uma jovem pura e inocente à proteção dos entes que a amavam para atirá-la nas garras do brutal sueco e de seus vis assalariados! E só agora, demasiado tarde, compreendia o vulto do crime que ele mesmo planejara e procurara executar e também a magnitude do amor que dedicava a ela, maior e mais acrisolado do que qualquer paixão que até então sentira.

Morison Baynes não reconhecia plenamente a mudança verificada nele. Era um novo homem que não compactuaria mais com os reclamos do instinto, superpondo a eles os ditames da honra. Sua fibratura moral enrijara-se com o sofrimento e tinha o espírito e o coração purificados pela dor e pelo remorso.

Seu único pensamento agora era ir para onde estava Myriam e dar-lhe a vida, se preciso fosse, para salvá-la. Seu olhar revistou toda a canoa em busca do remo, pois resolvera começar a agir incontinenti, sem embargo da fraqueza e do ferimento. Mas não havia mais remo ali. Volveu os olhos para a margem. Confusamente, em meio à escuridão da noite sem lua, divisou o tétrico negrume da floresta que, todavia, já não o aterrorizava como dias antes. Nem mesmo teve acordo de não sentir medo, por estar seu espírito inteiramente absorvido pela idéia do perigo corrido por outra pessoa.

Ajoelhando-se no fundo da canoa e inclinando-se sobre a beira desta, começou a remar vigorosamente com as palmas das mãos. Embora fatigado e ferido, deu-se horas a fio a esse trabalho. Pouco a pouco a canoa se avizinhava da margem. Tão perto dele soou o rugido de um leão, que compreendeu estar quase a arribar em terra. Colocou a carabina mais ao seu alcance, mas não deixou de continuar a remar.

Depois de um tempo que para sua fadiga pareceu uma eternidade, sentiu o roçar de ramos na canoa e ouviu o marulho da água em torno aos mesmos. Daí a instantes agarrou-se a um galho a seu alcance. O leão rugiu de novo mais perto ainda, o que fez Morison pensar que ele viera a acompanhá-lo, ao longo do rio, à espera do momento em que a canoa encostasse em terra.

Morison experimentou a resistência do galho a que se aferrara. Achou que o mesmo agüentaria perfeitamente uma dúzia de homens. Em seguida abaixou-se para tomar a carabina e passou-lhe a correia a tiracolo. Feito isto agarrou de novo o galho e procurou trepar no mesmo. Num de seus penosos esforços para esse fim, seus pés saíram da canoa que, ficando solta, foi sem ruído levada pela correnteza, sumindo-se daí a pouco, para sempre, rio abaixo, entre as sombras da noite.

Ele havia queimado seus navios. Precisava agora ou conseguir trepar no galho ou despencar no rio. Não lhe restava outra alternativa, Procurou passar uma das pernas sobre o galho a que se pendurara, mas a fraqueza não lho permitiu. E enquanto assim pendia sobre a água, sentia as forças mais e mais diminuir. Se num derradeiro esforço não se guindasse sobre o galho, poderia perder toda a esperança.

Súbito o leão rugiu quase junto a seus ouvidos. Morison Baynes ergueu o olhar. Ele viu perto e um pouco para cima dois círculos de flamas. Era o leão a granar-lhe os olhos... e a esperá-lo. “Deixa-o esperar”, disse consigo Morison Baynes. Os leões não trepam em árvores e, se me pilhar lá em cima, não correrei perigo.

Os pés pendentes do inglês quase roçavam a superfície do rio; ficavam mais perto desta do que pensava, pois para cima e para baixo estava escuro como breu. Em dado momento ouviu leve murmúrio à flor d'água e qualquer cousa esbarrou num de seus pés, seguindo-se no mesmo tempo um ruído sobre a significação do qual não se poderia enganar — era o estalo de duas grandes mandíbulas entrebatendo-se.

— São Jorge! — exclamou Morison. — O crocodilo quase me pegou! — e no mesmo instante tentou trepar no galho para ficar em relativa segurança: mas baldou-se esse último esforço. A esperança que persistira tão teimosa começou então a esvanecer-se. Sentiu que seus dedos cansados, dormentes, já escorregavam do galho. Ia cair no rio — onde o esperavam as fauces de uma horrível morte.

Nesse momento ouviu um farfalho em cima, como o de algum ser a mover-se entre a folhagem. A rama a que se apegava curvou-se a um acréscimo de peso e pela sua inclinação não era pequeno esse peso. Morison, porém, continuou a segurar desesperadamente o galho — não se entregaria voluntariamente à morte que o esperava em cima ou à que o esperava embaixo.

Ele sentiu um suave e morno contato sobre os dedos de uma das mãos agarradas no galho e em seguida uma cousa baixou-se em meio às trevas e, segurando-lhe um

braço, levantou-o por entre a folhagem.

CAPÍTULO XXIV

EMBALANDO-SE às vezes nas costas de Tantor, ou vagueando só outras vezes, Korak encaminhou-se devagar para o oeste e depois para o sul.

Poucos quilômetros percorria por dia, porque dispunha de todo o tempo de sua vida e não precisava dirigir-se a determinado lugar. Talvez viajasse mais depressa se não fosse a lembrança persistente de que cada quilômetro transposto o distanciava mais de Myriam — não mais de “sua” Myriam, como nos tempos idos! mas a verdade é que agora lhe queria mais do que em tempo algum.

Desse modo atingiu a trilha por onde a gente do Sheik descera, acompanhando o rio, do ponto onde capturara Myriam, rumando para sua própria aldeia. Korak reconheceu muito bem quem havia passado, pois pouca coisa nas grandes selvas não lhe eram familiares, malgrado haverem decorrido alguns anos sem se adiantar tanto para o norte.

Não lhe interessava o velho Sheik, por isso não tratou de seguir-lhe a pista. Quanto mais longe se achasse do contato humano maior satisfação teria. Preferiria, mesmo, não mais enxergar algum rosto humano. Os homens sempre lhe causavam desgostos e infortúnios.

A proximidade do rio despertou-lhe a idéia de pescar, por isso foi até a margem do mesmo para pegar peixes por um processo de sua invenção e comê-los crus. Ao chegar a noite ele encolheu-se na copa de uma grande árvore — da mesma donde estivera pescando aquela tarde — e logo adormeceu. Despertou-o o rugido de Numa embaixo. Enfurecido, ele ia enxotar dali o importuno vizinho, quando outra coisa lhe atraiu a atenção. Ele prestou ouvidos. Seria ali, junto dele, naquela árvore. Sim. Surpreendeu o rumor de algum ser que nela procurava trepar. Pouco depois ouviu o estalar das maxilas de um crocodilo à tona d’água e, em seguida, a exclamação, surda, mas bem audível: “São Jorge! O crocodilo quase me pegou!”

Era-lhe conhecida essa voz.

Korak espiou para baixo e à escassa luz da superfície do rio lobrigou o vulto de um homem que procurava galgar um dos galhos mais baixos. Presto e de manso o homem-macaco desceu. Sentiu em certo ponto que a sola de um seu pé pousava em cima dos dedos de uma mão. Baixando-se, agarrou o homem que subiu com ele para um galho mais alto. O homem debatia-se frouxamente e esmurrava-o, mas Korak não dava mais atenção a isso do que Tantor à picada de uma formiga.

Ele instalou seu fardo em altura a salvo dos perigos em uma larga e cômoda forquilha, colocando-o ali sentado e de costas apoiadas no tronco. Numa ainda

urrava embaixo, furioso decerto por lhe haverem empalmado a presa. Korak gritou com ele, chamando-lhe, na linguagem dos grandes macacos, de “Velho caduco”, “Olho de gato”, “Comedor de carniça”, “Irmão de Dango, a hiena” e outros xingos infamantes do vocabulário das selvas.

Sir Morison Baynes ficou convicto de ter sido agarrado por um gorila. Levou a mão ao revólver e o ia puxando furtivamente quando uma voz o interpelou em excelente inglês:

— Quem é o senhor?

Tão grande foi o espanto de Morison que quase caiu da árvore.

— Santo Deus! O senhor é um homem — exclamou.

— Que pensou que eu fosse? — perguntou Korak.

— Um gorila — respondeu Morison, com franqueza. Korak deu uma risada.

— Quem é o senhor? — repetiu.

— Sou um inglês de nome Morison Baynes; e, com mil diabos! o senhor quem é?

— Tratam-me de Matador — disse Korak, traduzindo para o inglês o nome que Akut lhe deu. E após uma pausa durante a qual Morison procurava divisar por entre as trevas as feições do ente estranho em cujas mãos caíra: — O senhor é a pessoa que eu vi beijando a moça, perto da grande planície, a leste, sendo nessa ocasião atacados por um leão?

— Sim — respondeu Morison.

— Que está fazendo aqui?

— Roubaram a moça. .. Estou procurando salvá-la.

— Roubaram! — e esta exclamação detonou como um tiro.

— Quem?

— Hanson, o mercador sueco — disse Morison Baynes.

— Onde está ele?

Baynes contou a Korak todo o sucedido depois de sua chegada ao acampamento do sueco. Antes de terminar a exposição, o primeiro palor da alva atenuara as sombras noturnas. Korak procurou dar a Morison melhor cômodo na copa da árvore. Encheu-lhe o cantil com água do rio e levou-lhe frutas para comer. Depois despediu-se dele.

— Vou ao acampamento do sueco — disse. — Trarei a moça para sua companhia.

— Eu vou também — disse Morison. — É meu direito e meu dever, pois ela ia ser minha esposa.

Korak objetou-lhe:

— O senhor está ferido. Não resistirá à viagem. Indo só, chegarei muito mais depressa.

— Eu o acompanharei. É meu direito e meu dever.

— Como quiser. — E Korak deu de ombros.

Se o homem queria que o matassem, isso era lá com ele. Quanto a Korak, bem desejava ser quem o fizesse, mas abstinha-se de atacá-lo, pelo amor que dedicava a Myriam. Se esta amava aquele homem, ele, Korak, deveria fazer o possível para protegê-lo, mas não podia impedir que o acompanhasse. Quando muito tinha o dever de aconselhá-lo a não proceder assim e isto o fez, com instância.

E foi assim que Korak partiu para o norte. Trôpego e ferido, Morison seguiu atrás, mas, esgotado de forças, em pouco ficou muito distanciado. Korak chegara à margem fronteira ao acampamento de Malbihn, antes de Morison ter andado meia légua. Ao fim da tarde ainda estava a caminhar, mas parando com frequência por causa da fadiga, quando ouviu o estrepitante galope de um cavalo. Instintivamente ocultou-se em uma moita próxima. Momentos após passa a toda a brida um árabe de alvo albornoz. Morison Baynes não chamou o cavaleiro. Já lhe haviam falado sobre o natural dos árabes que se embrenham muito para o sul e o que deles ouvira convencera-o de que poderia encontrar mais simpatia em uma serpente ou em uma pantera do que em algum daqueles perversos homens do norte.

Quando perdeu de vista Abdul Kamak, Morison prosseguiu em sua penosa caminhada. Daí a meia hora surpreendeu-o novamente o inconfundível tropear de uma cavalgada a galope. Eram muitos cavaleiros, desta vez. De novo procurou um lugar para esconder-se, mas precisou atravessar uma aberta onde não havia lugar apropriado a esse fim. Correu o mais que pôde, em seu estado de exaustão; tudo, porém, foi debalde; antes de sair do descampado, um grupo de cavaleiros de longos trajos brancos saiu subitamente da mata, atrás dele.

Ao vê-lo, gritaram-lhe cousas em árabe, as quais naturalmente não compreendeu. Em seguida rodearam-no, ameaçadores e coléricos. Suas perguntas eram-lhe ininteligíveis e os árabes, por sua vez, não lhe entendiam o inglês. Afinal, perdendo a paciência, o chefe dos cavaleiros ordenou a dois destes que o agarrassem, ao que obedeceram sem perda de tempo. Desarmaram-no e o forçaram a montar na garupa de um dos dois homens destacados como sua escolta e, com o prisioneiro, estes regressaram para o sul, ao passo que os demais continuaram a perseguir Abdul Kamak.

Chegado Korak à margem fronteira ao acampamento de Malbihn, ficou interdito, não sabendo como atravessar o rio. Avistou homens a andar entre as choças, no

recinto delimitado pela “boma”, sendo evidente, portanto, que o sueco ainda se encontrava ali. Korak, porém, não conhecia ainda a identidade do raptor. Como passar para a outra margem?

Atirar-se à água, a nado, era cousa em que nem podia pensar, pois seria ir ao encontro de uma morte quase certa. Refletiu por alguns instantes e, em seguida, rodou sobre os calcanhares e correu para a mata a emitir gritos prolongados. Espaço a espaço detinha-se para prestar ouvidos e, não vindo resposta, internava-se mais na floresta, continuando a soltar aqueles apelos selvagens.

Teve por fim a recompensa de escutar o barrir de um elefante e poucos minutos depois Korak encontrou-se na mata com Tantor, de tromba erguida e a abanar os orelhões.

— Depressa, Tantor! — gritou-lhe o homem-macaco; e o animal guindou-o sobre seu cachaço. — Corra!

O gigantesco paquiderme rompeu impetuoso o seio da mata bravia, guiado pelas pancadas dos calcanhares nus de Korak, aos lados da sua cabeça.

Korak fez sua enorme montaria enveredar para o noroeste e chegaram à beira-rio cerca de um quarto de légua acima do acampamento do sueco, em um ponto que conhecia, onde um elefante poderia vadear o rio.

Sem parar, fez o animal meter-se na água e, de tromba alçada, Tantor resolutamente demandou a outra margem. Em certo lugar quis um imprudente crocodilo atacá-lo — mas ele mergulhou nas águas a flexível tromba e, agarrando o anfíbio pelo meio do corpo, arremessou-o para baixo, no rio, a cinquenta metros de distância. E deste modo, escanchado Korak no alto dorso do paquiderme, sem que a água lhe chegasse ao corpo, ele e Tantor chegaram sem acidentes ao lado oposto.

Tantor se dirigiu então para o sul, em rumo direito, sem paradas, num ímpeto rompente que destruía os obstáculos encontrados, a desviar-se unicamente dos troncos das árvores maiores. Às vezes Korak era forçado a sair-lhe do toutiço e seguir por cima, a pular de galho em galho, nos lugares em que as ramas baixas esfolavam o dorso do elefante. Atingiram por fim a orla do descampado onde ficava o acampamento. Mas nem aí se detiveram ou cavilaram. A entrada ficava a leste, para o lado do rio. Tantor e Korak vinham do norte. Naquele lado não havia abertura na “boma”; mas que importava isto para Tantor ou Korak!

A uma palavra do homem-macaco, Tantor ergueu bem alto a sensível tromba, investiu com a trincheira de espinhos e passou pelo meio dela, como se a mesma não existisse para ele. Ao ruído de sua aproximação, alguns pretos acorados em frente às suas choças olharam para o lado donde vinham. Avistando-os levantaram-se incontinenti e dando urros de terror precipitaram-se para a entrada da “boma”.

Tantor quis dar-lhes caça; ele odiava os homens e pensou que Korak tora ali para atacá-los; mas o homem-macaco conteve-o, fazendo-o dirigir-se para uma grande barraca de lona existente ao centro da clareira. Ali deviam estar a jovem e seu seqüestrador.

Malbihn achava-se deitado em uma rede protegida por um toldo, em frente à porta de sua barraca. Perdera muito sangue e seus ferimentos doíam-lhe. Achava-se extremamente fraco. Sentiu surpresa ouvindo os berros de seus homens e vendo-os correr para a abertura da “boma”. Ato contínuo, a um lado da barraca assomou uma imensa mole animada e viu investir para seu lado Tantor, o formidável paquiderme. O subalterno de Malbihn, que lhe fazia companhia, fugiu ao dar com os olhos no quadrúpede, deixando só e indefeso o senhor a quem não votava afeição.

O elefante parou a poucos passos da rede do homem ferido. Amedrontado, Malbihn pôs-se a gemer. Sua fraqueza não lhe permitia fugir. Era forçado a permanecer onde estava e, esperando a morte, arregalou os olhos apavorados para os pequenos olhos furibundos e ourelados de sangue que se fixavam nele.

Nesse momento, com grande assombro seu, um homem escorregou das costas do elefante ao chão. Quase no mesmo instante Malbihn reconheceu aquela estranha criatura como sendo o moço que se acamaradara com os macacos e os bugios — o guerreiro branco da floresta, que havia libertado o rei dos bugios e açulado a horda furiosa dos demônios peludos contra ele e Jenssen. Malbihn atemorizou-se ainda mais.

— Onde está a moça? — indagou Korak em inglês.

— Que moça? — perguntou Malbihn. — Aqui não há moça alguma. Há só as mulheres de meus subordinados. Será alguma delas?

— A moça branca — tornou Korak. — É inútil mentir. Você a tirou da casa onde vivia. Está em seu poder. Onde se acha ela?

— Não está comigo — protestou Malbilm — e sim com um inglês que me contratou para roubá-la. Ele a queria levar para Londres. Chama-se Morison Baynes. Vá procurá-lo, se quiser saber o paradeiro da moça.

— Estive com ele há pouco e foi quem me mandou vir aqui. A jovem não está com ele. Pare agora de mentir e fale com franqueza. Onde está ela? — E Korak, ameaçador, deu um passo para o lado de Malbihn.

Este encolheu-se de medo ao ver-lhe a expressão de cólera.

— Contarei a verdade! — exclamou. — Não me faça mal, que direi tudo o que sei. A moça estava aqui, mas foi Morison que a induziu a fugir da casa onde estava.. . Prometeu casar-se com ela. Ele ignora quem ela é, mas eu não. Sei que há uma grande recompensa para quem a restituir à sua família. Era só a recompensa que eu

queria. Ela, porém, fugiu, atravessando o rio em uma de minhas canoas; Fui com os meus ao seu encalço, mas o Sheik, por acaso, estava na outra margem e ele capturou-a e rechaçou-nos. Depois chegou Morison, furioso por ter ficado sem a moça, e feriu-me a tiros. Se quiser encontrá-la, vá procurar o Sheik. Desde criança ela passa como filha dele.

— Não é filha do Sheik? — perguntou Korak.

— Não — respondeu o sueco.

— De quem é então? — insistiu aquele.

Malbihn viu uma oportunidade para salvar-se, pois não acreditava que o homem-macaco pretendesse em matá-lo.

— Quando o senhor a encontrar, eu lhe contarei — disse — caso prometa poupar-me a vida e repartir comigo a recompensa. Se me matar, não ficará sabendo, pois o Sheik, que também conhece a verdade, nada revelará. A própria moça ignora quem seja sua família.

— Se me disse a verdade, poupar-lhe-ei a vida — disse Korak. — Vou agora à aldeia do Sheik e, se não a encontrar lá, voltarei aqui para o matar. Quanto às outras revelações, se, quando eu achar a moça, ela as quiser saber, procuraremos um meio de comprar o seu segredo.

O olhar do Matador e a entoação da palavra “comprar” não eram mui tranquilizadores para Malbihn. O certo era que, se não conseguisse fugir, aquele demônio lhe tiraria, a um tempo, o seu segredo e a vida. Seu desejo era vê-lo já longe, e mais ao elefante de olhos ameaçadores. Aquela desconforme massa bamboleante perto dele e seus pequenos olhos ferozes a fiscalizar-lhe cada movimento enchiam de susto Malbihn.

Korak dirigiu-se para a barraca do sueco, a fim de certificar-se de não estar Myriam escondida na mesma. Apenas desapareceu da vista de Tantor, este, que ainda continuava a olhar Malbihn, deu um passo para o lado dele. A vista de um elefante não é muito boa; mesmo assim, o grande paquiderme estava claramente a desconfiar de quem fosse aquele homem de barba loura. Em seguida aproximou a tromba do sueco, que se encolheu aterrado, na rede.

Aquele órgão sensível farejou com insistência o corpo de Malbihn. Súbito, o elefante emitiu um rugido surdo. Seus olhos chisparam de fúria. Reconhecera, enfim, o homem que matara, havia anos, sua companheira.

Tantor, o elefante, nunca esquece nem perdoa. Malbihn compreendeu pela sua expressão diabólica a intenção homicida do bruto. Pôs-se então a gritar:

— Socorro! Socorro! Este demônio vai matar-me!

Korak, saindo a correr, teve somente o tempo de ver a tromba do elefante enfurecido enlaçar-se no sueco e em seguida erguer este, a rede e o toldo de cambulhada, sobre sua cabeça.

Korak saltou à frente do animal, ordenando-lhe que depusesse ilesa no chão a sua vítima; mas o mesmo seria ordenar ao rio que invertesse o sentido de seu curso. Ágil como um gato, Tantor volteou no ar Malbihn, arremessou-o ao chão e ajoelhou-se sobre ele; em seguida, trespassou muitas vezes aquela cousa que jazia no chão com as poderosas presas, a barrir e a urrar de furor. Convencido, por fim, de que não ficara a mínima vibração de vida naquela massa moída e lacerada, ergueu alto com a tromba a pasta informe que fora Sven Malbihn e projetou-a longe, por sobre a “boma”, na mata, de mistura com os frangalhos do toldo e da rede.

Korak contemplou pesaroso a tragédia que de boa mente ele teria evitado. Não estimava o sueco; ao contrário, detestava-o; mas desejaria conservar-lhe a vida, por causa do segredo de que era conhecedor. Agora, ficaria, esse segredo, para sempre irrevelado, a menos que o Sheik o divulgasse, mas Korak pouco confiava nesta possibilidade.

Sem receio do possante Tantor, apesar da horrível morte de um ser humano que acabava de presenciar, o homem-macaco acenou-lhe, mandando que se aproximasse e o pusesse em cima de sua cabeça. Dócil como um cão, Tantor obedeceu, erguendo delicadamente o Matador.

A salvo em seus esconderijos na mata, os pretos de Malbihn testemunharam a morte de seu patrão e depois, esbugalhando os olhos pasmados, viram o estranho guerreiro branco, montado na cabeça de sua feroz montaria, desaparecer na mata no mesmo lugar donde, cheios de pavor, os viram surgir.

CAPÍTULO XXV

Ficou o Sheik furioso ao ver chegar o prisioneiro que os dois homens da escolta lhe trouxeram do norte. Ele mandara os cavaleiros perseguir Abdul Kamak e, em vez de seu ex-companheiro vinham conduzindo um inglês imprestável e ferido. Por que não deram cabo dele no mesmo lugar em que o encontraram? Era por certo o pobretão de algum mascate que se extraviara ao afastar-se dos sítios onde mercadejava. Não valia tanto trabalho. O Sheik encarou-o carrancudo.

— Quem é você? — perguntou em francês.

— Sou sir Morison Baynes, da cidade de Londres.

Esta apresentação pareceu de bom augúrio ao velho salteador, em cujo espírito surgiu, de pronto, a áurea visão de um possível resgate. Suas intenções para com o prisioneiro sofreram certa mudança, apesar de manter a mesma atitude. Ele prosseguiu a indagar:

— Que estava a fazer no meu território? — Seu tom de voz era ríspido.

— Eu ignorava que o senhor fosse dono da África — respondeu Morison. — Eslava procurando uma jovem que raptaram da casa de um meu amigo. O raptor feriu-me em uma canoa e ia voltar de novo ao acampamento daquele quando seus homens me prenderam.

— Uma jovem? — perguntou o Sheik. — Será aquela? — e apontou, à esquerda, a moita de arbustos perto da estacada.

Morison arregalou os olhos atônitos ao relancear a vista naquela direção, pois, sentada de pernas cruzadas, no chão, de costas para aquele lado, estava Myriam.

— Myriam! — gritou ele, dando um passo para o lado dela; mas um de seus guardas agarrou-lhe o braço e, com um safanão, o fez voltar para o lugar primitivo.

A moça pôs-se rápida de pé e voltou-se ao ouvir seu nome.

— Morison! — exclamou, reconhecendo-o.

— Cale-se e fique aí mesmo! — bradou-lhe desabrida-mente o Sheik.

E, após, voltando-se para Morison.

— Então foi você o cão de um cristão que roubou minha filha?

— Sua filha? — exclamou, assombrado, Morison. — Ela é sua filha?

— Sim — tornou o Sheik — e não será para nenhum descrente. Você merece a morte, inglês! Mas se me pagar um resgate, deixá-lo-ei com vida.

Morison admirou-se imenso do inesperado encontro de Myriam na aldeia do

árabe, pois supunha que ela estivesse em poder do sueco. Que lhe sucedera? Como escapara às garras dele? Trouxera-a o Sheik à força ou viera espontaneamente pedir a proteção do homem que a dizia sua filha? Daria tudo para ouvir algumas palavras dela. Se a jovem estava em segurança ali na aldeia, ele, - Morison, só poderia prejudicá-la procurando a contragosto do Sheik levá-la consigo para a casa dos ingleses que tanto a amavam. Morison Baynes já não fazia planos de a iludir e levá-la para Londres.

— Então? — perguntou o Sheik.

— Oh! Desculpe-me! — disse Morison. — Eu pensava em outra coisa. Mas estou de acordo em pagar-lhe meu resgate. Quanto?

O Sheik mencionou uma quantia muito menos exorbitante do que Morison esperava. Este acenou que estava pronto a dar-lha. Prontificar-se-ia, da mesma forma, a pagar qualquer importância que excedesse mesmo os seus recursos, pois não tinha a intenção de dar coisa alguma. Seu intuito era ganhar tempo. Enquanto esperassem o dinheiro, ele procuraria o ensejo de tirar Myriam dali, se esse fosse o desejo da moça. Era natural que o fato de haver-se o árabe declarado pai da jovem incutisse dúvida no espírito de Morison sobre o ter ela vontade de fugir. Parecia, entretanto, absurdo que aquela moça formosa e elegante preferisse o “douar” imundo de um árabe boçal ao conforto, ao luxo e ao convívio de seres de seu nível, no hospitaleiro bangalô donde ele a fizera sair.

Morison enrubescia de vergonha à idéia da dobrez de seu procedimento — idéia que foi interrompida pelo Sheik, para mandá-lo escrever uma carta ao cônsul inglês da Argélia. O Sheik ditou-lhe os dizeres com uma facilidade que fez seu prisioneiro compreender não ser a primeira vez que o velho salafrário negociava com ingleses o resgate de seus compatriotas.

Morison não se mostrou satisfeito ao ver que a carta era dirigida àquele cônsul; disse que levaria quase um ano para o dinheiro chegar; mas o Sheik não quis nem ouvir falar em executar-se o plano do inglês, que era mandar-lhe um portador à mais próxima estação telegráfica, a fim de Morison pedir fundos diretamente aos seus procuradores. Não! o velho árabe era homem prudente e desconfiado. Seus próprios planos já tinham surtido bom efeito no passado. Nos de Morison entravam elementos que ele ainda não utilizara. O velho não tinha pressa de receber o dinheiro; poderia esperar um, dois anos,” se preciso fosse; mas a demora não excederia seis meses.

Voltando-se para um dos árabes que estavam de pé atrás dele, fez-lhe recomendações sobre o prisioneiro.

Morison não lhe entendia as palavras, ditas em árabe, mas seus gestos com o polegar, indicando-o, revelaram ser ele o assunto de suas frases. O árabe a que se

dirigiu curvou-se ante seu chefe e fez sinal a Morison para que o acompanhasse. O inglês olhou para o Sheik, esperando uma confirmação. Este, impaciente, acenou afirmativamente e Morison - Baynes encaminhou-se com seu guia para uma cubata que ficava ao lado de uma das cabanas de couro de cabra.

Chegando a seu interior sombrio e abafadiço, o guarda chamou da porta dois pretos que estavam sentados em frente de suas choças. Eles atenderam prontamente e, de acordo com as instruções do árabe, amarraram fortemente os pulsos e os pés de Morison.

O inglês protestou com energia, mas perdeu sua eloquência, pois nem o árabe nem os pretos entendiam uma só das suas palavras. Após havê-lo amarrado, saíram da palhoça.

Muito tempo depois ficou Morison a meditar sobre o tétrico futuro, sobre os longos meses de expectativa, até que seus amigos lhe conhecessem os apuros e lhe pudessem valer. ' Esperava que mandassem o dinheiro do resgate, dinheiro que alegremente ele daria para se ver livre daquele horror. Sua primeira idéia fora telegrafar às autoridades da África Ocidental Inglesa para mandarem uma expedição em seu socorro.

Torceu com asco o nariz aristocrata, ao sentir o horrível fétido daquele interior da choça. O monte de capim úmido em que estava deitado tresandava a corpos suados, a carne podre, e havia muito que jazia na incômoda posição em que o deixaram com outras imundícias. Mas não era ainda o pior. Havia pouco quando começou a sentir forte prurido nas mãos, no pescoço e na cabeça. A custo se sentou, horripilado e enojado. O prurido prestes alastrou-se a outras partes do corpo. Era uma tortura, pois tinha as mãos solidamente amarradas nas costas!

Forcejou por soltá-las até sentir-se exausto, mas não se desesperançara de o conseguir, pois bambeara um tanto a corda e, com algum trabalho mais, poderia, talvez, desprender uma das mãos.

Caiu a noite. Não lhe levaram alimento nem água. Ele perguntou-se então se lhe seria possível viver um ano sem tomar alimento algum. Embora não diminuíssem, as mordidas dos parasitas tornaram-se-lhe menos incômodas. Com isto, Morison Baynes esperou vir a habituar-se de todo a elas.

Ainda estava debilmente a lutar com o amanhão quando chegaram os ratos. Se os parasitas o enojaram, os ratos, agora, o encheram de horror. Corriam-lhe sobre o corpo a guinchar e lutar. Um começou, por fim, a querer roer-lhe uma orelha. Soltando uma praga, Morison se sentou novamente. Os ratos bateram em retirada. Depois de muito tentar, ele se pôs de joelhos e, com esforço sobre-humano, conseguiu ficar de pé. E manteve-se nessa postura a equilibrar-se, oscilando como

um ébrio e tendo a fronte alagada de suor frio.

— Santo Deus! — murmurou — que fiz eu para merecer ... — Mas interrompeu-se. Que fizera? Pensou na jovem, presa em outro lugar, naquela maldita aldeia. Ele amargava aquilo que merecia. E resolveu firmemente não tornar a lastimar-se.

Nesse momento teve acordo de soarem vozes raivosas na cabana de couro vizinha de sua choça. Uma era de mulher. Seria de Myriam? Parecia falar em árabe e ele não conhecia uma palavra dessa língua. Mas a entoação era a da voz dela.

Morison procurou descobrir algum meio de atrair-lhe a atenção, fazendo-a saber que ele estava perto. Se ela pudesse desamarrá-lo, fugiriam juntos... se tal fosse o desejo de Myriam. Esta dúvida aborrecia-o. Ele não sabia qual a condição da jovem na aldeia. Se fosse a filha adorada do poderoso Sheik, não quereria, decerto, fugir. Ele, Morison, precisava saber a verdade.

Muitas vezes ouvira Myriam no bangalô, acompanhada ao piano por Minha Flor, cantar o “Deus Guarde o Rei”. Erguendo a voz, ele trauteou esse hino. Incontinenti ouviu na cabana a voz de Myriam, que lhe gritou com rapidez:

— Adeus, Morison! Se Deus for misericordioso, fará que eu morra antes de amanhecer o dia, porque para mim, se ainda estiver viva, será muito pior do que ter morrido.

Em seguida ouviu uma exclamação furiosa de uma voz de homem, acompanhada do ruído surdo de uma bofetada. Morison empalideceu de horror. Procurou, com frenesi, soltar as mãos. As voltas da corda afrouxaram. Daí a instantes uma das mãos estava livre. Foi obra de um momento libertar a outra. Curvando-se, desatou os nós dos tornozelos e, tornando a erguer-se, dirigiu-se para a porta da cubata, a fim de ir para onde estava Myriam. Ao dar o primeiro passo fora, na escuridão da noite, alçou-se e atravessou-se-lhe no caminho o vulto de um preto gigantesco, impedindo-o de passar avante.

Quando precisava apressar-se, Korak apenas recorria aos seus próprios músculos; por isso, no momento em que Tantor o depositou são e salvo na margem do rio, ao lado onde ficava o “douar” do Sheik, o homem-macaco abandonou seu colossal companheiro e, passando de árvore em árvore, dirigiu-se veloz para o lugar do sul onde, segundo afirmara o sueco, poderia encontrar Myriam.

Era já noite quando chegou à estacada, que fora consideravelmente reforçada desde a ocasião em que ele valera a Myriam, livrando-a da triste vida que levava naquela prisão cruel. Não viu mais a árvore gigantesca de galhos pensos sobre aquela trincheira; mas, em regra, as obras de defesa construídas pelos homens não constituíam obstáculos para Korak. Desenrolando a corda que trazia à cinta, ele atirou-lhe a laçada ao toque de um dos pontudos madeiros que formavam a

estacada. Daí a instante, com os olhos por cima daquele obstáculo, enxergava o interior sombrio do cercado. Não vendo pessoa alguma, Korak transpôs a estacada e pulou para o lado de dentro sem fazer barulho.

Começou então a revistar furtivamente a aldeia. Dirigiu-se primeiro às cabanas dos árabes a farejar e a prestar ouvidos. Procurou, passando por trás delas, algum indício de Myriam. Nem mesmo os cães ferozes dos árabes lhe ouviram os passos, tão de manso caminhava, como uma sombra a perpassar entre outras sombras.

O cheiro do fumo o fez saber que os árabes fumavam à porta de suas moradas. Feriu-lhe os ouvidos uma gargalhada; e, após, ouviu soar no lado oposto da aldeia as notas do hino patriótico que lhe era familiar: “Deus Guarde o Rei”. Korak estacou, perplexo. Quem poderia estar cantando? A voz era de um homem. Lembrou-se então do inglês que deixara no trilho próximo do rio e a quem, ao regressar, não encontrara mais. Daí a instante ouviu-lhe responder uma voz feminina... a voz de Myriam! E o Matador, estimulado em sua empresa, arrastou-se ligeiro em direção ao lugar onde soavam aquelas vozes.

Terminada a refeição da noite, Myriam foi para seu compartimento, que era o lugar da cabana do Sheik reservado às mulheres — um quartinho dos fundos a que serviam de paredes interiores duas preciosas tapeçarias persas. Naquela parte ficaram outrora apenas ela e Mabunu, pois o Sheik não tinha mulheres. Após tantos anos transcorridos, iam ali dormir, outra vez, ela e Mabunu. como se não tivesse interrompido aquele hábito.

Em dado momento o Sheik entreabriu as tapeçarias e olhou carrancudo o interior frouxamente iluminado do quartinho.

— Myriam! — chamou. — Venha aqui.

A moça levantou-se e foi para a parte interior da cabana, que era iluminada pelas chamas do fogão ali existente. Ela viu Ali ben Kadin, irmão unilateral do Sheik, sentado em um tapete a fumar. O Sheik conservava-se de pé. Ele e seu irmão Ali tinham o mesmo pai, mas a mãe do último fora uma escrava negra do Oeste africano. Ali ben Kadin era velho, hediondo e quase negro. Tinha o nariz e parte de uma face comidos por um cancro. À chegada de Myriam ele ergueu o olhar e arreganhou os dentes num sorriso.

Indicando com o polegar Ali Ben Kadin, o Sheik dirigiu-se à jovem:

— Já estou ficando velho e não viverei muito tempo, dou, por isso, você a meu irmão Ali.

Foi só o que disse. Levantou-se. Ali ben Kadin dirigiu-se para o lado dela. Myriam recuou, horrorizada. O árabe agarrou-lhe o pulso.

— Venha! ordenou — e, puxando-a, saiu da cabana do Sheik, dirigiu-se para a sua

própria.

Apenas se retiraram, o Sheik deu uma gargalhada, monologando:

— Daqui a poucos meses, quando eu a mandar para o norte, eles verão qual a recompensa que teve quem fez matar o filho da irmã de Amor ben Khatúr.

Na cabana de Ali ben Kadin, Myriam novamente proferiu súplicas e ameaças. A princípio o repulsivo mestiço lhe falou com brandura; mas, quando Myriam lhe patenteou todo o horror e asco que sentia, ele entrou-se de fúria e atirou-se contra ela, agarrando-a. Duas vezes a moça conseguiu repeli-lo e foi no intervalo das mesmas que ouviu Morison cantar aquele hino; compreendeu por esse meio que ele queria fazê-la ciente de sua proximidade. Assim lhe respondeu em inglês. Ali ben Kadin precipitou-se outra vez contra ela. E segurando-a, levou-a à força para o compartimento dos fundos da cabana, onde três negras assistiam indiferentes àquela cena trágica.

Quando Morison Baynes viu seu caminho barrado pelo brutamente negro, sentiu-se salteado por violenta raiva que o transformou em um animal feroz. Com uma praga surda arremessou-se contra a gigantesca sentinela e no ímpeto da agressão o peso de seu corpo fez o preto estatelar-se no solo. Enquanto lutavam, o guarda procurava desembainhar a faca e ele tentava esganá-lo.

Os dedos de Morison recalçaram o brado de socorro que o outro ia soltar; mas certo momento seu antagonista conseguiu puxar a faca, e um instante depois Morison sentiu a lâmina penetrar em sua espádua. Mais duas vezes sentiu-a em seguida entrar na carne.

Retirando uma das mãos que estrangulavam o negro, tateou com a mesma o chão, em derredor, a procurar algum objeto; e seus dedos, por fim, acharam uma pedra. Segurando-a e erguendo-a sobre a cabeça do adversário, Morison deu nela uma tremenda pancada. Aturdido, relaxaram-se no mesmo instante os músculos do preto. Morison deu-lhe mais duas pancadas. Em seguida pôs-se rápido de pé e correu para a cabana de peles de cabra onde soara, desesperada, a voz de Myriam.

Mas antes dele ali chegara outra pessoa. Apenas vestido com a tanga e a pele do leopardo, Korak, o Matador, esgueirara-se entre as sombras da cabana de Ali ben Kadin. O mestiço acabava de conduzir Myriam para o compartimento do fundo, quando Korak abriu com sua afiada faca um rasgão de muitos palmos no escuro da parede e seu vulto enorme e corpulento irrompeu de improviso ante os olhos atônitos dos que se achavam dentro.

Myriam reconheceu-o no mesmo instante em que ele entrou na alcova. Ao ver o galhardo porte daquele de quem estivera tão saudosa, o coração bateu-lhe cheio de orgulho e júbilo.

— Korak! — exclamou.

— Myriam!

Enquanto proferia esta só palavra, ele atirava-se contra o assombrado Ali ben Kadin. As três negras ergueram-se aos gritos em suas esteiras. Myriam quis impedir que fugissem, mas as pretas precipitaram-se para a abertura feita pela faca no couro da parede e correram, a gritar, por entre as choças da aldeia.

O Matador aferrou o árabe pelo gasnete e com a outra mão cravou-lhe a faca no coração devasso — e Ali Kadin caiu morto no solo. Korak voltou-se para Myriam, mas, ao mesmo instante, uma figura descabelada e tinta de sangue irrompe naquele cômodo.

— Morison! — exclamou a jovem.

Voltando-se, Korak observou o recém-chegado. Já ia ele tomar Myriam nos braços, esquecido de tudo o que ocorrera desde a última vez em que a vira. Mas a presença do jovem inglês o fez lembrar-se da cena presenciada na clareira e, a essa evocação, grande sofrimento constringiu o coração do homem-macaco.

Fora, na aldeia, soava já a algazarra produzida pelo rebate das três negras. Vários homens já corriam para a cabana de Ali ben Kadin. Não havia tempo a perder.

— Depressa! — bradou ele para Morison, que mal sabia então se se defrontava com um amigo ou um inimigo. — Leve-a para a estacada, por trás das cabanas. Lá está minha corda. Com a mesma podem escalar aquela e fugir.

— Mas você, Korak?

— Fico. Eu e o Sheik temos contas a ajustar. Myriam quis recalcitrar mas o Matador empurrou-os a ambos para a fenda da parede, forçando-os a sair para a escuridão exterior.

— Corram para o lugar da corda — recomendou; e ato contínuo voltou-se para enfrentar os que invadiam a cabana pela parte da frente.

O homem-macaco arrostando-os com denodo. Fez então mais proezas do que em tempo algum; mas as probabilidades eram-lhe muito desfavoráveis; mesmo assim, conseguiu o que mais queria, que era retardá-los ali, para o inglês e Myriam terem tempo de fugir. Foi, por fim, daí a alguns minutos, subjugado pelo grande número de antagonistas, que o amarraram e, sob grande vigilância, o conduziram à cabana do Sheik.

O velho encarou-o por algum tempo. Estava a cogitar em alguma espécie de tortura com que satisfizesse a ira e o ódio que votava àquela criatura que por duas vezes arrebatara Myriam de suas garras. Pouca indignação lhe movera a morte de Ali ben Kadin, pois sempre detestara o filho da abjeta escrava negra e de seu pai. A

pancada que uma vez lhe dera o guerreiro branco aumentava mais o seu furor. Não atinava com punição alguma em proporção com as ofensas recebidas.

Enquanto se achava sentado a fixar os olhos em Korak, o silêncio foi rompido pelo vibrante barrir de um elefante na mata, além do cercado da aldeia. Um vago sorriso distendeu de leve os lábios de Korak. Ele volveu um tanto a cabeça em direção ao lugar donde vieram aqueles sons e soltou um longo e estranho brado de apelo. Um dos guardas bateu-lhe na boca com o conto de sua lança; mas nenhum dos presentes compreendia a significação daquele grito.

Tantor reconheceu na mata a voz de Korak. Ele aproximou-se da estacada e, passando a tromba sobre a cabeça nos madeiros, empurrou-os, mas conseguiu unicamente abalá-los.

Em sua cabana, o Sheik ergueu-se afinal e, apontando o prisioneiro amarrado, disse a um de seus maiores:

— Queimem-no vivo! — ordenou. — Imediatamente! Amarrado no poste.

Os guardas empurraram Korak para fora da cabana. Levaram-no aos repelões para a aberta existente no centro da aldeia, onde se via um alto poste cravado em terra. Não fora ali fincado para se queimar alguém e sim para nele amarrarem os escravos rebeldes e açoitá-los — às vezes até que a morte desse alívio a seus tormentos.

A esse poste ataram Korak. Em seguida carregaram galhos secos e os amontoaram em torno. O Sheik dirigiu-se para aquele lugar a fim de saborear os sofrimentos de sua vítima. Mas Korak mostrou-se impassível até quando trouxeram um tição aceso e pequenas línguas de chamas começaram a erguer-se em meio à galharia ressequida. Nesse momento, porém, ele emitiu de novo o singular apelo que já fizera soar na cabana do Sheik. E outra vez ouviu-se além da estacada defensiva o trombeteante urrar de um elefante.

Embalde o velho Tantor empurrava a estacada para abrir caminho. A voz de Korak a chamá-lo e o cheiro de seu inimigo homem enchia-o de fúria contra o obstáculo que lhe tolhia a passagem. Fazendo meia volta recuou uns dez passos e após, alçando a tromba e soltando um horrído bramido, investiu de cabeça baixa, como colossal catapulta de carne, ossos e músculos, contra o resistente tapume.

A estacada cedeu ao embate com um esparramar de madeiros lascados e pela brecha irrompeu o enfurecido bruto. Korak, bem como os outros, ouviu a bulha produzida, mas só ele pôde interpretar-lhe a significação. Já as línguas de flamas ondeavam mais perto de seu corpo quando um dos pretos ouviu atrás um rumor e avistou o corpanzil do elefante a precipitar-se para seu lado. Com um grito, o preto fugiu correndo. Quase no mesmo instante chegou Tantor ao meio dos pretos e dos árabes que ele atirava para os dois lados; e caminhando entre as chamas, que temia,

dirigiu-se ao lugar onde estava seu companheiro amado.

Enquanto bradava ordens a seus homens, o Sheik foi pessoalmente à cabana buscar a carabina. Enroscando a tromba, a um tempo, no corpo de Korak e no poste a que se achava preso, Tantor arrancou este do chão. As labaredas magoavam-lhe o couro sensível — sensível apesar de sua espessura — por isso, na ânsia de salvar o amigo e de fugir do detestado fogo, por pouco não esmagou o homem-macaco.

Com sua carga erguida sobre a cabeça, o gigantesco animal voltou correndo para a brecha da estacada. Surgiu então em seu caminho o Sheik, de carabina na mão. Deu um tiro, mas não atingiu o alvo. Incontinenti Tantor avançou contra ele e esmagou-o calcando-o sob as patas, com a mesma facilidade com que qualquer um de nós esmagaria uma formiga que casualmente se achasse em nosso caminho.

Em seguida, a transportar sua carga com cuidado, o elefante transpôs o cercado e embrenhou-se na escuridão da selva.

CAPÍTULO XXVI

ATURDIDA pela surpresa do inesperado encontro com Korak, Myriam deixou que Morison a levasse consigo. Ele a guiou em segurança por entre as cabanas até à estacada, onde encontrou presa ao tope de um dos paus, pendente do lado de dentro, a corda a que se referia Korak. Com dificuldade chegou ao alto, donde ofereceu a mão a Myriam para ajudá-la a subir.

— Venha! — sussurrou-lhe. — Toda a pressa é pouca.

Só então, como quem desperta de um sonho, foi que a moça recaiu em si. Para trás, a enfrentar, só ele, os inimigos dela, ficara Korak — seu Korak. Seu lugar era ao lado dele, a lutar com ele e por ele. Olhando Morison, disse-lhe:

— Volte até a casa de *Bwana* e traga auxílio. Meu lugar é aqui. Sua permanência na aldeia nada adiantará. Fuja enquanto é tempo e volte com o Grande *Bwana*.

Silenciosamente Morison Baynes deixou-se resvalar até o chão, do lado interno do tapume.

— Foi por sua causa que eu o abandonei — disse, outra vez ao lado dela, indicando as cabanas. Compreendi que ele resistiria mais tempo do que eu, dando-lhe, por isso, mais probabilidade de salvar-se. Do contrário, eu teria ficado lá no lugar dele. Ouvi-a chamá-lo de Korak e por isso fiquei sabendo quem ele é. E ele tem-lhe afeição. Eu pretendia prejudicá-la. Não... não me interrompa. Vou confessar-lhe toda a verdade agora, para avaliar a minha baixeza. Planejei raptá-la e levá-la para Londres, mas não pretendia casar-me. Sim. pode recuar revoltada... é justa a sua atitude; justo é seu desprezo e seu asco. Mas então eu não sabia o que era amor. Desde que soube, conheci mais outras cousas... isto é, quão vil e covarde fui em toda a minha vida. E olhava com desdém aqueles aos quais considerava socialmente inferiores a mim. Não a achava digna de usar meu nome. Desde que o sueco me logrou para apossar-se de sua pessoa, tenho vivido em um inferno, mas com isso, embora tarde demais, me tornei um homem. Posso agora ofertar-lhe um amor sincero, pois considero uma honra chamá-la minha esposa. Por alguns instantes Myriam, absorta em suas reflexões, se conservou calada. Suas primeiras palavras pareciam frívolas.

— Como veio parar nesta aldeia? — perguntou.

Ele contou-lhe o sucedido desde que o preto lhe revelara a traição do sueco.

— Disse que era um covarde — observou ela — e, no entanto, como fez tudo isso para salvar-me? A coragem para dizer o que me disse revela que não é um covarde moral, e a outra que provou mostra não ter covardia física. Eu não poderia amar um

covarde.

— Quer dizer que me ama? — perguntou ele atônito, dando um passo para Myriam, para acolhê-la entre os braços; mas a jovem repeliu-o brandamente, como a significar: “Ainda não”. Ela própria, porém, não saberia dizer a significação daquele gesto. Pensava que lhe tinha amor e não considerava esse amor uma infidelidade para com Korak, pois sua afeição por este conservava a mesma intensidade — mas era, a seu ver, como o amor de uma irmã por um irmão carinhoso.

Enquanto assim conversavam, amortecera a algazarra na aldeia.

— Eles mataram-no — ciciou Myriam.

Estas palavras restituíram a Morison a consciência do motivo de ali estarem.

— Espere aqui — disse; — vou ver o que sucedeu. Se morreu nada poderemos fazer; se ainda vive, farei o possível para salvá-lo.

— Vamos juntos — disse Myriam. — Venha!

E seguiu à frente em direção à cabana onde se separaram de Korak. Enquanto caminhavam, eram a espaços forçados a deitar-se à sombra de alguma cabana, pois viam gente andar apressada de um para outro lado. Toda a aldeia se achava desperta e em rebuliço.

Levaram mais tempo a chegar à cabana de Ali ben Kadin do que o gasto para irem dela à estacada, em sua rápida fuga. Cautamente se foram de gatinhas até o lugar da abertura feita pela faca de Korak na parede de couro. Myriam espiou dentro — o quarto achava-se deserto. Passou de rojo pela fenda, seguida de perto por Morison e, sem fazer rumor, chegaram às tapeçarias que dividiam a cabana em dois compartimentos. Entreabrindo-as, Myriam espreitou o cômodo da frente. Estava também vazio. Atravessando-o, ela foi até a porta e olhou para fora. E, o que então viu provocou-lhe uma exclamação de horror. Olhando por cima de seu ombro, para ver o que a impressionava tanto, Morison teve também uma exclamação, mas de violenta cólera.

A cerca de quarenta metros daquele lugar, viram Korak atado a um poste e já haviam ateado fogo à palha seca. Empurrando Myriam para um lado, o inglês correu para o lado do homem condenado à morte. Não se deteve a refletir o que poderia fazer contra dezenas e dezenas de árabes e de pretos hostis.

Foi nesse instante que Tantor arrombou a estacada e acometeu aquela turba. À vista do furioso monstro, a multidão debandou, arrastando consigo Morison para trás. Daí a instantes tudo estava terminado e o elefante desaparecia com sua presa; mas continuou a reinar na aldeia um pandemônio. Homens, mulheres e crianças debandavam desatinados para todas as direções. Os cães também fugiram, a ganir. Aterrados pelo rugir do paquiderme, os cavalos, camelos e burros empinavam-se,

repuxando os cabrestos. Mais de uma vez arrebutaram-nos e de vê-los passar perto, a galope, surgiu uma idéia no espírito de Morison. Voltando-se para procurar Myriam. viu-a rente a si.

— Os cavalos! — exclamou. — Se pudéssemos pilhar dois! Para o conseguirem, Myriam levou-o ao ponto mais remoto do cercado.

— Desamarre os cabrestos dos dois — recomendou — e leve-os para a sombra, atrás daquelas palhoças. Sei onde existem selins e os trarei com o resto dos arreios.

E, antes que ele a pudesse reter, a moça já estava longe.

Morison desamarrou depressa dois dos assustados animais e levou-os ao sítio indicado por Myriam. Pareceu-lhe uma hora o tempo que ele esteve impaciente, à espera — mas não haviam passado mais do que poucos minutos. Viu em seguida a jovem aproximar-se carregando dois selins. Rapidamente puseram-se a arrear os animais.

Ao clarão da fogueira do suplício, que ainda ardia, eles puderam observar que os árabes e os pretos se recobravam do pânico. Corriam vários deles a pegar os animais fugidos e dois ou três já conduziam os capturados por eles para o extremo da aldeia onde Myriam e Morison estavam atarefados a arrear as montarias.

De um salto a moça já cavalgara seu animal.

— Depressa! — cochichou. — Precisamos galopar a toda brida para a brecha feita por Tantor. E apenas viu Morison acabar de montar, ela deu rédeas a seu cavalo. O fogoso animal arrojou-se de ímpeto para a frente. Para chegarem mais rápido à estacada, precisavam passar pelo meio da aldeia e foi esse o rumo que Myriam tomou. Morison acompanhava-a de perto e galopavam à toda.

Tão repentino e impetuoso foi o arranque, que chegaram ao meio da aldeia antes que seus moradores, surpresos, tivessem acordado do que sucedia. Um árabe, porém, reconheceu-os e, dando um brado de alarma, ergueu a carabina e desfechou um tiro. A este sucedeu-se uma descarga. E entre os estampidos das detonações Myriam e Morison, na disparada, saíram pela brecha da estacada e se meteram pela trilha batida que levava em direção ao norte.

E Korak?

Tantor internou-se com ele na mata e só se deteve quando do lado da aldeia não chegava mais som algum aos seus apurados ouvidos. Em seguida ele depositou com cuidado, no chão, a sua carga. Korak procurou soltar-se do poste, mas o emprego de toda a sua força foi insuficiente para romper os nós da corda resistente que o prendia. Enquanto ali se achava, ora a forcejar, ora a tomar fôlego, o elefante montava guarda perto. Na selva não haveria inimigo assaz ousado que se abalançasse a correr o risco de uma morte pronta, aproximando-se de Korak.

Amanheceu o dia e mesmo então ele não se achava mais próximo da liberdade do que antes. Começou a convencer-se de que ia morrer de fome e sede, tendo à farta, ao redor, com que saciá-las, pois sabia que Tantor não poderia desatar os nós que o imobilizavam.

E enquanto passava toda a noite a procurar soltar-se, Morison e Myriam galopavam para o norte, acompanhando o curso do rio. A jovem afirmara a Morison que Korak se encontrava salvo na floresta, com Tantor. Não lhe ocorreu a idéia de que o homem-macaco fosse incapaz de romper a corda que o prendia. Morison fora atingido por um tiro dos árabes e a jovem queria levá-lo à casa de *Bwana*, onde ele receberia tratamento conveniente.

— Em seguida — disse ela — farei *Bwana* vir comigo para procurar Korak. Este deve ir morar conosco.

Viajaram a noite toda e era ainda alta madrugada quando encontraram inesperadamente um magote de cavaleiros que se dirigiam a galope para o sul. Eram *Bwana* em pessoa e seus guerreiros negros. Ao ver Morison, seu rosto assumiu expressão severa; mas antes de dar largas à cólera longo tempo recalçada, quis ouvir a exposição de Myriam. Quando esta acabou de falar, ele pareceu ter-se esquecido de Morison. Seus pensamentos se encontraram em outra pessoa.

— Você disse que encontrou Korak? — perguntou. — Tem certeza de que o viu?

— Vi-o como o estou vendo agora, *Bwana* — respondeu Myriam — e queria pedir-lhe que fosse comigo para ajudar-me a encontrá-lo outra vez.

— O senhor também o viu? — disse ao inglês, voltando-se para Morison Baynes.

— Sim — respondeu este. — Vi-o perfeitamente.

— Qual o aspecto dele? — continuou *Bwana*. — Pode dizer-me sua idade aproximada?

— Eu diria ser um inglês e ter aproximadamente minha idade — volveu Morison; — mas talvez seja mais velho. É muito musculoso e de cor fortemente bronzeada.

— Notou-lhe a cor dos olhos e dos cabelos? — indagou *Bwana*, em tom quase ansioso.

Foi Myriam quem lhe respondeu:

— Korak tem cabelos pretos e olhos pardos. *Bwana* dirigiu-se a seu capataz:

— Levem para casa a senhorita Myriam e o Sr. Morison. Eu vou percorrer a mata.

— Deixe-me ir com o senhor. *Bwana* — suplicou Myriam. — Sei que vai procurar Korak. Deixe-me ir também!

Com tristeza, mas em tom firme, *Bwana* disse à jovem:

— Seu lugar é ao lado do homem a quem ama.

Após estas palavras acenou à sua comitiva que levassem os dois para sua propriedade. Myriam, que se havia apeado, tornou a montar o fatigado cavalo árabe em que fugira da aldeia do Sheik. Improvisaram uma padiola para Morison, então presa de um acesso febril, e em pouco o pequeno grupo desapareceu numa curva do caminho que beirava o rio.

Bwana ficou a observá-los até perderem-se de vista. Nem uma vez Myriam volveu o olhar para trás. Ela seguia em atitude acabrunhada. *Bwana* deu um suspiro. Ele amava aquela arabezinha, como se fosse sua filha. Compreendia que Morison havia resgatado a própria culpa, e não poria obstáculos ao consórcio, se Myriam verdadeiramente o amasse; *Bwana*, todavia, não podia convencer-se de que Morison fosse digno de sua querida Myriam.

Lentamente dirigiu-se a uma árvore vizinha. Galgou um ramo baixo e por este subiu à copa. Seus movimento eram de agilidade felina. Em boa altura começou a desembaraçar-se da roupa. De sua sacola de caçador tirou um grande pedaço de pele — um rolo de cordas e um facão de sinistro aspecto. Da pele, fez uma tanga, passou o rolo de corda sobre um ombro e enfiou o facão na correia que prendia a tanga.

Quando ele acabou de preparar-se, levantou-se e, fronte erguida e o largo peito proeminente, teve um passageiro sorriso feroz. Ao aspirar os odores silvestres, dilataram-se-lhe as narinas. Semicerraram-se-lhe os olhos pardos. Agachando-se foi de copa em copa rumo ao sudoeste, afastando-se do rio.

Seguia célere, só se detendo a espaços para emitir um grito agudo e selvagem e escutar por alguns momentos se o mesmo era respondido.

Havia já duas horas que viajava assim, quando à frente, um pouco à esquerda, ouviu longe, ensurdecido pela distância, os guinchos de um macaco. Grande emoção causou-lhe essa resposta. Tornou a emitir seu grito e avançou com rapidez nessa nova direção.

Convencendo-se Korak, afinal, de que morreria no lugar onde estava a aguardar um socorro que não poderia receber, falou com Tantor na estranha linguagem que o colossal paquiderme compreendia. Ordenou-lhe que o carregasse em direção ao nordeste. Recentemente ele vira ali alguns homens brancos e pretos. Se descobrisse um dos últimos, fácil seria mandar Tantor agarrá-lo, e então Korak o mandaria desamarrá-lo do poste. Valia a pena tentar. Isto, pelo menos, seria melhor do que ficar no mesmo lugar à espera da morte.

Enquanto Tantor, levando-o na tromba, rompia com ele o matagal espesso, Korak emitia agudos gritos, na esperança de atrair a atenção dos antropóides do bando de

Akut, que vagueavam muitas vezes por aquelas paragens. Achava ele que Akut conseguiria desatar os nós como sucedera, havia anos, em Londres na, ocasião em que o russo o tinha amarrado; e Akut ouviu do sul seus gritos soarem muito longe e começou a vir em sua direção. Houve também mais outro ser que os ouviu.

Depois que *Bwana* se separou de sua comitiva, mandando-a retornar para a sede de sua propriedade, Myriam viajou algum tempo cabisbaixa. Que idéia lhe atravessava o vivo espírito? Pareceu em certo momento tomar uma resolução. Ela chamou o capataz, que foi postar-se ao seu lado.

— Vou voltar para perto de *Bwana* — avisou-o. O preto abanou desaprovadamente a cabeça.

— Não pode ser! — contraveio. — *Bwana* disse-me que a levasse para casa.

— Não me deixa, então, voltar? — inquiriu a moça.

O preto, com um meneio de cabeça, significou-lhe que não. E em seguida foi ficar bem atrás para melhor vigiá-la. Myriam teve um meio sorriso. Em dado momento, quando seu cavalo passava sob um galho baixo, o capataz viu, de repente, que no selim da jovem não havia mais ninguém. Ele galopou para a árvore em cuja fronde Myriam desaparecera. Não viu nem vestígios dela. Chamou-a, em altos gritos, não obtendo outra resposta a não ser uma risada de mofa que soou longe, à sua direita. O capataz ordenou a seus homens que a fossem procurar na mata, mas eles voltaram sem a trazer. Depois de algum tempo empregado ainda em pesquisas infrutíferas, prosseguiram na viagem, pois Morison, cuja febre aumentara, se pusera a delirar.

Myriam voltou em linha reta para o ponto onde calculara que Tantor se dirigira e que era no recesso da mata, a leste da aldeia do Sheik, o lugar em que costumavam reunir-se os elefantes. Ela ia depressa e sem fazer rumor. Enxotara do espírito todos os pensamentos que não fossem a resolução de encontrar Korak e levá-lo consigo para o bangalô. Era esse o seu dever.

Sentia, no entanto, o supliciante receio de não o conseguir. Censurava-se não ter pensado antes em que, manifestando o desejo de conduzir Morison ferido para casa, destruía as probabilidades de Korak desejar ainda viver a seu lado. Jornadeara assim algumas horas, velozmente, sem parar, quando ouviu soar à frente o guincho familiar de um grande macaco a chamar os companheiros.

Ela não respondeu, mas aumentou a rapidez, a ponto que parecia quase voar. Daí a pouco seu olfato sensível percebeu o cheiro de Tantor, o que a fez saber achar-se em boa pista e já perto do animal que procurava. Ela não gritou por Korak, por desejar fazer-lhe uma surpresa, o que de fato conseguiu. Deu a conhecer sua presença a ele e ao elefante, que vinha para seu lado, levando erguido sobre a cabeça o homem e o pesado poste, os quais segurava com a tromba. Bradou de

repente entre a folhagem, acima deles:

— Korak!

No mesmo instante Tantor, sobressaltado, recuou um pouco e, depondo no chão sua carga, emitiu um urro feroz, pronto para defender seu companheiro. Reconhecendo a voz da moça, o homem-macaco sentiu a comoção constringir-lhe a garganta.

— Myriam! — respondeu.

A jovem pulou sem dificuldade no chão e correu para soltar Korak; mas Tantor, ameaçador, abaixou a cabeça e deu novo urro, como aviso.

— Fuja! fuja! que ele mata você! Myriam estacou.

— Tantor! — disse a mesma ao quadrúpede — não se lembra de mim? Sou a Myrianzinha. Eu costumava trepar nas suas costas.

Mas o paquiderme lhe respondia com surdos roncoss, ameaçando-a, raivoso, com as presas.

Korak, por sua vez, procurou acalmá-lo. Mandou-o ir-se embora, para a jovem poder aproximar-se e desamarrá-lo; mas Tantor não lhe obedeceu. Este via em todos os seres humanos, à exceção de Korak, outros tantos inimigos. Desconfiou que a moça pretendia fazer mal a seu amigo e não quis que este corresse tal risco. Por espaço de uma hora Myriam e Korak procuravam meio de iludir a vigilância intempestiva do elefante, mas debalde. Tantor mantinha firmemente a posição, resolvido a não deixar alguém aproximar-se de seu amigo.

Então este teve uma idéia.

— Finja que se vai embora — disse à moça. — Conserve-se do lado para onde sopra o vento para Tantor não sentir seu cheiro e acompanhe-nos. Depois mandarei que ele me ponha no chão e darei jeito de fazê-lo afastar-se. Nessa ocasião você virá soltar-me. Tem uma faca para cortar a corda?

— Tenho — respondeu a moça. — Vou-me, então. Penso que conseguiremos lográ-lo; mas não estou bem certa disso... . Tantor é muito esperto.

Korak sorriu, pois reconheceu que a moça tinha razão. Ela então simulou que se afastava. O elefante prestou ouvidos e ergueu a tromba a fim de tomar-lhe o cheiro. Korak mandou que o tomasse de novo na tromba e continuasse a caminhar. Após ligeira hesitação ele obedeceu. Foi então que Korak ouviu o guincho longínquo de um macaco.

— Ê Akut! — refletiu. — Magnífico! Tantor conhece-o bem e o deixará avizinhar-se.

Korak deu um grito em resposta àquele apelo. Mesmo assim, deixou Tantor

continuar a andar, para não atrapalhar o outro plano. Chegaram a uma aberta onde Korak sentiu cheiro de água. Era aquele um bom lugar e tinha pretexto excelente para mandar Tantor afastar-se. Disse a este que o pusesse no chão e lhe trouxesse água na tromba.

O descomunal quadrúpede colocou-o na relva, no meio da clareira e ficou de tromba erguida e ouvidos atentos a sondar se havia algum perigo, mínimo que fosse; parecendo não haver nenhum, partiu em direção ao riacho que Korak sabia existir a duzentos ou trezentos metros daquele lugar.

Mal pôde o homem-macaco conter o riso ao ver o bom êxito surtido pelo seu ardil; mas apesar de conhecer muito a Tantor, não avaliava devidamente sua grande astúcia. Ele atravessou a clareira e desapareceu na mata para o lado do riacho, mas apenas o basto folheto lhe ocultou o enorme vulto, volveu de manso à orla do descampado, postando-se em um sítio donde pudesse ver, sem ser visto, o que se passasse naquele. Tantor era de seu natural desconfiado. E naquela hora receava que voltasse a Tarmangani que pretendia atacar seu querido Korak. Por isso, antes de ir buscar água, ia ficar algum tempo à espreita, naquele ponto, para certificar-se de não haver perigo. Oh! idéia fora a sua! Pois a tal Tarmangani acabava de pular de um galho ao chão, donde partiu correndo em direção ao homem-macaco.

Tantor esperou um pouco. Queria, antes de acometê-la, deixar que chegasse ao lugar onde se achava Korak, a fim de não ter probabilidade de escapar-lhe. Seus pequenos olhos fuzilavam ferozmente. Ergueu a cauda esticada, mal podendo reprimir um vibrante rugido de cólera.

CAPÍTULO XXVII

KORAK gritou com energia, com seu protetor, para fazê-lo parar; mas tudo em vão. Myriam correu para 'o lado das árvores com toda a rapidez de que eram capazes seus ligeiros e pequeninos pés; mas Tantor investia com a velocidade de um trem expresso.

Do lugar em que jazia, Korak presenciava a terrível tragédia. Um suor frio marejou todo o seu corpo. O coração pareceu ter cessado de bater. Myriam podia chegar às árvores antes de Tantor; não ficaria, porém, fora do alcance de sua móvel tromba; quando trepasse em uma delas, a tromba infalivelmente a empolgaria. Korak antevia a cena horrível — Tantor a arrojaria ao ar, transpassando-a, na queda, com suas implacáveis presas, ou então a pisaria com as patas colossais, transformando-a em uma pasta informe.

Ele já estava quase a alcançá-la. Korak queria fechar os olhos, mas não podia. Tinha a garganta seca. Jamais em toda a sua vida nas selvas sentia terror igual ao daquele instante. Mais uma dúzia de passos e o elefante a alcançaria.

Que sucedera, porém? Korak arregalou os olhos. Uma estranha criatura pulara da árvore sob a qual Myriam já estava — e pulara além da moça, atravessando o caminho do furibundo animal. Era um homem branco, alto e quase nu.

Trazia sobre um ombro um rolo de cordas e na correia da tanga um facão de caça, e nenhuma outra arma. De mão limpas enfrentou o enfurecido Tantor. Dos lábios do desconhecido partiu uma ordem em tom vibrante... e o monstruoso animal estacou... e Myriam trepou sã e salva na árvore.

Korak expidiu um suspiro de alívio, sentindo ao mesmo tempo grande assombro. Cravou o olhar no rosto do salvador de Myriam e, ao reconhecê-lo, sua surpresa foi tanta que não podia crer no testemunho de seus olhos.

Tantor, ainda a roncar de cólera, quedou-se em frente do homem branco a balançar o desconforme corpanzil. E o homem, detendo-se embaixo de sua tromba erguida, proferiu em tom mais baixo outra ordem. O gigantesco paquiderme parou de roncar. Apagou-se-lhe nos olhos o chispar da fúria; e, quando o desconhecido caminhou para o lado de Korak, o elefante seguiu-o documente.

Myriam estava também a olhá-lo, atônita. Súbito, lembrando-se da presença dela, após tê-la olvidado um momento, ele chamou-a:

— Myriam! Venha cá.

E só então, espantada, ela o reconheceu:

— *Bwana!*

A moça instantaneamente desceu da árvore e foi correndo ficar a seu lado. Tantor fixou um olhar interrogativo no hercúleo branco; e, a uma palavra deste, consentiu em deixar Myriam aproximar-se. E foram-se, os dois, emparelhados, até o lugar onde jazia Korak — e, no olhar maravilhado deste, liam-se, ao mesmo tempo, um comovedor pedido de perdão e seu júbilo pelo milagre de ver, ali, juntamente, aqueles dois entes a quem tanto amava.

— Jack! — exclamou o salvador, ajoelhando-se ao pé do homem-macaco.

— Meu pai! — balbuciaram os lábios do Matador. — Graças a Deus que era o senhor. A ninguém mais Tantor obedeceria.

Prestes, aquele cortou os nós que prendiam o moço: e depois que este, lépido, se levantou e estreitou o pai contra o peito, o salvador de Myriam voltou-se para esta e disse-lhe em tom severo:

— Penso que lhe disse que devia voltar para casa! Korak olhava-os hesitantes. Tinha imenso desejo de apertar Myriam contra o coração; mas lembrava-se do outro... do elegante moço inglês... e reconhecia que ele, Korak, não passava de um rude selvagem homem-macaco.

Myriam fitou o olhar tímido nos olhos de *Bwana*.

— O senhor disse-me que meu lugar era ao lado do homem a quem eu amava... — respondeu tremulamente.

E ela volveu para Korak os olhos esplendentes de uma radiosa claridade que homem algum ainda não vira nos mesmos e que outro jamais veria neles.

O Matador dirigiu-se de braços abertos para ela; mas, ao chegar à sua frente, pôs súbito um joelho em terra e, tomando-lhe a mão, levou-a aos lábios, beijando-a com mais respeito do que o faria se fosse a mão da rainha de seu país.

Um surdo ronco de Tantor fez que instantaneamente ficassem alerta aqueles três filhos das selvas. Tantor encarava as árvores atrás deles e quando seus olhares acompanharam a direção do olhar do mesmo, divisaram a cabeça e o busto de um grande macaco aparecer em meio da folhagem. Por alguns segundos o animal observou-os e em seguida reconheceu-os, fugindo-lhe da garganta um guincho de exultação; e no mesmo instante pulou ao solo, acompanhado por alguns vinte macacos semelhantes a ele e correu para o lado dos três, gritando na linguagem rudimentar dos antropóides:

— Tarzan voltou! Tarzan, o Rei das Florestas!

Era Akut, que se pôs a dançar e a pular ao redor dos três, arreganhando a dentuça e a soltar rugidos tão medonhos que outros quaisquer seres humanos julgariam ser a

manifestação do máximo furor; mas aqueles três sabiam que o rei dos macacos estava a prestar homenagens a outro rei mais poderoso do que ele. Imitando-o, também saltavam os seus peludos súditos, que pareciam apostar uns com os outros qual daria pulos mais altos e soltariam mais temerosos rugidos.

Korak pousou a mão afetuosamente no ombro de seu pai, dizendo:

— Só há um Tarzan e jamais existirá outro igual.

Daí a dois dias os três desceram das árvores que debruavam o descampado, além do qual avistavam as espirais do fumo das chaminés do bangalô e da casa da cozinha. Tarzan dos Macacos tornou a vestir seus trajes de civilizado no alto da árvore onde os escondera; e, como Korak não desejasse apresentar-se a mãe seminu, com seus trajes de selvagem que tanto tempo usara, e como Myriam não quisesse separar-se dele, de medo, segundo explicou, que Korak mudasse de idéia e resolvesse voltar outra vez para as selvas, o pai dirigiu-se à frente ao bangalô para buscar cavalos e roupas.

Minha Flor foi esperá-lo no portão, com o olhar cheio de interrogação e de pesar, pois não vira Myriam chegar com ele.

— Onde está ela? — perguntou, com a voz trêmula. Muviro contou-me que Myriam desobedeceu a sua ordem e que fugiu para o mato. Oh, John, não posso resignar-me a perdê-la também!

E, rompendo em prantos, lady Greystoke recostou a cabeça ao largo peito junto ao qual tantas vezes encontrara conforto nos momentos trágicos de sua vida.

Lorde Greystoke levantou-lhe o rosto e fitou-o sorridente e feliz.

— Por que está sorrindo, John? — exclamou. — Você tem boas novas a dar-me... Não me faça esperar mais tempo.

— Quero primeiro estar certo de que suportará ouvir as melhores notícias que alguém poderia dar a nós dois — respondeu o esposo.

— A alegria não mata — disse Jane. — Encontrou. . . Myriam? — Ela não queria iludir-se com a esperança de um impossível.

— Sim, Jane — e a emoção tornava-lhe a voz áspera. — Encontrei Myriam e... encontrei-o, também.

— Onde está? Onde estão? — perguntou ansiosa.

— Do outro lado do campo, na borda da floresta. Ele não queria aparecer-lhe envolto em sua pele de leopardo, seminu como um selvagem... Pediu-me que lhe levasse trajes civilizados.

Radiante, ela bateu as mãos e voltou correndo ao bangalô.

— Espere! — exclamou. — Tenho aqui as roupas dele.. . Guardei-as todas... já darei uma a você.

Rindo-se gostosamente, Tarzan fê-la parar.

— As únicas roupas aqui existente que lhe poderão servir são as minhas... se não forem pequenas... Seu pequenino cresceu, Jane!

Ela riu-se, também; qualquer coisa, ou mesmo nada, lhe dava agora vontade de rir. Mais uma vez o mundo para ela era todo amor, felicidade e alegria... o mundo que lhe estivera tantos anos envolto no lúgubre sudário da dor. Tão grande era seu júbilo que esqueceu a triste notícia que tinha para daí- a Myriam. Só depois que Tarzan partiu foi que o chamou a fim de dizer-lhe que se preparasse a recebê-la; mas Tarzan não a ouviu e afastou-se, ignorando, ele próprio, o lamentável acontecimento.

E foi assim que, daí a uma hora, Korak, o Matador, chegou a cavalo a seu lar, onde encontrou a mãe cuja imagem jamais desbotara em seu coração, e achou nos braços e nos olhos dela a amorosa resposta ao seu pedido de perdão.

Em seguida a mãe volveu-se para Myriam, com expressão de piedade a substituir o venturoso brilho do olhar:

— Minha filha... no meio de tantas venturas espera-a um grande golpe... O Sr. Morison Baynes não resistiu aos ferimentos recebidos.

Myriam entristeceu-se, e sua tristeza foi sincera; mas não era o pesar de alguém que perdesse o ente a quem mais amava.

— Coitado! — disse, com simplicidade. — Ele queria fazer-me um grande mal, mas resgatou amplamente a culpa antes de morrer. Dantes eu supunha que o amava. A princípio era apenas a fascinação de um tipo de homem, novo para mim; depois foi o respeito pelo homem-que teve a coragem moral para reconhecer a culpa e a coragem material de arrostar a morte para reparar o mal praticado. Mas o que eu sentia não era amor, Eu não sabia a significação desta palavra até o momento em que vi que Korak ainda vivia... e ela voltou-se, com um sorriso, para o Matador.

Lady Greystoke observou atentamente o filho — seu filho que seria um dia lorde Greystoke. Não lhe passou pelo espírito idéia alguma sobre diferenças de classes sociais. Para ela, Myriam era digna de um rei. Apenas desejava saber se

Jack amava a jovem árabe. Os olhos dele responderam à pergunta formulada pelo coração de sua mãe. Então abraçou-os, aos dois juntos, beijando-os repetidas vezes.

— Agora vou ter realmente uma filha! — exclamou. Distava dali alguns dias de penosa viagem a Missão mais próxima; pouco tempo se detiveram em casa a descansar e preparar-se para o grande sucesso. Da Missão, após a cerimônia do casamento, partiram para a costa, a fim de embarcarem para a Inglaterra. Foram

esses, na vida de Myriam, os dias em quemais viu de que pasmasse de admiração. Ela não sonhava, nem mesmo vagamente, com as maravilhas da civilização que ia conhecer. O oceano imenso e o confortável vapor encheram-na de espanto. Assustaram-na o tumulto, o ruído e a confusão da estação da via férrea, na Inglaterra. Ela confidenciou a Korak:

— Se houvesse perto uma árvore de bom tamanho, eu treparia, em meu terror, até à pontinha da mesma.

— E de lá faria caretas para a máquina e lhe atiraria galhos secos? — comentou ele a rir.

— Pobre e velho Numa! — suspirou a moça. — Como vai sentir nossa falta!

— Oh! Haverá outros que o maltratam lá, minha pequena Mangani! — afirmou Korak.

A casa dos Greystoke na capital quase fez Myriam perder o fôlego; mas, quando estranhos os foram visitar, não suspeitaram nem por sombras que ela nem sempre vivera em meios onde não se cultivassem as boas maneiras.

Já estavam ali havia uma semana, quando lorde Greystoke recebeu uma carta de seu velho amigo D'Arnot. Nessa carta ele apresentava um parente, portador da mesma, o general Armand Jacot. Lorde Greystoke conhecia esse nome, assim como o conheceria qualquer pessoa familiarizada com a história da França atual. Esse Jacot era o príncipe de Cadrenet — republicano exaltado que não usava, por coerência, um título que durante quatrocentos anos fora hereditário em sua família.

— Numa república não há lugar para príncipes — costumava ele dizer.

Lorde Greystoke recebeu o militar de bigodes grisalhos e nariz aquilino em sua biblioteca e, após uma dúzia de palavras trocadas, esses homens conceberam mútua estima que perduraria no resto de suas vidas.

— Vim procurá-lo — expôs o general Jacot — porque nosso caro almirante D'Arnot me disse que ninguém no mundo conhece melhor que o senhor a África Central.

“Deixe-me contar-lhe, desde o começo, minha história. Há muitos anos, quando eu servia, na Argélia, na Legião Estrangeira, roubaram-me uma filhinha pequenina e foram, provavelmente, os árabes, os seqüestradores. Para descobri-la, empregaram-se todos os meios que o amor e o dinheiro e até a ação do governo podem conseguir; mas tudo em vão. Publicaram-lhe o retrato os principais jornais de todas as cidades importantes do globo e mesmo assim nunca souberam que algum homem ou mulher a houvesse visto desde o dia em que desapareceu misteriosamente.

“Há uma semana foi procurar-me em Paris um árabe que dizia chamar-se Abdul

Kamak. Contou-me que descobriu minha filha e que poderá levar-me ao lugar onde ela está. Conduzi-o *incontinenti* à presença do almirante D'Arnot, que eu sabia ter percorrido parte da África Central. A narrativa do tal homem fez o almirante acreditar que o lugar onde se supunha estar presa a moça branca, que o árabe julga ser minha filha, não fica muito longe de sua propriedade na África, e isto me fez vir imediatamente falar-lhe a este respeito... porque talvez possa dizer-me se por aquela zona existe a tal moça”.

— Que prova dava o árabe de ser ela sua filha? — perguntou lorde Greystoke.

— Nenhuma — respondeu o general. — Foi por isso que achei melhor informar-me com o senhor, antes de organizar uma expedição. Aquele homem possuía apenas uma velha fotografia dela, em cujo verso estava pregado um recorte de jornal que dava os seus sinais e oferecia uma recompensa a quem a descobrisse. Receamos que, tendo visto aquela notícia, resolvesse, instigado pela ganância, obter astuciosamente a recompensa, impingindo-nos, por exemplo, qualquer moça como nossa filha, pois, volvidos tantos anos, ser-nos-ia um tanto difícil desmascarar essa impostura.

— Trouxe consigo o retrato? - inquiriu lorde Greystoke. O general tirou do bolso um invólucro que encerrava uma fotografia amarelada, que ele apresentou ao inglês. E ao velho soldado marejaram-se os olhos de lágrimas, ao rever, novamente, as feições da filhinha desaparecida.

Lorde Greystoke examinou-a por alguns momentos. Estranha se tornou a expressão de seu olhar. Apertou o botão de uma campainha, que se achava ao lado; daí a momentos um laçao acudiu ao chamado.

— Diga à mulher de meu filho que tenha a bondade de vir aqui — determinou ele.

Os dois homens conservaram-se sentados em silêncio. O general Jacot era de educação bastante para não demonstrar seu pesar e ressentimento pelo modo sumário com que lorde Greystoke encerrara o assunto que o levava ali. Resolveu retirar-se logo depois que aquela senhora viesse e lhe fosse apresentada. Daí a instantes assomou Myriam na porta.

Lorde Greystoke e o general Jacot levantaram-se à sua chegada. O inglês não proferiu uma palavra de apresentação — queria notar o efeito sentido pelo francês ao observar-lhe o rosto; concebera a idéia de fazer essa experiência assim que seu olhar pousara na efígie infantil da pequenina Jeanne Jacot.

O general fitou Myriam e em seguida volveu-se para lorde Greystoke:

— Há quanto tempo o senhor já o sabia? — e, ao perguntá-lo, notava-se na voz a nota de uma exprobração.

— Desde que me mostrou, há instantes, o retrato — respondeu o inglês.

— É ela — disse Jacot, fremindo de comoção recalcada; — ela, porém, não me reconhece... Naturalmente, isto não lhe seria possível. — E voltando-se, em seguida, para Myriam, disse-lhe: — Menina, eu sou seu...

Mas Myriam interrompeu-o com um grito súbito de exultação, enquanto corria de braços abertos para ele:

Jack Clayton e sua mãe foram chamados; e, quando lhes narraram tudo, sentiram-se jubilosos por ter Myriam encontrado um pai e uma mãe.

— Afinal de contas — disse Myriam — você não se casou com uma arabezinha insignificante. Não seria distinto!

— Casei-me com você — respondeu o Matador — e o mais pouco importa. Tanto se me dava de que fosse uma árabe insignificante ou simplesmente uma pequena Mangani.

— Ela não é uma coisa nem outra — disse o general Armand Jacot — e sim princesa, pelo seu nascimento.

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)